

**SENTIMENTOS SOBRE A PATERNIDADE E ENVOLVIMENTO DE PAIS QUE
RESIDEM E PAIS QUE NÃO-RESIDEM COM SEUS FILHOS**

Milena da Rosa Silva

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do
Grau de Mestre em Psicologia sob orientação do
Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Maio de 2003

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	7
Apresentação	7
A Paternidade: Algumas questões teóricas no contexto histórico	8
A importância do pai na Psicanálise	13
Conseqüências da ausência paterna para o desenvolvimento infantil	17
O envolvimento paterno	20
Pais não-residentes	24
Justificativa e objetivos do estudo	36
CAPÍTULO II - MÉTODO	40
Participantes	40
Delineamento e procedimentos	41
Considerações éticas sobre o estudo	42
Instrumentos	43
CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
Parte 1: Pais Não-residentes – Nunca Residiram com seus Filhos	47
Caso 1: Lucas	47
Caso 2: César	54
Caso 3: Édson	61
Examinando as semelhanças e particularidades entre os pais que nunca residiram com seus filhos	72
Parte 2: Pais Não-residentes – Residiram por Algum Tempo com seus Filhos e se Separaram	80
Caso 1: Jorge	80
Caso 2: Júlio	90
Caso 3: Douglas	101
Examinando as semelhanças e particularidades entre os pais que residiram com seus filhos e se separaram	112
Parte 3: Pais Residentes	119
Caso 1: Leandro	119
Caso 2: Rafael	125
Caso 3: Luís	132
Examinando as semelhanças e particularidades entre os pais que vivem com seus filhos	139
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO GERAL	144
Considerações Finais	155

REFERÊNCIAS	159
ANEXOS	166
Anexo A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	167
Anexo B: Ficha de Contato Inicial	168
Anexo C: Consentimento Informado	169
Anexo D: Entrevista de dados demográficos	170
Anexo E: Entrevista sobre a paternidade e o envolvimento paterno (Pais não-residentes – nunca residiram com seus filhos)	171
Anexo F: Entrevista sobre a paternidade e o envolvimento paterno (Pais não-residentes – residiram por algum tempo com seus filhos e se separaram)	174
Anexo G: Entrevista sobre a paternidade e o envolvimento paterno (Pais residentes)	177
Anexo H: Estrutura de categorias	179

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Características demográficas dos participantes	40
---	-----------

RESUMO

O objetivo deste estudo foi examinar, através de uma abordagem qualitativa, os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno em três grupos: pais que nunca residiram com seus filhos, pais que residiram com eles por algum tempo, e pais que sempre residiram com seus filhos. Participaram do estudo nove pais, sendo três de cada grupo, com idade entre 27 e 43 anos. Seus filhos tinham idade entre 12 e 40 meses. Os participantes responderam a uma entrevista sobre a paternidade e envolvimento paterno, cujas respostas foram examinadas através de análise de conteúdo qualitativa, com base em quatro eixos interpretativos: envolvimento paterno, relacionamento pai-criança, avaliação da paternidade e relacionamento pai-mãe. Os resultados revelaram que os pais dos três grupos empenhavam-se em desempenhar a paternidade da melhor maneira possível, buscando fazer-se presentes e participantes nas vidas de seus filhos. Contudo, os pais não-residentes, especialmente aqueles que viveram por algum tempo com seus filhos, pareciam enfrentar mais restrições no exercício da paternidade, associadas, principalmente, às dificuldades de relacionamento com as mães de seus filhos. Os resultados apontam para um novo modelo de paternidade onde o pai se faz mais envolvido na criação dos filhos. Indicam, ainda, a importância de se oferecer intervenções que focalizem a qualidade do relacionamento entre pais não-residentes e seus filhos, a fim de que eles possam desempenhar adequadamente suas funções, em prol da qualidade do desenvolvimento das crianças.

ABSTRACT

The aim of this study was to examine, through a qualitative approach, the feelings concerning fatherhood and father involvement in three groups: fathers who never lived with their children, fathers who lived with them for some time, and fathers who have always lived with their children. Nine fathers, three in each group, aged 27 to 43, took part in the study. Their children were 12 to 40 months old. The participants answered an interview on fatherhood and father involvement. Data were analyzed through qualitative content analysis, based on four interpretive axes: father involvement, father-child relationship, evaluation of fatherhood and father-mother relationship. Results revealed that fathers in the three groups strived to exercise fatherhood the best way possible, trying to be present and participant in their children's lives. However, nonresident fathers, especially those who lived for some time with their children, seemed to be faced with more restraints in the exercise of fatherhood, associated with relationship difficulties with their children's mothers. Results point to a new model of fatherhood in which the father is more involved in child rearing. They do also indicate the importance of offering interventions focusing on the quality of the relationship between nonresident fathers and their children, so that they can adequately perform their roles, for the sake of the quality of children's development.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Apresentação

A tradicional caracterização do pai como uma pessoa distante, responsável somente pelo sustento econômico, e desempenhando um papel reduzido e indireto sobre o desenvolvimento infantil é cada vez menos aceita em nossa sociedade. A perspectiva atual defende que o exercício, por parte do pai, de um papel ativo nos cuidados e criação dos filhos é importante tanto para o pai quanto para a criança. Nas últimas décadas, o envolvimento paterno vem sendo estudado como um importante aspecto do papel do pai, verificando-se um gradual aumento nos seus níveis entre os pais que vivem com seus filhos.

No entanto, tem sido também observado um número crescente de pais que não residem com seus filhos, devido aos altos índices de divórcio e filhos fora do casamento. No que se refere a estes pais, embora diversos estudos afirmem que eles costumam se afastar dos filhos ou desenvolver uma relação baseada unicamente em visitas e recreação, alguns deles demonstram ser capazes de manter suas funções como pai, preservando uma relação de proximidade com os filhos. Porém, a maior parte destes estudos aborda o envolvimento paterno apenas através de uma abordagem quantitativa, sem referência aos sentimentos experienciados pelos pais.

Neste sentido, o presente estudo buscou examinar, através de uma abordagem qualitativa, os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno em três grupos: pais que nunca residiram com seus filhos, pais que residiram com eles por algum tempo, e pais que sempre residiram com seus filhos. Inicialmente, será examinada a literatura existente a respeito das mudanças no conceito de paternidade ao longo da história¹, e, particularmente, da importância do pai nas teorizações psicanalíticas. A seguir, será abordado o conceito de envolvimento paterno, bem como os estudos a respeito do envolvimento de pais que não residem com seus filhos.

¹ Tendo em vista que a caracterização do papel paterno varia muito, ainda hoje, entre as sociedades mais ou menos desenvolvidas e como não se pretende exaurir o tema neste trabalho, a ênfase na revisão da literatura estará nas sociedades ocidentais.

A Paternidade: Algumas questões teóricas no contexto histórico

O papel do pai e sua importância no desenvolvimento infantil, sobretudo nos primeiros anos de vida da criança, foram temas pouco abordados pela psicologia até décadas recentes. Os pais costumavam ser retratados como figuras inerentemente distantes e não envolvidas nos cuidados dos filhos, pelos quais a mãe era a responsável, sendo sua função principal prover o sustento econômico da família (Lewiz & Dessen, 1999). Dupuis (1989), através de uma análise histórica e cultural, afirmou que, durante milhares de anos, os pais não tiveram consciência da sua paternidade. De acordo com o autor, foi a descoberta da relação entre ato sexual e procriação que deu ao homem a noção de paternidade, gerando transformações lentas, porém profundas, nas estruturas sociais, religiosas e nos comportamentos sexuais. Esta descoberta teria ocorrido há, aproximadamente, sete milênios, pelas sociedades humanas mais adiantadas da época neolítica, através da prática de criação de animais.

Mas, segundo Dupuis (1989), foram necessários muitos milênios para que se estabelecessem sociedades patrilineares, o que ocorreu, principalmente, pelo desencadeamento das guerras. Foi pela guerra que os homens tornaram-se senhores da sociedade, como chefes de família, como reis e como deuses. Dupuis afirmava ainda que, nas novas sociedades patrilineares, as mulheres mantiveram a responsabilidade em relação aos cuidados dos filhos, mas perderam o poder.

Deste modo, na sociedade romana, por exemplo, os pais possuíam poder total sobre seus filhos. Rezende e Alonso (1995) sugeriram que, nesta sociedade, o nascimento de um filho não era apenas um ato biológico. Para um recém-nascido ser recebido, era necessário que fosse realizada a ritualística de *tollere*, ou seja, nascido o bebê, caso o pai o desejasse, levantava-o do chão onde a parteira o havia depositado. Ao erguê-lo, este homem dizia à sociedade que o reconhecia, mesmo que ele não fosse seu filho biológico. Caso o pai não o levantasse, seria exposto diante da casa. Assim, segundo Rezende e Alonso, os filhos romanos eram tomados ou rejeitados sem qualquer referência aos sentimentos maternos, pois esta era uma prerrogativa do *pater familias*.

Nas sociedades patriarcais e coloniais ocidentais, predominantes até o início do século XIX, a família constituía-se na pedra fundamental de regulação do sistema, sendo o pai aquele que determinava as regras a serem seguidas, não devendo ser questionado neste papel (Lamb, 1999). O pai ainda deveria garantir o sustento material dos filhos e treiná-los para o trabalho. Os homens, geralmente, mostravam um profundo interesse pelos seus filhos, mas não era seu papel alimentá-los e cuidá-los, e sim discipliná-los, pois

predominava a crença de que um excesso de afeto levaria à indulgência parental, a qual arruinaria o caráter da criança. Até a metade deste século, de acordo com Lamb, os filhos eram vistos como uma possessão paterna e, quando uma união matrimonial era rompida, os filhos do casal permaneciam sob custódia do pai, sendo assumido que os homens podiam providenciar satisfatoriamente o cuidado das crianças até que se casassem novamente ou que os filhos atingissem a adultez².

O modelo do pai provedor, distante do espaço familiar, representante da autoridade e da lei, e, portanto, temido pelos filhos, foi sendo constituído ao longo da história, especialmente a partir da Revolução Industrial, que produziu uma brusca separação entre a produção e a família (Giffin, 1998; Lamb, 1999). Nas revisões da literatura realizadas por Ramires (1997) e Rezende e Alonso (1995), os autores assinalaram que esta imagem da paternidade consolidou-se com a família nuclear burguesa, a qual caracterizava-se por uma rígida divisão de papéis sexuais, e pelo distanciamento entre o lar e o espaço de trabalho. Contudo, esta caracterização do pai como essencialmente provedor do sustento econômico, desempenhando um papel reduzido e, geralmente, indireto sobre o desenvolvimento infantil tem sido intensamente discutida como, no mínimo, simplista (Lamb, 1975; Parke, 1996). Conforme Lamb (1997), pesquisadores, teóricos e profissionais da prática não mais se satisfazem com a crença de que o pai desempenha um único papel na família. Ao contrário, eles reconhecem que os pais podem ter um grande número de papéis e funções, como companheiros, cuidadores, protetores, modelos, professores, dentre outros.

Atualmente, portanto, existe um novo interesse pelo estudo do papel do pai em relação aos cuidados infantis. Esta preocupação tem raízes em importantes questões sociais, que alteraram o contexto no qual as crianças se desenvolvem: o movimento feminista e suas exigências de novas definições dos papéis sexuais; a maior entrada das mulheres no mercado de trabalho; a flexibilização do papel do homem na instituição familiar, havendo um maior envolvimento do pai com os filhos; o aumento do índice de divórcios e de pais que não vivem com seus filhos; e o crescente número de pais que ficam com a custódia dos seus filhos (Cabrera & cols., 2000; Lamb, 1975; Montgomery, 1993; Neubauer, 1989; Rezende & Alonso, 1995). Além disso, a partir da década de 80, as pesquisas e a observação do comportamento dos recém-nascidos mostraram que, desde os primeiros dias, o bebê possui também a percepção do pai (Maldonado, Dickstein & Nahoum, 1997). Portanto, de acordo com os autores, o pai entra muito mais cedo na vida

² As primeiras decisões judiciais de que a custódia dos filhos deveria ser dada às mães surgiram, nos Estados Unidos, em 1830, e foram ganhando aceitação desde então (Lamb, 1999).

da criança do que se costumava supor. Neste sentido, Lamb (1997) afirmou que tanto o pai quanto a mãe exercem papéis cruciais no desenvolvimento infantil, e influenciam seus filhos de modo bastante similar. De acordo com este autor, as diferenças entre pai e mãe mostram-se menos importantes que a similaridades.

Todas estas transformações sociais e avanços científicos marcaram uma transição na ênfase assumida pelos estudos a respeito da diferenciação entre papéis maternos e paternos (Lewis & Dessen, 1999). De acordo com os autores, as explicações biológicas, segundo as quais existiria uma prerrogativa biológica para as mulheres cuidarem de crianças que seria muito mais forte do que quaisquer ligações entre os homens e seus filhos, foram predominantes no anos 70. Porém, elas não eram suficientes para explicar por que alguns homens, em muitas culturas, e muitos homens em umas poucas culturas, são responsáveis por grande parte dos cuidados de suas crianças jovens. Fein (1978) afirmou que estudos com diversas espécies animais refutaram o argumento biológico de uma limitação inerente das capacidades de parentalidade do macho. Desta forma, conforme Lewis e Dessen (1999), os modelos biológicos foram substituídos, na década de 80, pelos modelos de personalidade, que viam o envolvimento paterno e materno como um reflexo da personalidade do indivíduo. No entanto, estes também mostraram-se insuficientes. Na década de 90, então, passou a ser predominante uma perspectiva de análise do envolvimento paterno que o definia como determinado por fatores sociais, particularmente a divisão do trabalho doméstico entre os genitores que trabalham fora de casa. Ainda segundo estes autores, hoje o envolvimento paterno é visto como relacionado tanto a fatores psicológicos quanto a processos sociais. De acordo com Pruett (1993), as identificações do pai com seus próprios cuidadores são também importantes determinantes da sua capacidade de exercer o papel de cuidador.

Desta forma, houve uma grande transformação no modo como o pai é visto pela sociedade ocidental e retratado pela literatura científica. Fein (1978) e Muzio (1998) retrataram três cenários em relação ao tratamento e importância dados à figura paterna que, apesar de poderem ser localizados sucessivamente no tempo, coexistem ainda hoje em algumas sociedades. No primeiro cenário, que foi predominante até os anos 50 e ao qual Fein referia-se como perspectiva tradicional, o pai era visto como indiferente e distante, apesar de simbolicamente importante como um modelo de poder e autoridade. Sua participação na criação dos filhos restringia-se a prover o sustento econômico e apoiar emocionalmente a mãe, sendo descartada a possibilidade de uma paternidade empática e cuidadora. Esta visão da paternidade estava de acordo com os padrões sociais da época, em

que a família nuclear composta pelo “marido ganha-pão” e pela “esposa dona-de-casa” era uma norma (Fein, 1978). As primeiras teorizações psicanalíticas representavam esta visão, tendo uma influência decisiva nesta corrente teórica de omissão do pai (Muzio, 1998). Porém, conforme Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth e Lamb (2000), esta também foi reforçada pelos teóricos da Psicologia do Desenvolvimento, os quais deram pouca importância ao impacto da relação entre pais e filhos sobre o desenvolvimento infantil.

Em um segundo cenário, que surge na década de 60 em diversos países ocidentais, é enfatizada a importância do pai no desenvolvimento da criança e os prejuízos causados por sua ausência (Fein, 1978; Muzio, 1998). Deste modo, o sucesso do desenvolvimento infantil – avaliado pela aquisição de um papel sexual adequado, performance acadêmica e desenvolvimento moral – passa a ser visto como uma meta da paternidade. Podem ser percebidas nesta perspectiva as teorizações psicanalíticas posteriores a Freud, como de Winnicott, Aberastury e Lacan. Posteriormente, de acordo com Fein (1978) e Muzio (1998), a literatura científica começou a expor um novo debate sobre a reorganização dos papéis de mãe e pai, baseado na noção de que os homens são psicologicamente capazes de exercer vários comportamentos paternos, e que o exercício de um papel ativo nos cuidados e criação do filho pode ser bom tanto para o pai quanto para a criança. Cabrera e cols. (2000) colocaram que o padrão de participação paterna onde os pais eram, no máximo, auxiliares das esposas nos cuidados dos filhos, anteriormente tratado como natural, deu lugar a novos ideais culturais, como a coparentalidade. Segundo os autores, as responsabilidades e papéis sociais atribuídos a homens e mulheres estão mudando, criando novas expectativas, crenças e atitudes sobre o que pais e mães devem fazer no contexto familiar. De acordo com Lamb (1997), os pais estão expandindo a definição de paternidade, pois hoje ela abrange, um grande número de atividades tipicamente vistas como componentes da maternidade. Conforme Fein (1978), Muzio (1998) e Rotundo (1985) esta nova perspectiva é andrógina, uma vez que as funções expressivas (empáticas e afetivas), próprias da mãe tradicional, somam-se às instrumentais (competências e destrezas), próprias do pai tradicional, para dar origem a novos modelos de maternidade e paternidade não determinados por estereótipos de gênero.

As transformações sociais que vêm ocorrendo nas relações homem/mulher têm sido, lentamente, incorporadas às representações sociais da paternidade, e apontam para a produção de novos modelos de papéis parentais, com uma divisão de tarefas mais igualitária e, portanto, um pai menos restrito ao papel de provedor financeiro e mais

presente, em termos de envolvimento direto, acessibilidade e responsabilidade pela criação dos filhos (Jablonski, 1998; Trindade, 1993; Trindade, Andrade & Souza, 1997). As mudanças efetivas na divisão de papéis no cotidiano familiar estão localizadas na qualidade do relacionamento estabelecido entre pais e filhos, que vem se tornando mais íntimo e expressivo (Trindade & cols., 1997). No entanto, a divisão de tarefas domésticas e, dentre elas, dos cuidados dos filhos, ainda não se impõe como uma realidade para toda sociedade brasileira (Aquino & Menezes, 1998; Jablonski, 1998). O mesmo pode ser dito, de acordo com Tudge e cols. (2000), a respeito de sociedades tão diversas quanto as dos Estados Unidos, Kenia, Coréia, Rússia e Estônia, onde esta divisão de tarefas também não ocorre. Daly (1996), a partir da integração dos resultados de diversos estudos, refere que a participação dos homens nas atividades domésticas tem crescido minimamente nos últimos 25 anos, principalmente quando apenas a parentalidade é levada em consideração. Segundo a autora, existiria uma lacuna entre o que os pais pensam a respeito do seu papel e o que efetivamente fazem. Ou seja, embora os pais sejam capazes de funcionar de modo muito similar às mães, isto não acontece de forma rotineira (Belsky & cols., 1984).

De acordo com Rotundo (1985) e Trindade (1993) a divisão das tarefas domésticas está relacionada ao nível sócio-econômico e à escolaridade, sendo pouco encontrada em famílias de baixo poder aquisitivo. Neste sentido, alguns autores (Garbarino, 1993; Hewlett, 2000) afirmaram que o papel esperado ou exigido de um pai é fortemente influenciado pelos diferentes contextos culturais, ecológicos e modos de produção. De qualquer forma, o papel que o pai exerce hoje, nas sociedades ocidentais, é único na história da humanidade (Hewlett, 2000).

Parece, então, estar despontando uma nova paternidade em que há um envolvimento maior dos pais nos cuidados dos filhos, acentuando as relações de afeto, a subjetividade e a liberdade no relacionamento familiar (Rezende & Alonso, 1995). De acordo com Garbarino (1993), os pais vêm percebendo, aos poucos, que a participação nos primeiros cuidados de seus filhos constitui-se em uma experiência única e humanizadora. Existe, nas culturas ocidentais, uma nova percepção de que criar um filho é também papel do pai. Apesar disto, os pais que assumem tais responsabilidades nem sempre recebem apoio e são, por vezes, pouco compreendidos pelas próprias esposas (Brazelton, 1988; Rezende & Alonso, 1995). A sociedade também não lhes garante direitos que possibilitem o exercício desta nova paternidade, como uma maior licença-paternidade (Silveira, 1998). Deste modo, Parke (1996) afirmou que, embora o pai ideal dos dias de hoje deva participar de grupos de preparação para o parto, acompanhar e auxiliar sua esposa durante o trabalho

de parto e dividir com ela os cuidados com o bebê, existe uma tensão entre forças que empurram os pais para esta maior participação e influências que se opõem a estas mudanças. De acordo com Rezende e Alonso (1995), pais que desejam participar ativamente nos cuidados dos filhos esbarram, muitas vezes, em conceitos estereotipados sobre os papéis do homem e da mulher, persistindo o rótulo social da falta de habilidade masculina e sua exaltação como atributo da mulher.

A importância do pai na Psicanálise

As primeiras teorizações psicanalíticas deram uma grande ênfase à mãe, considerando-a como a figura mais importante para a sobrevivência e desenvolvimento psíquico do bebê. Deste modo, foram negligenciadas as vivências do pai e sua importância para o desenvolvimento infantil inicial, consideradas somente a partir da instauração do Complexo de Édipo. Neubauer (1989) compartilhou desta visão, apontando que, em seu princípio, a psicanálise encarava a evolução pré-edípica unicamente no contexto da interação mãe-filho, com os pais alcançando significação apenas na fase edípica. Deste modo, a organização do *self* *objetal* e a separação-individação eram primordialmente formuladas a partir da interação mãe-criança. Segundo este autor, o papel do pai na teoria psicanalítica também foi, muitas vezes, visto no contexto da fase fálica, em relação à ansiedade castratória e a aspectos punitivos. Por conseguinte, até o terceiro ano de vida da criança o pai era visto apenas como uma figura de autoridade e de apoio para a mãe (Anderson, 1996; Neubauer, 1989; Ramires, 1997). Aberastury e Salas (1984) destacaram que as histórias clínicas sempre mostraram casos de crianças que cresciam sem pai, ou junto a um pai psicologicamente fraco ou ausente, e acabavam por desenvolver transtornos físicos ou orgânicos. Os autores questionaram, então, por que a literatura psicanalítica sobre o tema era, até poucos anos, tão pobre.

Na obra de Freud (1940/1988), a mãe é concebida como figura central para o desenvolvimento psíquico do sujeito, tendo uma importância singular, incomparável e definitiva como o primeiro e mais poderoso objeto sexual, protótipo de todas as posteriores relações amorosas, tanto para o homem quanto para a mulher. As referências ao tema da paternidade encontram-se, basicamente, nas teorizações sobre o complexo de Édipo. Em *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (Freud, 1921/1996), o autor retratou a história do complexo de Édipo no menino, desde os seus primórdios. Segundo Freud, o menino, em dado momento, começa a mostrar um interesse especial pelo pai e toma-o como um modelo, desejando crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo.

Paralelamente a esta identificação com o pai, ou um pouco depois, ele começa a desenvolver uma catexia de objeto em relação à mãe. Estes dois laços psicológicos distintos acabariam por unir-se, e o pai passa a ser visto como um obstáculo para a realização dos desejos sexuais do menino em relação à mãe. Deste modo, a identificação do menino com o pai assume um caráter hostil, originando o complexo de Édipo. Em *O Ego e o Id*, Freud (1923/1996) afirmava que uma atitude ambivalente para com o pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetuosos com a mãe constituiriam o conteúdo do complexo de Édipo positivo no menino. Aberastury e Salas (1984) criticaram a interpretação dada por Freud à tragédia de Sófocles “Édipo Rei”, na qual ele buscou inspiração para criar o conceito de complexo de Édipo. Os autores afirmaram que, em seus estudos, Freud tomou em conta apenas a situação do menino frente aos pais, reprimindo o que os pais sentem em relação aos filhos. Mas na tragédia, a história do pai de Édipo, Laio, é fundamental para que se possa compreender o destino do filho.

Aberastury e Salas (1984) afirmaram que o interesse da psicanálise pela paternidade surgiu a partir do tratamento psicanalítico de crianças, principalmente pela antecipação do Complexo de Édipo para o quarto mês de vida do bebê. Além disto, a aceitação da bissexualidade infantil impunha que fosse considerada a importância similar do pai e da mãe desde o nascimento da criança. Assim, a partir dos anos 70, segundo os autores, começou a ser destacado o papel da figura do pai desde o momento da concepção, verificando-se que, mesmo quando muito pequenos, os filhos percebem a realidade interna do pai, da mãe e seus sentimentos frente a ele. Deste modo, o pai teria uma grande importância como fonte de identificação desde o início do desenvolvimento do indivíduo. Para Aberastury e Salas, toda criança precisaria de um pai para poder desprender-se da mãe, e de uma dupla pai-mãe para satisfazer, por identificação projetiva, sua bissexualidade. É também o pai que auxilia a criança, por volta do segundo ano de vida, em sua busca do mundo externo, sendo o apego ao pai um importante preditor da sociabilidade da criança com pares (Lebovici, 1987; Schwingel, Mantese & Vianna, 1993; Steele, Steele & Fonagy, 1996). De acordo com Winnicott (1966), o pai tem tanto uma importância direta sobre o desenvolvimento de seus filhos, fornecendo os alicerces para as relações triangulares, como indireta, através do apoio dado à mãe. É ele quem possibilita que a mãe desempenhe da melhor maneira as suas funções, dando a ela apoio emocional e moral, uma vez que, de acordo com o autor, é o pai que sustenta a lei e a ordem implantadas pela mãe na vida da criança. Tendo como base as proposições de Winnicott, Klitzing, Simoni, Amsler e Bürgin (1999) realizaram um estudo que acompanhou 41 pais

desde a gestação até o quarto mês de vida do seu primeiro filho. Eles atestaram a existência de dois níveis de conceitualização do papel paterno, ambos fundamentais para o desenvolvimento da capacidade de triangulação na criança: o pai real e o pai interno. Enquanto o primeiro influenciaria a criança através de suas interações, o segundo exerceria um papel crucial como uma terceira pessoa nas fantasias e representações da mãe.

Contudo, é necessário que o pai encontre uma forma de comunicação adequada às necessidades de paternagem do filho, que são diferentes daquilo que ele necessita da mãe (Aberastury & Salas, 1984). Segundo os autores, uma maior proximidade em relação ao filho, e o exercício de atividades como dar banho, alimentar e passear podem ser importantes, mas suas funções principais seriam garantir o cumprimento de normas e reforçar sua união com a mãe, oferecendo ao filho o casal, como fonte de identificação genital e como primeira imagem social. Estas funções podem ser desempenhadas tanto por pais biológicos como por substitutos. Apesar de sua importância ser constante, há dois momentos em que a atuação do pai adquire um destaque crucial: na organização genital precoce – entre os seis e os doze meses de vida, quando se inicia o triângulo edípico – e na entrada da adolescência. De acordo com Rohde e cols. (1991), é através do pai que as crianças de ambos os sexos se emancipam da relação de dependência inicial com a mãe. Deste modo, o pai seria o responsável pelo aprendizado dos papéis sexuais, pois a internalização destes papéis somente pode ocorrer quando a criança alcança uma relativa emancipação desta dependência. Conforme Aberastury e Salas (1984), o início do complexo de Édipo abriria o caminho para o desenvolvimento da heterossexualidade na menina e da homossexualidade no menino. A ligação entre paternidade e homossexualidade, poderia, para os autores, explicar por que os sentimentos paternos são tão difíceis para o homem. Além disso, o desejo de paternidade teria sua origem no desejo de maternidade, de gerar um bebê em seu próprio corpo, o que seria incompatível com o papel masculino.

Szejer e Stewart (1997) distinguiram o desejo de ter um filho do projeto de ser pai. Segundo os autores, o desejo de ter um filho consiste na projeção, em nível imaginário, do futuro desta criança. O projeto de ser pai, ao contrário, implica a forma como um homem se vê como futuro pai. Conforme os autores, o modo como cada um se projeta como pai ou mãe está diretamente relacionado com seus próprios modelos parentais. Assim, os pais seriam sempre um modelo de referência, seja para fazer como eles fizeram ou o seu oposto. Nos casos em que esta bagagem familiar é muito negativa e pesada, pode surgir o medo, no adulto, de repetir sua história com seus filhos. De acordo com Szejer e Stewart

(1997), isto pode fazer com que estas pessoas busquem tratamento ou, na impossibilidade de lidar com questões tão dolorosas, evitem a paternidade.

Em nossa cultura, os homens geralmente enfrentam algumas dificuldades para assumir a paternidade. Uma vez que a mãe é identificada como possuidora dos filhos, tende-se a proibir ao menino brincar de ter filhos, de alimentar bonecas, vendo nisto um indicativo de tendências femininas (Aberastury & Salas, 1984). Esta proibição permaneceria em nível inconsciente, podendo tornar difícil para o homem cuidar de seu filho, uma vez que a paternidade, conforme colocado por Montgomery (1993), se inicia na infância, em fantasias, brincadeiras, na vivência de cuidar e proteger pequenos animais de estimação, ou no zelo pelo irmão mais novo. Além disto, Winnicott (1966) afirmava que uma das principais dificuldades encontradas pelo pai para participar da criação de seus filhos é que ele raramente está em casa. Para que o pai desempenhe adequadamente o seu papel, ele precisa estar presente com uma certa frequência, para que a criança o sinta como vivo e real e, nos momentos em que ele está presente, a mãe precisa viabilizar seu contato mais próximo com a criança. Segundo Costa e Katz (1992), é necessário que o pai possa contar com uma companheira que aceite suas características femininas, o valorize e ajude os filhos a se aproximarem do pai, sem que com isto abdique de sua identidade e do seu papel de mãe. Lebovici (1987) também enfatizou que a mãe deve permitir ao pai ser pai, e ao bebê entrar em relação, real e fantasiosamente, com seu pai, através do que ele ouve dizer de seu pai pela palavra materna. Para Winnicott (1966), a mãe pode dificultar e até impedir a relação entre pai e filho, mas não pode garantir sua qualidade, pois isto depende das características e vontade do pai e da criança. Afora estes fatores, para Aberastury e Salas (1984), o papel do pai varia de acordo com as diferentes idades do filho e, muitas vezes, um bom pai de uma criança de dois anos pode ser pouco compreensivo ou ausente para o filho adolescente.

Embora na maioria das culturas os pais preencham o papel de figura principal de apego com muito menos frequência do que as mães, pelo menos quando as crianças ainda são pequenas, eles podem desempenhar esta função de um modo que se assemelha muito ao utilizado pelas mães (Bowlby, 1989). O autor refere a existência de um “pai sensível, comum” (1989, p.27) que possuiria as mesmas características da “mãe sensível comum”, enfatizada na teoria do apego. Este pai seria aquele que se harmoniza com as ações e sinais de seu filho, responde a esses sinais e ações com uma certa adequação, estando apto a detectar em seu filho os efeitos de seu comportamento e a modificá-lo no que for necessário.

O bebê, por sua vez, também possui a capacidade de estabelecer uma ligação precoce com o pai. Diversos autores têm enfatizado que a interação da criança com o pai conduz a uma experiência diferente daquela com a mãe, pois, na maioria das famílias, o pai tende a se engajar em atividades físicas e a dramatizar histórias, tornando-se o companheiro preferido de brincadeiras do filho, enquanto a mãe tende a acariciar e exercer atividades de cuidado (Bowlby, 1989; Lamb, 1975; Lebovici, 1987; Neubauer, 1989). Para Lebovici (1987), o pai imprime às atividades um ritmo mais excitante, estimulando a criança a permanecer alerta. Sua conduta constitui-se de menos apoio próximo e mais ritmicidade. De acordo com Ninio e Rinott (1988), este tipo de atividade geralmente desempenhada pelo pai requer uma menor sintonia com as capacidades cognitivas da criança, podendo até mesmo refletir um desconhecimento do nível de desenvolvimento da criança e de sua possibilidade de engajar-se em atividades mais complexas.

Através destas distintas condutas do pai e da mãe, a criança pode, conforme destacou Neubauer (1989), formar apegos qualitativamente diferentes com as figuras do pai e mãe, contribuindo para a distribuição dos laços libidinais, com uma diminuição do laço simbiótico com a mãe. Este autor sugere ainda que, ao invés de um modelo que sugira o desenvolvimento infantil desde um modo diádico (mãe-filho ou pai-filho), ou triádico (mãe-pai-filho), se deveria pensar em um modelo que delineie uma escolha objetal ampla e múltipla, envolvendo outras figuras como avós, babás e irmãos.

Conseqüências da ausência paterna para o desenvolvimento infantil

Os achados mais recentes da psicanálise sobre o significado da relação pai-filho, e sobre a importância que tem o pai desde a mais precoce infância, abriram caminho para a profilaxia de muitos transtornos psíquicos e físicos nos filhos e nos pais. Neste sentido, diversos autores têm examinado as conseqüências da privação ou ausência paterna, que se refere à ausência real, debilidade ou inadequação das funções do pai no processo de desenvolvimento emocional da criança (Aberastury & Salas, 1984; Costa & Katz, 1992; Pinheiro, Siqueira & Bucher, 1983). Quando esta privação é absoluta e, em decorrência, não se processa o rompimento do vínculo simbiótico mãe-filho, o resultado pode ser uma psicose (Costa & Katz, 1992).

De acordo com Aberastury e Salas (1984), as conseqüências da carência paterna podem ser tão graves quanto as da materna. Esta carência, segundo os autores, seria uma das raízes da rejeição do filho, deixando uma espécie de nostalgia, que pode originar uma busca de substitutos paternos através de toda a vida. A fraqueza do pai, sua ausência real

ou psicológica, e a falta de normas daí decorrentes acarretariam ainda uma severidade extrema do superego, uma exigência interna paralisante e amedrontadora. Neste sentido, o quadro que parece predominar, conforme Costa e Katz (1992), como uma conseqüência da privação paterna é a pseudomaturidade. Esta se caracteriza, na vida adulta, por relações interpessoais baseadas na falsidade, na idealização e na negação da realidade. A pseudomaturidade é uma forma de perturbação do desenvolvimento normal da personalidade que ocorre quando o indivíduo se mantém fixado em seu relacionamento pré-genital com a mãe. Em conseqüência disso, ele não atingiria a etapa edípica, base da maturidade genital, e, ao contrário, desenvolveria uma falsa genitalidade que é defensivamente idealizada.

Problemas como a drogadição na adolescência, comportamento delinqüente, dificuldades de identificação social, de reconhecimento de limites, de apreensão de regras sociais e de desempenho intelectual também têm sido destacados como fortemente influenciados pela ausência ou inadequação da figura paterna (Muza, 1998; Pinheiro, Siqueira & Bucher, 1983). De acordo com Lebovici (1987), o próprio desenvolvimento cognitivo dos bebês, especialmente do sexo masculino, tende a ser prejudicado pela ausência paterna. Cabe destacar que os efeitos decorrentes da ausência paterna dependem da etapa de desenvolvimento em que se encontra o filho (Pinheiro, Siqueira & Bucher, 1983). Os autores afirmaram que, quanto mais cedo esta ausência ocorrer, mais graves e decisivos poderão ser seus efeitos. Suas conseqüências ainda assumem características distintas conforme a ausência do pai se dê por morte, abandono, separação ou divórcio.

As evidências apontadas por duas revisões recentes da literatura (McLanahan, 1999; McLanahan & Teitler, 1999) indicaram que, geralmente, crianças criadas por ambos os pais biológicos apresentam um melhor desenvolvimento que aquelas criadas por apenas um dos pais. Crianças que vivem em famílias monoparentais, onde o pai não está presente, tendem a apresentar maiores índices de abandono escolar, notas mais baixas, menor assiduidade, menores índices de conclusão de cursos universitários e mais dificuldade na transição entre escola e trabalho. As meninas, por sua vez, têm maiores índices de gravidez na adolescência, com um início mais precoce das relações sexuais. Cabrera e cols. (2000) destacam outros efeitos negativos da ausência paterna sobre os filhos, como uma diminuída participação na força de trabalho e maiores índices de exposição a comportamentos de risco.

McLanahan e Teitler (1999) sugeriram três explicações para estes resultados: dificuldades e instabilidade econômica, advindas da falta da contribuição paterna no

orçamento familiar – que parecem explicar, sozinhas, metade das desvantagens destas crianças; menores recursos parentais – uma vez que uma das figuras parentais não está acessível, as crianças são menos atendidas em atividades como auxílio em tarefas escolares, supervisão e disciplina; e menores recursos comunitários, quando é necessária uma mudança de residência e, em decorrência, de vizinhança. Pinheiro e cols. (1983) destacaram a importância de se realizar uma distinção entre os efeitos diretos da ausência paterna e os indiretos, tais como aqueles advindos de mudanças no comportamento da mãe. Conforme Feldman (2000), a participação do pai nos cuidados dos filhos é uma fonte de suporte ambiental para a mãe, liberando-a para investir suas energias físicas e mentais na maternidade. Ainda segundo a autora, a divisão da responsabilidade pelos cuidados das crianças mostra-se associada a um aumento da sensibilidade materna.

Contudo, McLanahan e Teitler (1999) destacaram que a separação dos pais pode, algumas vezes, melhorar o desenvolvimento da criança caso a relação entre estes seja muito conflituosa, o que coincide com os achados de Souza (2000). Deste modo, a qualidade do relacionamento entre pai e mãe parece estar associada ao bem-estar infantil. No estudo de Souza, a autora assinalou que a saúde mental das crianças estará sob risco caso estas cresçam em uma família onde o casal esteja em conflito, quer vivam juntos ou não. Através de um estudo qualitativo realizado com 15 adolescentes, cujos pais haviam se separado entre seus quatro e oito anos, a autora verificou que as maiores dificuldades e fontes de sofrimento dessas crianças decorreram da saída de casa de uma das figuras parentais, geralmente o pai, além da falta de previsibilidade quanto ao futuro da família após a separação. Decorridos alguns anos deste evento, a redução ou perpetuação do conflito parental, especialmente em relação aos sistemas de guarda, pensão e visitas, destacou-se como principal fator para a qualidade de vida das crianças.

A partir dos estudos referidos acima, evidencia-se que a simples presença ou ausência do pai não é o único fator relevante para o desenvolvimento infantil. Enquanto um pai ausente de casa, temporária ou definitivamente, pode marcar a sua presença e transmitir sua influência aos filhos através de telefonemas ou cartas, contatos de fim de semana, ou mesmo através de lembranças da criança ou referidas pela mãe, existem pais que, apesar de sua presença em casa, não desempenham adequadamente suas funções (Costa & Katz, 1992). Lamb (1997) ressalta que as diferenças existentes no desenvolvimento de crianças que vivem com ou sem os seus pais não significam que todas as crianças que crescem sem o pai terão problemas, e nem que todas as crianças que crescem com seus pais se desenvolverão normalmente.

O envolvimento paterno

Dentre as investigações a respeito das mudanças relativas à paternidade e da ausência paterna, bem como dos seus efeitos sobre os filhos, muitas foram realizadas através da observação e descrição dos comportamentos dos pais com as crianças (Parke, 1996). Surgiu daí o conceito de envolvimento paterno. Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985) sugeriram três aspectos de avaliação do envolvimento paterno: interação, acessibilidade e responsabilidade. Interação refere-se ao contato direto com o filho, em cuidados e atividades compartilhadas. A acessibilidade concerne à presença ou disponibilidade para a criança, possibilitando a ocorrência de interações. Já a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança, providenciando, por exemplo, a contratação de uma babá, a marcação de uma consulta com o pediatra ou comprando roupas e alimentos.

Em suas primeiras formulações, o conceito de envolvimento paterno enfocava principalmente quantidade de envolvimento, sem atentar para o seu conteúdo (Pleck, 1997). O autor sugeriu que esta ênfase quantitativa refletia a preocupação dos primeiros pesquisadores que estudaram o pai, os quais, tendo em vista o grande aumento dos índices de divórcios e filhos fora de relações conjugais, buscavam verificar o quanto estes pais “ausentes” reduziam sua participação nas vidas de seus filhos. Metodologicamente, a construção deste conceito foi incentivada pela disponibilidade de um novo tipo de dado: extensas descrições da rotina diária de grandes amostras populacionais. Portanto, de acordo com Pleck, o envolvimento paterno foi, em sua criação, definido como um construto sem conteúdo, concernente apenas à quantidade de certos comportamentos paternos, tempo e responsabilidade com a criança. Pleck defendeu que este construto precisava ser combinado a dimensões qualitativas, e propôs o conceito de envolvimento paterno positivo. Embora este conceito não seja muito utilizado na literatura, ele abriu caminho para que o conteúdo e a qualidade do envolvimento paterno passassem a ser acessados.

O envolvimento paterno vem aumentando, gradualmente, nas últimas décadas, em parte devido à maior aceitação popular de sua importância para o desenvolvimento infantil (Amato & Gilbreth, 1999). De acordo com os autores, este envolvimento contribui para o desenvolvimento e bem-estar de crianças, adolescentes e adultos, e para a promoção do desenvolvimento psicossocial do próprio pai. Segundo Hewlett (2000), nos Estados Unidos milhões de dólares são gastos todo ano na condução de estudos e desenvolvimento de políticas e programas sociais com o objetivo de aumentar o envolvimento paterno. Apesar

disto, este crescimento ainda não é grande em termos absolutos, sendo que os pais ainda estão distantes de uma paridade com as mães (Pleck, 1997). Mas o autor evidenciou um claro crescimento em termos de interação e acessibilidade paternas, especialmente a partir da década de 70. Atualmente, o tempo médio de interação paterna é de 1,9 horas em dias de semana e 6,5 horas em domingos, equivalendo a pouco mais de dois quintos do tempo utilizado pela mãe. Já na década de 80, o pai engajava-se em atividades com os filhos num tempo equivalente a um terço do utilizado pela mãe. Bailey (1994), através de um estudo longitudinal realizado com 22 famílias americanas, constatou que as mães se envolvem mais em cuidados do que os pais, mas pai e mãe não diferem quanto ao envolvimento em brincadeiras. Os pais mostraram-se mais envolvidos em interação social do que em cuidados tanto quando a criança tinha um ano de idade quanto aos cinco anos, mas, com o tempo, o envolvimento em cuidados aumentou, enquanto a interação social não se alterou. De modo semelhante, Belsky, Gilstrap e Rovine (1984) afirmaram que as principais atividades dos pais com seus filhos, aos três e nove meses de vida da criança, foram ler e assistir televisão. Bailey (1994) verificou uma associação entre o emprego da mãe e o envolvimento do pai em cuidados. Desta forma, quanto menos tempo disponível para a criança a mãe tivesse, maior o envolvimento do pai em cuidados.

A respeito da acessibilidade paterna, Pleck (1997) encontrou uma variação de 2,8 a 6,5 horas em dias de semana, correspondendo a dois terços da acessibilidade materna. O autor refere que, em estudos anteriores, as mães mostravam-se duas vezes mais acessíveis que os pais (Pleck, 1997). Lamb e cols. (1985) referem que tanto a interação quanto a acessibilidade, quando avaliadas em proporção à mãe, costumam ser mais elevadas se a criança é mais velha ou se sua mãe trabalha, embora em termos absolutos a acessibilidade diminua conforme a criança cresce. Os autores ainda referem que há uma carência de estudos que avaliem a responsabilidade, mas sabe-se que a mãe tem uma responsabilidade muito maior sobre a criança.

No entanto, ainda há muita variação nos níveis de participação masculina nos cuidados de seus filhos (Maldonado, Dickstein & Nahoum, 1997). Segundo os autores, desde o período da gravidez podem ser encontrados pais extremamente participativos, que procuram sentir o bebê na barriga da mulher, acompanham as consultas pré-natais, e, quando se dá o nascimento, entram em um esquema de revezamento e colaboração nos cuidados com o bebê. Outros pais sentem-se alheios ao filho durante a gravidez e mesmo depois do parto, não desenvolvendo uma ligação intensa com o bebê. Sentem-se tolhidos e sem jeito para pegar a criança. Diversos estudos tentam explicar estas variações nos níveis

de envolvimento paterno (Furstenberg & Nord, 1985; McKenry & cols., 1992; Stone & McKenry, 1998; Tepp, 1983), mas estes se referem, basicamente, a pais que não residem com seus filhos e, portanto, serão discutidos adiante. De acordo com Lamb e cols. (1985), fatores biogenéticos, determinados pela evolução de nossa espécie, e fatores ecológicos e psicossociais interagem na determinação do envolvimento do pai com seus filhos. Os fatores psicossociais foram divididos pelos autores em quatro categorias: motivação, habilidades e autoconfiança, suporte social e fatores institucionais. A motivação refere-se à existência, ou não, de um desejo de se envolver no dia-a-dia dos seus filhos. Ela é influenciada pela história do desenvolvimento do indivíduo – cujos principais aspectos são sua idade, história marital e as experiências que teve com seu pai – suas características de personalidade e crenças quanto aos papéis parentais e de gênero. As habilidades e autoconfiança referem-se à autopercepção paterna quanto a sua competência em interagir com a criança. O suporte social focaliza as características e papel da mãe e da relação conjugal, bem como de familiares e amigos, enquanto os fatores institucionais enfocam, principalmente, as características do emprego do pai. Pleck (1997), comentando estas proposições de Lamb e cols., refere que nenhuma das características apontadas exerce, isoladamente, uma influência predominante sobre o envolvimento paterno, mas a interação entre elas constitui-se em um de seus principais preditores.

O papel central que cada pai tem, como um indivíduo, na construção da sua identidade paterna, no desenvolvimento de habilidades para lidar com seus filhos, na possibilidade de trabalhar seus sentimentos relativos à paternidade e de relacionar-se de forma colaborativa com a mãe de seus filhos foi destacado por Doherty, Kouneski e Erickson (2000). Do mesmo modo, Hall (1994) verificou que alguns homens, apesar de contar com esposas extremamente assertivas, que estimulam sua participação nos cuidados dos filhos, enfrentam dificuldades para envolver-se mais diretamente com as crianças devido às demandas de seus empregos. Daly (1996) afirmou que muitos pais vivenciam uma tensão entre o sentimento de que deveriam se envolver mais com seus filhos e o de que são incapazes de fazer isto, seja em função de limitações sociais ou pessoais. Isto pode ser vivido, por estes homens, como uma dissonância entre a paternidade ideal e a real, gerando a sensação de não estar atendendo às expectativas e culpa por ficar pouco tempo com seus filhos. Grossman, Pollack e Golding (1988), por sua vez, atestaram a existência de uma associação positiva entre o nível de satisfação dos pais com o seu trabalho e a qualidade da parentalidade por eles exercida, e de uma associação inversa entre esta satisfação e o tempo em que os pais ficam com as crianças. Deste modo, quando maior a

satisfação do pai com seu trabalho, menos tempo ele fica com seus filhos, embora a qualidade da relação pai-filho seja melhor. Os autores também verificaram que a qualidade e quantidade de tempo com a criança não se mostram estatisticamente relacionados.

Deste modo, embora o envolvimento paterno ainda não apresente um grande crescimento quantitativo, existe hoje um maior desejo de participação, por parte dos pais, na criação de seus filhos, acompanhado de uma nova capacidade de maternagem (Anderson, 1996; Hall, 1994; Rezende & Alonso, 1995). Baseados em uma ampla revisão da literatura, Rohde e cols. (1991) afirmaram que os pais apresentam uma capacidade de interagir e uma sensibilidade ao comportamento e ritmo do bebê semelhante à das mães. De acordo com Anderson (1996), eles são capazes de conhecer os gostos das crianças e traduzir sua linguagem não-verbal, apesar de admitirem que suas esposas são mais eficientes. No entanto, o fato de acreditarem que suas esposas conhecem melhor os seus filhos, pode produzir sentimentos de inveja, ciúmes, abandono, inadequação, mas também prazer por verificar a habilidade da mãe em cuidar adequadamente do filho. Anderson afirmou ainda que, para estes homens, a relação com o filho trazia recompensas muito maiores que os desafios e turbulências da parentalidade. Para alguns pais, produzia uma sensação de imortalidade, uma vez que o bebê constitui-se na duplicação de si mesmo. Outros podiam, através desta relação, encontrar seu lado espontâneo e brincalhão, sua parte criança, e sentiam o bebê como próximo, familiar e responsivo. De acordo com Feldman (2000), a participação do pai nos cuidados da criança promove uma relação mais sensível entre pai e bebê, tornando os pais emocionalmente mais envolvidos. Rezende e Alonso (1995) também verificaram que a participação intensa nos cuidados de seus filhos pequenos gerava nos pais sensações de felicidade, bem-estar, alegria, satisfação, carinho e gratificação. Os pais altamente envolvidos nos cuidados de seus filhos tendiam a negar o modelo tradicional de pai que provê sustento. Anderson (1996) ressaltou que, quando perguntados sobre as qualidades de um bom pai, eles não focalizaram o papel de provedor e disciplinador, expressando a necessidade de amar, compreender e fazer-se emocionalmente presente na vida do filho, além de dar apoio à mãe.

Ao mesmo tempo em que, atualmente, os pais em famílias biparentais parecem estar aumentando seu envolvimento e, lentamente, movendo-se para uma participação mais igualitária com sua esposa nos cuidados e criação dos filhos, há também, como referido anteriormente, um aumento nos níveis de ausência paterna (Parke, 1996; Pleck, 1997). Com o aumento dos índices de divórcios e nascimentos fora do casamento ou de relações estáveis, é cada vez maior o número de pais que não vivem na mesma residência que seus

filhos, os quais, geralmente, vivem com suas mães. Estes pais são denominados, por diversos autores, como pais sem custódia (McKenry & cols., 1992; Nord & Zill, 1997; Thompson & Laible, 1999) ou não-residentes (McKenry & cols., 1996; Seltzer, 1991; Stone & McKenry, 1998). Uma vez que o termo “sem-custódia” geralmente se refere a pais divorciados, denotando, ainda, uma determinação judicial a respeito da guarda dos filhos, optou-se nesta revisão por utilizar a denominação de “pais não-residentes” para caracterizar os pais que, por alguma razão, não moram com seus filhos.

Pais não-residentes

O número crescente de famílias monoparentais, reconstituídas e com guardas compartilhadas de filhos de uniões anteriores marcam uma passagem – ou retorno – da paternidade biológica a uma paternidade afetiva e social (Ramires, 1997). O laço biológico passou a não garantir mais a ligação permanente entre pais e filhos, trazendo novos desafios para o homem. Conforme Thompson e Laible (1999), para a maioria dos indivíduos, a parentalidade envolve uma série de responsabilidades essenciais para com os filhos, tais como: garantir a satisfação das necessidades econômicas e materiais, oferecer orientação e instrução, exercer autoridade e partilhar experiências do dia-a-dia. De acordo com os autores, quando uma ou mais destas facetas é negada aos pais, eles costumam sentir que seu papel parental foi mutilado. Deste modo, os pais não-residentes precisam aprender um novo papel social, que não é claramente determinado pela sociedade e envolve a re-estruturação da relação pai-filho, sendo que suas responsabilidades e privilégios como pai tornam-se limitadas. Neste novo contexto, lhes é imposta uma relação baseada em visitas, a qual, muitas vezes, é percebida como restrita e artificial.

É difícil determinar o que, exatamente, caracterizaria um pai sem custódia como bom ou ideal, e o seu papel costuma ser avaliado principalmente em termos do suporte econômico que dá à criança (Hamer, 1997). Thompson e Laible (1999) afirmaram que, publicamente, ele é identificado mais pelas responsabilidades de que abdica (como um pai ausente) do que por atributos positivos. Os autores colocaram, ainda, que criar uma nova e satisfatória relação com seus filhos, baseada em visitas – cuja própria nomenclatura soa inconsistente com a intimidade de um relacionamento entre pai e filho – constituiria-se em um dos maiores desafios e fontes de estresse dos pais não-residentes, que se sentiriam excluídos das vidas de seus filhos. De acordo com Wallerstein e Kelly (1998), aqueles pais que se tornam deprimidos pela separação dos filhos consideram as visitas muito dolorosas, tendendo a visitar irregularmente ou, até mesmo, não tendo contato com os filhos. Os pais

que se sentem, consciente ou inconscientemente, culpados pelo fim do relacionamento com a mãe das crianças podem apresentar mais dificuldade para manter as visitas. O declínio nas visitas, por sua vez, reforça ainda mais os sentimentos culposos do pai e aumenta o impasse.

Uma vez que a custódia dos filhos fica com a mãe, o pai costuma ser percebido pelas crianças como aquele que abandona a casa, e sua raiva é, geralmente, direcionada a ele (McLanahan & Teitler, 1999). As mudanças e readaptações necessárias acabam gerando, em grande parte dos pais, sentimentos de perda, privação e tristeza (McKenry & cols., 1992; Tepp, 1983), exclusão, frustração, sofrimento e angústia (Ramires, 1997). Este abalo emocional parece ser especialmente intenso nos pais altamente envolvidos com seus filhos no período anterior à separação (Kruk, 1991). Segundo Nielsen (1999), os homens seriam mais propensos que as mulheres a se tornarem deprimidos, desenvolver estresse após divórcio, ou mesmo a cometer suicídio, em parte devido à perda do contato diário com os filhos.

Diversos estudos atestam que um padrão comum para os pais não-residentes é se tornarem, com o passar do tempo, desapegados aos seus filhos, dando nenhum ou um mínimo apoio financeiro e visitando-os com pouca frequência (Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991). Geralmente, estes pais acabam por desenvolver uma relação baseada em atividades de recreação ao invés de incorporar a criança a sua nova vida (Furstenberg & Nord, 1985; Seltzer, 1991; Thompson & Laible, 1999). De acordo com Amato e Gilbreth (1999), este padrão ocorreria, em parte, devido às restrições impostas aos pais quanto ao tempo em que podem passar com seus filhos, e não a uma falta de interesse por estes. Os pais desejariam que os filhos se divertissem no pequeno período em que estão com eles e, como consequência, relutariam em realizar atividades mais rotineiras ou em firmar regras e exigir disciplina. Os autores acrescentaram, ainda, que muitos pais reclamam do sistema de visitas, pois este os impediria de manter algo além de uma relação superficial com seu filho.

No entanto, alguns pais não-residentes são capazes de manter uma relação próxima com os filhos, exercendo razoavelmente bem suas funções enquanto pai (Amato & Gilbreth, 1999; Furstenberg & Nord, 1985; Griffin, 1998; Hamer, 1997; Kruk, 1991; Maccoby & cols., 1993; Mott, 1990; Ramires, 1997; Seltzer, 1991; Tepp, 1983; Wallerstein & Kelly, 1998). Para Amato e Gilbreth (1999), as restrições impostas pelo esquema de visitas nem sempre impedem a relação pai-filho, e uma vez que os homens, enquanto casados, vem se tornando mais comprometidos com o papel de pai e com os

cuidados dos filhos, eles estão mais predispostos a manter ligações com eles mesmo depois do divórcio. Em função disto, os pais não-residentes de hoje são mais envolvidos que os do passado. Em um estudo realizado por Maccoby e cols. (1993), pôde-se constatar que a grande maioria dos pais não-residentes manteve contato com seus filhos, pelo menos nos primeiros quatro anos após terem se divorciado. Para Wallerstein e Kelly (1998), a fim de que o esquema de visitas tenha sucesso, é preciso que os pais consigam lidar com a raiva das mães e com a inconstância dos filhos, superar sua depressão, ciúme e culpa, envolver os filhos no planejamento das visitas, estabelecer um meio termo entre reformular totalmente seu horário e não alterá-lo em nada, e sentir-se mais livres como pais.

Em alguns casos, a separação do casal abre um novo espaço para o convívio entre pais e filhos, melhorando a qualidade da relação entre ambos, pois dá aos pais a possibilidade de assumir o cuidado dos filhos, mesmo que por períodos limitados. Alguns pais abrem-se para este relacionamento por sentirem menos temor de serem esmagados pelas demandas das crianças, pois a estrutura de visitas demarca e limita claramente a interação (Wallerstein & Kelly, 1998). Pelo menos no que se refere às obrigações financeiras com os filhos, Nielsen (1999) constatou que, ao contrário da imagem popular de pais “vagabundos” (“*deadbeat dads*”), cerca de 75% dos pais sem-custódia americanos cumprem-nas inteiramente.

Entre os dois extremos delimitados por pais não-residentes muito envolvidos, que visitam suas crianças várias vezes por semana e mantêm seu papel parental intacto, e por aqueles que abandonam todas as responsabilidades e relacionamentos familiares, existem diversos níveis de envolvimento, como pais que estabelecem contatos infreqüentes e inconsistentes, com esquemas rígidos e limitados de visitação (Ahrns, 1983). Cabe ressaltar, no entanto, que a presença física do pai não garante sua presença afetiva e, embora muito importante, constitui apenas uma das manifestações da presença do pai na vida da criança (Aberastury & Salas, 1984; Montgomery, 1993; Mott, 1990). Deste modo, como enfatizaram os autores, um pai fisicamente distante pode estar, em um nível afetivo, muito próximo. De acordo com Mott (1990), um pai pode nunca estar presente em casa ou ser raramente visto, mas, apesar de não viver em casa, pode ter um contato extensivo e continuado com o filho, cumprindo muitas das típicas funções paternas atribuídas aos homens em nossa sociedade. Contudo, as implicações de outros aspectos do contato pai-filho que não envolvam a presença física, como telefonemas ou cartas, permanecem incertas.

Buscando verificar a importância do envolvimento de pais não-residentes com seus filhos, Amato e Gilbreth (1999) examinaram as relações entre o envolvimento paterno e o bem-estar da criança. As condições da criança foram avaliadas através de seu desempenho acadêmico, presença de problemas de internalização – como depressão, ansiedade e baixa auto-estima, e problemas de externalização – como mau comportamento em casa e/ou na escola, agressão e delinquência. O envolvimento, por sua vez, foi definido por quatro aspectos: suporte financeiro, visitas, sentimento de proximidade entre o pai e a criança e parentalidade autoritativa, ou seja, pais que demonstram alto controle e responsividade para com os filhos. De acordo com os autores, as crianças parecem beneficiar-se do suporte financeiro oferecido pelo pai, do sentimento de proximidade e da parentalidade autoritativa, que se mostraram positivamente associados com o desempenho acadêmico, e negativamente associados com problemas de internalização e externalização da criança. O simples contato entre pai e filho não foi revertido em muitos benefícios para a criança. Isto vai ao encontro dos achados de Thompson e Laible (1999), os quais mostraram que os benefícios advindos das visitas dos pais não-residentes são contingentes, isto é, dependem do contexto psicológico no qual ocorrem. Amato e Gilbreth (1999) enfatizaram, ainda, não ter encontrado diferenças entre meninos e meninas em relação às eventuais consequências da relação com o pai não-residente. Braver e cols. (1993) encontraram resultados semelhantes, mostrando que os comportamentos do pai não-residente que tiveram maior impacto sobre a saúde física e mental da criança, bem como da sua mãe, foram o suporte financeiro e a frequência e qualidade emocional do relacionamento entre pai e criança.

Ainda a respeito da influência do envolvimento paterno sobre o desenvolvimento infantil, Easterbrooks e Goldberg (1984) verificaram que os aspectos qualitativos da paternagem, como as atitudes e sensibilidade do pai com seus filhos, tiveram uma maior influência sobre a criança do que os aspectos quantitativos. Deste modo, uma paternidade sensível, assim como uma maternidade sensível, é extremamente importante para a adaptação infantil, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de apego seguro, afetos positivos e persistência na realização de tarefas, embora a participação dos pais em atividades de cuidado não tenha se mostrado significativamente associada a nenhuma característica das crianças avaliadas. A quantidade de tempo que o pai passa com seus filhos mostrou-se mais relacionada à performance cognitiva das crianças do que ao desenvolvimento sócio-emocional. A este respeito, Ninio e Rinott (1988) verificaram uma associação entre a quantidade de tempo em que os pais permaneciam em interação com seus filhos e a atribuição, por parte dos pais, de competências sócio-cognitivas à criança.

De acordo com os autores, uma maior interação daria ao pai a possibilidade de observar comportamentos que indiquem as habilidades da criança, e esta poderia ser uma das explicações para o melhor desenvolvimento cognitivo observado em crianças cujos pais mostram-se bastante envolvidos.

Devido à importância do envolvimento paterno tanto para o pai quanto para a criança, diversos pesquisadores começaram a descrever a natureza desta experiência e identificar as barreiras para a continuidade do envolvimento de pais não-residentes. Neste sentido, Seltzer e Brandreth (1995) afirmam que entender o papel do pai não-residente requer o conhecimento sobre como os pais vêem suas responsabilidades para com os filhos e quais os custos e benefícios que decorrem de seus relacionamentos com as crianças. Porém, muitos estudos enfocam apenas a quantidade de envolvimento paterno, através de medidas como frequência e duração de visitas, valor do suporte financeiro e frequência de conversas com a ex-esposa sobre a criança. Por exemplo, Seltzer (1991) realizou um estudo buscando quantificar estes três aspectos do envolvimento de 1350 pais não-residentes separados, divorciados ou nunca casados, através de questionários aplicados às mães de seus filhos. A autora demonstrou que a frequência e duração de visitas, o valor do suporte financeiro e a frequência de conversas com a ex-esposa sobre a criança costumam estar positivamente associados entre si, de modo que o não cumprimento de um destes aspectos leva a um decréscimo nos demais. Os resultados mostraram ainda que prover apenas suporte financeiro, sem ligações sociais com a criança, não aumentava a autoridade do pai sobre o filho. Ainda assim, a grande maioria dos pais que se envolvia com os filhos através de apenas um destes aspectos, o fazia pelo suporte econômico. Do mesmo modo, em estudo realizado com 644 mães divorciadas, também através de questionários, Teachman (1991) mostrou que os pais não-residentes costumavam prover mais assistência econômica aos seus filhos que outras formas de assistência, e a correlação entre pagamento de pensão e outras formas de contribuição era menor do que entre qualquer outro par de contribuições (como levar a criança ao dentista e participar dos eventos da escola). O autor salientou, que a maioria dos pais nunca havia dado nenhuma assistência à criança além do pagamento de pensão e compra de presentes. Seltzer (1991) verificou, ainda, que menos da metade dos pais investigados dava algum suporte financeiro, e a grande maioria tinha pouca influência sobre as decisões a respeito da criação da criança.

As estatísticas a respeito da ausência paterna, muitas vezes, mascaram padrões de interação pai-filho (Mott, 1990). Na realidade, pode haver um substancial contato da criança com o pai ou com outra figura que o substitua, o que não é facilmente avaliado nos

levantamentos realizados. Assim sendo, a distinção entre o envolvimento do pai que mora com a criança e o do que a visita muito freqüentemente pode ser sutil. Em um estudo longitudinal, Mott acompanhou, durante um período de quatro anos, aproximadamente 2078 mães norte-americanas solteiras, casadas ou separadas, com filhos de zero a quatro anos de idade na primeira coleta. O autor verificou que 25% das crianças que não viviam com seus pais os viam pelo menos uma vez por semana, enquanto 8% os viam todos os dias. Com o passar do tempo e o aumento da idade da criança, a freqüência de visitas diminuiu, enquanto a sua duração aumentou um pouco, principalmente para as crianças que já haviam vivido com os pais.

A freqüência do contato entre pai e filho e a colaboração financeira para com a criança têm sido as dimensões mais estudadas do envolvimento de pais não-residentes (Amato & Gilbreth, 1999; Erera & cols., 1999). Muitos pesquisadores utilizam estas medidas como um indicador da qualidade geral do relacionamento pai-filho. No entanto, de acordo com os autores, este indicador é problemático. Alguns pais não-residentes podem visitar freqüentemente seus filhos, mas realizar atividades restritas, com fracos laços afetivos e pouca influência mútua. Amato e Gilbreth (1999) afirmaram que, sem conhecer os comportamentos dos pais e filhos durante as visitas, como se sentem, e o contexto em que elas ocorrem, é difícil fazer previsões sobre os efeitos deste contato para a criança. Portanto, eles propõem que o laço emocional entre pai e filho deveria ser alvo de mais estudos, pois este tem se mostrado como o principal preditor do bem-estar da criança.

No sentido de uma melhor compreensão da relação entre pais não-residentes e seus filhos, alguns estudos têm focado aspectos qualitativos do envolvimento destes pais, verificando como se dá este envolvimento e os fatores que se relacionam com sua continuidade. Contudo, esses aspectos são ainda abordados de modo limitado, através do levantamento de dados pontuais de grandes amostras populacionais, com utilização de questionários fechados, os quais abrem pouco espaço para um entendimento das vivências destes pais. Em um estudo realizado nestes moldes por Seltzer e Brandreth (1995), envolvendo 1500 mães e 480 pais divorciados ou nunca casados, os pais não-residentes caracterizaram suas atividades de paternagem como interessantes, apreciáveis e bem feitas. Furstenberg e Nord (1985), por sua vez, caracterizaram a natureza do contato entre pais não-residentes e seus filhos, descrevendo-a como uma relação de visitantes, composta de contatos sociais e de recreação. Através de questionários aplicados a 395 filhos de pais separados, divorciados ou nunca casados, com idades de onze a dezesseis anos, os autores verificaram que as visitas raramente incluíam dormir na casa do pai não-residente, sendo

que poucas crianças tinham um espaço na casa do pai para deixar suas coisas. Além disto, 58% das crianças nunca visitava o pai, e o contato pai-filho, quando existente, ocorria fora de casa. O padrão de coparentalidade cooperativa mostrou-se raro, sendo predominante uma paternidade paralela. Para a grande maioria das mães da amostra, os pais não-residentes tinham pouca ou nenhuma influência nas decisões a respeito da criança. Porém, o aumento do contato entre filho e pai tendia a aumentar a participação deste nas decisões a respeito da criança. Deste modo, os pais não-residentes mantinham um papel muito limitado na vida da criança, geralmente ligado ao entretenimento, excluindo responsabilidades de cuidado rotineiras, realizadas pelos pais residentes. Contudo, os autores constataram que uma minoria de pais, os quais viam seus filhos mais de 14 vezes no ano, conseguia exercer responsabilidades parentais, e alguns deles mantinham altos níveis de envolvimento com o filho.

Diversos autores investigaram os fatores que poderiam estar relacionados à continuidade do envolvimento paterno, sendo os principais: o relacionamento do pai com a criança e com a mãe desta; a satisfação com a paternidade; a sua percepção a respeito da influência que exerce na vida da criança; a percepção do valor da continuidade do seu envolvimento; o senso de responsabilidade como pai; a clareza quanto ao seu papel; a proximidade física; e a elaboração de um plano de visitas que permita interações mais regulares e rotineiras, e menos artificiais (Braver & cols., 1993; McKenry & cols., 1992; Stone & McKenry, 1998; Tepp, 1983; Thompson & Laible, 1999). Segundo Furstenberg e Nord (1985), o tempo transcorrido desde a separação costuma diminuir o contato entre pai e filho, e o pagamento de suporte financeiro está relacionado ao aumento desse contato. Este resultado vai ao encontro dos achados de Seltzer (1991), que demonstrou uma associação entre suporte financeiro e frequência de visitas. O atual estado civil do pai e da mãe, por sua vez, não influenciaria nem o contato, nem o suporte financeiro. Além disto, o envolvimento do pai não-residente seria fortemente influenciado pela sociedade em que vive, sua cultura e seu grupo étnico (Erera & cols., 1999; Nielsen, 1999). Walker e McGraw (2000) destacaram, ainda, o papel da educação do pai como um preditor do seu envolvimento. Pais com alto nível de escolaridade geralmente têm um maior envolvimento com seus filhos, por partilhar de um padrão cultural distinto a respeito da paternidade.

Segundo alguns autores, o pai não-residente avaliaria se deve manter ou não seu relacionamento com os filhos com base nos custos e benefícios que ele percebe como advindos desta relação (Braver & cols., 1983). Estes custos e recompensas são de três tipos: afetivos ou interpessoais, materiais ou tangíveis (como tempo e dinheiro), e

simbólicos ou morais (o grau em que o envolvimento com os filhos interfere com os valores e crenças morais do pai). De acordo com os autores, os custos simbólicos percebidos pelo pai seriam os melhores preditores da frequência de visitas e do suporte econômico que ele mantém para com os filhos.

Em caso de divórcio, o envolvimento paterno posterior parece também estar relacionado aos procedimentos tomados para realização do divórcio (Dudley, 1991). Conforme este autor, pais que se divorciaram de forma litigiosa tendem a ter menos contato com seus filhos após o divórcio do que aqueles que realizaram acordos fora do tribunal. Em casos de disputa litigiosa, não costuma ser concedida guarda compartilhada dos filhos, e sim a guarda integral a um dos pais, geralmente a mãe. Nestes casos, os pais tendem a querer passar mais tempo com os filhos e a avaliar suas ex-esposas como menos cooperativas, existindo mais conflito entre pai e mãe. Segundo Dudley, a mediação – a qual, realizada sem dois advogados opostos, visa um acordo que satisfaça tanto pai quanto mãe – seria o procedimento mais adequado para alcançar a cooperação entre casais divorciados.

A respeito do sistema de custódia mais favorável ao desenvolvimento dos filhos, em casos de divórcio, Maccoby e cols. (1993) verificaram, através de entrevistas realizadas por telefone com 522 adolescentes de dez anos e meio a dezoito anos, que aqueles que dividiam-se entre as casas do pai e da mãe apresentaram um funcionamento levemente melhor e maior satisfação do que aqueles que viviam apenas com a mãe, e bem melhor do que os que viviam apenas com o pai. Os fatores mais fortemente associados com o bom ajustamento dos adolescentes foram: um relacionamento próximo com a figura parental residente (geralmente a mãe), que monitorava o adolescente e permanecia envolvida nas decisões sobre a vida deste jovem; e não se sentir preso em meio a eventuais conflitos parentais. Neste sentido, a qualidade do relacionamento entre pai e mãe é também fundamental para o bem-estar dos filhos, pois se os pais estão bravos um com o outro, eles comunicam esta raiva para a criança, que se sente pressionada entre os dois, e sua confiança nos pais é abalada (McLanahan & Teitler, 1999).

Em um segundo estudo, que buscava determinar, longitudinalmente, a extensão em que pai e mãe permaneciam envolvidos com seus filhos após o divórcio, Maccoby e cols. (1993) entrevistaram, também via telefone, 1124 pais e/ou mães em três momentos: aproximadamente seis meses após a separação, um ano após a primeira entrevista e três anos após a primeira entrevista. Quanto à continuidade da comunicação entre os pais, através da qual os pais não-residentes podem manter sua participação nas decisões a

respeito da criança, os autores verificaram que esta tende a diminuir com o tempo, levando o pai e a mãe a um padrão de interação desengajado, ou seja, a uma parentalidade paralela, e não cooperativa. O conflito entre pai e mãe também tende a diminuir, sendo a maior fonte de discordâncias o sentimento de cada um dos pais de que o outro é muito indulgente, não disciplinando a criança. Segundo Madden-Derdich e Leonard (2000), a continuidade da interação entre os pais seria influenciada pela satisfação do pai com sua própria performance e pela sua percepção sobre o suporte dado pela ex-esposa. Isto sugere que, com a falta de normas sociais que guiem a relação pai-filho pós-divórcio, os pais precisam que as mães ajudem a demarcar o seu papel. A importância do encorajamento dado pela ex-esposa também foi referida por outros autores (Ahrons, 1983; Braver & cols., 1991; Nielsen, 1999). Ahrons (1983) enfatizou que o relacionamento entre pai e mãe, o quanto eles dividem as decisões sobre a criação dos filhos e seus sentimentos de raiva, culpa e respeito têm um efeito expressivo sobre o envolvimento paterno. De acordo com Nielsen (1999), as atitudes e comportamentos das mães constituem-se no fator mais importante na predição do relacionamento entre pai e filho.

Outros quatro fatores foram colocados por Nielsen (1999) como possíveis explicações para um baixo envolvimento dos pais após a separação da família, a saber: as atitudes da sociedade a respeito da paternidade, considerando as capacidades de cuidado e nutrição dos homens naturalmente inferiores às das mulheres; o modo como a maternidade é idealizada, retratando as mães como as criaturas mais virtuosas, honestas e sacrificadas; o tratamento que o sistema legal dá aos pais divorciados, o qual reflete estas crenças sobre maternidade e paternidade e ainda reforça a idéia de que a criança precisa mais do dinheiro do pai do que de seu envolvimento em sua vida; e, diferenças nos estilos parentais de pais e mães. Para Nielsen, a mãe contribuiria para esta situação, principalmente através das mensagens que dá aos filhos sobre o pai e de sua fragilidade e dependência emocional, fazendo com que os filhos sentissem que precisam protegê-la e não podem desapontá-la. Lamb (1997), através de uma extensa revisão da literatura a respeito da paternidade nas últimas décadas, verificou que as mesmas pesquisas que mostram um desejo, por parte dos pais, de ter um maior envolvimento com seus filhos, mostram que as mulheres não querem este maior envolvimento. Walker e McGraw (2000), no entanto, se contrapõem a esta idéia, bastante presente na literatura, de que a mãe manteria o pai distante dos seus filhos. Ao revisarem a literatura estas autoras encontraram diversos estudos que mostram que as mulheres geralmente tendem a valorizar e promover ativamente o relacionamento entre pai e filho. A respeito da sociedade brasileira, Silva (1999) refere uma nova postura dos

homens frente à paternidade após o divórcio, que parece vir a despeito das ex-companheiras, pois eles têm buscado o apoio do sistema judiciário para fazer valer seus entendimentos sobre o bem-estar de seus filhos.

Estudos que buscam uma compreensão mais abrangente do envolvimento e dos sentimentos de pais não-residentes em relação à paternidade e ao envolvimento com seus filhos, através de abordagens qualitativas ou de instrumentos não diretivos, são raros. Entre estes pode-se citar o estudo de Kruk (1991), que realizou extensas entrevistas semi-estruturadas com 80 pais canadenses, divorciados e sem a custódia dos filhos, com o objetivo de explorar os vários aspectos psicológicos e contextuais de suas experiências antes, durante e após o divórcio. Quanto ao envolvimento paterno no período anterior e posterior ao divórcio, o autor verificou uma forte relação inversa ao que seria esperado. Os pais que se descreveram como tendo sido altamente envolvidos com seus filhos durante o casamento tenderam a perder o contato com as crianças após o divórcio, enquanto aqueles que originalmente mostravam-se pouco presentes na vida dos filhos costumaram permanecer em contato. Os pais menos envolvidos após o divórcio eram aqueles que haviam apresentado um maior desejo, durante as negociações judiciais, de obter ao menos parte da custódia física dos filhos, e mostraram-se mais insatisfeitos com os arranjos legais a respeito do esquema de visitas. Estes pais demonstraram sentir muita falta de seus filhos, desejando um maior contato. Porém, visitar os filhos lhes engendrava sentimentos de perda e depressão, evidenciando a perda do relacionamento anterior, marcado por um grande envolvimento. Já os pais altamente envolvidos após o divórcio, eram capazes de estabelecer uma relação satisfatória com os filhos, vendo as visitas como uma oportunidade para desenvolver e fortalecer esta relação.

Ainda segundo Kruk (1991), a maioria dos pais pouco envolvidos após o divórcio apresentou estresse severo, desencadeamento de problemas de saúde física e mental, depressão e efeitos negativos da separação sobre o seu trabalho e carreira, ao contrário dos pais que mantinham contato com os filhos. O autor sugere que, para os pais altamente envolvidos com os filhos antes do divórcio, as conseqüências deste evento sejam superiores, envolvendo muitas perdas, sendo a mais saliente a do relacionamento com os filhos e da participação nas suas atividades de rotina. Para os pais originalmente pouco envolvidos, a adaptação a um esquema rígido de visitas seria menos problemática, pois estaria proporcionando um maior contato entre pai e filho, uma vez que, durante as visitas, o pai teria total responsabilidade sobre a criança. Deste modo, para Kruk, a eventual perda do contato entre pai e filho após o divórcio seria o resultado de uma combinação entre

limitações situacionais e a resposta psicológica do pai à perda do relacionamento com seu filho anterior ao divórcio. Contudo, é necessário cautela ao se considerar estes achados, na medida em que a avaliação do envolvimento anterior ao divórcio foi realizada retrospectivamente pelos pais. Além disto, existem inconsistências entre os resultados de diferentes estudos a respeito desta questão. Por exemplo, Wallerstein e Kelly (1998) verificaram que 18 meses após a separação dos pais não havia nenhuma correlação entre os padrões de visita existentes naquela época e o relacionamento pai-criança anterior à separação.

A fim de verificar a continuidade do envolvimento paterno pós-divórcio – definido aqui não apenas pela frequência de visitas, mas também pela participação em diversas áreas da vida da criança, como celebração de datas importantes, discussão de problemas, recreação, férias, eventos da escola ou igreja e atividades rotineiras – Tepp (1983) realizou um estudo longitudinal com 34 pais sem-custódia e 26 ex-esposas, entrevistados em dois momentos: um ano e três anos após o divórcio. O autor verificou que estes pais costumavam engajar-se em atividades recreativas com os filhos, sair para jantar e almoçar, visitar parentes, ou ficar em casa vendo TV e conversando. Foi encontrada, no entanto, uma discrepância entre comportamentos de envolvimento e os sentimentos relacionados a estes: alguns pais que viam raramente seus filhos se sentiam envolvidos com eles, bem como alguns pais que se sentiam pouco envolvidos viam as crianças com uma frequência elevada. Em decorrência disto, um decréscimo na visitas não significava um decréscimo no envolvimento.

De acordo com Tepp (1983), as visitas lembradas por estes pais como especialmente boas os fizeram se sentir importantes ou especiais, e deram aos pais a sensação de viverem em uma família normal, não divorciada, aumentaram o seu sentimento de pais e engendraram sentimentos de aceitação. Já as visitas especialmente difíceis ocorreram, geralmente, quando os pais tiveram problemas para disciplinar os filhos ou quando a criança viu os pais brigando, e despertaram sentimentos de perda, obrigação e culpa ou de estarem sendo deixados de lado. Os achados deste estudo mostraram que muitos pais referiram sofrer por sentirem-se fora da função de paternagem e visitantes na vida dos filhos, além de perceberem que, com o tempo, havia uma diminuição na excitação da criança com as suas visitas.

Com o intuito de investigar, através de uma abordagem qualitativa, como os pais sem custódia negros percebiam e definiam seu papel e responsabilidades, Hamer (1997) realizou entrevistas semi-estruturadas com 38 pais negros norte-americanos, separados ou

nunca casados. A autora verificou que, para estes pais, seus principais papéis e funções seriam: passar tempo com a criança, se fazendo presente; prover apoio emocional; prover disciplina, ensinando o que é certo e o que é errado; ser um modelo, sempre tentando fazer aquilo que é certo; ensinar os meninos a serem homens, e as meninas a serem damas; e, como função menos importante, prover suporte financeiro. Assim, dentre os pais que participaram deste estudo, aqueles que passavam pouco tempo com os filhos não se sentiam bons pais, não importando as circunstâncias que os distanciaram dos filhos.

Em um estudo qualitativo realizado com doze pais da cidade de Porto Alegre, sete de famílias nucleares e cinco de famílias monoparentais (pais separados ou nunca casados, cujos filhos viviam com as mães), Ramires (1997) investigou como e em que medida os pais participavam da criação e educação de seus filhos, e como eles vivenciavam subjetivamente o exercício de sua paternidade. A autora verificou que, independentemente da situação matrimonial, os pais desejavam participar da criação e do cuidado dos filhos, e envolver-se nas tarefas e atividades do dia-a-dia. Vários pais relataram seu envolvimento na gravidez de suas esposas, nos cuidados com seus bebês, na educação e cuidados das crianças, e em brincadeiras. Além disto, realizavam atividades como plantões noturnos para cuidar do bebê, levar e buscar na escola, levar ao pediatra, ao posto de vacinação e ao parque. Os pais de famílias monoparentais também almejavam assumir a criação dos filhos, embora, algumas vezes, este desejo fosse visto como inalcançável.

Os pais de famílias nucleares manifestaram mais gratificação com o papel paterno, enquanto nos de famílias monoparentais predominavam vivências de frustração. Ramires alerta, no entanto, que mesmo os pais que viviam com seus filhos encontravam, muitas vezes, empecilhos para o exercício da paternidade, sendo o principal a falta de tempo, devido às obrigações de trabalho. Esta situação originava sentimentos de culpa e dívida para com os filhos. Além disto, um sentimento de exclusão face à relação mãe-filho(a) foi encontrado em grande parte dos pais de ambas as configurações familiares examinadas. Este papel secundário era questionado por alguns homens, que relataram certa competição do casal na criação dos filhos. Outros, por sua vez, aceitavam que a mãe tivesse um papel primário, pois percebiam-se como incompetentes para cuidar dos filhos, principalmente enquanto bebês.

Também examinando a paternidade em diferentes configurações familiares – divorciados, separados, nunca casados e recasados – McKenry, McKelvey, Leigh e Wark (1996) buscaram examinar as diferenças do envolvimento paterno, satisfação e bem-estar de 410 pais, através de questionários auto-administrados. Neste estudo, o envolvimento

paterno foi definido como freqüência de visitação, tempo utilizado em várias atividades com os filhos, satisfação do pai, qualidade do relacionamento com a mãe da criança, bem-estar emocional e influência percebida nas decisões que afetavam a criança. Os autores encontraram muitas similaridades entre os grupos em relação às dimensões estudadas. Porém, diferenças notáveis foram verificadas quanto aos níveis de envolvimento, sugerindo que os pais não-residentes não podem ser vistos como uma única entidade. Pais separados e divorciados visitavam seus filhos com freqüência significativamente maior que os pais nunca casados ou recasados, e estes últimos tendiam a perceber que tinham menos influência sobre a criança. No entanto, os grupos de pais separados e dos que nunca haviam casado evidenciaram níveis significativamente maiores de bem-estar que o grupo dos pais recasados, sendo os maiores níveis de bem-estar os dos pais nunca casados. Os autores propõem que, talvez, isto reflita a menor expectativa social para que estes pais se envolvam com os filhos. Apesar disso, os pais nunca casados realizavam diversas atividades com os filhos, sugerindo que eles estavam mais envolvidos e interessados pelo papel paterno do que costuma ser referido na literatura. Os pais recasados sentiam como prazerosa a relação com seus filhos, continuando envolvidos em atividades importantes. Esta discrepância entre desejo de envolvimento e visitação real poderia ser a causa do baixo bem-estar, além da necessidade de conciliar as responsabilidades da nova relação com as da relação anterior, o que tende a ser uma fonte de constantes conflitos. Seltzer (1991) também verificou que os pais cujos filhos nasceram fora do casamento mostraram-se menos envolvidos em todas as dimensões avaliadas (contato social, suporte econômico e influência nas decisões sobre a vida do filho). Mas, uma vez que o contato pai-filho tivesse sido estabelecido, os pais criavam uma nova relação com a criança, independente da sua história conjugal.

Justificativa e objetivos do estudo

Como pode ser verificado através da literatura revisada, o exercício, por parte do pai, de um papel ativo nos cuidados e criação dos filhos vem sendo destacado como de fundamental importância tanto para o pai quanto para o desenvolvimento da criança. Além disto, o envolvimento paterno tem aumentado consideravelmente entre os pais que vivem com seus filhos, acompanhado de um maior desejo de participação na vida das crianças.

No que se refere aos pais não-residentes, embora diversos estudos mostrem que eles costumam se afastar dos filhos ou desenvolver uma relação baseada unicamente em visitas e recreação (Furstenberg & Nord, 1985; Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991;

Tepp, 1983), alguns destes pais são capazes de manter suas funções paternas, preservando uma relação próxima e profunda com os filhos (Amato & Gilbreth, 1999; Furstenberg & Nord, 1985; Griffin, 1998; Hamer, 1997; Kruk, 1991; Maccoby & cols., 1993; Mott, 1990; Ramires, 1997; Seltzer, 1991; Tepp, 1983; Wallerstein & Kelly, 1998).

No entanto, a literatura que aborda o envolvimento de pais não-residentes apresenta algumas lacunas. Grande parte dos estudos define o envolvimento paterno apenas em termos quantitativos, através de medidas como frequência e duração de visitas, valor do suporte financeiro e frequência de conversas com a ex-esposa sobre a criança (Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991; Teachman, 1991). Alguns pesquisadores introduzem variáveis qualitativas, como as atividades que os pais realizam com os filhos, a influência que eles percebem ter na vida da criança e os fatores relacionados com a continuidade do envolvimento (Furstenberg & Nord, 1985; Madden-Derdich & Leonard, 2000; McKenry & cols., 1992; McKenry & cols., 1996; Stone & McKenry, 1998). Porém, esses aspectos são abordados de modo limitado e superficial, através do levantamento de dados pontuais de grandes amostras populacionais.

Vários pesquisadores apontaram a necessidade de que estudos sobre o envolvimento de pais não-residentes utilizem abordagens qualitativas, buscando uma avaliação mais compreensiva e completa da qualidade do relacionamento entre pai e filho (Amato & Gilbreth, 1999; McKenry & cols., 1996; Seltzer, 1991). De acordo com Furstenberg e Nord (1985), investigações a respeito de como e por que os pais não-residentes desistem de seus filhos têm vital importância no entendimento do impacto da separação física sobre a parentalidade, bem como no planejamento de programas de intervenção. Entretanto, são raras as pesquisas que examinam o envolvimento de pais não-residentes, e os sentimentos relacionados a este, através de abordagens qualitativas ou de instrumentos não diretivos (Hamer, 1997; Kruk, 1991; Ramires, 1997; Tepp, 1983). Estes estudos verificaram um desejo de envolvimento por parte dos pais que, quando concretizado, gera diversos sentimentos positivos nestes homens. Foi observado um maior sofrimento psicológico nos pais mais envolvidos com seus filhos num período anterior à separação, o que dificultava seu envolvimento posterior. Além disto, parece haver uma discrepância entre os comportamentos de envolvimento e os sentimentos relacionados a estes.

Outra limitação dos estudos sobre pais não-residentes é que a maioria deles refere-se apenas a pais divorciados das mães de seus filhos (Ahrons, 1983; Braver & cols., 1993; Maccoby & cols., 1993; Madden-Derdich & Leonard, 2000; McKenry & cols., 1992;

Stone & McKenry, 1998; Seltzer & Brandeth, 1995; Teachman, 1991; Tepp, 1983), enquanto outros não realizaram uma distinção entre pais separados e nunca casados (Furstenberg & Nord, 1985; Hamer, 1997; Nord & Zill, 1997; Ramires, 1997; Seltzer, 1991). McKenry e colaboradores (1996), contudo, afirmaram que os pais não-residentes não podem ser tratados como uma entidade única, pois existem diferenças notáveis nos níveis de envolvimento relativos às diferentes configurações familiares.

Cabe também destacar que grande parte das pesquisas sobre envolvimento de pais não-residentes é respondida pelas mães (Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991; Teachman, 1991). Braver e colaboradores (1991) afirmaram que o genitor que não possui a guarda da criança costuma reportar um número significativamente maior de visitas, bem como de negação de vistas por parte do ex-cônjuge, do que o genitor residente. Este, ao contrário, costuma reportar uma porcentagem bastante superior de não comparecimento às visitas por parte do genitor não-residentes. Do mesmo modo, Ahrons (1991) afirmou que existem muitas discrepâncias entre as percepções de envolvimento paterno de pais e mães, sendo que os pais costumam perceber-se como tendo uma participação maior na criação dos filhos do que a descrita pelas mães. Segundo o autor, estas disparidades podem ser causadas pelas diferentes expectativas de homens e mulheres, visto que as mulheres são socializadas para esperarem mais de uma relação do que os homens.

Tendo em vista estas questões, o presente estudo buscou examinar, através de uma abordagem qualitativa, os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno em três grupos: pais que nunca residiram com seus filhos, pais que residiram com os filhos por algum tempo, e pais que sempre residiram com seus filhos. Foram examinadas as semelhanças e particularidades referentes aos sentimentos dos pais e ao seu envolvimento com seus filhos tanto dentro de cada um dos grupos, como entre os diferentes grupos.

Embora a literatura a respeito dos pais não-residentes apresente diversas inconsistências e caracterizações bastante contraditórias sobre o exercício da paternidade, foram formuladas algumas expectativas para este estudo. Esperava-se que os pais residentes apresentassem, em relação aos pais não-residentes, um envolvimento mais amplo com seus filhos, incluindo uma mais variada gama de atividades, como as de cuidado. Contudo, esperava-se que todos os pais mostrassem um maior envolvimento e uma preferência por atividades de interação social do que de cuidado. Esperava-se também que os pais residentes se mostrassem mais acessíveis, disponíveis para seus filhos, e também mais responsáveis em relação à sua criação e sustento econômico. Outra

expectativa, baseada na literatura, era de que os pais não-residentes, especialmente aqueles que viveram com os filhos durante seus primeiros meses de vida, vivenciassem uma maior insatisfação quanto à paternidade, com sentimentos de confusão e frustração, bem como um maior descontentamento com a relação pai-filho. Além disso, esperava-se a existência de maiores dificuldades de diálogo, bem como um alto grau de conflito entre pai e mãe nos grupos de pais não-residentes, o que diminuiria suas possibilidades de exercer uma parentalidade cooperativa.

CAPÍTULO II

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo nove pais, divididos igualmente em três grupos: pais não-residentes, que nunca haviam morado com seus filhos e com as mães destes; pais não-residentes que haviam morado com seus filhos e as mães por algum tempo (até que as crianças tivessem idade entre 9 e 28 meses) e não residiam mais com as crianças; pais residentes, que sempre moraram com os seus filhos e as mães destes, desde a gestação³. Os pais residiam em Porto Alegre, tinham idade entre 27 e 43 anos ($M = 32,9$) e apenas um filho ou filha, com idade entre 12 e 40 meses. A Tabela 1 apresenta as características demográficas dos participantes.

Tabela 1: Características demográficas dos participantes⁴

PAIS NÃO-RESIDENTES: NUNCA RESIDIRAM COM OS FILHOS						
Pai	Idade Pai (em anos)	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Bebê	Idade Bebê (em meses)
Lucas	43	casado	médio completo	comercial	Mara	23
César	28	solteiro	superior completo	profissional liberal	Luana	16
Édson	36	solteiro	superior completo	profissional liberal	Leonardo	12
PAIS NÃO-RESIDENTES: RESIDIRAM COM OS FILHOS POR ALGUM TEMPO						
Jorge	32	separado	superior completo	profissional liberal	Mariana	40
Júlio	27	solteiro	pós-graduação incompleta	militar	Bruno	20
Douglas	29	separado	superior incompleto	gerente de estab. comercial	Lívia	14
PAIS RESIDENTES						
Leandro	37	casado	superior incompleto	servidor público	Luciano	24
Rafael	37	casado	superior completo	profissional liberal	Ana Maria	27
Luis	27	casado	superior completo	vendedor	Isadora	21

Os participantes foram selecionados através de diferentes estratégias. Inicialmente, foram enviadas cerca de 40 cartas para os pais de alunos de quatro escolas de educação infantil, contatadas pela autora. Nas cartas, foram explicados os objetivos da pesquisa e os pais foram convidados a participar, devendo, para isto, entrar em contato com a pesquisadora via telefone. Esta estratégia resultou em um retorno de apenas um pai (grupo de pais residentes). De acordo com Daly (1996), o envio de cartas convidando pais para

³ Cinco pais residentes foram inicialmente entrevistados. Contudo, a fim de deixar os grupos iguais, e para limitar a extensão do trabalho, optou-se por excluir dois destes pais. Os três escolhidos foram os pais que responderam à entrevista de uma maneira mais ampla e profunda, e que apresentavam maior variabilidade a em relação ao modo como vivenciavam a paternidade.

⁴ Todos os nomes foram alterados para preservar a confidencialidade.

participar de pesquisas sociais têm se mostrado especialmente ineficiente. Em um estudo realizados pela autora, ela enviou 80 cartas e obteve a aceitação de apenas três pais. No presente estudo, a segunda estratégia consistiu em contatar diretamente alguns pais e convidá-los a participar do estudo. Uma das escolas infantis contatadas inicialmente concordou em viabilizar o contato, via telefone, entre a pesquisadora e cinco pais (um pai que nunca havia residido com seu filho, dois pais que haviam residido com seus filhos por algum tempo e dois pais residentes⁵), os quais tinham um bom vínculo com a escola e se enquadravam nos critérios para participação no estudo. Esta estratégia resultou no aceite de todos os pais. Outra estratégia que teve que de ser utilizada para completar os casos almejados foi a indicação de pais que poderiam fazer parte do estudo. Seis destes pais foram contatados, dentre os quais cinco concordaram em participar do presente estudo (dois que nunca haviam residido com seus filhos, uma que havia residido com seu filho por algum tempo e dois pais residentes).

Foi também tentado o contato com pais cujos filhos participavam de um estudo longitudinal realizado pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS⁶. Este estudo vem acompanhando algumas mães solteiras e separadas, através das quais buscou-se o contato com os pais de seus filhos. Dentre os quatro casos que preenchiam os critérios de seleção para o presente estudo, em um destes a mãe não concordou que o pai fosse convidado, alegando que ele nunca se interessou pelo filho, enquanto que os outros três pais foram convidados, via telefone, mas não aceitaram participar do estudo.

Delineamento e procedimentos

Foi utilizado um delineamento de estudo de casos coletivos (Stake, 1994), envolvendo três grupos: pais não-residentes que nunca moraram com seus filhos; pais não-residentes que moraram por algum tempo com seus filhos; e pais residentes, que sempre moraram com seus filhos. Foram examinadas as semelhanças e particularidades referentes aos sentimentos dos pais e ao seu envolvimento com seus filhos, tanto dentro de cada um dos grupos, quanto entre os diferentes grupos.

⁵ Estes dois pais residentes não foram incluídos no presente estudo, conforme mencionado em nota anterior (1).

⁶ Este estudo, intitulado “Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestação à Escola”, acompanha aproximadamente 100 casais da gestação ao segundo ano de vida da criança, envolvendo diferentes idades, níveis sócio-econômicos e configurações familiares.

O primeiro contato com os pais realizou-se via telefone, quando foram explicados os objetivos da pesquisa e garantidos o direito ao sigilo e a opção em não participar do estudo. Aqueles que aceitaram participar responderam à **Ficha de contato inicial**, por telefone, e foi marcado um encontro, na casa ou local de trabalho do pai, ou na universidade, para a realização da coleta de dados. Neste momento, os participantes foram solicitados a assinar um **Consentimento informado** sendo, posteriormente, realizada a **Entrevista de dados demográficos** e a **Entrevista sobre a paternidade e envolvimento paterno**. Esta entrevista foi gravada em fita-cassete, mediante consentimento dos participantes.

Considerações éticas sobre o estudo

Os princípios éticos da pesquisa concernem à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes. Em atenção a tais princípios, este projeto previu a realização de alguns procedimentos, que são descritos a seguir. Além disto, o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cópia da resolução deste comitê, com a aprovação da presente pesquisa, encontra-se no anexo A.

Os princípios éticos centrais para a pesquisa em psicologia foram sumarizados por Barker, Pistrang e Elliot (1994), e agrupados em três eixos: consentimento informado, minimização de prejuízos potenciais ou privação de benefícios, e garantia da confidencialidade e proteção da privacidade. A resolução número 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, a qual dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos, destaca a importância da observação destes mesmos aspectos. De acordo com Barker e cols. (1994), o consentimento informado refere-se à revelação, por parte do pesquisador, dos principais objetivos e procedimentos do estudo, possibilitando à pessoa uma decisão livre e informada sobre sua participação. De acordo com os autores, o consentimento deve conter, no mínimo: uma descrição dos procedimentos do estudo; explicação dos potenciais riscos e benefícios; o oferecimento, por parte do pesquisador, para responder qualquer questão a qualquer momento; a garantia de que o participante poderá retirar seu consentimento a qualquer momento; e um espaço para a assinatura do participante.

O segundo princípio ético apresentado pelos autores refere-se à minimização de prejuízos potenciais aos participantes, ou privação de benefícios. Segundo os autores, uma pesquisa só é eticamente válida caso os seus benefícios, para a sociedade em geral, sejam

maiores do que os possíveis prejuízos causados aos participantes. Quanto ao presente estudo, seus riscos consistiam, principalmente, na possibilidade de sofrimento psíquico dos pais, gerado pela referência a situações dolorosas, como fracasso da união conjugal, separação, divórcio, distanciamento do filho e insatisfação com seu papel enquanto pai. Portanto, de acordo com a resolução 016/2000 do CFP, esta pesquisa enquadra-se na categoria de Pesquisa de Risco Mínimo.

O terceiro princípio ético diz respeito à garantia de confidencialidade e proteção da privacidade. A confidencialidade busca garantir que terceiros não terão acesso aos dados do participante, enquanto a privacidade concerne ao seu direito de não prover algumas informações ao pesquisador. Neste estudo, estes dois direitos foram garantidos no consentimento informado.

Instrumentos

1) **Ficha de contato inicial:** esta ficha é uma adaptação daquela utilizada pelo GIDEP (1998a) e foi preenchida pela pesquisadora, por telefone, tendo como objetivo conhecer e selecionar os possíveis participantes do estudo. Para tanto, investigou alguns dados como idade, escolaridade, profissão, estado civil, número de filhos e suas idades (Cópia no Anexo B).

2) **Consentimento informado:** este documento é uma adaptação do consentimento utilizado pelo GIDEP (1998b), e visou informar aos participantes os principais objetivos da pesquisa, possibilitando uma decisão livre e informada sobre sua participação. Buscou ainda garantir o direito à confidencialidade e privacidade, bem como a possibilidade de retirar-se do estudo a qualquer momento. A pesquisadora ainda informou seu nome e telefone, colocando-se à disposição para responder quaisquer dúvidas. Foi assinado em duas vias, permanecendo uma com a pesquisadora e outra com o participante (Cópia no Anexo C).

3) **Entrevista de dados demográficos:** este instrumento é uma adaptação da entrevista de dados demográficos utilizada pelo GIDEP (1998c), e visou obter dados demográficos como idade, estado civil, profissão e escolaridade (Cópia no Anexo D).

4) **Entrevista sobre paternidade e envolvimento paterno** (Silva & Piccinini, 2001): foi realizada com os pais, buscando verificar seus sentimentos a respeito da paternidade e da

relação com seus filhos, e como estava se dando o seu envolvimento (direto ou indireto) com a criança. Esta entrevista foi organizada em sete blocos de questões, os quais investigavam: aspectos do desenvolvimento da criança; o envolvimento paterno; a qualidade do relacionamento entre pai e criança; a avaliação da paternidade; a qualidade do relacionamento entre pai e mãe; e a história do casal e da criança. As questões foram apresentadas aos pais seguindo a seqüência de temas exposta acima, de modo que a entrevista começava por questões relativas à criança e ao dia-a-dia dos pais, para só depois tratar de temas mais complexos, como a história do casal. Cada tema era examinado através de questões abertas e, quando necessário, a pesquisadora utilizava sub-questões para obter maiores esclarecimentos. Esta entrevista possuía três versões: uma para os pais residentes e duas para os pais não-residentes (uma para os que nunca residiram com seus filhos e outra para os que residiram com eles por algum tempo), as quais abordavam, ainda, os eventuais efeitos deste distanciamento sobre a relação com os filhos e a existência de novos relacionamentos amorosos do pai e/ou da mãe (Cópias nos Anexos E, F e G). A entrevista demorava aproximadamente uma hora, era gravada e, posteriormente, transcrita.

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise realizada no presente estudo teve como objetivo verificar as semelhanças e particularidades presentes nas falas dos pais, residentes e não-residentes, sobre seus sentimentos em relação à paternidade e seu envolvimento com seus filhos. As respostas dos pais à *Entrevista sobre a paternidade e o envolvimento paterno* foram examinadas através da Análise de Conteúdo Qualitativa, conforme descrita por Bardin (1977) e Laville e Dionne (1999). Com base nesta técnica, o conteúdo manifesto dos textos foi recortado e organizado em categorias temáticas, as quais privilegiaram as especificidades e nuances de sentido presentes no texto, não se detendo às frequências. Na definição das categorias, seguiu-se o modelo aberto, proposto por Laville e Dionne (1999), no qual as categorias são construídas no curso da própria análise, embora tenham como base a literatura revisada. Neste caso, foi especialmente utilizado como referência o conceito de envolvimento paterno de Lamb e cols. (1985). A construção e identificação das categorias temáticas foi realizada pela autora desta dissertação, juntamente com duas graduandas em psicologia, as quais leram repetidas vezes o material e discutiram as dúvidas existente até chegar a um consenso. As categorias não são excludentes e exclusivas, sendo possível que um mesmo trecho da entrevista fosse classificado em mais de uma categoria, caso se pudesse verificar nele a presença de diferentes temáticas. Deste modo, buscou-se uma compreensão mais ampla e menos limitante do conteúdo das falas dos participantes.

A análise de conteúdo qualitativa teve como base quatro eixos interpretativos, os quais foram extraídos da literatura revisada e nortearam o presente estudo: **envolvimento paterno**, **relacionamento pai-criança**, **avaliação da paternidade** e **relacionamento pai-mãe**. Cada um destes eixos foi detalhado em diversas categorias temáticas, conforme descrito a seguir. O primeiro eixo interpretativo, denominado de **envolvimento paterno**, diz respeito ao modo como o pai participa da vida de seu filho, avaliando os principais aspectos constitutivos do envolvimento paterno, de acordo com Lamb e cols. (1985). Este eixo inclui seis categorias temáticas: *avaliação do seu envolvimento atual*, *envolvimento durante a gestação*, *interação atual*, *interação anterior à separação*⁷, *acessibilidade e disponibilidade*. O segundo eixo, **relacionamento pai-criança**, refere-se à qualidade desta relação, conforme avaliada pelo pai. Este eixo inclui quatro categorias: *avaliação do relacionamento com a criança*, *avaliação da criança*, *efeitos de viver longe do pai sobre a*

*criança e novos relacionamentos dos pais*⁸. O terceiro eixo interpretativo, **avaliação da paternidade**, diz respeito ao modo como o pai vivencia o papel de pai e, no caso dos não-residentes, a paternidade à distância. Dentro deste eixo, foram criadas cinco categorias: *sentimentos relativos à paternidade, características como pai, modelos de pai, principal atribuição/função do pai e dificuldades vividas pelo pai*. O quarto eixo, **relacionamento pai-mãe**, diz respeito ao modo como pai e mãe interagem. Este eixo inclui duas categorias: *avaliação da mãe e grau de conflito entre pai e mãe*. Cada uma das categorias temáticas apresentadas acima foi também dividida em subcategorias. O Anexo H apresenta a estrutura geral de análise dos relatos dos participantes, incluindo os eixos interpretativos, as categorias temáticas e as subcategorias.

A seguir, serão apresentados os casos analisados, reunidos em três grupos. Na Parte 1, serão apresentados, individualmente, os três casos de pais que nunca residiram com seus filhos. Na Parte 2, serão apresentados os três casos de pais não-residentes que viveram com seus filhos e, posteriormente, se separaram. Por fim, na Parte 3, serão apresentados os três casos de pais residentes. Na apresentação dos casos, serão destacados, inicialmente, alguns aspectos de sua história. Logo após, cada um dos eixos interpretativos será examinado, com base na estrutura de categorias descrita acima, sendo exemplificados através de vinhetas oriundas das próprias entrevistas⁹. Ao final de cada parte, serão discutidas as semelhanças e particularidades entre os pais pertencentes ao grupo.

⁷ Esta categoria foi incluída apenas nas análises das entrevistas de pais não-residentes.

⁸ As duas últimas categorias referem-se apenas às entrevistas de pais não-residentes.

⁹ Foram feitas algumas correções gramaticais nas falas dos participantes a fim de facilitar a leitura, sem alterar seu sentido. Os parênteses significam que foi retirada alguma parte das falas dos participantes que não se referiam ao tema em questão ou que se mostravam repetitivas ou demasiadamente longas. Os colchetes, por sua vez, indicam acréscimos feitos pela autora visando clarificar o texto ao leitor.

Parte 1: Pais Não-residentes – Nunca Residiram com seus Filhos

Caso 1: Lucas¹⁰

História do caso

Lucas é pai de Mara, que está com 1 ano e 11 meses. Ele é comerciante e trabalha aproximadamente 40 horas por semana, embora seu horário seja flexível. A mãe de Mara, Sônia, trabalha na área financeira. Ambos possuem um bom padrão de vida, que poderia ser classificado como nível sócio-econômico médio. Lucas é casado há 14 anos, mas não com Sônia, com quem teve um relacionamento extra-conjugal. Lucas e Sônia se conheceram há 17 anos, através de amigos em comum. Eles namoraram durante cinco meses e depois se afastaram, porém nunca totalmente. Sempre mantiveram contato por telefone e se encontravam eventualmente. Lucas refere que, durante este período, não pensavam em namorar. Há sete anos, quando Lucas já estava casado, resolveram reatar o relacionamento.

Lucas afirma que nunca quis ter filhos, tanto que não os tem com sua esposa, com quem fez uma espécie de acordo. No entanto, Sônia queria muito um filho, e decidiu tê-lo mesmo contra a vontade de Lucas. Deste modo, ela o avisou que pararia de tomar anticoncepcionais, ao que ele rompeu o relacionamento. Algum tempo depois, no entanto, ele a convidou para uma festa, onde ele bebeu bastante e, conforme suas palavras, *“perdi o controle e está aí a Mara”*. A notícia da gravidez de Sônia foi recebida por Lucas como algo terrível, que ia contra os seus princípios e tudo que havia planejado para sua vida. Durante a gestação, Lucas não conseguia aceitar o fato de que seria pai e, portanto, teve uma participação mínima durante os nove meses. Esta aceitação foi ocorrendo depois que a filha nasceu, e hoje ele se surpreende com suas habilidades e satisfação no papel de pai.

Lucas acredita que, em breve, terá que contar à sua esposa que tem uma filha, e teme este momento, pois gosta de sua mulher e deseja manter o casamento. Ele também se preocupa com o modo como Mara interpreta sua situação, porque ela sabe que seu pai tem outra casa, na qual ela não pode ir. Ele não gostaria de manter a filha nesta situação, e sofre quando ela pede que ele não vá embora. Neste momento, seu relacionamento com Sônia está um pouco difícil. Ela está pressionando para que Lucas abandone sua esposa, o que ele não pretende fazer.

¹⁰ Todos os nomes foram alterados, visando evitar a identificação dos participantes. Medidas neste sentido também foram tomadas em relação a outras informações que pudessem identifica-los, como ocupação e local de trabalho.

Envolvimento paterno

Durante a gestação, como mencionado anteriormente, o envolvimento de Lucas foi muito pequeno. Ele não desejava esta gravidez, não queria ser pai. Não acompanhou a nas consultas pré-natais e não participou do parto, assistindo apenas a uma das ecografias. Lucas descreve a gestação como um período de intenso sofrimento: *“Eu fiquei doente, doente, doente. Eu não consegui [se envolver com a gestação].”*

Atualmente, contudo, Lucas se considera um pai bastante participativo. Seu envolvimento tem se mostrado muito superior às suas expectativas, as quais previam uma pequena participação, uma vez que ele não desejava ter filhos e que sua situação conjugal impõe algumas restrições. No entanto, Lucas afirma que gostaria de ter um envolvimento ainda maior, o que é impossibilitado pela necessidade de ocultar de sua esposa a existência da filha, embora ele afirme que *“eu sempre tô perto, se eu saio eu fico ligado, eu só não durmo lá, [mas] de dia eu passo o dia inteiro ligado.”*

Quanto à interação, Lucas refere que, embora precise se dividir entre duas famílias, tem uma considerável participação nos cuidados de Mara. Ele esquenta a sua mamadeira, veste, faz dormir, leva e busca a filha na escola e acompanha ela e a mãe às consultas médicas. Porém, as tarefas relacionadas à higiene, como a troca de fraldas e o banho, não lhe agradam, ficando ao encargo de Sônia: *“Não sei, frescura, não que eu tenha alguma coisa contra assim, mas eu nunca troquei. (...) não que eu seja contra, é mais fácil.”*. Fazer a filha dormir também é referida como uma atividade, por vezes, desagradável: *“Menos gosto é as encenações pra dormir, quando demora pra dormir, isso aí eu tenho vontade de fugir, quando começa aquela bronca pra dormir sabe, e se mexe e remexe é o que eu menos gosto.”*

Lucas gosta muito de brincar com a filha, sendo as brincadeiras motoras mais freqüentes: *“Eu até já cheguei a machucar ela brincando. Ela gosta de avião e eu pego ela pelos braços e pernas e rodo.”* O pai também considera Mara uma excelente companhia para passeios, sendo esta a atividade que ele mais gosta de realizar com a filha: *“Mais gosto... Sair, passear, que é mais light assim, que ela gosta também sabe, ela gosta de tá circulando assim, vai lá na pracinha, larga ela vai prum lado, pro outro.”*

Em relação à acessibilidade, Lucas refere estar bastante disponível para sua filha, apesar de não viver com ela e precisar ocultar esta relação de sua esposa. Ele afirma que isto é possibilitado pela flexibilidade dos seus horários de trabalho, bem como pela liberdade que ele e a esposa sempre deram um ao outro. Assim, ele dedica à filha todas as noites, após o horário em que a criança volta da escola, e durante todo o Sábado. O

Domingo está reservado à sua esposa, embora ele consiga passar algumas tardes com Mara: *“Todos os dias, todos os dias (...) espero ela na escolinha, às vezes eu vou levar ela na escolinha e depois eu vou buscar ela na escolinha e depois eu fico lá até dez horas (...) Sábado quase que na totalidade e Domingo menos, Domingo só à tarde.”* O pai considera o tempo em que está com a filha muito agradável.

Além do contato direto com a filha, Lucas conversa com ela por telefone. Ele também participa das atividades organizadas por sua escolinha e de suas festas de aniversário. O Natal é considerado “um problema”, pois ele precisa ficar com sua esposa. Até o presente momento, ele acredita que Mara ainda não entende que ele não está presente, mas imagina que precisará resolver sua situação antes do próximo Natal.

Quanto à responsabilidade, percebe-se que Lucas tem uma boa participação nas decisões a respeito de Mara. As conversas entre Sônia e ele a respeito da filha são freqüentes, se referindo, basicamente, aos cuidados e criação da criança, e ao seu dia-a-dia: *“Eu converso do que eu não gosto também, sempre (...) as coisas que eu não gosto e as coisas que gosto. E ela também. Ela me cutuca nas coisas que eu não faço legal, todos os dias a gente conversa, sobre tudo.”* Lucas afirma que existem muitas discordâncias entre Sônia e ele a respeito da criação de Mara, pois ele acha que a mãe *“faz muito as vontades”* da filha.

Lucas também demonstra suas responsabilidades na criação de Mara através de algumas preocupações relativas ao seu bem-estar e educação. Estas dizem respeito, principalmente, à importância de que ela freqüente a escola e à necessidade de impor limites: *“Tem que ter uma diretriz, e essa diretriz não pode ser ‘ah cede um pouquinho por isso, cede um pouquinho por aquilo’. Tem que formar a personalidade dela, pra depois poder... Aí pode ceder, porque se ela formar agora, depois não adianta, aí não vai virar ao contrário mais.”* Também se referem ao modo como ela possa estar interpretando a situação em que vive o pai: *“Isso é uma coisa que me preocupa bastante, que às vezes eu vou embora e ela diz ‘Não vai embora papai’. É complicado. Esses dias ela me disse ‘Na tua casa tem nenê?’, ela me pergunta, então complica um pouco.”*

Em relação às responsabilidades financeiras, Sônia é, atualmente, responsável pela maior parte das despesas de Mara. De acordo com Lucas, esta é uma situação momentânea, pois ele está montando um novo negócio, e Sônia tem salário fixo.

Relacionamento pai-criança

Lucas define seu relacionamento com Mara como bastante prazeroso, destacando o entrosamento entre pai e filha. Ele acredita que, com o tempo, a tendência é que este

relacionamento se torne ainda melhor, pois Mara poderá acompanhá-lo em um maior número de atividades: *“Eu acho que vai ficar cada vez melhor ela vai ser minha parceira (...) A minha mulher nunca me acompanhou, a Sônia me acompanhou pouco, não como eu queria. E ela [Mara] gosta das mesmas coisas que eu.”*

Quanto ao modo como Lucas descreve Mara, percebe-se que ele a considera uma criança inteligente, ativa, sociável e com um bom desenvolvimento: *“Ela presta atenção em tudo (...) Muito esperta, muito ligada, sempre ligada, não escapa nada.”* Também destaca a capacidade de liderança da filha, como uma característica que ela herdou do pai. No entanto, ele afirma que ela é muito teimosa, demonstrando, mais uma vez, sua preocupação com a imposição de limites: *“Qualquer coisinha, ah, se joga no chão, fica se batendo.”*

Lucas refere que o fato de não residir com a filha tem alguns efeitos negativos para a criança. Ela sente falta do pai, principalmente durante a noite, quando ele vai para casa, e isso tem sido uma grande preocupação para ele: *“Ela às vezes não quer que eu vá embora, às vezes eu to fora lá e ela pergunta, ela se acorda ‘papai’. E ela me chama...”*

Avaliação da paternidade

Lucas afirma que está bastante contente, feliz com o papel de pai: *“Ah eu tô bem, eu tô curtindo um monte a história né, to gostando um monte. Se eu soubesse que era legal eu até tinha me ligado antes nisso aí. Mas eu era arredio assim, nem pensar no fato de ser pai. Mas eu gosto muito hoje.”* Ele se define como um bom pai, bastante próximo de sua filha. No entanto, reconhece que é um pouco desligado e negligente (*“... eu sou um pai meio desligado assim, meio... Não me ligo muito, na encrenca.”*), embora bastante rígido (*“Eu não admito certas coisas (...) eu sou muito rígido, se eu dizer que é pau, pode até virar uma pedra, mas vai ficar um pau enquanto eu quiser.”*).

Lucas é capaz de apontar aspectos positivos e negativos no fato de não viver com sua filha. Como um aspecto negativo, ele refere que sente falta de dormir com Mara, assim como ela sente falta do pai: *“A história de ela acordar e ela querer me ver e querer falar comigo, quer dizer ela acorda e teve um pesadelo e acordou e chama ‘meu papai’ e eu não tô. Ela acorda cedo e diz ‘o meu papai’ e sai pra me procurar e eu... Isso é o que tem de mais negativo.”* Como um ponto positivo, ele afirma que pode “fugir” das situações mais desagradáveis ou difíceis que envolvem a criação de uma criança. Deste modo, a paternidade fica, conforme suas palavras, “mais leve”: *“O positivo é que às vezes dá umas rabugentices nela, umas encrencas e eu tô longe, eu me mando, quando tá muito pesado eu deixo cair tudo. Eu não participo da parte ruim. Muitas vezes eu participo, mas outras eu saio fora na parte ruim. Depende do meu estado de espírito eu abandono a parte ruim.”*

Quanto aos aspectos transgeracionais, Lucas refere ter o seu pai como um modelo, embora seja diferente dele em alguns aspectos. Seu pai é tido como um modelo especialmente no que se refere à educação: *“O meu pai puxava pelo lado da educação, o lado certo das coisas (...) mas o meu pai não era tão radical quanto eu sou, eu sou muito radical.”* Lucas acredita que as principais funções que um pai deve exercer são participar da criação dos filhos, fazendo-se presente, dar carinho e educá-los, orientá-los. A principal dificuldade que ele sente, no exercício do papel de pai, é lidar com a indisciplina de Mara: *“A maior dificuldade é em aceitar essas coisas que eu acho errado, entendeu. A maior dificuldade que eu tenho é aceitar, tipo deita no chão começa a reclamar e chorar e tal. (...) Acho que se deita no chão e começa a chorar eu vou embora, fica aí. (...) Essa é parte mais difícil, é não respeitar, porque a gente respeitava, eu respeitava, eu sabia o que tinha que fazer.”*

Relacionamento pai-mãe

Embora não estejam mais namorando, o relacionamento entre Lucas e Sônia é bastante bom. Como referido anteriormente, eles possuem um bom diálogo e conseguem tomar decisões em conjunto sobre a criação de Mara: *“A gente conversou isso,(...) a gente discutiu, vamos fazer [colocar Mara na escola].”* Embora existam algumas discordâncias, relacionadas principalmente à imposição de limites, o grau de conflito é baixo: *“Mas tá tudo tranqüilo, tudo numa boa a gente tá junto todos os dias (...) o meu relacionamento com a Sônia é muito bom.”*

Lucas afirma que Sônia é uma boa mãe e incentiva a relação pai-filha. Contudo, a considera muito liberal, falha em termos de disciplina: *“A única coisa que eu contesto é aquela história da vontade. Sempre vou contestar... (...) o único problema que tem é isso, faz as vontades.”*

Discussão dos aspectos singulares do caso

Na entrevista de Lucas, chama atenção a ênfase colocada por ele no fato de que não desejava ser pai, e este aspecto parece ser fundamental para a compreensão do modo como ele exerce a paternidade. Não existia espaço para uma criança em sua vida, já bastante desorganizada pelo seu relacionamento extra-conjugal com Sônia, e Lucas não tinha intenção de criar este espaço, ao menos de maneira consciente. Assim, ele rejeitou a idéia de ser pai durante toda a gestação, e ainda se mostrou pouco presente quando Mara era recém-nascida. Contudo, quando cresceu um pouco, o fato de Mara apresentar gostos parecidos com os dele acabou aproximando-os. Ela gosta de suas brincadeiras, de seus passeios, se interessa pelas mesmas coisas que ele. Deste modo, Lucas encontrou na filha

uma companheira, e apegou-se à criança. Neste sentido, Brazelton (1988) destacou que a formação do apego não é executada apenas pelos pais. O bebê contribui para esta tarefa, pois ele já nasce programado com uma grande variedade de capacidades para ir ao encontro de seu pai e sua mãe.

Lucas convive bastante com a filha, mostrando uma alta acessibilidade. Esta situação é bastante favorecida por seu trabalho, que lhe permite uma grande flexibilidade de horários. Contudo, o contato entre Lucas e Mara baseia-se, sobretudo, em interação social, havendo pouco envolvimento em cuidados básicos, o que confirma os achados de vários estudos a respeito do envolvimento paterno (Aquino & Menezes, 1998; Bailey, 1994; Belsky, Gilstrap & Rovine, 1984; Jablonski, 1998). Lucas exerce poucas atividades de cuidado, mostrando uma grande rejeição à participação na higiene da criança, como o banho e a troca de fraldas. Assim, a interação entre pai e filha é constituída, predominantemente, de brincadeiras motoras, corporais, como correr e brincar de avião. Ninio e Rinott (1988) sugerem que este tipo de conduta, característica de muitos pais, requer uma menor sintonia com as capacidades cognitivas da criança, podendo refletir um desconhecimento do nível de desenvolvimento da criança e de sua possibilidade de engajar-se em atividades mais complexas.

Embora dê uma grande ênfase à educação e disciplina, e acredite que a função de disciplinador é um importante constituinte do papel paterno, a responsabilidade maior fica ao encargo de Sônia. Lucas “foge”, vai embora, quando o comportamento de Mara sai do controle dos pais, talvez não suportando se deparar com a impossibilidade de moldar a filha de acordo com seus desejos. Mesmo assim, ele coloca diversas críticas ao modo como Sônia educa e disciplina a filha. Estes relatos apóiam as afirmações de Maccoby e cols. (1993) de que a maior fonte de discordâncias entre pais não-residentes costuma ser o sentimento de cada um dos pais de que o outro é muito indulgente, não disciplinando a criança. Brazelton (1988), por sua vez, colocou que as críticas do pai à competência da mãe de seu filho podem, muitas vezes, estar mascarando suas dúvidas sobre suas próprias capacidades. Neste sentido, pode-se pensar que, devido à grande importância dada por Lucas ao papel de disciplinador, ele sinta que não está exercendo suas funções adequadamente, mas não consiga aceitar esta limitação em si próprio, e sim apenas em Sônia.

Até o presente momento, a paternidade compreende, para Lucas, principalmente os momentos de brincadeiras e descontração, enquanto as responsabilidades foram, em sua maior parte (inclusive financeiras), assumidas por Sônia. Portanto, parece que o papel de

pai ainda não foi totalmente assumido por Lucas, com todos os seus prazeres e dificuldades. Ele encontra no fato de não morar com Mara uma certa tranquilidade, pois pode abdicar deste papel quando ele se torna extremamente pesado. Sua casa representa um porto seguro, onde Mara, suas manhas e suas vontades não podem chegar. Talvez apenas por isto ele tenha conseguido se aproximar da filha, porque este limite impede que ele seja engolido pelas necessidades da filha. Ou seja, a possibilidade de exercer a paternidade de um modo mais leve pode ter permitido que ele aceitasse a condição de pai. De acordo com Wallerstein e Kelly (1998), este parece ser um padrão comum entre pais não-residentes. O fato de não residir com seus filhos funciona, para alguns destes pais, como um facilitador do relacionamento pai-filho, pois eles sentem menos temor de ser esmagados pelas demandas das crianças, uma vez que a estrutura de visitas demarca e limita claramente a interação.

Contudo, o carinho que existe entre ele e a filha parece estar fazendo com que Lucas comece a questionar o tipo de relação que tem com ela, marcado por ausências freqüentes e, deste modo, uma participação parcial em sua vida. Lucas parece encontrar-se entre o temor de estar prejudicando a filha, privando-a de um pai mais presente, e o medo de colocar em risco seu casamento, bem como esta suposta “tranquilidade” de poder ir para casa quando não sabe mais o que fazer com Mara. Ele se preocupa com o bem-estar de Mara, sua educação e o modo como ela entende sua situação, bem como os possíveis efeitos disto. Tem conversado com Sônia a respeito da filha e dividido com ela algumas decisões, conseguindo, de certo modo, exercer uma coparentalidade. O bom relacionamento entre pai e mãe, e a ausência de maiores conflitos, parece ser fundamental para esta situação. Como enfatizam alguns autores (Madden-Derdich & Leonard, 2000), o encorajamento dado pela mãe é fundamental para que o pai continue participando das decisões sobre seus filhos.

Lucas também refere que gostaria de estar mais próximo de Mara, de poder dormir com ela, e sente sua falta. Neste sentido, Thompson e Laible (1999) afirmaram que a impossibilidade de exercer alguma das facetas da paternidade, como partilhar das experiências do dia-a-dia da criança, pode ser vivida pelo pai como uma grande frustração e insatisfação com seu papel. Pode-se pensar que dormir perto da filha represente, para Lucas, um momento de intensa intimidade e proximidade com a filha, do qual ele encontra-se privado.

Caso 2: César

História do caso

César é pai de Luana, que está com 1 ano e 4 meses. Ele tem ensino superior completo e trabalha em sua profissão de formação há 4 anos, em Porto Alegre, tendo uma carga horária média de 35 horas semanais. Luana reside com a mãe e uma tia-avó em outro estado, a aproximadamente 600 quilômetros de distância de Porto Alegre, na cidade onde moram os pais de César. De acordo com ele, o seu relacionamento com a mãe de Luana, Míriam, nunca chegou a se constituir em um namoro. Eles se encontravam quando César ia até sua cidade para visitar os pais, até que, em uma dessas vezes, ela disse que tinha um namorado e eles deixaram de se encontrar. Algum tempo depois, César ficou sabendo que ela estaria grávida deste namorado. Passados alguns meses, Míriam ligou para ele dizendo que havido dado luz à Luana, e que a filha era dele. César refere que ficou muito confuso. Ele exigiu que fosse realizado um exame de DNA, o qual comprovou a sua paternidade biológica. A realização do exame de DNA foi, para César, uma experiência de certo modo traumática, por observar o quanto o exame foi sofrido e doloroso para Luana.

Após a confirmação de que Luana era realmente sua filha biológica, a qual ocorreu quando ela já estava com cinco meses, César assumiu a filha, ajudando-a financeiramente e visitando-a sempre que possível. Sua aproximação, contudo, não se deu imediatamente. A distância entre as residências de pai e filha também foi, e ainda é, um complicador para esta relação. Os pais de César, ao contrário, imediatamente se aproximaram da menina, ansiosos pelo convívio com a neta. Atualmente, eles a vêem quase que diariamente. César comenta que seus pais estão exercendo muitas das funções que competiriam a ele, como levar Luana às consultas médicas.

Atualmente, a relação entre César e Míriam é cordial, mas unicamente em função da filha. Míriam é uma moça bastante jovem, com 19 anos de idade, e com um status sócio-econômico bem inferior ao de César. Atualmente, ela trabalha como vendedora em uma loja. Quem cuida de Luana enquanto a mãe trabalha é uma tia de Míriam que, segundo César, gosta muito de Luana. Após ter assumido a paternidade de Luana, César terminou um relacionamento que estava mantendo há alguns meses e não conseguiu mais namorar. No momento, não sabe se pretende continuar solteiro. Ele acredita que a mãe de Luana também não teve outro relacionamento amoroso.

Passado o susto inicial, César está começando a sentir prazer no papel de pai, tendo um relacionamento bastante bom com a filha. No entanto, sente-se insatisfeito e culpado por vê-la muito pouco. Ele costuma visitá-la uma vez por mês, quando passa três dias na

casa dos pais. Durante este período, passa os dias inteiros com Luana, mas depois passa outro mês inteiro sem vê-la. Deste modo, ele sente que não consegue acompanhar o seu desenvolvimento, o seu dia-a-dia.

Envolvimento paterno

Durante sua gravidez, Míriam nunca procurou César, e não o informou de que estava esperando um filho seu. Portanto, César não teve qualquer participação durante a gestação de Luana. Ele passou a participar da vida da filha apenas após seu nascimento e a realização do exame de DNA. Atualmente, ele considera que seu envolvimento com a filha ainda não é grande, pois não tem a possibilidade de conviver com ela no dia-a-dia: *“Olha eu acho que fica um pouco a dever na criação dela, como criança de ter uma família, de ter pai e ter mãe.”* Ele acredita que deveria ser mais participativo, mas isto é bastante dificultado por questões de ordem prática: distância entre a sua residência e a da filha, trabalho, inexistência de um relacionamento afetivo com a mãe da criança: *“Eu não posso chegar lá agora e trazer ela pra cá e tirar da mãe ou coisa assim. Eu tenho que ir aos pouquinhos né. (...) É, digamos assim que tá razoável de início, mas tende a melhorar.”*

Em relação à interação, percebe-se que César realiza poucas atividades de cuidado da filha, mesmo quando se encontra com ela. Ele afirma nunca ter trocado suas fraldas, apenas tendo acompanhado outras pessoas a trocando. Refere que não se considera muito habilidoso para esta tarefa, mas, ao mesmo tempo, afirma que é *“uma vergonha”* ser um pai que nunca trocou fraldas, e reclama que nunca lhe deram a oportunidade de fazer isto. César também nunca preparou a mamadeira ou outra refeição da filha, mas participa da sua alimentação dando a mamadeira, sopinha, maçã, porque para isso *“não precisa tanto jeito quanto trocar fralda.”* Quando tem a oportunidade, ele também coloca Luana para dormir. Quem a leva às consultas médicas, quando necessário, são os avós paternos e a mãe.

Durante os encontros com a filha, o que César mais gosta de fazer é brincar com ela, principalmente em brincadeiras motoras, de jogar bola, correr e se esconder, e com brinquedos, como bonecas e fantoches. Ele se preocupa em comprar brinquedos educativos para Luana, para ajudar a *“desenvolver os neurônios”*. Além disso, gosta muito de passear e de conversar com a filha, inclusive explicando sua situação, quando irá embora e quando voltará a vê-la: *“Sempre tento conversar como se estivesse falando com um adulto assim com ela: ‘Oh, Luana, o pai daqui a uns dias vai embora, mas o pai volta, tu sabe que o pai volta’... E sempre tentar falar a verdade né pra ela.”*

A acessibilidade de César, conforme mencionado anteriormente, é bastante pequena. Ele encontra Luana uma vez por mês, durante três dias, geralmente um final de semana prolongado: *“Sempre que eu posso eu tento visitar ela, botei uma meta de uma vez por mês, já que é longe, fica a seiscentos quilômetros de distância, né?!”* Durante estes três dias, avaliados por César como muito prazerosos, ele tenta compensar o tempo que fica sem ver Luana, dedicando-se exclusivamente a ela. Mesmo assim, ele considera este tempo muito pouco: *“Eu acho pouco tempo, se resumiria nisso. Apesar de eu tentar dar o máximo nesses três dias não é uma participação diária, nem semanal, eu acho pouco.”* Os encontros entre César e a filha não tem qualquer determinação judicial, sendo combinados diretamente com Miriam, a qual, até o presente momento, não tem colocado qualquer empecilho. Deste modo, seu arranjo é flexível. César também estabelece contatos telefônicos com Luana, embora ela esteja recém começando a falar as primeiras palavras.

Em relação às suas responsabilidades para com a filha, César acredita que tem uma boa participação nas decisões a seu respeito, embora estas sejam tomadas em conjunto, com a participação da mãe de Luana, de sua tia-avó e dos avós paternos. Todas estas pessoas participam ativamente da vida de Luana. César considera que suas conversas com a mãe de Luana são um pouco difíceis, pois a relação entre eles é bastante fria: *“Logo de início foi uma situação meio difícil, chegar e [dizer] isso e aquilo. Digamos que as conversas ainda estão devendo.”* Ele também pensa na possibilidade de, futuramente, ter a guarda da filha, mas sabe que isso não seria fácil.

César apresenta algumas preocupações referentes à filha, principalmente quanto ao seu bem-estar, saúde e educação. Muitas destas preocupações têm origem na grande diferença de nível sócio-econômico entre ele e a mãe de Luana, pois ele teme que suas visões a respeito das necessidades da criança sejam muito distintas: *“Em virtude de ser pessoa muito humilde e coisa assim, tem um costume de vida diferente. Eu até falei que ela alimentava bem, mas digamos assim que daí ela dá uma maçã e acha que deu, mas não vai ver se ela quer alguma outra coisa.”* A respeito da educação, as preocupações de César centram-se na rejeição à idéia de colocar a filha em uma creche, no medo de que a filha tenha dificuldades pela falta de uma referência de família, e no seu futuro profissional: *“A mãe dela também quer que a filha deslanche, e não ficar ali e sabe futuramente ser uma empregada doméstica, alguma coisa assim. Tem que estudar, se fazer na vida também.”*

Em relação às responsabilidades financeiras, César é responsável por aproximadamente 80% das despesas de Luana. Esta contribuição também é dada de maneira informal, sem qualquer determinação da justiça. O pai também tenta, de certo

modo, compensar as suas longas ausências dando presentes à filha toda vez que a visita: *“Toda vez que eu vou lá eu tenho que levar alguma lembrancinha, alguma coisa pra dizer que eu gosto dela, um presentinho.”*

Relacionamento pai-criança

Quanto ao seu relacionamento com Luana, César destaca o apego, o carinho existente entre pai e filha, o que torna esta relação muito prazerosa: *“Eu vejo que ela sente um carinho assim por mim como pai, pelo jeito de pegar ela no colo, ela vem e beija (...) Eu tento brincar, chamar atenção dela, me esconder e ela [chama] ‘papá, papá’. Então digamos assim que tem um sentimento mesmo de pai e filho.”* Ele acredita que, no futuro, a tendência é que este relacionamento se torne mais próximo, pois será mais fácil, para ele, lidar com uma criança ao invés de um bebê. Luana também dependerá menos da mãe e poderá, inclusive, visitar o pai em sua cidade: *“Porque a criança vai crescendo, vai sabendo mais, eu vou podendo ajudar mais, por exemplo, eu vou ajudar mais na escola, vou começar a sair mais com ela, ela não vai estar tão em dependência da mãe (...) pode viajar com o pai, pode vim visitar o pai em Porto Alegre, esse tipo de coisa.”* Ele também não descarta a possibilidade de vir a residir com a filha.

César avalia Luana de maneira bastante positiva, como uma criança inteligente, meiga e carinhosa. Destaca também que ela é muito calma, tranqüila, comportando-se de maneira semelhante a ele, quando criança: *“Bem quieta. Diz que eu também era bem quietinho quando pequeno. Pouco fala, fica num canto, se der uma caneta pra ela, ela fica duas horas brincando com a caneta, não incomoda, não chora.”* Ele acredita que ela está, de certo modo, acostumada ao fato de viver distante do pai, e procura conversar com ela sobre este assunto, explicando sobre suas idas e vindas.

Avaliação da paternidade

César descreve-se como bastante feliz no papel paterno, o que chega a surpreendê-lo, uma vez que ele não planejava ser pai neste momento da sua vida: *“Até uma coisa que eu não esperava, eu me sinto feliz em ser pai, em ter feito uma criaturinha linda.”* Entretanto, ele também se sente preocupado com as responsabilidades que acompanham o papel de pai, em especial a necessidade de garantir o futuro de sua filha: *“Sou um pai até certo ponto preocupado com o futuro, e com a minha responsabilidade de pai.”* O fato de não viver com sua filha causa uma certa insatisfação e tristeza, pois ele sente falta de conviver com Luana no dia-a-dia, acompanhando sua rotina e seu desenvolvimento: *“De trinta em trinta dias eu pego*

umas certas fases dela assim, eu não pego diariamente né, então eu acho que o pior é o fato de tá longe, é tu não pegar essa evolução dela do dia-a-dia, se formando como pessoa, como criatura, como ser humano.” A distância em relação à casa da filha é apontada por César como a principal dificuldade que ele está vivenciando no exercício da paternidade: *“E eu queria tá mais presente, eu acho que isso é uma dificuldade, eu não estar presente é uma dificuldade.”*

Ao descrever-se como pai, César afirma ser um pai muito “bobo”, orgulhoso de sua filha, mas também bastante inexperiente. Ele afirma ter como um modelo de paternidade o seu próprio pai, por seu bom relacionamento com ele e sua preocupação com a educação, embora mescle estas características com as de outros pais, mais liberais que ele. *“Eu queria ser um pai amigo, participativo, não um pai que tu esconda, mas um pai que tu converse, que tenha opinião que a minha opinião possa influenciar ela. (...) É conversar e pensar ‘ah isso é bom, isso não é’.”* César destaca a necessidade de dar educação aos filhos como a principal função de um pai, além da contribuição financeira, embora afirme que esta última não é necessariamente uma obrigação exclusiva do pai: *“Além da contribuição financeira, que a gente não fala e não pode fugir disso hoje, né. Porque a gente depende do dinheiro pra comer, pra sair, pra dormir. Não que o pai tenha a obrigação que o pai tem que pagar coisa. A mãe pode ser milionária e o pai paupérrimo.”*

Relacionamento pai-mãe

A relação entre César e Míriam é bastante tranqüila, respeitosa e livre de conflitos, desde a notícia do nascimento de Luana: *“Fizemos DNA, deu positivo, e eu sempre ajudei, sempre de livre e espontânea vontade, do que eu posso, do que eu sei que é legal, tem que ter pensão esse tipo de coisa. Nunca teve problema judicial e espero que nunca tenha também porque eu não quero que isso aconteça e não tem porquê.”* Ao mesmo tempo, é um relacionamento distante, sem qualquer intimidade, o que dificulta um pouco a existência de diálogos sobre a filha.

César descreve Míriam como uma boa mãe, que tem um bom relacionamento com a filha e dá oportunidade para que ele se aproxime de Luana. Entretanto, ele a considera muito jovem e inexperiente: *“Ela é uma menina nova, tem dezenove anos, ela não tem uma experiência como deveria ter.”*

Discussão dos aspectos singulares do caso

O nascimento de Luana foi, para César, uma total surpresa. Ele não estava mais se relacionando com Míriam há meses, e sequer sabia que ela estava grávida. Deste modo, a notícia de que ele tinha uma filha foi vivida como um choque, uma reviravolta na vida de

César. Talvez como uma tentativa de proteger-se do impacto desta novidade, ou com a esperança de que tudo não passasse de um engano, César refugiou-se na dúvida quanto à paternidade biológica. O resultado do exame de DNA, portanto, marca o momento em que ele teve de assumir a paternidade. No entanto, o papel assumido, em um primeiro momento, parece ter sido o de pai biológico. Isto se remete às considerações de Fonseca (2001) a respeito dos exames de DNA, os quais, cada vez mais utilizados para reconhecimento e contestação de paternidade, têm marcado uma preponderância das concepções biológicas de parentesco sobre as sociais. Contudo, parece que César vem assumindo cada vez mais o papel de pai afetivo, social, aproximando-se de Luana. Pode-se pensar que este processo de aceitação e adaptação à paternidade, comumente vivido pelos pais durante a gestação (Brazelton, 1988; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988), no caso de César, teve início quando sua filha já tinha cinco meses de vida. Hoje, inclusive, ele se sente culpado por ter submetido Luana ao doloroso exame de DNA, e, talvez também, por tê-la submetido às suas dúvidas e rejeição.

Os pais de César têm um papel importante na aproximação pai-filha, pois logo se mostraram avós encantados com a possibilidade de participar, de maneira muito ativa, na criação da neta. Eles se tornaram intermediários entre César e a filha, dando-lhe notícias e, quando necessário, realizando tarefas que competiriam a ele, como levar a criança ao médico, educá-la, cuidá-la. A própria Luana também parece facilitar a aproximação do pai, mostrando-se carinhosa, atenciosa e extremamente responsiva. Neubauer (1989) destaca esta capacidade que possuem os bebês de atrair o pai, assim como a mãe, para o estabelecimento de uma relação precoce. Deste modo, o papel da criança também é fundamental na construção do apego pai-bebê, como mencionado anteriormente.

Contudo, destaca-se, na fala de César, sua percepção de ainda estar exercendo a paternidade de um modo bastante limitado. Ele encontra sua filha apenas uma vez por mês, ficando totalmente de fora de sua rotina diária. A falta deste convívio lhe engendra sentimentos de frustração e insatisfação com a parentalidade. Um dos principais fatores que contribuem para a pequena acessibilidade de César para a filha é a distância entre as suas residências, localizadas em estados diferentes. Outros fatores, contudo, também são apontados, como o relacionamento distante entre Míriam e ele. Embora esta relação não apresente conflitos, e Míriam não se oponha ao contato entre Luana e César, a falta de um relacionamento afetivo entre os pais torna difícil que César receba visitas da filha em Porto Alegre, a qual teria de vir acompanhada da mãe. Por isto, ele coloca uma grande expectativa no futuro, quando sua filha não necessitará tanto da mãe, podendo visitá-lo em

sua cidade. Talvez ele pense que, daqui há alguns anos, também se sentirá mais seguro para lidar com a filha, que não será mais um frágil e indefeso bebê.

Uma das principais funções que vem sendo exercida por César é a contribuição financeira. Como Míriam é bastante humilde, ele arca com quase todas as despesas de Luana. Deste modo, dado o contexto existente, verifica-se que César vive um modelo mais tradicional de paternidade, no qual a responsabilidade financeira mostra-se bem mais relevante do que a participação em cuidados (Fein, 1978). Ele também tenta compensar os longos períodos de ausência presenteando a filha todas as vezes que a visita. Quando está com Luana, o contato entre eles é baseado sobretudo atividades sociais, pois César tem uma participação mínima nos cuidados da filha. Ele refere que se sente inseguro e inexperiente para lidar com ela, e que não gosta das atividades de cuidado, mas acha que deveria participar. Estes relatos parecem endossar as colocações de Daly (1996) de que existe uma lacuna entre o que os pais pensam a respeito do seu papel e o que efetivamente fazem. Ou seja, embora acreditem que sua participação é importante, mudanças no seu comportamento com os filhos ainda são bastante restritas. Ao mesmo tempo, César reclama que sua mãe tende a assumir os cuidados da neta quando ela está na sua casa, dando pouco espaço para que César assumas as tarefas. Isto também foi enfatizado por Rezende e Alonso (1995), o quais afirmaram que os pais continuam esbarrando em conceitos estereotipados sobre os papéis do homem e da mulher, persistindo o rótulo social da falta de habilidade masculina.

A responsabilidade, não apenas financeira, mostra-se como a dimensão mais característica do modo como César exerce a paternidade. Ele se preocupa com o futuro da filha, sua educação e seu bem-estar. A diferença de nível sócio-econômico entre Míriam e ele agrava estes questionamentos, pois ele teme que eles tenham expectativas distintas a respeito do que seria melhor para a filha. Preocupa-se, ainda, com o modo como ela entende a relação entre eles, e quais os possíveis malefícios advindos da distância e da falta do seu convívio diário. Portanto, ele busca explicar esta situação para a filha, sempre esclarecendo quando irá embora e quando voltará, estimulando o diálogo entre pai e filha desde muito cedo. Contudo, ele não tem grande participação nas decisões a respeito da filha, especialmente em relação a questões do dia-a-dia, pois os diálogos entre ele e Míriam são escassos. A este respeito, Furstemberg e Nord (1985) apontaram que a participação do pai nas decisões sobre a criança está associado positivamente ao grau de contato entre o pai e a criança. Obviamente, a limitada convivência entre César e a filha, especialmente em

função da distância entre suas residências, contribui para este baixo nível de participação em aspectos decisórios de sua criação.

Apesar de todas as dificuldades, César refere estar feliz por ser pai. Ele mostra-se bastante orgulhoso da filha, valorizando cada habilidade que ela adquire, cada coisa nova que aprende a fazer. Ele a considera muito inteligente e carinhosa, e gosta muito de ficar com ela. Por isto a falta do convívio diário com Luana o perturba tanto. Mas ele está aprendendo a exercer o papel de pai, que ainda lhe é tão novo. Para tanto, vem utilizando seu próprio pai como um modelo, embora mesclado com outros pais. De fato, os pais são sempre um modelo de referência na construção feita por cada um de sua paternidade, seja para fazer como eles fizeram ou o seu oposto (Szejer & Stewart, 1997).

Caso 3: Édson

História do caso

Édson tem 36 anos e é pai de Leonardo, de um ano. Ele tem curso superior completo, no ramo da saúde, e trabalha em sua área de formação como profissional liberal. Sua carga horária é bastante extensa, pois dedica ao trabalho cerca de 50 horas semanais. Édson e Cíntia, mãe de Leonardo, se conheceram por trabalhar no mesmo local, pois ela também trabalha na área de saúde, tendo formação de nível técnico. Nesta época, Édson era casado, mas seu casamento estava acabando. Cíntia também tinha um namorado, mas logo terminou a relação. Então eles começaram a namorar e Édson saiu de casa, separando-se definitivamente. Ele descreve o início do relacionamento do casal como maravilhoso, mas, com o passar do tempo, ele foi se desgastando, e eles se separaram várias vezes, reatando o relacionamento logo depois. Em uma dessas idas e vindas, Cíntia ficou grávida.

A notícia da gravidez não foi bem recebida por Édson. Seu relacionamento com Cíntia não estava bem e, naquele momento, ele não considerava a idéia de ser pai. Ele refere que a responsabilidade de ser pai o assustava, e que seu relacionamento ruim com seu próprio pai contribuiu para que ele postergasse a paternidade. Durante a gestação, o casal conversou muito pouco e se encontrou poucas vezes. No momento do parto, Édson esteve presente no hospital, mas quem acompanhou Cíntia na sala de parto foi sua mãe.

Após o nascimento de Leonardo, Édson passou a participar bastante da vida do filho, que reside com a mãe e os avós maternos. No entanto, ele reclama que não tem um espaço apenas dele e do filho, pois seus encontros são quase sempre na casa de Cíntia e, quando eles saem juntos, ela sempre os acompanha. Isto tem gerado em Édson uma certa insatisfação quanto ao relacionamento pai-filho. Até o presente momento, ele tem evitado

discutir esta questão com Cíntia por saber que isto levará a um conflito entre eles, uma vez que ela não deseja que pai e filho saiam sozinhos. Édson também se privou de ter outras namoradas para evitar o conflito com Cíntia.

A mãe de Leonardo também tem uma carga horária de trabalho bastante extensa, e, por isto, quem cuida do menino durante o dia é sua avó materna, a qual é remunerada por esta atividade. A relação entre Édson e Cíntia é, conforme as palavras do pai, composta de “*altos e baixos*”. Ainda atualmente, em alguns momentos eles reatam a relação, mas em seguida brigam novamente.

Envolvimento paterno

Durante a gestação, Édson e Cíntia mantiveram-se distantes. Como referido anteriormente, ele não recebeu bem a notícia de que seria pai e afastou-se de Cíntia, sendo que ela também não o procurou. Deste modo, seu envolvimento com a gestação foi mínimo, tendo participado de apenas uma ecografia: “*Uma vez, até quando foi feita uma eco eu fui, e só.*”

Atualmente, Édson se considera participativo e bastante próximo de seu filho, o que o surpreende. Ele acredita que seu envolvimento também esteja sendo percebido por Cíntia, superando as expectativas dela: “*Me causou uma surpresa, porque eu jamais pensava que poderia ser tão próximo como eu sou dele, e ela [mãe] de repente se tu perguntasse isso pra ela, ela te responderia assim ‘olha, acima das expectativas’.*” Contudo, Édson gostaria de participar ainda mais da vida de seu filho e, especialmente, de sua rotina diária. De acordo com ele, isto é bastante dificultado pela sua carga horária de trabalho e, principalmente, por não residir com Leonardo, não estando com ele em alguns momentos importantes: “*Eu acho que eu poderia um pouquinho mais (...) É que a gente não tem esse contato, né?! Uma vez ele teve que ir correndo pro hospital... Logo que ele nasceu ele se engasgou com o leite e eu não tava aí. Fui avisado, mas até eu chegar lá já tinha feito aquela coisa toda. Isso aí a gente fica um pouquinho de fora assim. Então a gente sente assim aquela coisa ‘bah, não pude participar’. (...) de não tá ali na hora que tá acontecendo a coisa.*”

Quanto à interação, nota-se que Édson participa de algumas atividades de cuidado do filho. Ele troca as fraldas de Leonardo, embora apenas quando ele só fez xixi, e não as fraldas sujas de cocô: “*Só xixi. Troco [fralda], mas cocô eu não troco, não consigo, não adianta. (...) não gosto.*” Ele também dá banho (“*Dou banho, quando eu to lá, quando ele tá tomado banho, aí entro no banho, dou banho, enxugo, coloco fralda... banho quando eu to lá eu participo sempre, sempre.*”); faz o bebê dormir (“*Pego ele no colo, tento nanar ele, geralmente ele*

dorme.”); e leva Leonardo às consultas com o pediatra (*“Quando eu posso, quando o trabalho me permite eu acompanho [às consultas ao pediatra]. Até pra dizer bem a verdade eu acho que de todas as consultas que ele foi até hoje eu acho que eu não fui em duas ou três. Já foram mais de dez, então eu consigo, né.”*). Ele refere, contudo, não fazer as mamadeiras para a criança: *“Nunca fiz. Não, a única coisa que eu fazia era... em relação à mamadeira é esfriar só, a mamadeira não fiz.”*

Édson afirma que talvez pudesse ter uma participação bem mais efetiva nos cuidados de Leonardo, caso ele tivesse a oportunidade de ficar sozinho com o filho, o que Cíntia não viabiliza. É possível que, tendo de cuidar sozinho de Leonardo, ele acabasse desenvolvendo habilidades que hoje não possui, uma vez que muitas das tarefas não lhe são oportunizadas pela mãe e pela avó de seu filho: *“Até agora eu não sei, será que se eu ficar sozinho com o Leonardo vou conseguir trocar uma fralda com cocô, vou conseguir fazer mamadeira, saber que horas eu tenho que dar isso, que hora eu tenho que fazer aquilo? (...) Isso eu sinto falta, porque eu fico assim, eu fico a mercê da mãe dele ou da vó dele. Ah, elas sabem, tão acostumadas, a vó dele teve três filhas, sabe como é que é, a Cíntia, mal ou bem, sabe muito bem cuidar dele. Então eu tenho... Eu não tive essa chance ainda e isso aí é uma coisa que eu acho que eu devia ter.”*

O pai refere brincar bastante com Leonardo, principalmente com brincadeiras motoras e brinquedinhos: *“Brinco com aqueles brinquedos com ele, mostro, ele tem uns bichinhos pendurados no quarto, mostro pra ele, digo que é amiguinho dele (...) com os brinquedos dele, os carrinhos, os bichinhos que ele tem bastante lá, isso eu brinco bastante com ele também.”* Eles também costumam passear, indo ao *shopping center* e a restaurantes, sendo esta a atividade que Édson mais gosta de realizar com o filho. O motivo dado para esta preferência é a sensação de estar próximo do filho, protegendo-o dos possíveis riscos advindos da sua descoberta do mundo: *“A atividade que eu mais gosto? De passear com ele, sair no shopping, caminhar, de ele caminhar bastante, segurar na mão dele, correr pra lá e pra cá. (...) Porque a sensação de pegar na mão, e ter aquela proteção, pegar no colo, caiu levanta, aquela coisa toda, gosto daquela coisa assim de ele sentir que ele tá protegido.”* Édson também gosta de conversar com o filho e ver televisão com ele. A atividade que mais lhe desagradava realizar com Leonardo é levá-lo a um hospital, quando necessário, em virtude de algum problema de saúde. Ele observa que o filho tem medo e, por isto, também fica aflito: *“Em médico, hospital, isso eu detesto eu não gosto, vou porque eu sei que eu tenho que tá lá, mas não gosto. (...) Quando ele entra no hospital ele já começa a ver aquelas pessoas de branco tudo, as enfermeiras tudo e já fica meio assim, isso eu não gosto de ir. Vou porque eu sei que tem que ir, não adianta, mas não é uma coisa que eu gosto de fazer com ele.”*

Em relação à acessibilidade, Édson encontra-se disponível para seu filho durante todo o final de semana e aproximadamente três noites por semana, após o trabalho. Porém, como ele trabalha até tarde, suas noites com Leonardo são curtas. Esses encontros são, geralmente, na casa de Cíntia: *“O tempo que eu fico mais com ele, pra dizer bem a verdade, é final de semana, mas durante a semana é aquela coisa saio daqui [trabalho] oito horas, como ela [mãe] mora longe então já fica mais difícil, então até eu chegar lá já são oito e meia e daqui a pouco são dez horas, então eu fico assim duas horas, três horas no máximo (...) sábado e domingo certo e durante a semana três, três vezes por aí.”* Leonardo não costuma dormir na casa do pai, e nem mesmo visitá-lo com frequência em sua casa: *“Geralmente ele dorme lá na casa da mãe dele mesmo, em casa [do pai] foi duas ou três vezes, não mais que isso com certeza.”*

Além destes encontros, Édson procura estar disponível para o filho através do telefone, conversando frequentemente com ele: *“Sim, (risos), toda vez que eu falo com ela [mãe] pelo telefone eu sempre peço pra colocar ele no telefone, falo com ele, ele só faz ‘tatata’, que ele sabe que eu tô falando, então eu gosto.”* Édson costuma participar de feriados e comemorações com o filho, como o Natal (*“Esse Natal e esse final de ano eu fiquei com eles, Natal e final de ano, fiquei com eles, inclusive no meu aniversário também, que é tudo perto do Natal.”*), e também participou de sua festa de aniversário (*“Durante o aniversário também, fui o primeiro a chegar e fui o último a sair lá do salão. Foi legal, eu participei bastante.”*). Deste modo, ele geralmente está presente em datas importantes.

Os encontros entre Édson e o filho não tem qualquer determinação da justiça, e o pai é livre para visitá-lo sempre que desejar, apenas ligando para avisar sua mãe: *“Ter horários pra visitar e ter dia não. (...) Não tem uma sistemática de visita, vamos dizer assim, tem que ir tal dia e tal hora, não, isso não existe.”* A idéia de ter horário para visitar o filho causa grande desagrado em Édson e, por este motivo, ele nunca lutou na justiça pelo direito de sair sozinho com o filho: *“Não, eu não quero isso, eu não quero visitar o meu filho como se fosse um presidiário, ter hora pra sair, hora pra entrar e dia pra visitar, eu não quero isso aí.”* Édson avalia o tempo que fica com o filho como bastante pequeno, acreditando que ele deveria ser maior, mas isto é impedido por eventos externos, como o seu trabalho: *“Não me culpo tanto até pelo fato do trabalho, né, então eu não tenho muito tempo de ficar com ele (...) essa participação pra mim tá um pouquinho aquém do que poderia ser.”*

Desde o nascimento de Leonardo, Édson costuma participar das decisões sobre sua criação. Esta participação se dá através de conversas frequentes entre Édson e Cíntia (*“A gente conversa bastante.”*), as quais giram em torno, principalmente, da educação e cuidados do bebê (*“Quando ele nasceu, eu e a Cíntia, a gente discutia o que a gente ia fazer, se a gente deixaria ele numa creche, que de início não é uma boa, até porque a criança é recém-nascida, ele*

tem que ter uma maior atenção.”); do suporte financeiro (“*Quando a gente conversou sobre isso, como eu tenho mais condições eu disse ‘não deixa que eu vou pagar’, ajuda na alimentação, ajuda em roupa e tudo, médico, negócio todo.*”); e da moradia de Leonardo e Cíntia (“*A questão da moradia, eu não gostaria que ele morasse lá muito longe, eu gostaria que ele viesse morar aqui.*”). Outro assunto bastante discutido logo que Leonardo nasceu foi a questão da amamentação, pois Cíntia teve dificuldades e não conseguiu amamentá-lo, mas Édson acreditava que ela deveria ter insistido mais. Ele se preocupava com os possíveis efeitos da falta do aleitamento materno sobre a saúde do filho: “*Até de vez em quando discutia com a mãe dele. ‘Tenta, tenta dar, vamos colocar ele no peito que eu sei que isso é importante. A única preocupação que eu tive foi isso, porque na verdade o leite materno proporciona anticorpos, defesas assim que nenhuma alimentação vai proporcionar e infelizmente ele não teve isso aí, teve pouco, né, bem pouco.’*”

As conversas entre Édson e Cíntia são geralmente tranquilas. Embora existam algumas discordâncias, eles buscam, sempre que possível, chegar a um acordo: “*Claro, geralmente acontece de dar aquela polarização, sim e não, daí a gente tem que chegar num consenso, mas geralmente a gente chega num consenso. (...) Mas algumas vezes dá atrito e até é normal, mas a gente sempre chega a um ponto em comum.*” No entanto, o conflito sempre prevalece quando o assunto em pauta é a possibilidade de que pai e mãe tenham outros relacionamentos amorosos. Édson já teve uma namorada após o nascimento de Leonardo, e Cíntia não permitiu que o filho convivesse com esta pessoa. Por este motivo, Édson também não aceita a idéia de que Leonardo conviva com um possível padrasto: “*Se eu tenho uma namorada, ela não aceita que o Leonardo fique comigo e fique com a namorada, e daí em contrapartida eu disse, ‘então eu não vou aceitar, se tu tem o direito de não aceitar que o Leonardo fique comigo e uma outra pessoa eu também não vou aceitar que tu fique com ele e com outra pessoa’. (...) Esse é o ponto crucial, é discussão direto, caiu aí é discussão direto. Fora disso a gente se resolve.*”

Sobre as preocupações de Édson a respeito de Leonardo, através das quais também se pode inferir o grau em que o pai se sente responsável pelo filho, percebe-se que ele se preocupa com sua educação (“*Até pelo fato de ele se socializar com outras crianças, de não ficar aquela coisa assim só ele. (...) Eu acho que fica muito dependente de pai e de mãe, tem que se socializar.*”) e seu bem-estar geral (“*A gente vai ter que escolher uma escola que tenha uma infraestrutura boa pra ele assim, tem que ter uma nutricionista, de repente tem que ter uma psicóloga, tem que ter médico, tem que ter dentista, aquela coisa toda, né. Tem que ter um aparato em volta dele.*”). Édson também se preocupa com os possíveis efeitos de viver longe do pai sobre o desenvolvimento da criança: “*Espero que não seja nenhum trauma pra ele [o fato de*

não viver com o pai], *mas a questão é de falar depois e conversar com ele. Eu acho que poderia ser pior se a gente tivesse ficado junto e daí quando ele tivesse quatro, cinco anos, ter se separado, eu acho que seria um trauma maior.*”

Com relação à contribuição financeira, atualmente Édson é responsável pela maior parte das despesas de Leonardo: *“Com relação à alimentação, vestuário, em relação à vó dele, eu pago pra vó dele cuidar dele. Em relação a isso eu não fico medindo quanto que eu vou ter que dar, o que tiver que dar eu dou. (...) Arquei com todas as despesas do aniversário dele, que foram bastante grandes até. (...) É, se a gente for fazer um comparativo, em relação ao lado financeiro assim é eu com certeza [o maior responsável], com certeza.”* Esta contribuição não foi determinada pela justiça e nem tem um valor fixo, sendo dada conforme a necessidade.

Relacionamento pai-criança

Quanto ao seu relacionamento com Leonardo, Édson refere sentir falta de um tempo só para os dois, pois, como referido anteriormente, todas as vezes em que pai e filho se encontram Cíntia está também presente. Ele acredita que estes momentos só dele e do filho possibilitariam um estreitamento maior na relação entre eles, bem como um maior conhecimento, por parte do pai, das suas próprias capacidades de paternagem: *“Ter algumas horas de ficar com ele só, sozinho, até pra eu ficar medindo até onde eu posso ficar com ele.”* Édson nutre expectativas positivas para o futuro desta relação. Ele imagina poder dedicar mais tempo ao filho e, desta forma, ensinar cada vez mais coisas para ele: *“Eu espero que cada vez mais a gente possa tá junto, eu possa transmitir pra ele o que eu quero, possa ensinar alguma coisa pra ele (...) Eu conseguir de repente ficar mais tempo eu e ele.”*

Ao descrever seu filho, Édson é capaz de destacar diversas características positivas de Leonardo, mostrando-se um pai muito orgulhoso: *“Eu acho que ele é perfeito.”* Ele descreve o filho como bastante inteligente, de certa forma adiantado em relação à sua idade (*“Porque ele tem assim uma percepção bem, bem aguçada em relação às coisas. Ele entende bastante coisa que de repente eu achava que ele não entenderia naquela época.”*); calmo, tranquilo (*“Acho que é uma criança bem tranqüila, assim.”*); e carinhoso (*“Ele é bem amoroso, afável.”*). Características negativas da criança não foram mencionadas. Quanto ao jeito carinhoso de Leonardo, Édson sugere que possa estar relacionado à falta que a criança sentiria da presença do pai: *“Esse carinho pode ser uma carência dele, aquela coisa afetiva de não me ter do lado dele, né?!”* Ele acredita que o filho também sente falta da convivência com ele e, por isto, fica muito feliz quando o vê: *“Quando ele me vê, quando eu tô chegando lá, na casa da Cíntia, ele vai pra frente me esperar na sacada, ele fica me olhando assim e quando*

ele vê, parece que captou aquela imagem minha ele já começa a rir. Em primeira instância ele fica meio sério assim, e daí quando ele vê quando eu falo com ele, né, aí já começa a risada.”

Avaliação da paternidade

Édson afirma estar gostando muito de ser pai, embora, antes do nascimento de Leonardo, tivesse muito medo de assumir tal responsabilidade: *“Ah é bom, muito bom eu gosto, até antes eu tinha medo. Não vou te negar, eu tinha bastante medo dessa responsabilidade.”* Ele se considera um bom pai, bastante próximo do seu filho (*“Eu jamais pensava que poderia ser tão próximo como eu sou dele.”*); carinhoso (*“Eu tento ser carinhoso, passar coisa boa pra ele (...) aquela coisa assim de tá com o filho, de gostar da presença dele assim.”*); e muito orgulhoso (*“Sei lá se é coisa de pai coruja ou não, mas eu acho que ele é perfeito.”*).

Quanto ao fato de não residir com Leonardo, Édson refere que esta situação causa um certo distanciamento entre pai e filho. A falta de convivência diária gera algumas restrições ao exercício da paternidade, principalmente no que diz respeito à orientação, educação: *“É que de repente eu queria ensinar algumas coisas mais tarde, ou ter uma liberdade maior que de repente eu não vou ter, então aquela coisa assim de repente se eu ficasse vinte e quatro horas assim com ele eu poderia passar muito mais coisa que eu gostaria de passar e de repente eu não vou ter a chance né, pelo fato de tá separado.”* Édson também teme que possa ser, de certo modo, substituído por um padrasto, o qual poderá ter com Leonardo este contato diário do qual ele é privado: *“A mãe dele vai conhecer outro e eu vou sentir ciúmes, que de repente ele vai poder tá mais tempo junto do que eu, isso é uma coisa que me afeta bastante.”*

Quanto às crenças de Édson a respeito do papel paterno, a orientação aos filhos, na qual ele teme ser falho, é destacada como a principal função que deveria ser exercida por um pai: *“Educação do filho, mostrar o que é certo, o que é errado. Não dizer faz isso ou faz aquilo, mas mostrar isso é o certo, isso tá errado, orientar (...) mostrar o caminho pra ele, dizer isso aqui é o certo, isso aqui é o errado, mas quem faz é ele.”* O pai de Édson é visto como um modelo de paternidade a ser evitado. Ele refere, inclusive, que o temor de repetir os erros do pai foi um dos fatores que fez com que ele evitasse, por algum tempo, a idéia de ter filhos: *“Ele [seu pai] foi totalmente o inverso do que eu to sendo, e justamente por isso até que eu posterguei essa minha paternidade, até por causa disso, do medo de, de repente, ser como ele foi.”* A principal característica negativa apontada por Édson em seu pai foi a ausência, a falta de participação na criação dos filhos: *“Totalmente alheio a qualquer coisa em relação aos filhos... Participação quase zero, até porque ele se separou da minha mãe, eu era criança também, então nunca tive aquela participação. Na verdade, quem foi meu pai e minha mãe foi a minha mãe, foi dois em um.”*

Relacionamento pai-mãe

Édson descreve Cíntia como uma mãe atenciosa, que cuida muito bem de Leonardo: *“Em relação à alimentação, em relação à saúde, tudo isso eu acho que ela cuida bastante.”* Ele também a considera bastante carinhosa: *“Dá carinho bastante.”* Contudo, ele refere que Cíntia é muito possessiva com o filho, e isto o desagrada: *“Eu acho que de repente o pensamento dela é que ele seja mais dela do que de mim. (...) ‘ele é meu filho’, como ela diz. E eu falo pra ela ‘tu não pode dizer que ele é teu filho, sabe, ele é nosso filho’.”* Talvez em virtude deste sentimento de posse, Cíntia restringe a relação entre pai e filho impedindo, como referido anteriormente, que eles tenham momentos só dos dois: *“Mas aí vem a mãe dele, ela já meio freia isso aí, de querer que eu fique com ele, receio, medo, sei lá.”* Édson afirma que existiria uma certa ambivalência no discurso materno, pois, ao mesmo tempo em que ela toma este tipo de atitude restritiva, lhe diz que ele deveria ficar mais tempo com seu filho: *“Ela me incentiva, mas não me deixa. Aquela coisa meio paradoxal assim que ela diz ‘não, tu tem que ficar mais com o teu filho’, ‘tá, eu tenho que ficar mais tempo com o meu filho, mas tu não deixa eu sair com o meu filho’ e daí ela não deixa. Tá entendendo? É aquela coisa assim, diz na teoria um negócio mas na prática é meio diferente.”*

Édson descreve o seu relacionamento com Cíntia como cheio de *“altos e baixos”*. Contudo, ele afirma que vem se tornando mais tranquilo, e o grau de conflito entre eles vem diminuindo: *“Se a gente for dizer assim na totalidade tá bom, não é uma coisa ruim assim, no início a gente até discutia mais do que agora, agora a gente já tá encaixando as coisas assim, já tá ficando mais tranquilo.”* Ele refere a sua preocupação em evitar conflitos, pois o nascimento de Leonardo tornou necessária e, de certo modo, eterna a relação entre Cíntia e ele. Além disso, a criança poderia sofrer as conseqüências do conflito entre seus pais: *“É uma coisa assim eu falei pra Cíntia, ‘a gente se gostando ou não, a gente brigando ou não, isso é pra sempre, eu sou o pai do Leonardo e tu é a mãe do Leonardo. Então esse relacionamento nosso a gente vai ter independente de como vai ficar a situação, ou a gente separado ou a gente junto, a gente brigando, é uma coisa que vai ser pra sempre’. (...) de agora em diante a gente tem que se dá bem o máximo possível, o melhor que a gente puder porque disso aí vai depender bastante o crescimento do Leonardo.”*

Porém, o conflito ainda se faz presente quando eles discutem o desejo de Édson de sair sozinho com Leonardo, bem como a possibilidade de que eles tenham novos relacionamentos, e que estas pessoas convivam com seu filho. Na tentativa de evitar brigas, o casal foge destes assuntos: *“Esses pontos que a gente discorda a gente não chega muito a*

fundo, até por não querer entrar naquele choque, é uma coisa assim que vai brigar, que vai discutir, que vai ficar de mal um com o outro, até porque a gente tem tempo ainda pra discutir.”

Discussão dos aspectos singulares do caso

Édson destacou em diversos momentos, no decorrer da entrevista, que a gravidez de Cíntia não veio em um bom momento e, por isto, não foi bem recebida por ele. Naquela época, o relacionamento do casal mostrava-se muito instável e ele não se sentia preparado para ser pai. Nem mesmo tinha, ao menos conscientemente, o desejo de ser pai. Édson relaciona esta dificuldade de aceitação da paternidade à sua relação com seu próprio pai, visto como um modelo negativo de conduta. Isto se reporta às teorizações de Szejer e Stewart (1997), os quais afirmaram que o modo como cada um se projeta como pai ou mãe está diretamente relacionado com seus próprios modelos parentais. Como o modelo de pai do qual Édson dispunha era bastante negativo, ele temia repetir este tipo de relação com seu filho. Pode-se pensar, portanto, que a notícia de que seria pai tenha lhe gerado muito medo e angústia.

Durante a gestação, Édson realmente repetiu o comportamento de seu pai, mostrando-se distante, “totalmente alheio” (como ele mesmo descreveu seu pai) em relação ao filho. Sua participação durante este período foi praticamente inexistente. Esta ausência deu-se tanto de maneira direta, pois Édson acompanhou Cíntia em apenas uma ecografia e nunca participou das suas consultas, quanto indireta, posto que conversou muito pouco com a gestante e não a procurou, não se oferecendo como uma fonte de apoio emocional. Contudo, este período parece ter tido fundamental importância, propiciando a adaptação de Édson à sua nova realidade. Este dado vai ao encontro dos achados de Maldonado, Dickstein e Nahoum (1997), os quais enfatizaram que muitas vezes os pais não conseguem criar um vínculo concreto e sólido com seu filho durante a gestação. Para estes autores, a formação do vínculo entre pai e filho costuma ser mais lenta, consolidando-se gradualmente após o nascimento e no decorrer do desenvolvimento da criança. No caso de Édson, percebe-se que ele realmente se tornou um pai mais participativo após o nascimento de Leonardo, chegando a se surpreender com sua própria capacidade de estabelecer com ele uma relação de proximidade e afeto. Neste sentido, Édson mostrou-se um pai bem acessível ao seu filho, tendo em vista as limitações impostas por sua extensa carga horária de trabalho e pelo fato de não residir com Cíntia. Ele procura passar algumas horas com seu filho em três noites por semana, além de todo o final de semana. Também

comemora datas festivas, como aniversário e Natal, com Leonardo, sua mãe e avós maternos.

Os encontros entre Édson e Leonardo não tem qualquer determinação judicial, sendo bastante flexíveis. Ele pode visitar o filho sempre que desejar, sem precisar marcar horário. Contudo, Édson quase sempre convive com o filho na casa de Cíntia. Leonardo nunca dormiu na casa do pai e visitou-a pouquíssimas vezes. Quando pai e filho saem, a mãe sempre os acompanha. Eles não têm nenhum momento apenas dos dois, e este é um aspecto avaliado por Édson como muito restritivo da relação pai-filho, dificultando uma maior liberdade entre os dois e um contato mais próximo. De acordo com o pai, é Cíntia quem impede que ele saia sozinho com o filho e, portanto, este é um ponto de discussões freqüentes entre pai e mãe. Édson sabe que poderia lutar na justiça pelo direito de ficar sozinho com o filho, mas, além de não desejar brigar judicialmente com Cíntia, o apavora a idéia de ter horários rígidos de visitação. Para descrever o quanto esta idéia o desagrada, ele chega a utilizar a metáfora de um presídio, onde existe uma total privação nos relacionamentos afetivos (além de muitas outras). Esta insatisfação parece ser comum entre os pais não residentes, como foi assinalado por Amato e Gilbreth (1999). Os autores constataram que os esquemas de visitas costumam ser criticados por estes pais, pois os impediria de manter algo além de uma relação superficial com seus filhos. No caso de Édson, a possibilidade de ter os encontros com o filho restringidos se mostra realmente assustadora.

Quando Édson está com o filho, ele desempenha diversas atividades, como cuidar, brincar, passear, conversar e ver televisão. Os passeios são referidos como os momentos de maior prazer, pois o pai tem a possibilidade de acompanhar o filho na descoberta do mundo, mostrando-se como um ponto de segurança e apoio. Édson refere, com bastante emoção, que dá a mão para o filho, pega-o no colo, e ele se sente protegido. Pode-se pensar que, em virtude das restrições vividas por Édson quanto à paternidade, ver que o filho o tem como uma figura de apego (cf. Bowlby, 1989) assegura-o de que, de algum modo, ele está sendo um bom pai. Ele consegue transmitir segurança ao seu filho, e isto lhe traz muita satisfação.

Em relação aos cuidados básicos, o pai refere trocar as fraldas de Leonardo, dar-lhe banho, fazê-lo dormir e levá-lo às consultas médicas. Deste modo, percebe-se que a interação entre pai e filho não está restrita às atividades sociais, embora Édson evite alguns cuidados, como trocar fraldas sujas de cocô e fazer a mamadeira. Ele refere que estas tarefas não o agradam e, como Cíntia está sempre junto, nunca foi necessário realizá-las.

Ou seja, lhe falta iniciativa e oportunidade. Talvez Édson tivesse desenvolvido a capacidade de realizar estas tarefas caso fosse incentivado para tal, mas, como destacou em diversos momentos, Cíntia é muito possessiva em relação ao filho e, embora manifeste verbalmente a necessidade de que pai e filho sejam próximos, não facilita esta relação. A este respeito, Lamb (1997) afirmou que as mesmas pesquisas que mostram um desejo, por parte dos pais, de ter um maior envolvimento com seus filhos, mostram que as mulheres não querem este maior envolvimento. Uma grande ambivalência parece estar presente nos sentimentos e comportamentos de Cíntia relativos ao envolvimento de Édson com o filho, o que acaba por afetar a relação entre eles.

Édson mostra-se como um pai bastante responsável pelo seu filho, preocupando-se com sua saúde, bem-estar e educação. Ele parece querer o melhor para seu filho, e costuma discutir com Cíntia suas opiniões e receios. Uma preocupação bastante importante de Édson refere-se aos possíveis efeitos sobre o desenvolvimento de Leonardo do fato de não viver com o pai. Ele acredita que o filho sente sua falta, e teme que isto produza um “*trauma*”. Contudo, acredita que poderá evitar maiores conseqüências conversando com ele e explicando sua situação. Em relação a este aspecto, pode-se pensar que, de uma certa maneira, Édson vem repetindo com seu filho a história que viveu com seu pai, caracterizado como um pai ausente. Não residindo com seu filho, Édson também vem se mostrando um pai pouco presente.

A responsabilidade financeira também faz-se presente na fala de Édson, sendo que sua contribuição material é maior que a de Cíntia, pois ele tem uma receita maior. Não existe um valor fixo para a pensão, sendo o valor estipulado de acordo com as necessidades de Leonardo. O pai refere que isto nunca foi um motivo de discussões ou brigas do casal, o que sugere que as necessidades do filho se constituem em uma prioridade para ele, pelo menos no aspecto financeiro.

Édson se avalia como um pai bastante envolvido com seu filho, tendo com ele um bom relacionamento e sentindo muito prazer em ser pai de Leonardo. Ele se mostra um pai muito orgulhoso, utilizando apenas características positivas para descrever a criança. No entanto, Édson se mostra um pouco insatisfeito com o modo como vem desempenhando a paternidade. Ele gostaria de ficar mais tempo com seu filho e, principalmente, participar de sua rotina diária. A impossibilidade de estar presente em momentos importantes da vida de Leonardo é vivenciada pelo pai como uma perda e como determinante de uma relação menos próxima entre pai e filho. Ele teme que isto tenha reflexos sobre o seu relacionamento futuro, impossibilitando que o filho o veja como uma referência, um

modelo ou, até mesmo, uma figura de apego. Édson apresenta também um grande temor de ter seu lugar ocupado por um padrasto que, por participar do dia-a-dia de Leonardo, poderia ser mais próximo de seu filho do que ele mesmo. Estas preocupações de Édson se reportam a Thompson e Laible (1999), os quais sugeriram que, quando algum dos aspectos da paternidade é negado aos pais (ex. satisfazer as necessidades materiais, oferecer orientação, exercer autoridade, ou partilhar o dia-a-dia), eles costumam sentir que seu papel parental foi restringido. De acordo com os autores, a relação baseada em visitas é, muitas vezes, percebida como constrita e artificial. Dentro deste quadro, criar uma relação satisfatória com os filhos constituir-se-ia em um dos maiores desafios e fontes de estresse dos pais não-residentes. Édson realmente parece estar vivenciando esta situação como fonte de preocupação e sofrimento.

Quanto ao relacionamento entre Édson e Cíntia, pode-se perceber que a instabilidade é sua marca registrada. Sua relação já era composta de separações e re-uniões freqüentes antes do nascimento de Leonardo, e segue apresentando este padrão. Embora não se considerem namorados, nenhum dos dois é capaz de construir uma nova relação com outra pessoa, e permanecem muito unidos. O diálogo entre o casal é bastante freqüente, envolvendo vários aspectos da vida de Leonardo e, deste modo, eles costumam tomar decisões em conjunto. Assim, ao menos em nível decisório a coparentalidade vem sendo exercida pelo casal. O grau de conflito é baixo, embora se mostre sempre iminente. Para evitar brigas, a discussão de alguns temas é evitada. Entre os principais pontos de discordância estão questões ligadas à criação de Leonardo, principalmente as restrições impostas por Cíntia ao contato a sós do pai com o filho.

Examinando as semelhanças e particularidades entre os pais que nunca residiram com seus filhos

Através da análise, em conjunto, dos relatos dos três pais que nunca residiram com seus filhos, pode-se verificar muitas semelhanças entre estes casos. Lucas, César e Édson se consideram pais próximos de seus filhos, cultivando com eles uma relação de muito carinho e afeição. O tempo que passam com seus filhos é visto por eles como muito prazeroso e recompensador, e as crianças são descritas basicamente através de características positivas, demonstrando a satisfação dos pais com seus filhos. Isto se reporta a Braver e cols. (1983), os quais afirmaram que as recompensas afetivas ou interpessoais advindas da relação pai-filho são importantes preditores da continuidade do envolvimento dos pais não-residentes com seus filhos. Deste modo, o bom relacionamento

entre pais e crianças, descrito acima, parece estar intimamente associado ao seu padrão de envolvimento.

A proximidade do relacionamento que eles têm com seus filhos chega a surpreendê-los, pois, no momento em que souberam que seriam pais, nenhum dos três participantes desejava ter filhos, ao menos em nível consciente. Lucas afirmou não ter intenção de ser pai em momento algum de sua vida, enquanto César e Édson consideraram inadequado o momento em que ocorreu a gravidez, em virtude dos seus relacionamentos com as mães das crianças. No entanto, alguns autores têm enfatizado que, para que uma criança nasça, é preciso que estejam presentes três desejos: o da mãe, o do pai e o da própria criança (Szejer & Stewart, 1997). Porém, este desejo pode pertencer à ordem do inconsciente, sendo contrário à vontade consciente do pai ou mãe. Portanto, é possível pensar que estes pais, em algum nível, desejassem ter filhos, e este anseio inconsciente poderia agora estar a serviço da afetividade entre pai e criança. De qualquer modo, a notícia de que seriam pais – e, no caso de César, de que já tinha uma filha – não foi bem recebida. Lucas e Édson permaneceram distantes de suas companheiras durante toda a gestação, tendo um envolvimento mínimo neste período, tanto em termos do apoio dado à gestante quanto da sua participação direta. César, que recebeu a notícia quando sua filha já estava com cinco meses de idade, duvidou da paternidade e exigiu sua comprovação pelo exame de DNA. Depois deste momento inicial, contudo, todos os três pais conseguiram aproximar-se de seus filhos. Hoje eles apresentam, no geral, um bom nível de envolvimento, sendo companheiros das crianças em brincadeiras, passeios e comemorações, como as suas festas de aniversário. Também se sentem responsáveis por seus filhos, se preocupando com seu bem-estar e educação. Isto ocorre, mesmo no caso do César, que mora em uma cidade bastante distante de seu filho. Cabe destacar, ainda, que Édson e César estão abdicando de novos relacionamentos, a fim de não perturbar seu envolvimento com o filho. Lucas, por sua vez, arrisca constantemente o seu casamento em prol de uma relação mais próxima com sua filha. Pode-se pensar que estas atitudes representem uma grande dedicação e doação aos filhos, em detrimento inclusive da vida amorosa destes pais. Talvez, desta forma, eles busquem tornar menos penosa para a criança uma situação já encarada como muito difícil e, deste modo, não se sentirem ainda mais culpados. O mesmo poderia ser dito em relação às mães, que também não construíram novos relacionamentos.

Com base na literatura, pode-se verificar a presença de alguns fatores que parecem estar contribuindo para o envolvimento dos participantes deste estudo. Entre eles cabe destacar, o baixo grau de conflito entre pai e mãe, a flexibilidade no arranjo das visitas, e a

percepção do pai sobre seu papel na vida da criança, aspectos que se mostraram presentes nos três casos estudados, e que são mencionados por diversos autores como facilitadores do envolvimento paterno (Braver & cols., 1993; McKenry & cols., 1992; Stone & McKenry, 1998; Tepp, 1983; Thompson & Laible, 1999). Walker e McGraw (2000) destacaram, ainda, o papel da educação do pai como um preditor do seu envolvimento. De acordo com os autores, pais com alto nível de escolaridade geralmente têm um maior envolvimento com seus filhos, por partilhar de um padrão cultural distinto a respeito da paternidade. César, Édson e Lucas poderiam ser classificados em um status sócio-econômico médio, sendo que dois deles possuem ensino superior completo, e o terceiro, ensino médio completo. Estes pais, portanto, estão bastante acima do padrão de escolaridade médio da população brasileira, o que pode estar contribuindo para o seu envolvimento com seus filhos.

Contudo, o envolvimento destes pais apresenta algumas limitações. Lucas, César e Édson evitam algumas tarefas de cuidado relativas à higiene da criança, principalmente trocas de fraldas defecadas. Eles referem não gostar desta atividade, mas, ao mesmo tempo, não são muito estimulados para realizá-las. Com base nos relatos, nota-se que, embora estes pais percebam que poderiam ter um maior envolvimento nos cuidados básicos e sintam-se, algumas vezes, tolhidos pelas mães de seus filhos, eles não buscam uma igualdade de tarefas com as mulheres. Relacionado a este tópico, Stern (1997) salientou que os pais poderiam ser divididos em dois grupos quanto ao modo como exercem a paternidade. O primeiro destes seria composto pelos ‘pais novos’, os quais procuram e, muitas vezes, obtêm igualdade com a mãe nos cuidados do filho. Já aqueles que valorizam menos a igualdade e não a exercem seriam denominados ‘pais tradicionais’. Haveria, de acordo com o autor, atividades que o ‘pai novo’ se empenha em realizar e não consegue, enquanto o ‘pai tradicional’ procura se manter afastado de tais tarefas. Com base nesta argumentação, pode-se pensar que os três participantes do presente estudo não se enquadrariam na categoria ‘pai novo’, pois eles não relataram se empenhar muito em realizar algumas tarefas, consideradas mais difíceis ou desagradáveis, deixando-as ao encargo das mulheres (mãe ou avó). Em realidade, independentemente da situação de residir ou não com o marido, as mães ainda realizam uma maior variedade de atividades de cuidado do que os pais, e a responsabilidade de cuidar do bebê não costuma ser dividida igualmente pelos casais (Baildam & cols., 2000; Feldman, 2000). Assim, ao se apontar que os três pais descritos acima não atendem ao perfil do pai novo, não se pode afirmar que

isto tem necessariamente relação com sua situação de não morar junto com o filho e a esposa.

Outro aspecto limitante no modo como estes pais exercem a paternidade diz respeito ao fato de que seus filhos jamais dormem em sua casa, e visitam-na muito pouco ou nunca. Isto vai ao encontro dos achados de Furstenberg e Nord (1985), pois as crianças por eles pesquisadas raramente dormiam na casa de seus pais não-residentes, sendo que poucas tinham um espaço na casa do pai para deixar suas coisas. Além disto, a maioria das crianças nunca visitava o pai, e o contato pai-filho, quando existia, ocorria fora de casa. Deste modo, segundo os autores, a criança não era incorporada à vida do pai, o que contribuía para que os pais não-residentes mantivessem um papel muito limitado na vida das crianças, excluindo responsabilidades rotineiras. Situação semelhante parece estar ocorrendo com os pais deste estudo.

Em decorrência das limitações apontadas acima e, principalmente, da impossibilidade de conviver no dia-a-dia com seus filhos, os três pais que nunca residiram com os filhos manifestam certa insatisfação com a paternidade. A falta de participação na rotina da criança e a ausência em momentos importantes, como nas suas novas descobertas e aquisições desenvolvimentais, ou nas doenças e machucados, são destacadas pelos pais como os aspectos mais negativos decorrentes do fato de não viverem com seus filhos. Os sentimentos advindos desta situação que mais se evidenciam na fala dos pais são de frustração e exclusão. A frustração refere-se ao modo como estes pais vêm conseguindo exercer a paternidade, que está longe do seu ideal de pai, enquanto a exclusão diz respeito à impossibilidade de viver com seus filhos muitos momentos, das quais apenas sua mãe pode participar. Este sentimento parece dar origem ao ciúmes e ao medo de ser substituído por um padrasto, manifestos por Édson. Um padrasto, mesmo não tendo laços consangüíneos com a criança, tem a chance de participar do seu dia-a-dia de uma maneira bem mais efetiva. Isto remete às proposições de Thompson e Laible (1999), segundo os quais a impossibilidade de atender a alguma das funções e responsabilidades da paternidade costuma gerar, nos pais não-residente, um sentimento de que seu papel parental foi mutilado, e de que a relação que ele vive com seus filhos, baseada em visitas, é constricta e artificial. Esta situação pode engendrar sentimentos de perda, privação e tristeza (McKenry & cols., 1992; Tepp, 1983). Do mesmo modo, Tepp (1983) referiu que muitos pais sofrem por sentirem-se fora da função de paternagem e visitantes na vida dos filhos. Ramires (1997) também afirmou que esta situação costuma originar, ainda, sentimentos de culpa e dívida para com os filhos.

Talvez por estarem vivenciando todos estes sentimentos negativos, os participantes deste estudo apresentam uma grande preocupação sobre os possíveis efeitos de sua situação, de pais não-residentes, sobre seus filhos. Esta preocupação geralmente se refere ao futuro, apontando o medo de que esta situação se constitua em um “trauma” para as crianças. Para evitar maiores danos, César e Édson buscam conversar com seus filhos, explicando-lhes sua situação. Um aspecto tranquilizador é que as crianças são avaliadas pelos pais como bastante saudáveis, embora sintam falta do seu pai e se mostrem, por vezes, um pouco carentes.

A respeito das crenças destes pais sobre o papel paterno, os três referem que a educação e orientação dos filhos seria a principal função de um pai. Com esta caracterização, os três pais parecem ainda definir seu papel em consonância com um modelo mais tradicional de paternidade. Dentro deste modelo, embora uma relação de proximidade com o filho e o exercício de atividades de cuidado possam ser importantes, as principais funções do pai seriam garantir o cumprimento de normas e oferecer-se como um modelo de identificação social e de gênero (Aberastury & Salas, 1984).

Embora, nas análises acima, tenham sido evidenciados muitos aspectos em comum nas falas dos três pais que nunca residiram com seus filhos, algumas peculiaridades também estiveram presentes. Em relação ao envolvimento paterno, ainda que os três pais apresentem um bom nível de envolvimento, o modo como este envolvimento ocorre em cada um dos casos é bastante distinto. Poder-se-ia dizer que, em cada um dos pais, um dos componentes do envolvimento paterno descritos por Lamb e cols. (1985) – interação, acessibilidade e responsabilidade – mostra-se preponderante. Deste modo, enquanto a principal característica do envolvimento de Lucas é sua grande acessibilidade, no caso de César é sua responsabilidade e quanto a Édson, parece ser sua interação com o filho.

Quanto à acessibilidade, Édson e Lucas mostram-se pais bastante disponíveis para seus filhos, tendo em vista sua condição de não-residentes. Lucas costuma visitar sua filha todos os dias, em horários variados. Édson passa algumas horas com seu filho durante várias noites por semana, e o final de semana é quase que inteiramente dedicado a ele. Em relação a César, a pequena acessibilidade deste pai para sua filha realmente parece estar interferindo nas suas possibilidades de participar mais ativamente dos seus cuidados. César visita sua filha apenas uma vez por mês, quando passa três dias com ela. Portanto, ele precisa, no exercício da paternidade, lidar com uma severa restrição de tempo para o convívio com a filha. Isto o torna um pai bastante insatisfeito com o modo como desempenha o seu papel. A respeito desta limitação de tempo, Hamer (1997) verificou que

os pais que passavam pouco tempo com os filhos não se sentiam bons pais, não importando as circunstâncias que os distanciavam dos filhos. Em realidade, parece que a grande dificuldade enfrentada por César é distância física entre sua residência e a da filha, que abrange 600 quilômetros. Além disto, a relação entre César e a mãe de Luana é bastante fria, sendo que eles já estavam distantes durante a gravidez, da qual o pai sequer tinha conhecimento. O começo de sua relação com Luana, no seu quinto mês de vida, foi bastante difícil, e só ocorreu após a comprovação da paternidade pelo exame de DNA.

Atualmente, embora César tenha conseguido estabelecer laços afetivos com sua filha, seu envolvimento se dá, basicamente, através de manifestações de sua responsabilidade. Ele é responsável por todas as despesas de Luana, pois suas condições financeiras são bem mais favoráveis que as da mãe. Também se preocupa muito com o bem-estar, educação e o futuro da filha, contando com seus pais, os avós de Luana, para dar-lhe uma boa alimentação e educação, além de carinho. Contudo, César participa pouco das decisões a respeito da criação da filha, pois acompanha muito pouco da sua rotina e situações do dia-a-dia, e não conversa com frequência com sua mãe. Assim, o presente estudo corrobora os achados de Furstenberg e Nord (1985) de que o contato entre pai e filho relaciona-se positivamente com a participação do pai nas decisões a respeito da criança, uma vez que tanto Lucas quanto Édson, que têm mais contato com seus filhos, acabam tomando decisões em conjunto com as mães de seus filhos, exercendo uma coparentalidade, ao menos no que se refere a este aspecto. Quanto às responsabilidades de Lucas na criação de sua filha, percebe-se que, embora ele se apresente bastante acessível a ela e enfrente poucas restrições quanto às visitas, a responsabilidade é um aspecto pouco presente no envolvimento de Lucas. Atualmente, Lucas não contribui financeiramente com a filha, pois a mãe dela está em uma melhor situação financeira. Segundo ele, esta é uma condição temporária e, em momentos anteriores, ele costumava contribuir bastante. Apesar de se preocupar com a educação da filha e participar das decisões a este respeito, como referido anteriormente, muitas das questões práticas, como lidar com a filha em situações de birra, impondo limites, são deixadas ao encargo da sua mãe. Deste modo, os achados deste estudo corroboram parcialmente as conclusões de Seltzer (1991) de que a frequência e duração de visitas, o valor do suporte financeiro e a frequência de conversas com a mãe sobre a criança costumam estar positivamente associados entre si, de modo que o não cumprimento de um destes aspectos levaria a um decréscimo nos demais. Nos casos aqui apresentados, as conversas com a mãe e a frequência das visitas mostram-se associadas,

mas o mesmo não ocorre com o suporte financeiro, o qual mostra-se mais dependente de aspectos sócio-econômicos do que destes dois outros fatores.

A respeito da interação, Édson é o pai que realiza o mais amplo leque de atividades com seu filho. Ele realiza atividades de cuidado, brinca com seu filho, passeia, conversa e vê televisão com ele. Lucas também realiza grande parte destas atividades, mas evita os cuidados relativos à higiene. Já César, por sua vez, não realiza nenhuma atividade de cuidado com o filho. Sua interação se constitui, principalmente, de passeios e brincadeiras. Pode-se perceber, contudo, que mesmo havendo diferenças, a conduta dos três pais mostra uma predominância de atividades sociais com o filho. Este dado vai ao encontro dos achados de diversos autores, os quais verificaram que o pai, independentemente do fato de morar ou não com o filho, costuma mostrar-se bem mais envolvido em interação social, exercendo mais atividades recreativas como sair, ver televisão e conversar, do que em atividades de cuidado (Bailey, 1994; Furstenberg & Nord, 1985; Seltzer, 1991; Tepp, 1983; Thompson & Laible, 1999). De acordo com Amato e Gilbreth (1999), este padrão dever-se-ia, em parte, às restrições impostas aos pais quanto ao tempo em que podem passar com seus filhos, e não somente a uma falta de interesse pelas crianças.

A partir dos casos estudados, destaca-se a influência da qualidade do relacionamento entre pai e mãe sobre o exercício da paternidade, o que corrobora as proposições de diversos autores (Ahrons, 1983; Madden-Derdich & Leonard, 2000; Nielsen, 1999). Lucas, que tem um bom relacionamento com a mãe de Mara, não enfrenta qualquer tipo de restrição para ver a filha. César, por sua vez, embora não seja impedido de ver Luana por sua mãe, fica de fora do dia-a-dia da filha, em grande parte, por não se sentir à vontade para conversar com Míriam. Já Édson, que vive uma relação bastante instável com a mãe de Leonardo, é impedido de sair sozinho com o filho, construindo um espaço que seja apenas dos dois. Portanto, a qualidade do relacionamento entre pai e mãe, o quanto eles dividem as decisões sobre a criação dos filhos e seus sentimentos de raiva, culpa e respeito têm um efeito expressivo sobre o envolvimento paterno (Ahrons, 1983).

Lucas, César e Édson parecem estar vivendo um momento de transição nas concepções sociais a respeito da paternidade. Isto se evidencia na discrepância, presente em alguns momentos dos seus relatos, entre suas crenças a respeito do papel paterno e aquilo que efetivamente fazem, por exemplo, em relação às trocas de fraldas e participação na educação da criança. Também podemos notar esta transição pelo fato de que, embora refiram utilizar seus próprios pais como uma referência de paternidade, seja positiva ou negativa, mesclam suas características com as de outros modelos, mais atuais e adequados

à sua situação. Assim, o modelo deixado por seus pais, embora fundamental para a construção dos seus ideais de paternidade (cf. Szejer & Stewart, 1997), não dá conta da realidade em que eles vivem. Eles ainda estão construindo o seu modo de ser pais, tarefa esta recém começada e que deve ocupá-los durante toda a vida.

Parte 2: Pais Não-residentes – Residiram por Algum Tempo com seus Filhos e se Separaram

Caso 1: Jorge

História do caso

Jorge tem 32 anos, é separado e tem uma filha de 3 anos e 4 meses de idade, chamada Mariana. Ele tem curso superior completo e trabalha na sua área de formação, com uma carga horária semanal correspondente a 48 horas. Jorge e Ângela, mãe de Mariana, estão separados há um ano. Mariana mora com a mãe, que também trabalha fora, e com o padrasto. Ela frequenta uma escola de educação infantil no turno da tarde, há aproximadamente um ano.

Jorge e Ângela estavam namorando há dois anos quando ela ficou grávida. A gravidez, embora não tenha sido planejada, foi bem recebida pelo pai. Ele afirma que se sentia preparado para ser pai, pois havia ajudado a criar duas sobrinhas. Jorge e Ângela resolveram, então, se casar, e viveram juntos por quase três anos. Jorge refere que eles sempre foram muito diferentes e, no período em que estavam casados, seu relacionamento era “*cheio de altos e baixos*”. Ele refere diversas causas para a separação, sendo as principais as diferenças entre eles e alguns conflitos relativos às famílias de origem. Além disto, Jorge acredita que Ângela passou a se dedicar integralmente à filha, constituindo com ela uma relação muito fusionada, o que esfriou o relacionamento do casal.

Quanto à separação, Jorge afirma que ela foi rápida e consensual. A iniciativa de se separar foi de Ângela, embora ele já se sentisse bastante infeliz há algum tempo. Ele refere não ter decidido se separar antes por preocupar-se com a filha. Durante uns dois ou três meses, ele se sentiu perdido, sem referência. Mas, passado o “*trauma*” inicial, rapidamente as coisas se acomodaram. Jorge procurou uma psicóloga depois da separação, e permaneceu em psicoterapia por algum tempo. Segundo ele, isto o ajudou bastante. Ele afirma que, em um primeiro momento Ângela e ele decidiram todas as questões referentes à filha – pensão, visitas – através de acordo. Contudo, houve algumas brigas e discussões e, durante um período, o relacionamento entre eles ficou muito ruim. Então, eles resolveram entrar na justiça. A guarda, que inicialmente era compartilhada, foi dada à mãe. Jorge acredita que a guarda compartilhada era um dos principais motivos do conflito entre pai e mãe. Um mínimo de visitas também ficou determinado. Ele afirma que esta determinação da justiça, além de facilitar seu contato com a filha, melhorou o relacionamento entre pai e mãe.

Atualmente, Ângela vive com outro homem. Jorge refere que, embora ele e a namorada ainda não residam na mesma casa, passam muito tempo juntos. Ele acredita que Mariana se dá muito bem com o padrasto e a madrasta. Após algum tempo morando sozinho, Jorge voltou a residir na casa de sua mãe. Nesta casa também há um quarto para Mariana, onde ela guarda seus pertences e dorme quando visita o pai. Em um primeiro momento, isto foi um motivo de conflito entre Jorge e Ângela, pois ela não entendia por que a filha precisava ter também um quarto na casa do pai. Jorge, contudo, considera que isto é importante para o relacionamento entre pai e filha.

Envolvimento paterno

Embora a gravidez de Ângela não tenha sido planejada, Jorge afirma que, após um susto inicial, gostou bastante da idéia de ser pai. Durante a gestação, ele se mostrou bastante participativo, acompanhando de perto seu desenvolvimento. Jorge refere que chegou a acompanhar Ângela ao curso de gestantes: *“Sempre acompanhei tudo, aquele cursinho de pais no hospital, tudo.”* Atualmente, ele se considera um pai bastante envolvido com a filha, tendo uma grande participação em sua criação: *“Eu sou um pai mais participativo assim, eu gosto de participar mais.”* Jorge acredita que a filha está tendo a oportunidade de conviver bastante com o pai e a mãe, o que seria positivo para ela: *“Ela participa da vida dos dois, ativamente.”*

Quanto à interação, nota-se que Jorge realiza uma ampla gama de atividades com sua filha, as quais incluem a participação nos cuidados: *“Eu acho que desde o começo eu participei bastante dos cuidados a ela.”* Ele costuma realizar atividades ligadas à higiene, inclusive o treinamento do controle esfíncteriano: *“Eu levo no banheiro mesmo que ela esteja dormindo, fazer xixi ainda antes de dormir (...) E de manhã cedo sempre quando acordo boto ela no banheiro, pra tirar a fralda.”* Além disto, costuma preparar a mamadeira de Mariana (*“Sempre fiz, desde que ela nasceu.”*) e buscá-la na escola (*“Seguido eu busco ela na escola. Tem balé, de vez em quando eu busco ela no balé.”*). Jorge refere brincar bastante com a filha, sendo que os tipos de brincadeiras são bastante variados, incluindo faz-de-conta, brincadeiras motoras e pedagógicas: *“Tipo brincar com números, ela gosta de brincar com números, também. Aqueles quadrados no chão com números né, ela conhece os números e ela sabe contar.”* Outras atividades realizadas por pai e filha são passear, fazer refeições em restaurantes, contar histórias ou, simplesmente, ficar em casa juntos. Mariana também costuma viajar com seu pai: *“Ela gosta de ir pra praia, a gente vai pra praia seguido (...) Agora*

nas férias ela passou vinte e cinco dias comigo na praia, então ela tá bem habituada assim, de vez em quando a gente vai pra um sítio aqui perto.”

Jorge refere que, antes da separação, ele participava ainda mais dos cuidados da filha, pois ficava responsável por ela durante a noite, enquanto sua esposa estudava: *“Então essa parte de pegar ela na escola, levar pra casa, dar banho, dar comida, botar pra dormir, eu fazia quase que diariamente.”* Ele também costumava levá-la às consultas médicas, o que deixou de fazer após a separação, embora ainda entre em contato com o pediatra para conversar sobre a saúde de Mariana: *“Levei bastante [ao pediatra], até os dois anos eu levava sempre ela. Eu sempre ia nas consultas médicas. Depois eu não vi mais necessidade.”*

Em relação à acessibilidade, Jorge encontra-se com sua filha duas noites por semana. Os finais de semana são intercalados, de modo que Mariana passa um fim-de-semana com o pai e outro com a mãe: *“Eu vejo ela no mínimo duas vezes por semana, no meio da semana, depois eu pego ela num fim de semana sim e num fim de semana não.”* Os feriados também são alternados entre pai e mãe. Nos dias em que Mariana fica com o pai, ela costuma dormir na casa dele, sendo que, como referido anteriormente, ela possui um quarto nesta casa. Jorge refere que gosta quando Mariana dorme na sua casa e, quando ela não está, ele sente sua falta, pois estava acostumado a colocá-la para dormir. Contudo, ele fica um pouco preocupado com ela durante a noite, o que prejudica seu sono: *“Eu sempre que durmo com ela, o meu sono é menos tranqüilo, porque eu tô sempre ligado pra ver se ela quer alguma coisa.”*

Como foi salientado acima, logo após a separação, os encontros de Jorge com sua filha não tinham qualquer determinação fixa. No entanto, após algumas brigas do casal, um número mínimo de visitas foi determinado judicialmente. De acordo com o pai, o esquema de visitas não foi alterado, apenas ficou legalmente fixado: *“Foi feito um acordo que voltou tudo a ser como era, mas ficou determinado judicialmente.”* Também ficaram determinados os encontros em datas importantes, como Natal e Ano Novo: *“Por uma medida judicial, ela passou o Natal comigo. E passou o Ano Novo com a mãe dela. (...) Ela passa o Natal com um e o Ano Novo com outro.”* Jorge mostra-se satisfeito com o arranjo dos encontros, pois lhe foi garantido o direito de conviver com Mariana. Ele ressalva, contudo, que as datas das visitas não são fixas, e a criança tem liberdade para decidir se quer ir ou não à casa do pai: *“Se ela tiver vontade, né, sendo que naquele dia que ela for dormir na minha casa e ela não quiser dormir lá, não tem problema. Tá bem à vontade, assim.”*

Além destes encontros, Jorge costuma estar disponível para a filha em reuniões ou festinhas da sua escola: *“Eu vou a todas as reuniões da escola, sempre tem. (...) Festinhas de*

pais, algum evento assim sempre vou, nunca deixei de ir.” Ele também participa das suas festas de aniversário, juntamente com Ângela: *“E o aniversário a princípio a gente fez o aniversário na escola pra ela, os dois foram, ficou todo mundo, assim.”*

Quanto às suas responsabilidades na criação de Mariana, Jorge afirma ter grande participação nas decisões a respeito da filha, pois elas são sempre tomadas conjuntamente por ele e a ex-exposa: *“São todas, como eu digo, conversadas né, todas decididas em conjunto assim.”* Contudo, Jorge refere que as conversas entre Ângela e ele são eventuais: *“A gente não tem muito, muito contato assim né. Eventualmente assim, quando a gente se encontra assim, trocando ela assim, ou devolvendo ela, ou ela pegando pelo telefone.”* Quando ocorrem estes diálogos entre pai e mãe, os assuntos mais frequentes são relativos à educação da filha, como a escolha da escola onde ela estudará a partir do próximo ano, e ao comportamento de Mariana: *“A gente conversa sobre as atitudes dela, a gente compara atitudes, como ela é comigo, como ela é com ela [mãe].”* De acordo com Jorge, a qualidade destas conversas vem melhorando com o tempo. Logo após a separação, o grau de conflito entre o casal era elevado e, portanto, o diálogo ficava bastante prejudicado. Passado algum tempo, as conversas se tornaram mais tranqüilas: *“São naturais, são bem... Tão ficando mais naturais agora, né, passa um tempo de ressentimento mútuo. Depois é que vai se acomodando. Acho que daqui pra frente só tende a melhorar.”* Algumas discordâncias, contudo, ainda se fazem presentes. Atualmente, o casal vem discutindo bastante a troca de escola de Mariana, não concordando sobre qual seria a mais indicada. *“Tem algumas coisas que a gente discorda, com certeza nós somos duas pessoas muito diferentes.”*

O pai também demonstra sentir-se responsável pela sua filha através de algumas preocupações que nutre a respeito de seu bem-estar, saúde e educação. Jorge mostra-se como um pai que procura oferecer as melhores condições de vida para sua filha. Neste sentido, ele sentiu a necessidade de criar um espaço para Mariana em sua casa, acreditando que isto seria importante para ela: *“Nunca pensei de morar num apartamento de um quarto pensando nela. Tinha sempre que ter um lugar pra ela, um espaço pra ela se sentir a vontade, para ela ter o ambiente dela.”* Jorge também preocupou-se em colocar a filha em uma escola pequena, onde a professora poderia dar atenção a cada uma das crianças: *“É uma escolinha pequena, a professora podia dar mais atenção também pra ela, na época tinha só quatro ou cinco alunos na aulinha dela.”* Já as preocupações relativas à saúde centram-se na qualidade da alimentação de Mariana: *“Eu procuro não dar assim pra ela comida que tenha muita gordura, não incentivo muito o doce também.”* Quanto à contribuição financeira, Jorge é o responsável pelas despesas com a saúde e educação da filha. Esta contribuição foi determinada por um

acordo entre os pais, e varia conforme as necessidades da criança: *“Eu pago a escola dela, eu pago toda educação dela, o que ela for fazer, o que ela quiser fazer. (...) Tudo, balé, pago natação, pago seguro saúde, seguro odontológico.”*

Relacionamento pai-criança

Jorge descreve sua relação com Mariana como bastante prazerosa, havendo um bom entrosamento entre pai e filha: *“É bem integrada assim, a gente tem uma integração muito boa nós dois, a gente conversa.”* Ele refere também que há muito carinho entre eles: *“É uma relação bem sadia assim, eu passo o tempo inteiro dizendo que eu gosto dela, que eu amo ela.”*

Ao falar sobre Mariana, Jorge menciona apenas características positivas. Ele a descreve como uma criança saudável, que apresenta um bom desenvolvimento: *“Ela tá crescendo bem direitinho.”* Além disto, afirma que sua filha é uma criança bastante sociável, extrovertida: *“A Mariana é uma menina muito extrovertida (...) bem falante.”* O pai acredita que Mariana é uma criança feliz: *“Feliz, ela tá sempre rindo, brincando.”*

A respeito dos possíveis efeitos de não residir com o pai sobre a criança, Jorge afirma que a separação não gerou uma grande alteração na vida da filha: *“Eu acho que, apesar da separação, num primeiro momento assim, ela não se afetou muito, ela continua tendo a mesma atenção dos dois, do pai e da mãe, apesar de não conviver diariamente comigo.”* Esta afirmação, no entanto, contrasta com a percepção de que a criança sentia a sua falta, principalmente logo após a separação: *“Eu sei que ela sentia bastante falta de mim, ela me chamava de noite. Passava a noite inteira me chamando, chorava.”* Jorge acredita que esta fase passou, e que Mariana já se acostumou à sua ausência em casa: *“E ela também eu acho que sentia um pouco de falta de não tá em casa. Ela sempre falava, eu quero dormir contigo, quero ficar mais tempo contigo, depois ela se acostumou.”* Ele menciona que a filha também já está habituada à sua nova rotina, ficando alguns dias com o pai e outros com a mãe: *“Ah, eu acho que ela já se acostumou, ela já tá bem acostumada. Ela sabe direitinho o dia que tu vai buscar ela na escola e o dia que ela vai ficar contigo (...) Tá bem acostumada, bem adaptada.”* Contudo, Jorge percebe que a filha gostaria de rever os pais unidos, como um casal: *“De vez em quando ela externa, assim, que gostaria de ter os dois juntos.”*

Como assinalado acima, tanto Jorge quanto sua ex-esposa têm novos relacionamentos amorosos, sendo que Ângela está residindo com o namorado. Jorge acredita que sua namorada o fez aceitar melhor a distância da filha, além de proporcionar a Mariana uma nova referência de casal: *“Eu tenho uma namorada e a mãe dela tem um namorado, então ela tem uma referência de casal, né. Não vê o pai sozinho e a mãe sozinha, e ela*

se dá bem com todo mundo.” Deste modo, ele vê efeitos positivos destes novos relacionamentos para a sua filha, embora afirme que ela, algumas vezes, mostrou-se um pouco confusa a respeito dos papéis desempenhados pelos namorados dos pais: *“E ela falou ‘eu tenho um pai de mentirinha’. E eu fiquei brabo com ela. Eu disse pra ela que ela não tem, que pai ela só tem um e mãe ela só tem uma. Eu passei um mês dizendo pra ela, perguntava quem é o teu pai, quem é a tua mãe.”* Jorge também refere sentir ciúmes da relação estabelecida entre Mariana e o padrasto: *“Num primeiro momento, assim, eu sentia um pouco de ciúme em relação à Mari, [por o padrasto estar]convivendo mais tempo do que eu com ela.”*

Avaliação da paternidade

Jorge mostra-se satisfeito com sua participação na vida de Mariana: *“Tô satisfeito [com a participação], eu sempre participei, nunca me abstive.”* Ele se considera um pai bastante próximo de sua filha, e acredita que a separação não diminuiu esta proximidade: *“Não dá tempo de sentir falta, ela tá sempre presente. Se não é fisicamente é nas coisas dela, nas fotos dela, no jeito dela. (...) Ela tá sempre presente.”* Logo após a separação ele sentia muita falta de dormir perto de Mariana, mas afirma que, assim como a filha, ele já está mais habituado à sua nova situação: *“Eu sentia um pouco de falta assim de ela não dormir comigo, mas depois eu fui me acostumando.”*

O pai descreve-se como muito carinhoso e, segundo suas próprias palavras, um “pai-mãe”, ou seja, um pai que participa ativamente dos cuidados da filha. Ele afirma que já recebeu diversas críticas quanto a este comportamento, mas ele gosta de participar integralmente da vida de Mariana e, portanto, não pretende mudar: *“Eu me sinto um pai-mãe. (...) eu faço tudo que uma mãe faz, eu nunca me importei de fazer, sempre gostei até. (...) Várias vezes brigaram comigo por causa disso. Que eu tinha que ser pai, que eu não tinha que ser mãe, mas eu não sei ser diferente, não adianta, eu vou continuar assim.”*

Quanto às crenças de Jorge a respeito do papel paterno, a participação na vida dos filhos, em todos os momentos, é vista por ele como a principal função de um pai: *“Participar, acho que participar de todos os momentos, de todas as horas. Eu acho que essa é a principal função, tá sempre amparando, levando pra frente.”* Portanto, ele critica aqueles pais que se limitam a participar dos momentos de recreação da criança, sendo apenas companheiros de brincadeiras: *“Evito esse [modelo] que eu te falei, de ser um pai só recreacionista. Só nas horas boas...”* O próprio pai de Jorge não é visto por ele como um modelo de conduta, uma vez que ele não foi um pai presente em sua criação: *“Porque o meu pai foi diferente comigo (...) O meu pai é médico e sempre foi uma pessoa não muito presente (...) eu acho que eu sigo ao contrário até.”*

Relacionamento pai-mãe

Jorge descreve Ângela como uma boa mãe, que cuida bem de sua filha: *“Eu tenho certeza que ela cuida bem da Mariana (...) eu acho que ela cuida muito bem dela assim, dá toda atenção também.”* Ele acredita que a ex-esposa o incentiva a se aproximar de Mariana, embora não esteja certo sobre seus reais sentimentos a respeito da relação pai-filha: *“Inconscientemente eu acho que sim, não abertamente, assim. Apesar de ela dizer o tempo inteiro, não, tu pega ela quando tu quiser, tu me liga quando tu quiser sair com ela, fazer alguma coisa, sair pra almoçar, quiser levar ela no colégio, buscar né.”* Jorge refere que Ângela é muito possessiva com sua filha e, por vezes, parece temer perdê-la para o pai. Deste modo, embora acredite que pai e filha devem ter um bom relacionamento, algumas vezes se coloca contra a aproximação entre pai e filha: *“Ela tinha um sentimento muito forte de posse da Mariana. Ela não admitia perder o espaço dela com a Mariana, isso foi um dos motivos que ela queria que eu ficasse menos tempo com ela. E eu acho que era isso, ela tinha esse sentimento de posse eu acho.”* A relação fusionada que Ângela teria estabelecido com a filha, teria sido um dos fatores que contribuiu para o fracasso do casamento deles: *“Ela se jogou muito pra Mari, se doou muito pra ela, e esfriou um pouco a relação. (...) Era uma necessidade assim, parecia isso. (...) Muita proximidade, e eu acho que era difícil, ela não conseguia se separar.”*

Logo após a separação, o relacionamento entre Ângela e Jorge ficou muito conflituoso. Eles discutiam a respeito da guarda da filha, dos seus encontros com o pai e da pensão. Por isto, resolveram decidir estas questões através de uma determinação judicial: *“Depois de algumas brigas e uns desencontros, por um tempo ficou meio ruim isso [o esquema de visitas]. E agora depois foi feito um acordo que voltou tudo a ser como era, mas ficou determinado judicialmente.”* Jorge acredita que, atualmente, o relacionamento entre eles está bem mais amistoso: *“Tá bem mais tranqüilo, com certeza, ficou bem mais tranqüilo.”* O diálogo entre pai e mãe, embora ainda não seja freqüente, também vêm se tornando menos difícil: *“Bom e melhorando (...) teve, durante um certo tempo, um grande problema em conversar um com o outro assim. Mais tá mais resolvido.”*

Discussão dos aspectos singulares do caso

No relato de Jorge, destaca-se o sentimento de ser um pai muito próximo de sua filha e participativo em todos os aspectos de sua vida. Este grande envolvimento se dá desde a gestação. Apesar de não ter sido planejada, a gravidez foi bem recebida por Jorge, que desejava ter filhos e se sentia capacitado para ser pai, por ter auxiliado sua irmã na

criação dos seus sobrinhos. Isto o incentivou a participar de todos os preparativos para a chegada de Mariana.

Embora sua participação atual seja menor do que a anterior à separação, Jorge acredita que a diminuição não foi muito significativa, pois ele permanece muito presente na vida de Mariana, assim como ela continua ocupando um lugar central na sua vida. Realmente, Jorge mostra-se um pai bastante envolvido com sua filha, realizando com ela uma ampla gama de atividades, como cuidar, brincar, contar histórias, passear, viajar, ou simplesmente ficar juntos em casa. Além disto, ele montou um quarto para Mariana em sua casa, demonstrando seu desejo de que a filha realmente fizesse parte de sua nova vida. Estes dados mostram-se de acordo com os achados de Amato e Gilbreth (1999), os quais verificaram que as restrições impostas pelo esquema de visitas nem sempre impedem a relação pai-filho. Do mesmo modo, diversos autores afirmaram que alguns pais não-residentes são capazes de manter uma relação próxima com os filhos, exercendo razoavelmente bem o papel de pai (Furstenberg & Nord, 1985; Griffin, 1998; Hamer, 1997; Kruk, 1991; Maccoby & cols., 1993; Mott, 1990; Ramires, 1997; Seltzer, 1991; Tepp, 1983; Wallerstein & Kelly, 1998). De fato, Jorge vem conseguindo exercer a paternidade de um modo semelhante a como exercia antes da separação, embora, em alguns momentos refira algumas perdas e limitações.

Por sua grande participação nos cuidados básicos da filha, inclusive nas tarefas relativas à higiene, Jorge se considera um “pai-mãe”, ou seja, um pai que realiza tarefas que, de acordo com uma perspectiva tradicional de maternidade e paternidade, seriam consideradas maternas. Ele refere que a realização destas atividades lhe proporciona muito prazer e uma sensação de maior proximidade da filha. Isto corrobora os achados de Feldman (2000), o qual verificou que a participação do pai nos cuidados da criança torna-o mais emocionalmente envolvido com seu filho, pois promove uma relação mais sensível entre pai e bebê. Rezende e Alonso (1995) também verificaram que a participação nos cuidados de seus filhos gerava nos pais sensações de felicidade, bem-estar, alegria, satisfação, carinho e gratificação, sentimentos semelhantes aos descritos por Jorge.

No entanto, ele costuma ser criticado por seus familiares e amigos, sendo-lhe exigido o desempenho do papel paterno de acordo com uma conceituação mais tradicional. O próprio pai de Jorge é visto por ele como um exemplo deste modelo tradicional, por ter sido pouco presente para seus filhos. Isto está de acordo com as considerações de Rezende e Alonso (1995) de que, em nossa sociedade, os pais que desejam participar ativamente nos cuidados dos filhos ainda esbarram, muitas vezes, em conceitos estereotipados sobre os

papéis de homem e de mulher. Jorge, porém, nega este modelo tradicional, referindo que a principal função de um pai não estaria relacionada à disciplina ou sustento econômico, e sim à participação em todos os aspectos da vida de seus filhos. Isto vai ao encontro dos achados de Anderson (1996), o qual verificou que os pais altamente envolvidos nos cuidados de seus filhos focalizavam a importância do pai amar, compreender e fazer-se emocionalmente presente na vida do filho.

Jorge também apresenta um envolvimento relativamente grande em termos de acessibilidade e responsabilidade para com sua filha. Ele fica com Mariana duas noites por semana e dois finais de semana por mês, sendo que ela dorme em sua casa nestas ocasiões. Embora este tempo seja bem menor do que antes da separação, quando ele ficava sozinho com a filha todas as noites, Jorge refere não considerar que vê pouco sua filha, pois as horas que passa com ela são intensamente aproveitados. Em alguns momentos, contudo, ele demonstrou sentir falta da criança, e perceber que ela sente a sua falta. Isto indica uma ambivalência na percepção de Jorge quanto aos efeitos da separação sobre sua acessibilidade. A respeito de suas responsabilidades no exercício da paternidade, Jorge mostra-se um pai bastante preocupado com o bem-estar, saúde e educação de sua filha. Ele costuma participar das decisões a respeito da criação de Mariana, sempre tomadas através de diálogos entre pai e mãe. Sua contribuição financeira se dá de maneira regular, conforme acordo realizado entre Ângela e Jorge, pelo qual ele ficou responsável pelo gastos com saúde e educação da criança.

Jorge refere sentir muito prazer em seu relacionamento com Mariana, o qual é caracterizado por um grande entrosamento e muito carinho entre pai e filha. Ao descrever Mariana, Jorge menciona apenas aspectos positivos, como bom humor e sociabilidade, demonstrando estar muito contente com sua filha. Quanto ao impacto da separação sobre esta relação, ele refere que ambos, pai e filha, estão cada vez mais adaptados ao esquema de visitas. Contudo, como referido acima, Jorge ainda sente muita falta de Mariana quando ela não dorme em sua casa, e o mesmo parece ocorrer com a filha, pois ela também manifesta sentir falta do pai, principalmente durante a noite. De acordo com Jorge, Mariana também refere o desejo de que seus pais vivam juntos novamente. Deste modo, pode-se perceber que uma certa insatisfação com o relacionamento entre pai e filha está presente na fala de Jorge, embora ele pareça se esforçar para acreditar que tudo está bem. Assim, embora reconheça que sua filha chora e chama por ele, ele a caracteriza como muito contente, não reconhecendo o seu sofrimento. Estas contradições podem estar

apontando para sentimento de culpa e perda neste pai, por não estar mais tão presente para sua filha.

Deste modo, embora refira se sentir bastante próximo de sua filha, Jorge sente ciúmes do novo companheiro de Ângela, o qual teria um maior convívio com Mariana. Ele fica bastante bravo quando ela chama o padrasto de “pai de mentira”, dizendo-lhe que ela tem apenas um pai e uma mãe. Ainda que Jorge afirme acreditar que o bom relacionamento de Mariana com os novos companheiros de seus pais seja positivo para a criança, dando-lhe referências de casal, preocupa-se porque isto gera uma certa confusão a respeito dos papéis desempenhados por cada membro desta nova família.

Quanto ao relacionamento entre Jorge e Ângela, percebe-se que, embora a separação tenha se dado de forma consensual, ela deu origem a muitos conflitos a respeito do papel de cada um dos pais em relação à filha. Inicialmente, o casal definiu os encontros e pensão através de um acordo, e a guarda de Mariana foi compartilhada entre os pais. No entanto, as brigas entre pai e mãe tornaram-se freqüentes. Jorge refere que Ângela queria restringir seus encontros com Mariana, e o diálogo entre pai e mãe ficou muito prejudicado. Ele acredita que a guarda compartilhada tenha sido uma das principais causas de conflito, pois Ângela queria ter a guarda da filha. Como uma tentativa de acabar com estas discussões, Jorge e a ex-esposa decidiram definir na justiça a guarda de Mariana e a sistemática de visitas. Deste modo, a mãe passou a ter a guarda da filha e um mínimo de visitas do pai foi determinado. Jorge acredita que este procedimento realmente diminuiu o conflito entre pai e mãe, e seu relacionamento vem se tornando cada vez melhor. As conversas entre eles, embora ainda não sejam freqüentes, também se tornaram mais tranquilas.

Contudo, Jorge menciona que continuam existindo algumas discordâncias entre ele e sua ex-esposa sobre a criação da filha. De acordo com ele, pai e mãe têm valores e crenças bastante distintas a respeito do que seria melhor para Mariana. O pai também descreve Ângela como uma mãe possessiva, a qual teme que ele, por ser muito próximo da filha, tome o seu lugar. Jorge afirma que, desde o nascimento de Mariana, sua mãe estabeleceu com ela uma relação de quase exclusividade. A filha parecia preencher totalmente as necessidades afetivas de Ângela, o que gerou dificuldades no relacionamento do casal. Ao tentar estabelecer um corte nesta relação fusionada, Jorge passou a entrar em conflito com Ângela. O rompimento do vínculo simbiótico entre a mãe e o bebê é referido por Aberastury e Salas (1984) como a principal função do pai no desenvolvimento infantil, pois é o que possibilita a continuidade do desenvolvimento psicosssexual da criança e sua

busca pelo mundo externo. Parece que, no caso de Jorge, seu desempenho desta tarefa de corte foi sentido por sua esposa como uma violência ou afronta e, embora fundamental para o desenvolvimento da criança, abalou o relacionamento do casal.

Ao se ouvir Jorge, tem-se a impressão de que os momentos mais difíceis da separação já passaram, e de que sua vida, bem como da filha e da ex-esposa, está se acomodando. Ele refere ter procurado uma psicoterapeuta logo após a separação, o que o ajudou neste processo de reorganização. Neste período de um ano, o conflito entre ele e Ângela diminuiu significativamente, e pai e filha estão se acostumando ao esquema de visitas. Contudo, percebe-se que esta situação ainda é uma fonte de sofrimento para todos os envolvidos. Pai e filha sentem muita falta um do outro, e Jorge percebe-se, de certo modo, substituído pelo padrasto de Mariana. No entanto, estes sentimentos parecem ser muito difíceis de ser aceitos por Jorge, que prefere ressaltar os aspectos positivos de sua relação com a filha.

Caso 2: Júlio

História do caso

Júlio tem 27 anos, é solteiro e pai de Bruno, que está com 2 anos e 6 meses. Ele viveu com Bruno e sua mãe, Fernanda, durante 10 meses e, portanto, não vive com o filho há 1 ano e 8 meses. Júlio é militar, tem ensino superior completo e está realizando um curso de pós-graduação. Sua carga horária nas Forças Armadas corresponde a 40 horas semanais, sendo que, à noite, ele realiza a pós-graduação. Deste modo, Júlio sai de casa às 6 horas da manhã, e só retorna por volta da meia-noite. Fernanda, por sua vez, trabalha em um salão de beleza.

Júlio e Fernanda não chegaram a se casar oficialmente. Eles namoraram durante dois anos e, em virtude de questões financeiras, Fernanda propôs a Júlio que ela fosse morar com ele, no apartamento onde ele vivia com a irmã. Ele aceitou a idéia e eles passaram a viver juntos. Um mês depois da mudança, Fernanda ficou grávida. Júlio refere que a notícia da gravidez o deixou arrasado, como se o seu mundo tivesse desabado. Júlio afirma que Bruno *“caiu meio de pára-quadras, sem ter programado nada”*, e que ele não se sentia preparado para ser pai, nem para casar. Ele tinha planos de concluir a faculdade, fazer pós-graduação, viajar pelo mundo, e o filho vinha alterar todos os seus projetos de vida. Embora ele quisesse muito ter filhos, acreditava que este não era o momento ideal, pois queria ter completado seus estudos e poder criar seus filhos no interior, na cidade em

que ele e Fernanda foram criados, onde acredita que as crianças têm uma melhor qualidade de vida.

Júlio afirma que Fernanda também ficou muito assustada com a gravidez, e lhe propôs que eles realizassem um aborto. O pai não concordou, e ficou bastante bravo com a proposta. Contudo, durante a gestação, Júlio não se mostrou envolvido com o filho e a companheira, pois sua grande preocupação era concluir a faculdade. Ele afirma que a gestação foi muito difícil, pois Fernanda estava muito nervosa. Ela se preocupava com as mudanças que estavam ocorrendo no seu corpo e na sua vida.

Após o nascimento de Bruno, Júlio passou a ter um grande carinho por ele, o que fez com ele ficasse menos angustiado. Ele aprendeu a conciliar alguns dos seus projetos com o filho, como o de se formar, e ficou menos preocupado com aqueles que deixou de lado. Contudo, algumas dificuldades ainda se faziam presentes. Fernanda apresentou, de acordo com Júlio, um quadro de depressão pós-parto. Ela ficou muito tensa, triste e com ciúmes da atenção que ele dava ao filho. Por este motivo, era Júlio quem atendia o bebê durante a noite, dando-lhe a mamadeira, para que a mãe pudesse descansar. Para tentar aliviar um pouco o estresse do casal, a mãe de Fernanda veio morar com eles, ajudando-os a cuidar do bebê. Mesmo assim, Fernanda e Júlio não tinham mais tempo um para o outro e, conforme as palavras do pai, “*nem para si mesmo*”. Eles estudavam e trabalhavam muito, e não se divertiam mais. Júlio acredita que isto foi um dos fatores que os levou à separação, pois agravou os conflitos que já existiam desde antes do nascimento de Bruno.

A separação foi descrita por Júlio como muito sofrida, dolorosa. Fernanda começou a se mostrar muito insatisfeita com o relacionamento e a dizer, freqüentemente, que iria embora. O pai não pensou que ela realmente colocaria este plano em prática mas, depois de algum tempo, ela anunciou que sairia de sua casa. Júlio, então, montou um apartamento para ela e o filho. Eles acabaram de montar o apartamento em um final de semana e na segunda-feira, quando ele chegou do trabalho, Fernanda e o filho já não estavam mais em sua casa. Júlio conta que ficou realmente desesperado, e que decidiu procurar ajuda, como medo de que não fosse capaz de resistir a tanto sofrimento. Ele procurou, então, um psicólogo, e ficou cinco meses em psicoterapia, o que o ajudou bastante.

Após a separação, a relação entre Fernanda e Júlio ficou bastante conturbada. Ele imaginava que, quando a situação se acalmasse, eles poderiam retomar o relacionamento. Contudo, descobriu que Fernanda já tinha um novo namorado morando com ela, o que o deixou muito bravo. A partir daí, eles brigaram diversas vezes na justiça a respeito da pensão e do sistema de visitas. Foi determinado que o pai tem direito a ver o filho dois

finais de semana por mês, o que ele considera pouco. Ele gostaria de ver Bruno todos os finais de semana pois, durante a semana, ele chega em casa muito tarde e não tem disponibilidade para o filho. Atualmente, contudo, Fernanda e Júlio estão colaborando mais um com o outro. O pai acredita que sua ex-companheira está muito sobrecarregada e, por isto, algumas vezes solicita que ele fique com o filho para que ela possa descansar um pouco.

Envolvimento paterno

Durante a gestação, como referido anteriormente, a participação de Júlio foi mínima. Seu envolvimento foi especialmente pequeno no que diz respeito ao apoio emocional à gestante, visto que o pai não pôde se oferecer como um suporte para sua companheira. Esta impossibilidade se deu tanto por razões externas quanto internas. Júlio estava em fase de conclusão do seu curso universitário e, portanto, muito atarefado. Além disto, ele não se sentia pronto para ser pai, e a gestação foi vista como uma ameaça aos seus projetos futuros: *“Eu achava certo dar um apoio bem maior no início e eu não dei, realmente eu não dei que eu tava me preocupando com prova e trabalho pra me formar e não dei muita atenção pra ela (...) não consegui acompanhar a gravidez. Eu fui muito egoísta nessa parte, eu acho que prejudicou um monte ela.”* Devido à insistência de Fernanda, Júlio compareceu a alguns encontros do seu curso de gestantes: *“Eu fui [ao curso] acho que umas duas ou três vezes só (...) E isso até ela me cobrava, ‘pô, é teu filho e tu tá preocupado com a faculdade, e tu não vem pra cá. Todo mundo com casal e eu sozinha’, então ela sentia muito isso e cobrava.”* Ele também assistiu ao parto do filho e refere, com emoção, ter sido a primeira pessoa que pegou Bruno no colo: *“Vi todos os preparativos dela. A gente filmou também, pedi pra filmar, e nasceu, o primeiro a pegar no colo fui eu. (...) e foi bem legal o parto.”*

Hoje, Júlio acredita que participa muito pouco do dia-a-dia de seu filho. Ele afirma que sua participação deveria ser maior, mas isto é impedido pela sua carga horária de trabalho e estudo: *“Eu gostaria de não ter feito a pós, até pra ficar mais tempo com ele, eu acho que nessa fase inicial, até ele formar a base dele, eu acho que era importante.”* Júlio acredita que após a conclusão do seu curso, quando terá mais tempo disponível, será um pai mais envolvido com seu filho: *“Eu acho que fim de semana eu me empenho ao máximo pra poder dar o que eu não dei durante a semana, até porque eu não tenho mais tempo, né. Isso que eu falei pra ela [Fernanda], no momento que eu tiver com certeza eu vou dar uma melhorada nisso aí.”*

Realmente, Júlio mostra-se um pai muito pouco acessível ao seu filho. Em virtude de sua falta de tempo durante a semana e de uma determinação judicial que limitou o

número de visitas, Júlio e Bruno se encontram apenas em um final de semana a cada 15 dias, quando Bruno dorme na casa do pai na sexta, sábado e domingo: *“Um final de semana sim e outro não. Então ele passa dois fins de semana do mês comigo e o resto é com ela lá.”* O pai acredita que este tempo é muito pouco e, por isto, ele procura aproveitar bem os momentos com o filho, avaliados como muito prazerosos: *“Mas é bem legal cara, eu gosto mesmo, eu acho bem legal.”* Além destes momentos, Júlio costuma estar presente nas festas de aniversário de Bruno, e também passou o último Natal com seu filho, na casa dos vós paternos.

Quando está com seu filho, Júlio interage com ele de diversas maneiras. O pai costuma realizar atividades de cuidado, como as relativas à higiene: *“Tudo isso aí eu faço, trocar fralda, dar banho (...) e aí tomamos banho, saímos e coloco a roupa nele.”* Também participa da alimentação de Bruno, cozinhando para ele e preparando sua mamadeira, além de fazê-lo dormir: *“Aí eu faço e dou pra ele [a mamadeira] e ele toma ali na boa, e aí já embala assim e quando vê já tá dormindo.”* Pai e filho também brincam bastante juntos, com brinquedinhos ou em brincadeiras motoras, corporais: *“A gente corre fim de semana, fica brincando com ele, ficava em cima do sofá e dava risada e fazia cosquinha.”* Outras atividades realizadas pela dupla são passear, conversar, viajar para a cidade onde vivem os avós de Bruno ou simplesmente ficar em casa. A atividade que Júlio mais gosta de realizar com o filho é passear no Parque da Redenção, pois ele verifica que estes passeios são muito prazerosos para Bruno: *“Uma vez que a gente foi no parquinho na Redenção, foi bem legal pra ele. Depois eu levei acho que umas duas ou três vezes e eu levava ele de bicicleta. Ele gostava bastante assim.”*

Antes da separação, Júlio também participava dos cuidados do filho, embora isto fosse mais freqüente quando Fernanda não estava em casa: *“Mamadeira fazia, comida também, de vez em quando (...) fralda realmente eu trocava pouco, só quando a Fernanda não tava em casa.”* Durante a madrugada, contudo, geralmente era Júlio quem atendia o bebê, para que Fernanda, que estava bastante *“estressada”*, pudesse descansar: *“Sempre de madrugada eu acordava, mesmo acordando às seis horas e indo dormir meia noite.”*

A respeito de suas responsabilidades em relação ao filho, Júlio refere participar das decisões sobre sua criação através de freqüentes conversas com Fernanda. Eles costumam discutir questões ligadas à saúde, bem-estar e educação de Bruno, sendo que nem sempre concordam a respeito do que seria o melhor para ele: *“Ah, ‘o que a gente faz? O que eu vou fazer?’ E daí eu dou as minhas idéias, a gente tenta conversar um pouco e ver o que acha, quer quando tá bom, quer quando tá ruim.”* Neste momento, o assunto mais discutido pelos pais

tem sido a saúde da criança, pois ele tem apresentado problemas, como dores e alergias, com frequência. Sua mãe tem se mostrado muito sobrecarregada pelas preocupações com o filho, somadas às exigências do seu trabalho. Por isto, ela vem solicitando a ajuda de Júlio: *“Teve umas três vezes aí na semana que eu tive que acordar de madrugada, ela ligou desesperada, ‘não sei mais o que fazer’. (...) ‘que eu não agüento mais, eu não agüento mais cuidar do Bruno sozinha’, sabe uma forma assim de desespero completo. Aí eu disse ‘Meu Deus, o que eu vou fazer agora?’. Fui lá conversei com ela, né.”* Júlio costuma se mostrar disponível para conversar com Fernanda a respeito desta situação, pois acredita que o estresse da mãe possa estar afetando a saúde do seu filho: *“E eu disse assim, ‘bah se eu não for lá sei lá, o que vai acontecer?’, eu vi que a criança tava mal e ela [ex-companheira] também.”*

O pai demonstra estar muito preocupado com o modo como seu filho está sendo criado. Ele discorda do modo como sua mãe o trata em diversos pontos. Quanto à saúde, Júlio acredita que a alimentação de Bruno não é adequada, e que Fernanda lhe dá uma quantidade muito grande de medicações: *“E aí eu notei ela dando remédio direto, o guri nunca pára de tomar remédio. Eu já falei pra ela: ‘Pára com isso, né’.”* Já quanto ao bem-estar geral de Bruno, Júlio pensa que, talvez, fosse melhor que ele fosse criado pelos avós no interior do estado por algum tempo, até que os pais tivessem mais condições de cuidar dele de uma maneira adequada: *“Eu só acho assim, tem que ver o que isso vai afetar (...) Porque a minha idéia eu acho que era melhor tirar ele dali, sabe, daquele mundo de stress pesado e largar ele lá. Lá ele tem lugar pra correr.”* Devido a esta crença de que Fernanda não cuida de Bruno de maneira adequada, Júlio manifesta o desejo de, futuramente, ter a guarda do filho: *“Eu vou tentar ficar com o Bruno.”*

Quanto às suas responsabilidades financeiras para com seu filho, Júlio paga à sua ex-companheira, mensalmente, 25% do seu salário. Esta pensão foi determinada judicialmente: *“Aí depois que a juíza determinou eu comecei a pagar normal, aí tranquilo né, segui sempre até hoje pagando.”* O pai acredita que este valor é alto em relação às despesas de uma criança, e demonstra ter dúvidas sobre a real utilização do seu dinheiro: *“Eu acho que é uma baita duma grana pra uma criança (...) ela compra as coisas, eu vejo assim os brinquedos dele não são muito bons. Aquela grana que eu pago poderia comprar coisa bem melhor.”* Além desta contribuição atual, foi Júlio quem mobiliou, no momento da separação, o apartamento onde Fernanda reside com o filho: *“Dei toda estrutura, montei a estrutura pra ela lá, e depois ainda dei mais um salário, né, mais vinte e cinco por cento do meu salário.”*

Relacionamento pai-criança

Júlio demonstra ter muito prazer no seu relacionamento com Bruno, caracterizando esta relação como composta de muito apego e entrosamento: *“Ele é muito apegado a mim também.”* Ele tem muitas expectativas de melhora desta relação no próximo ano, quando concluirá seu curso de pós-graduação, de modo a ter mais tempo para dedicar ao seu filho: *“Eu acho que depois que eu me desvencilhar da pós, com certeza eu vou me dedicar bem mais pra ele (...) Por isso que eu espero bastante do ano que vem.”*

O pai descreve seu filho como uma criança que vem apresentando um bom desenvolvimento, sendo bastante inteligente e alegre: *“Realmente ele é esperto.”*; *“Ele tá sempre alegre, sempre feliz, sempre pulando.”* No entanto, Júlio mostra-se um pouco preocupado com o filho, pois ele tem manifestado comportamentos agressivos, tanto em casa quanto na escola: *“Ele começou a ter umas atitudes meio agressivas, assim. Quando a gente não desse alguma coisa pra ele, ele se atirava no chão.”* O pai imagina que estes problemas de comportamento possam estar associados à situação da mãe de Bruno, pois ela, segundo Júlio, está passando por um momento difícil, de muito estresse: *“Ela tava muito estressada, então acabava passando pra criança, então ele começou a ter umas atitudes meio agressivas.”*

Quanto às repercussões da separação sobre o desenvolvimento de Bruno, Júlio menciona diversas dificuldades que estariam decorrendo deste evento. Ele acredita que o filho, às vezes, se mostra um pouco triste, carente, por sentir muito a sua falta: *“Quando ele vai lá pra casa da mãe dele, ele fica chamando por mim, às vezes chora.”* Esta carência, segundo o pai, estaria afetando a saúde da criança, pois Bruno tem apresentado dores sem motivo aparente, as quais costumam passar quando o pai vai visitá-lo ou buscá-lo para ir ao médico: *“Ele fica doente pra eu ir lá, pra ver o que é, pra levar no médico e coisa, ele vê que eu fico com ele.”*; *“Eu deduzi que pudesse ser talvez problema psicológico mesmo, doença psicológica pra me ver, ou carência, alguma transmissão daquilo que ele não tava conseguindo absorver. Ele tava transmitindo dessa forma.”* Além disto, Júlio acredita que o filho não entende a separação dos pais, e ainda não se habituou ao fato de os pais residirem em casas diferentes, nem ao esquema de visitas: *“Então eu acho que ele tá bem perdido, e ele não consegue entender o que tá acontecendo, né, por causa da separação.”* Neste sentido, o pai pensa que Bruno deseja ver os pais unidos novamente: *“Eu acho que nenhum filho gosta de ver os pais separados (...) de ele querer o pai e a mãe junto pra aproveitar os dois lados.”* Contudo, Júlio também consegue ver algum efeito positivo da separação sobre o seu filho, que estaria na sua maior capacidade de lidar com situações adversas: *“Eu consigo ver o*

Bruno se defendendo bem mais do que as crianças da faixa etária dele (...) eu acho que ele sabe se proteger melhor.”

Avaliação da paternidade

Júlio mostra-se muito insatisfeito com o modo como vem desempenhando o papel de pai, sentindo-se falho por não poder estar residindo com seu filho: *“Eu me sinto mal, porque eu acho que não é uma coisa, assim, de pai não morar junto.”* Neste sentido, os principais sentimentos referidos por ele em relação à paternidade são o de frustração e de impotência frente à situação: *“Um pouco frustrado, né, por não ter conseguido ficar com o meu filho (...) pra mim seria tipo uma forma de impotência, que não foi uma coisa que eu quis. Foi uma coisa que ela [ex-companheira] me impôs. Eu me senti bem incapaz de poder mudar (...) Impotência eu acho.”* Júlio também refere sentir falta da convivência diária com seu filho, de poder estar perto dele, na sua rotina, acompanhando passo a passo o seu desenvolvimento: *“O negócio de não tá vendo a evolução dele diária, assim, eu senti muito (...) essa parte do desenvolvimento dele eu acho que era legal de acompanhar.”* Apesar disto, ele se considera um bom pai, emocionalmente próximo ao seu filho: *“Eu me considero um bom pai.”*

A paternidade, para Júlio, também está associada a um grande aumento nas suas responsabilidades, da qual decorre a perda da liberdade que eles tinha anteriormente: *“Eu tinha muito forte, sabe de liberdade, de ‘n’ amigos, eu tenho vários amigos e a gente viaja junto mundo afora aí. E eu gostava muito disso e quando veio o Bruno eu pensei assim ‘Pô, vou perder isso’.”* Ele também refere que deixou de ter tempo livre, para lazer, para fazer as coisas de que gosta. O pequeno tempo em que não estava trabalhando ou estudando passou a ser dedicado integralmente ao seu filho: *“Eu não tinha mais tempo pra mim, pra eu fazer as minhas coisas que eu dava um certo valor, eu não tinha mais tempo.”*

Quanto às crenças de Júlio a respeito do papel paterno, ele refere que a principal função de um pai seria o estabelecimento de uma relação afetiva com seu filho: *“Dar amor, carinho, né, e atenção.”* Ele afirma que procura não repetir os modelos de paternidade de sua família, pois estes eram pais mais brutos, pouco afetivos e que não participavam dos cuidados dos seus filhos: *“Eu evito eu acho que o pai que eu tive, o pai ou até a minha família assim, meu vô, meus tios.”*

Relacionamento pai-mãe

O relacionamento entre Júlio e Fernanda é ainda bastante difícil. O grau de conflito entre eles é muito elevado, o que se manifesta através de brigas, discussões e disputas judiciais freqüentes. Júlio afirma que não gostaria de manter qualquer relação com a ex-companheira, mas se esforça para conversar com ela em função do filho que eles têm em comum: *“Eu por mim eu não gostaria nem de falar mais com ela, mas eu falo por causa do Bruno.”*

Logo após a separação, desentendimentos entre pai e mãe a respeito da criação de Bruno tornaram-se freqüentes. Para resolver o que efetivamente fariam em relação à criança, ou para ver quem tinha a razão, eles passaram a discutir estas questões na Vara de Família, em freqüentes disputas judiciais: *“Ela me processava uma vez por mês.”* Estas disputas se referiam, geralmente, à sistemática de visitas do pai: *“A doutora lá [Fernanda], começou a me botar na justiça direto, e começou a me encher (...) porque antes eu tava pegando [o Bruno] sempre, e aí pra ela não tava bom né. Tava reclamando.”* Mas os pais também discutiam em função da contribuição financeira, pois Júlio, por ter se desentendido com Fernanda, ficou algum tempo sem pagar a pensão: *“Aí eu fiquei furioso e não paguei mais, fiquei uns três meses sem pagar. Ai depois ela entrou na justiça (...) pra retribuir o que eu tinha feito ela começou a encher meu saco e ficou dez meses nisso.”*

Além das questões judiciais, Júlio e Fernanda ainda discutem, no dia-a-dia, diversas questões, como a alimentação adequada para Bruno: *“Me lembro que a gente teve uma briga séria até por causa dos refrigerantes.”* Ao comentar o modo como Fernanda exerce a maternidade, Júlio menciona diversas características negativas. Ele define a ex-companheira como uma pessoa muito irritadiça e mandona: *“Ela é bem impositiva, assim sabe, bem de botar a posição dela e não abrir mão.”* Ele acredita que ela é incapaz de ser uma boa mãe, pois *“ela não foi feita pra isso.”* Júlio chegou a questionar na justiça a capacidade da mãe de cuidar de Bruno, mas não recebeu atenção do juiz: *“E daí a respeito disso aí, eu até numa audiência eu disse assim, eu gostaria de uma avaliação psicológica que eu acho que o meu filho não tá sendo bem cuidado.”* O pai ainda reclama que, por um período, Fernanda tentava impedir o seu contato com Bruno, assim como com a sua família. Do mesmo modo, não contava para o pai o que ocorria com seu filho: *“Negava a informação, não queria deixar, a minha irmã não podia ver, ninguém da minha família podia ver a criança.”* Ainda hoje, ele acredita que ela *“não se interessa muito pelo que eu queira saber do Bruno.”*

Júlio refere que, atualmente, o conflito entre pai e mãe está diminuindo. Fernanda está se sentindo sobrecarregada pelas demandas do filho e do seu trabalho, mostrando, de acordo com o pai, um quadro de estresse bastante severo: *“Ela acorda, mais ou menos nove*

horas ela começa [a trabalhar] e vai até sete e pouco. (...) E daí quando chega em casa, mora sozinha, né, tá só ela e o Bruno, aí tem que lavar roupa, tem que cozinhar, então isso aí o estresse é alto.” Por este motivo, ela tem solicitado mais a ajuda do ex-companheiro para cuidar de Bruno: *“Aí agora com o desespero que ela tá, eu acho que não conseguiu cuidar mais dele sozinha, eu acho que ela tá buscando um pouco mais de auxílio comigo.”* A raiva de Júlio em relação a ela também diminuiu. Ele tem se colocado disponível para conversar com Fernanda, ou para ficar com Bruno, pois, embora acredite que esta situação foi criada pela própria Fernanda, ele está preocupado: *“No início aquele negócio de raiva, né, de ser enganado, ser usado, depois eu acabei não sentindo nada e tipo fim de semana passado ali me deu até pena. Senti pena da situação que ela tá, porque ela tá mal mesmo.”*

Discussão dos aspectos singulares do caso

No relato de Júlio, destaca-se o sentimento de não estar preparado para ser pai no momento em que ficou sabendo que teria um filho. Júlio refere que desejava ter muitos filhos, mas esperava que isto ocorresse em outro momento da sua vida, quando tivesse concluído seus estudos, usufrísse de melhores condições financeiras e pudesse voltar a residir no interior do estado. A gravidez foi, portanto, sentida como precoce e indesejada, sendo associada a muitas perdas. Mais do que a chegada de um filho, a gravidez representou, para Júlio, a perda da sua liberdade, do seu tempo de lazer e de suas possibilidades de continuar estudando sem ter de se preocupar com uma família. Deste modo, ele não conseguiu se envolver com a gestação, direcionando sua atenção para a conclusão do seu curso superior. Fernanda foi deixada muito sozinha durante este período, no qual, mesmo nas melhores condições, o sentimento de solidão é freqüente na mulher (cf. Szejer & Stewart, 1997). Júlio acredita que isto teve efeitos negativos para a sua companheira e para o relacionamento do casal, pois a gestação foi um momento difícil para Fernanda, e ela não pôde contar com a ajuda do pai de seu filho.

Após o nascimento de Bruno, Júlio ficou mais próximo de seu filho, ajudando a cuidá-lo nos momentos em que estava em casa. Ele era responsável por atender o bebê durante a noite, para que sua mãe pudesse descansar. Contudo, a tarefa de cuidar do filho foi se tornando cada vez mais estafante para Júlio e Fernanda, os quais se sentiam esmagados pelas demandas do bebê. Esta situação passou a interferir no relacionamento do casal, que não tinha mais momentos para os dois e não encontrava mais prazer na relação. A mãe de Fernanda foi chamada a ajudá-los, se mudando para a casa de Júlio. Embora a ajuda da avó tenha facilitado os cuidados do bebê, diminuindo a sobrecarga do casal, o

relacionamento entre eles já estava muito desgastado. Fernanda se mostrava insatisfeita com o relacionamento há algum tempo, e tomou a decisão de se separar.

A separação foi vivida por Júlio como um segundo grande choque. De modo semelhante à gestação, ela era, naquele momento, inesperada e indesejada, e gerou muita dor, mágoa e raiva. Ao se deparar com a falta da companheira e do filho, Júlio ficou desesperado. Isto vai ao encontro dos resultados de Wallerstein e Kelly (1998), segundo os quais o período inicial que se segue à separação costuma ser profundamente estressante para todos os envolvidos. A fim de diminuir seu sofrimento e reorganizar sua vida, Júlio chegou a procurar ajuda em um psicólogo, permanecendo em psicoterapia durante vários meses.

O ressentimento mútuo do casal, agravado ou evidenciado pela separação, gerou ainda mais desentendimentos entre pai e mãe. Esta situação corrobora a afirmação de Amato (2000), de que a separação não necessariamente acaba com o estresse relacionado a uma união infeliz, pois, nos primeiros momentos após a separação, emergem novos eventos e processos que podem afetar as emoções, comportamento e saúde dos envolvidos. Deste modo, a determinação das responsabilidades e direitos de Júlio e Fernanda em relação ao seu filho foi marcada por freqüentes discussões e disputas judiciais. A pensão e a sistemática de visitação de Júlio foram definidas judicialmente, determinando que ele pode ficar com seu filho apenas dois finais de semana por mês. O pai mostra-se muito insatisfeito com esta determinação, e afirma tê-la aceito porque estava cansado de brigar com sua ex-companheira. Ele, então, decidiu tentar reorganizar sua vida, voltando, novamente, sua atenção para os estudos. Pode-se pensar que seu curso de pós-graduação, iniciado alguns meses após a separação, tenha sido buscado em uma tentativa de preencher seu tempo, a fim de não sentir tanto a ausência de seu filho. Deste modo, parece que a extrema dedicação de Júlio aos estudos, que marcou o período da gestação e aparece novamente hoje, constitui-se em uma tentativa de fugir de situações emocionalmente difíceis.

Atualmente, em função de seu regime de trabalho e estudos, bem como da determinação judicial, a acessibilidade de Júlio para seu filho é muito pequena, estando restrita, como referido anteriormente, a dois finais de semana por mês. Quando está com Bruno, no entanto, o pai realiza uma ampla gama de atividades. A qualidade da interação entre pai e filho parece ter melhorado depois da separação pois, nos finais de semana que passam juntos, o tempo de Júlio é reservado exclusivamente para Bruno. Além disto, o pai passou a ser totalmente responsável pelos cuidados do filho nestas ocasiões.

Júlio vem se mostrando um pai bastante responsável. Ele paga a pensão com regularidade, e preocupa-se em garantir condições para que seu filho se desenvolva da melhor forma possível. Júlio costuma conversar com Fernanda sobre o filho, e eles procuram tomar decisões juntos. No entanto, isto nem sempre é possível, pois pai e mãe discordam em inúmeros aspectos. Embora Júlio e Fernanda já estejam separados há um ano e oito meses, o relacionamento entre eles ainda é bastante difícil, sendo freqüentes as discussões, desentendimentos e críticas mútuas. Neste momento, o conflito entre eles parece estar diminuindo um pouco. Fernanda tem demonstrado estar muito sobrecarregada por cuidar de Bruno sozinha, e tem solicitado a ajuda de Júlio. Embora ele acredite que esta situação foi uma opção dela, pois ela decidiu se separar e é ela quem restringe os contatos de Bruno com o pai, ele tem se mostrado disponível para ajudá-la.

O relacionamento com seu filho é visto por Júlio como prazeroso, marcado por muito carinho e entrosamento. Ele gosta de ficar com o filho, de brincar, passear com ele e de cuidá-lo. Por este motivo, Júlio afirma não ter o seu pai como um modelo de paternidade, uma vez que ele era pouco afetivo e não participava dos cuidados básicos de seus filhos. Contudo, Júlio sente-se muito insatisfeito com o modo como exerce a paternidade. Ele avalia sua participação na vida do filho como bastante limitada, pois não tem a oportunidade de estar com seu filho no dia-a-dia, acompanhando seu desenvolvimento. Esta limitação é acompanhada por sentimentos de frustração e impotência, por verificar o quanto está distante do seu ideal de pai, e que, ao menos neste momento, não tem meios para aproximar-se dele. Estes sentimentos negativos em relação à paternidade corroboram as proposições da literatura sobre os pais não-residentes, que sugere que estes pais costumam sofrer por se sentirem fora da função de paternagem e visitantes na vida dos filhos (Tepp, 1983). Ramires (1997) aponta os sentimentos de exclusão, frustração, sofrimento e angústia como bastante freqüentes em pais não-residentes, o que também pode ser observado no caso de Júlio.

O pai também se preocupa com os efeitos da separação sobre seu filho, acreditando que o desenvolvimento de Bruno, físico e emocional, esteja sendo afetado negativamente por esta situação. Esta preocupação de Júlio vem ao encontro dos achados de Amato (2000), o qual afirmou que a qualidade do funcionamento psicológico dos pais, o grau de hostilidade entre eles e a possibilidade de cooperação interparental são importantes preditores do comportamento e bem-estar infantil pós-separação. No entanto, as preocupações do pai centram-se na “incapacidade” de Fernanda de ser uma boa mãe. Este aspecto se remete à proposição de Brazelton (1988) de que as críticas do pai à competência

da mãe de seu filho podem, muitas vezes, estar mascarando suas dúvidas sobre suas próprias capacidades e seus sentimentos de culpa. Uma vez que Júlio mostra-se muito descontente com a sua atuação como pai, pode-se inferir que seu sentimento de culpa em relação ao filho e, talvez, também em relação à ex-companheira, seja muito intenso.

Caso 3: Douglas

História do caso

Douglas tem 29 anos, é separado e tem uma filha de 1 ano e 2 meses, chamada Lívia. Ele e a mãe de Lívia, Solange, foram casados durante seis anos, e se separaram há cinco meses. Deste modo, o pai residiu com sua filha durante os seus nove primeiros meses de vida. Douglas possui como escolaridade o ensino superior incompleto, e trabalha como gerente em um estabelecimento comercial. Sua carga horária semanal é de aproximadamente 50 horas, sendo que ele trabalha nos turnos da tarde e noite durante seis dias por semana, tendo uma folga, que não ocorre em dia fixo.

Douglas e Solange tiveram, ao todo, nove anos de relacionamento. Eles namoraram um ano, ficaram noivos durante dois anos e casaram-se. Douglas afirma que seu relacionamento com Solange sempre foi difícil, desde o começo do namoro. Ele afirma que sua esposa sempre teve dificuldades de relacionamento com a família e, de acordo com ele, ela via no casamento uma possibilidade de sair de casa e ter alguém que a cuidasse. Eles tiveram diversas brigas e, antes do nascimento de Lívia, se separaram duas vezes, mas logo se reconciliaram. Douglas e Solange, então, decidiram fazer uma terapia de casal, e seu relacionamento melhorou significativamente. Neste momento, eles decidiram ter um filho. Segundo Douglas, este era bem mais um desejo de sua esposa do que seu, mas ele acabou aceitando.

Apesar de ter sido planejada, a notícia da gestação não foi bem recebida por Douglas. No dia anterior ao do resultado do exame de Solange, o casal havia tido uma séria discussão. Quando ela ligou para dizer-lhe o resultado, eles ainda estavam “brigados”, e Douglas estava questionando a continuidade do seu relacionamento. Ele afirma que ficou feliz com a notícia, não tendo gostado apenas do momento em que ela ocorreu. Apesar disto, Douglas afirma ter sido um pai muito envolvido, prática e emocionalmente, com a gestação.

Após algum tempo, o relacionamento do casal voltou a enfrentar problemas. Solange começou a questionar o modo como Douglas exercia a paternidade, afirmando que ele não era cuidadoso com Lívia. O pai não concorda com esta avaliação. Ele acredita que

Solange tinha medo de ver repetida, com sua filha, a sua história de carência. Quando Livia estava com nove meses, Douglas foi transferido, temporariamente, para uma cidade do interior do estado. Ele tentou evitar esta transferência, mas não foi possível, e ele teve de residir nesta cidade por três meses. Durante este período, ele visitava a família apenas uma vez por semana, nas suas folgas. As dificuldades de relacionamento do casal, então, se agravaram. Em uma de suas folgas, quando veio a Porto Alegre, Solange lhe disse que queria se separar e já havia procurado um advogado. Cabia a Douglas a escolha entre uma separação consensual ou litigiosa. Ele acabou aceitando a separação, para não complicar ainda mais a situação.

Douglas descreve o momento da separação como muito difícil, pois ele não esperava que isto fosse ocorrer. Depois da separação, o relacionamento de Douglas e Solange ficou bem mais conflituoso. Ele afirma que a ex-esposa demonstra ter muita raiva dele, e que a separação ainda não está bem resolvida. Douglas imagina que, talvez, Solange não esteja segura quanto ao acerto da sua decisão, e, a fim de se convencer de que a separação foi uma atitude correta, precisa acreditar que ele é uma pessoa ruim. Atualmente, o pai fica com Livia um dia por semana, durante a sua folga. Por estar ainda muito ressentida com o ex-marido, Solange restringe as visitas e não permite que o pai veja a filha em qualquer outro momento além do dia determinado.

Envolvimento paterno

Douglas foi um pai bastante envolvido durante a gestação. Ele refere que interagiu com sua filha, ainda na barriga, mostrando-se emocionalmente conectado com o bebê: *“Eu sempre brincava de conversar com a Livia na gestação. E tinha uma coisa que sempre que eu chegava, eu trabalhava de noite, chegava de madrugada, então ela se mexia muito naquele momento sempre, estando eu trabalhando, chegando do serviço ou não, de madrugada ela se acordava e se agitava e se mexia.”* Douglas também acompanhou sua esposa às consultas pré-natais, tanto com seu médico quanto com a pediatra que escolheram para a filha: *“Sempre procurei ir em todas as consultas. A gente foi na pediatra antes de ela nascer, conhecemos a pediatra, conversamos.”* O pai também participou de curso de gestantes, e assistiu ao nascimento de Livia: *“Eu fui o primeiro a pegar ela quando ela nasceu. (...) Sim, assisti [o parto], peguei ela no colo.”*

Atualmente, após a separação, Douglas se sente muito pouco presente para sua filha: *“Eu não me sinto no dia-a-dia dela.”* Ele afirma estar insatisfeito com esta situação, pois o incomoda a sensação de estar fora de sua rotina, sendo apenas um visitante na sua

vida: *“Eu acho que não tá legal a minha participação, eu tô sendo um mero, como é que se diz, um visitante, uma pessoa assim, quando ela tá contigo ela é tua filha e os outros seis dias da semana não te interessa. Isso é que não me deixa muito satisfeito.”* Ao mesmo tempo, de maneira contrária, ele percebe que está se tornando emocionalmente mais próximo de sua filha, realizando com ela atividades que não realizava antes da separação, como as de cuidado. Ele afirma que, quando estavam casados, Solange não lhe dava muitas oportunidades de participar: *“Não, não fazia muito. Quando a gente morava junto a minha esposa era uma pessoa super cuidadosa, sabe? Então até uma coisa que a gente comenta às vezes, que ela não deixava muito a aproximação. Então ela cuidava de tudo, fazia de tudo e tal. Se eu ia fazer alguma coisa ela ficava em cima, então eu ficava inseguro.”* Já após a separação, nos momentos em que está com Livia, o pai fica totalmente responsável pela menina: *“Então com esta separação eu comecei a aprender (...) De eu conseguir chegar mais, participar mais.”*

Deste modo, nos dias que passa com a filha, Douglas realiza com ela diversas atividades, incluindo as de cuidado. Ele procura sempre trocar as fraldas de Livia e lhe dar banho, demonstrando ter prazer na realização destas tarefas: *“Sou eu que troco [fralda] (...) a maioria das vezes eu faço questão, porque afinal é um dia só na semana que eu fico com ela então é banho, é fralda.”* O pai também se envolve na alimentação da filha, preparando sua mamadeira: *“Quando ela tá comigo eu faço[mamadeira].”* Ele demonstra gostar muito de dormir com Livia depois do almoço pois, como ela não passa a noite na sua casa, este é o único momento em que ele pode dormir perto da filha: *“E depois do almoço quase sempre ela dorme um pouco, eu durmo junto que é o período que eu tenho pra dormir com ela.”* Outra atividade de cuidado realizada por Douglas é acompanhar a filha às consultas do pediatra: *“Eu tive na última agora (...) eu fiquei um tempo sem acompanhar porque eu estava em [cidade omitida] (...) Agora que eu retornei eu tô procurando retomar isso e na última consulta eu fui junto. E daqui pra frente eu quero começar a fazer isso.”*

Pai e filha também brincam bastante juntos, especialmente através de brincadeiras motoras, como correr e se esconder: *“Brincar de pegar, de esconder, essas coisas assim ela gosta. Ou na pracinha ela gosta de andar de balanço.”* Outra atividade realizada pela dupla é passear: *“Caminhar, conhecer coisa nova, adora sair, então eu procuro sempre levar ela num lugar diferente.”* A atividade que Douglas mais gosta de realizar com a filha é *“dar banho (...) Porque eu gosto, ela brinca na água e fica faceira. É uma coisa que eu não fazia muito, assim, então, eu gosto de fazer, acho legal”*. E o que o pai menos gosta de fazer com Livia é levá-la de volta para a casa de sua mãe: *“Devolver, levar pra casa.”*

Quanto à acessibilidade, conforme referido anteriormente, Douglas passa apenas um dia por semana com sua filha: *“Uma vez por semana na minha folga, normalmente é durante a semana. (...) Eu pego ela de manhã, às vezes eu pego ela em torno de nove horas, dez horas, e eu tenho que devolver dez horas [da noite].”* O pai não está satisfeito com este sistema de visitas, o qual foi definido na justiça no momento do divórcio, pois considera muito pequeno o tempo que pode ficar com Livia: *“A questão que eu não concordo muito é da frequência só, eu acho que poderia ser mais vezes durante a semana.”* Apesar disto, o tempo que pai e filha passam juntos é avaliado como muito agradável: *“Tento inventar uma coisa diferente pra descobrir as coisas que ela gosta, o que ela se diverte, como ela se diverte e tal. Então a gente passa momentos bons.”*

Quanto às responsabilidades de Douglas para com sua filha, ele reclama de não poder participar das decisões a respeito da sua criação: *“Não, pelo menos eu não sou consultado, mas eu tento me manifestar sobre as coisas. Quando eu não gosto de alguma coisa eu falo (...) Mas no geral, assim, quem decide, quem faz, quem traz e quem leva é tudo a mãe, às vezes os avós [maternos]. Eu não acho que eu participe muito.”* O relacionamento de Douglas e Solange está muito conflituoso e, por isto, os diálogos entre eles ficaram muito prejudicados: *“Antes [da separação] a gente discutia, sentava, conversava. Hoje a gente não tem um diálogo muito bom, quase não tem diálogo nenhum.”* O pai afirma que sente existir uma forma de boicote a ele, por parte de Solange e sua família, pois eles fazem questão de não lhe dar informações sobre Livia: *“E isso me indignou, assim, da forma como foi tratada [o problema de saúde – infecção intestinal – apresentado por Livia] e que ninguém falou nada (...) Então isso eu sinto um pouco falta, de saber mais dela. Às vezes eu ligo pra saber como é que ela tá e tal e ainda tem uma rixa, uma coisa entre a família dela e eu e entre a Solange mesmo e eu, então é uma coisa ruim que acaba atrapalhando um pouco, disso, de eu participar mais, de eu saber mais da minha filha.”*

Tal é a dificuldade de comunicação entre pai e mãe que eles criaram um sistema de comunicação alternativo. Para não precisar conversar, eles anotam as informações importantes a respeito de Livia em uma caderneta. Douglas refere que a idéia foi sua, pois, antes da caderneta, ele ficava totalmente desinformado a respeito do que ocorria com sua filha nos dias em que não estava com ela: *“Eu pedi pra ela colocar uma cadernetinha na bolsa dela [da Livia], quando eu vou pegar ela sempre leva a bolsa. Coloca a cadernetinha ali e a gente procura se comunicar por ali, já que a gente não consegue conversar, né? Anotar alguma coisa que precise ali ou que aconteceu, alguma coisa diferente, anotar ali pra gente poder trocar informação. Chegamos a esse ponto.”* A caderneta tem sido usada principalmente para combinar as visitas e para dar orientações ao pai a respeito da saúde e alimentação da

criança. Nas poucas vezes em que pai e mãe se falam, costumam predominar as cobranças e, principalmente, o questionamento e a crítica de Solange em relação ao modo como Douglas cuida de Livia: *“Teve questão assim que eu disse: ‘Ah, teve churrasco lá em casa, eu fiz um churrasco.’ Daí ela assim: ‘Daí tu não cuidou dela então, tu tava cuidando o churrasco.’ Sabe começou a usar essas coisas que eu falava contra ou então se: ‘ah, fui na pracinha’ ‘ah, então é por isso que ela tá esfolada.’ Coisas assim desse tipo, então sempre valorizando pro lado negativo tudo que acontecia ou criticando, então eu comecei a evitar de falar do dia-a-dia dela.”* Por isto, Douglas se preocupa muito com a alimentação de sua filha nos dias em que ela está com ele: *“Eu tenho um pouco de cuidado com isso, porque se ela volta ruim ou alguma coisa eles ficam com uma imagem de que eu não cuidei bem, então eu até procuro dar o que ela tá acostumada. (...) Então essa é a minha maior preocupação, de não dar nada pra não prejudicar ela.”*

O pai também demonstra se preocupar com o bem-estar de sua filha, tanto no presente quanto no futuro. Por isto, ele pensa que seria importante ter um espaço para Livia em sua casa, o que não ocorre no momento, pois Douglas voltou a morar com sua mãe: *“Eu tenho intenção de retornar pro meu apartamento. E aí lá sim criar um ponto, um canto pra ela, onde ela tenha as coisas dela e tal.”* Ele também se preocupa em fazer uma poupança para garantir o suprimento das necessidades de Livia caso ele venha a perder o emprego, ou para que a filha possa utilizar este dinheiro no futuro: *“E eu procuro, tenho procurado fazer uma reserva na poupança também além dessa pensão. (...) Até porque a gente trabalha no setor privado, não se sabe até quando o emprego é garantido, então caso um dia falte esse recurso eu tenho de onde continuar suprindo. E caso eu não use, se Deus quiser, isso vai ficar pra ela [Livia] no futuro, decidir.”* A pensão paga pelo pai foi determinada judicialmente, e é descontada diretamente de sua folha de pagamento.

Relacionamento pai-criança

Douglas avalia que o relacionamento entre a filha e ele é muito bom e agradável. Ele afirma que Livia demonstra ter estabelecido um forte apego em relação ao pai, e que isto chega a surpreendê-lo, pois a criança passa pouco tempo com ele: *“Ela tem um apego, tem uma coisa assim que eu até não esperava isso. Com essa freqüência que eu visito até achei que ‘ah, vai me esquecer’, mas não.”* Livia também é muito carinhosa com Douglas, e isto o torna mais confiante a respeito do modo como vem desempenhando o papel de pai: *“Quando eu sinto essa aproximação dela, esse carinho que ela tem por mim eu me considero um bom pai.”* Ele tem esperança que, com o tempo, Solange diminua as restrições a sua

participação, o que faria com que o relacionamento entre pai e filha se tornasse ainda melhor, mais próximo: *“Mas eu tenho esperança que vá mudar, que eu possa pegar ela mais.”*

Ao descrever sua filha, Douglas mostra-se um pai bastante orgulhoso, vendo diversas características positivas em Lívia. Ele afirma que ela vem apresentando um bom desenvolvimento, e é muito alegre, ativa, e carinhosa: *“Ela é muito risonha, assim, brincalhona, bem ativa, muito carinhosa.”* Coloca, ainda, que ela é uma criança que tem suas próprias preferências e vontades, sendo bastante persistente: *“Ela é decidida, insistente quando quer alguma coisa, persistente.”*

Quanto aos efeitos de viver longe do pai sobre a criança, Douglas afirma que Lívia manifesta sentir muito a sua falta: *“O que eu observo é que toda vez que eu vou buscar ela, ela corre e me abraça. Acho que ela sente também essa distância. E teve uma vez que eu fui levar ela, e ela se abraçou assim, na hora de vir embora ela se abraçou. Então eu acho que ela sente um pouco.”* No entanto, o pai coloca que, antes da separação, ele também não tinha muito tempo para ficar com Lívia. Ele ficava com ela mais tempo nos dias de folga pois, nos outros dias, sua filha geralmente estava dormindo nos momentos em que ele estava em casa. Além disto, ele costumava aproveitar os dias de folga para realizar outras atividades, não se dedicando exclusivamente para a criança. Agora, ao contrário, ele passa todo o seu dia de folga com sua filha. Portanto, ele imagina que a separação possa estar tendo, também, efeitos positivos para Lívia: *“Então eu acho que nesse ponto melhorou pra ela, que agora eu aprendi a ter um tempo só pra ela, valorizar isso. (...) Então acho que pra ela de repente até tá sendo uma coisa boa, não sei, pode estar sendo uma coisa positiva, ela pode estar ganhando com isso, tu entende? Pelo menos é isso que eu quero fazer, que ela ganhe com a separação e não que perca. Tenho procurado ser melhor do que eu era e que a vida dela seja melhor.”*

Avaliação da paternidade

Douglas se sente um pai mais próximo de Lívia hoje do que antes da separação. Ele conseguiu criar, nos dias de visita, um espaço só dele e da filha. Neste dia, ele fica totalmente responsável por Lívia, sem sua ex-esposa por perto, e realiza muitas atividades que não realizava antes, principalmente relativas aos cuidados: *“Eu consegui ter o meu momento com ela, né? Consegui uma aproximação mais... mais verdadeira. Eu mesmo me aproximando dela e tal, sem muitas críticas, aquela coisa assim, aquela tensão. Então isso foi um ganho positivo, consegui um espaço melhor com a Lívia.”*

No entanto, o pai também refere efeitos bastante negativos advindos da separação. Estes decorrem, principalmente, da rigidez de sua sistemática de visitas, pois pai e filha

podem se encontrar apenas uma vez por semana. Deste modo, embora as visitas sejam muito agradáveis, o pai sente falta de conviver com a filha mais rotineiramente: *“Esse afastamento assim, né, de viver, de ver o dia-a-dia, de poder participar das coisas e às vezes sentir saudades.”* Douglas imagina que esta insatisfação é sentida bem mais por ele do que por Livia: *“Acho que é difícil pra ela também, talvez. Talvez não, talvez seja mais eu do que ela.”* A fim de aumentar seu contato com a filha, o pai imagina que a guarda compartilhada seria uma boa opção. Ele não gostaria de ter a guarda apenas para ele, pois acredita que não teria condições de assumir a responsabilidade de cuidar sozinho da filha e, além disto, sua ex-esposa sofreria muito: *“Às vezes eu fico pensando, assim, eu não me vejo morando com ela [filha], mas eu já ouvi falar em guarda compartilhada, né? Eu acho que isso é uma coisa interessante nos dias de hoje, ela ter um momento, ter dias que ela passa junto comigo, uma rotina, isso eu acho legal. Da mesma forma eu não gostaria que ela morasse só comigo porque eu acho que seria difícil, muito mais difícil pra mãe dela.”*

Apesar de todas as dificuldades que enfrenta, Douglas se considera um bom pai: *“Cada pessoa pode enxergar um bom pai de forma diferente, então dentro daquilo que eu vivi, daquilo que eu aprendi, dos meus conceitos de vida e tal eu me considero um bom pai, pelo menos tento fazer aquilo que eu acho que é certo.”* Quanto às suas crenças a respeito do papel paterno, ele refere que a principal função de um pai seria oferecer-se aos filhos como uma fonte de apoio e segurança. Esta função de pai descrita por Douglas lembra, pelo menos em parte, o conceito de base segura, de Bowlby (1989). Ou seja, dar à criança a segurança de que ela pode explorar o mundo pois, quando precisar, encontrará nos pais apoio e proteção: *“Eu acho que pai é uma referência, né? O principal papel é dar segurança que ela possa experimentar a vida, mas que ela tenha a certeza de que tem alguém apoiando.”*

Embora se considere bastante diferente do seu pai, Douglas afirma que, quanto a alguns aspectos, como a responsabilidade em relação aos filhos, ele segue seu exemplo: *“Me vejo muito diferente do que ele [seu pai] foi. Algumas coisas sim, acho que algumas atitudes que ele tomava, a responsabilidade das coisas, isso eu aproveito, isso eu acho legal e procuro fazer também, né.”* A principal característica pela qual ele se considera distinto do seu pai é a proximidade em relação à sua filha: *“Mas eu sempre procurei ser muito mais próximo à Livia, muito mais unido, assim, do que o meu pai foi comigo. O meu pai sempre teve uma postura mais, um pouco mais distante, sem muita aproximação e eu tô procurando ficar mais, como eu digo, falar com a Livia no mesmo nível, dobrar o joelho e falar com ela na mesma altura.”*

Relacionamento pai-mãe

O relacionamento entre Douglas e sua ex-esposa continua bastante difícil. A separação é ainda recente e, de acordo com o pai, *“é uma coisa que não tá muito bem resolvida entre eu e a Solange”*. O grau de conflito entre eles é elevado, o que se manifesta através de uma grande dificuldade de diálogo e de muitas discordâncias e cobranças. Conforme Douglas, Solange restringe severamente a participação do pai no dia-a-dia da filha, tanto limitando as visitas a apenas um dia por semana, quanto privando-o de informações sobre o que acontece com Livia. Deste modo, o conflito entre pai e mãe tem prejudicado o relacionamento pai-filha: *“Às vezes eu acho que ela coloca um pouco as coisas da nossa separação sobre a Livia. Como essa questão de eu não poder visitar, eu acho que é muito a ver com o rancor.”*

Douglas afirma que, mesmo antes da separação, Solange não costumava incentivar o relacionamento entre ele e a filha: *“Ela não deixava muito a aproximação. Então ela cuidava de tudo, fazia de tudo e tal. Se eu ia fazer alguma coisa ela ficava em cima, então eu ficava inseguro de ‘pô, será que eu vou fazer alguma coisa errada’.*” No entanto, ele reconhece que foi a ex-esposa quem ajudou a estabelecer o vínculo inicial entre eles: *“Eu acho que ela ajudou a formar esse vínculo, eu acho, com a Livia. No sentido que ela sempre: ‘ah, o papai, o papai’, falava no papai o tempo todo. Então a Livia começou a gravar aquilo.”* Outras críticas de Douglas em relação ao comportamento de Solange referem-se a sua percepção de que ela seria uma mãe um pouco *“nervosa”*, irritadiça, e bastante superprotetora: *“Eu acho que às vezes ela superprotege demais, não dá muito espaço pra Livia, né? E não entende muitas vezes que coisa tipo virose, vômito, diarreia, isso vai acontecer um dia, não é o fim do mundo”, entende? Isso acontece com todas as crianças.”* Contudo, o pai também salienta características positivas de Solange. Ele afirma que ela é uma mãe muito carinhosa, que cuida bastante bem da filha: *“Muito atenciosa, assim, e preocupada, muito preocupada com o desenvolvimento da Livia.”*

Discussão dos aspectos singulares do caso

Evidencia-se na fala de Douglas a constatação de que os conflitos entre ele e sua ex-esposa são muito anteriores ao momento da separação. Na realidade, a dissolução matrimonial não deve ser avaliada como um simples evento, mas como um processo que começa quando o casal ainda vive junto e se prolonga por muito tempo após a conclusão do divórcio legal (Amato, 2000). De acordo com Douglas, o relacionamento do casal sempre enfrentou dificuldades. O motivo que ele encontra para isto é a extrema necessidade de proteção e dependência de Solange, a qual não era correspondida por ele. A

transferência de Douglas para outra cidade provavelmente agravou a sensação de abandono de Solange e isto, unindo-se à sua percepção de que o marido vinha se mostrando um pai pouco próximo e atencioso com Livia, teria levado ao pedido de divórcio. Douglas não apenas não queria o divórcio, como não imaginava que isto fosse ocorrer naquele momento. O caráter inesperado da decisão de Solange tornou a separação ainda mais difícil para ele.

Douglas e Solange estão separados há pouco tempo, menos de seis meses. Assim, as mágoas e ressentimentos despertados pelo doloroso processo de separação ainda estão muito presentes na sua memória e no seu relacionamento. O grau de conflito entre eles é bastante elevado e muitas questões, como a sistemática de visitas e a participação geral do pai na vida de sua filha, parecem estar permanentemente em discussão. Percebe-se, deste modo, que esta família está em um momento de transição, de reorganização nas vidas de cada um dos seus membros. Isto se remete aos achados de Souza (2000) e Wallerstein e Kelly (1998), que mostraram que este processo de reorganização, interna e externa, da vida dos ex-cônjuges e seus filhos pode demorar mais de dois anos. Seis meses, portanto, seria um período de tempo bastante curto, insuficiente para que esta família possa ter se adaptado a um novo modo de funcionamento.

As dificuldades de relacionamento de Douglas e Solange manifestam-se através de uma extrema dificuldade de diálogo, de cobranças e críticas mútuas e de muitas restrições, impostas pela mãe, à participação do pai na vida de Livia. A dificuldade, ou impossibilidade, dos ex-cônjuges de conversar é tão grande que eles acabaram por criar um instrumento de comunicação, a caderneta, através do qual podem trocar informações sobre a filha sem a necessidade de contato direto. Mesmo assim, o pai não é informado a respeito de muitas coisas que acontecem no dia-a-dia de Livia. Assim, a participação do pai vem sendo restringida de diversas formas: através da rigidez do sistema de visitas, da privação de informações a respeito da rotina da filha e de fatos importantes, como problemas de saúde e progressos no seu desenvolvimento, e da impossibilidade de participar das decisões a respeito de sua criação. Este achado vai ao encontro dos resultados de diversos autores. Por exemplo, segundo Amato e Gilbreth (1999), a relação limitada e artificial que os pais não-residentes acabam constituindo com seus filhos deve-se, em parte, às restrições impostas aos pais quanto ao tempo em que podem passar com seus filhos, e não necessariamente à falta de interesse por estes. Ahrons (1983), por sua vez, enfatizou que o relacionamento entre pai e mãe e seus sentimentos de raiva, culpa e respeito têm um efeito expressivo sobre o envolvimento paterno.

Atualmente, portanto, o envolvimento de Douglas com sua filha é bastante limitado. O pai mostra-se muito pouco acessível para Livia pois, conforme uma determinação judicial, ele pode vê-la apenas uma vez por semana. É difícil se imaginar o que aconteceria sem esta limitação judicial, considerando a extensa carga horária de trabalho do Douglas. De qualquer modo, ele é um pai pouco presente no dia-a-dia da filha. No dia em que está com Livia, contudo, o pai dedica-se ao máximo para compensar este afastamento. A interação entre eles se dá através de uma ampla gama de atividades, incluindo as de cuidados básicos. De acordo com Douglas, os dias de visita se tornaram um espaço só dele e de Livia, em que o pai fica totalmente responsável pela filha e livre para interagir com ela sem a interferência de sua mãe. Neste sentido, Wallerstein e Kelly (1998) afirmaram que, em alguns casos, a separação do casal abre um novo espaço para o convívio entre pais e filhos, melhorando a qualidade da relação entre ambos. Isto se dá porque os pais adquirem, mesmo que por períodos limitados, a possibilidade de assumir o cuidado dos filhos nos seus encontros. No caso de Douglas, ele passou a realizar, após a separação, diversas atividades que não realizava antes, como preparar mamadeira, trocar fraldas e dar banho. Por isto, ele se sente emocionalmente mais próximo de Livia, embora esteja fisicamente distante e de fora de sua rotina.

Contudo, o fato de Douglas não mais existir na fala da mãe de Livia aumenta ainda mais a distância entre o pai e sua filha. Neste sentido, Lebovici (1987) enfatizou a importância daquilo que a criança ouve dizer de seu pai pela palavra materna. De acordo com o autor, seria o discurso da mãe que permitiria ao pai ser pai, e ao bebê entrar em relação, real e fantasiosamente, com seu pai. No caso de Douglas, antes da separação, mesmo ficando muito tempo fora de casa em função do trabalho, ele se fazia presente através do discurso materno. Com a separação, este elo de ligação com a criança foi perdido. Neste momento, o pai está buscando construir outros elos através das visitas.

Quanto às suas responsabilidades para com a filha, Douglas tem procurado fazer tudo que está ao seu alcance para garantir o bem-estar de Livia. Ele afirma seguir o exemplo de seu pai, que sempre se mostrou muito responsável para com os seus filhos, embora se perceba diferente dele em relação a outros aspectos da paternidade. A contribuição financeira de Douglas foi determinada judicialmente e é descontada diretamente de sua folha de pagamento. Além disto, ele fez uma poupança para a filha, a fim de precaver-se contra imprevistos, como a perda do emprego ou a necessidade de gastos maiores. O pai também se preocupa com o bem-estar, saúde e educação de sua filha, tanto em relação ao presente quanto ao seu futuro. Embora não lhe seja dada muita

oportunidade de participar das decisões a respeito de Livia, Douglas procura dar à Solange suas opiniões e sugestões, as quais nem sempre são ouvidas.

Em virtude dos aspectos apontados acima, relativos ao envolvimento de Douglas com Livia e ao seu relacionamento com a filha e sua mãe, os sentimentos do pai em relação à paternidade são bastante ambivalentes. A percepção de que conseguiu estabelecer com sua filha um relacionamento de carinho e proximidade, e de que Livia vê nele uma figura de proteção, dá a ele muita satisfação e a sensação de que está sendo um bom pai. Isto está em consonância com as crenças de Douglas a respeito do papel paterno, pois ele refere que ser para os filhos uma fonte de segurança e proteção seria a principal função de um pai. Ele também afirma que, apesar de não residir com sua filha, tem sido um pai mais presente para ela do que o seu pai foi para ele.

Douglas refere que tem procurado ser um pai melhor do que era antes da separação. Realmente, nos últimos meses do casamento com Solange, ele não vinha tendo um grande envolvimento com sua filha, embora tenha sido muito envolvido durante a gestação. O afastamento físico em relação à filha, na verdade, se iniciou bem antes da separação conjugal, quando o pai foi transferido para o interior. Mas apenas após o divórcio ele parece ter percebido a falta da convivência diária com Livia. Deste modo, pode-se pensar que, por mais doloroso que tenha sido o divórcio, ele serviu para que o pai avaliasse o modo como vinha desempenhando seu papel.

No entanto, o modo como exerce a paternidade é avaliado por Douglas de maneira predominantemente negativa. Ele se sente muito insatisfeito por ser apenas um visitante na vida de Livia, e sofre pelas restrições que são impostas por sua ex-esposa. Douglas afirma que gostaria de ter uma participação bem maior na rotina da filha. Ele sente falta da convivência diária com Livia, e percebe que ela também sente a sua falta. Este relato confirma a afirmação de Thompson e Laible (1999) de que a relação baseada em visitas, geralmente imposta aos pais não-residentes, costuma ser percebida como constricta e artificial, e que eles se sentem excluídos das vidas de seus filhos. No caso de Douglas, este sentimento de exclusão parece estar gerando um grande sofrimento.

Contudo, seu discurso nem sempre é consistente, pois, embora ele manifeste o desejo de ser mais próximo da filha, também afirma que não gostaria que ela morasse com ele, acreditando que não seria capaz de assumir tal responsabilidade. Pode-se perceber, portanto, que Douglas gostaria de poder ter encontros mais frequentes com Livia, mas não pretende dividir com sua ex-esposa as responsabilidades na criação da filha. Cabe questionar qual o seu papel nesta limitação do modo com vem desempenhando a

paternidade, pois as restrições impostas por sua ex-esposa podem estar encobrindo suas próprias dificuldades em aproximar-se da filha. Talvez parte de seu sofrimento seja fruto de um sentimento de culpa, de responsabilidade pela situação e pelo sofrimento de sua filha.

Examinando as semelhanças e particularidades entre os pais que residiram com seus filhos e se separaram

Através da análise dos relatos dos pais que residiram com seus filhos e, posteriormente, se separaram, evidenciam-se algumas características comuns entre os casos. Um aspecto bastante marcante nos três pais estudados é o alto grau de conflito entre eles e suas ex-esposas, principalmente nos primeiros meses após a separação. As discussões, desentendimentos e disputas judiciais mostram-se freqüentes, principalmente em relação aos direitos e deveres dos pais para com seus filhos. A dificuldade de diálogo dos casais vem impossibilitando-os de exercer a coparentalidade, ou seja, tomar decisões em conjunto a respeito da criação dos filhos. Ao contrário, eles acabam por exercer uma parentalidade paralela, em que existe muito pouca cooperação entre pai e mãe (cf. Furstenberg & Nord, 1985).

Os relatos destes pais ainda evidenciaram a influência expressiva do conflito entre pai e mãe sobre o relacionamento dos pais não-residentes com seus filhos, confirmando os achados de diversos autores (Ahrons, 1983; Braver & cols., 1991; Nielsen, 1999). Jorge, Júlio e Douglas reclamaram das restrições impostas por suas ex-esposas quanto ao contato deles com os filhos, limitando as visitas e a participação nas decisões sobre a criança. Os pais ligavam este tipo de atitude ao rancor da mãe, bem como a sentimentos de posse. Estes resultados apóiam aqueles referidos por Wallerstein e Kelly (1998), mostrando que, para que os pais permaneçam envolvidos com seus filhos através das visitas, é preciso que eles consigam, além de superar sua depressão, ciúme e culpa, lidar com a raiva das mães. Dentre os três pais estudados, Jorge é o único que parece estar conseguindo sobrepujar estes sentimentos negativos com relativo sucesso.

A sistemática dos encontros entre pais e filhos foi, nos três casos, determinada judicialmente, demonstrando a grande dificuldade de pais e mães para definirem esta questão através de acordo. Jorge e Ângela, em um primeiro momento, entraram em acordo a respeito da guarda de Mariana, mantendo-a compartilhada entre os pais. Contudo, as brigas entre eles eram freqüentes, o que os levou a recorrer à justiça, que deu a guarda à mãe. A partir desta determinação, o conflito entre pai e mãe diminuiu. Contudo, o mesmo

não ocorreu entre Júlio e Fernanda, pois a determinação judicial a respeito das visitas deixou o pai bastante insatisfeito, levando-o a recorrer da decisão várias vezes, sem sucesso. Deste modo, percebe-se que a intervenção da justiça nem sempre contribui para a melhora do relacionamento entre pai e mãe.

Pode-se pensar que o tempo decorrido desde a separação contribua para a diminuição do conflito entre os ex-cônjuges, uma vez que as dificuldades de relacionamento mostraram-se mais presentes, no momento atual, entre Douglas e Solange, que estão separados há apenas cinco meses. O relacionamento entre Jorge e Ângela, que estão separados há um ano, vem melhorando consideravelmente, e Júlio e Fernanda, embora ainda enfrentem dificuldades após um ano e oito meses de separação, vem conseguindo um melhor entendimento e cooperação. Este dado confirma os achados de Maccoby e cols. (1993), os quais verificaram que, com o passar do tempo após o divórcio, o conflito entre pai e mãe tende a diminuir.

Parece que as dificuldades de relacionamento entre os ex-cônjuges, evidentes nos primeiros meses após a separação, se devem, em parte, aos ressentimentos despertados por este evento. Nos três casos estudados, a separação foi vivida de maneira bastante dolorosa, sendo marcada por muitos sentimentos de perda e frustração. Estes sentimentos mostraram-se ainda mais intensos em Júlio e Douglas, pois a separação, para eles, foi inesperada e indesejada. Isto remete às considerações de Wallerstein e Kelly (1998) a respeito do período inicial que se segue à separação, percebido pelas autoras como profundamente estressante para quase todos os adultos. McKenry e cols. (1992) também destacaram que as mudanças e readaptações necessárias acabam gerando, em grande parte dos pais, sentimentos de perda, privação e tristeza. Com o passar do tempo, a maioria dos pais vai se adaptando a sua nova situação, apresentando um menor sofrimento. Jorge e Júlio chegaram a procurar ajuda profissional para reorganizar suas vidas, tendo permanecido alguns meses em psicoterapia, o que, segundo eles, os auxiliou bastante. Isto sugere a importância de que atendimentos psicológicos, inclusive com um caráter preventivo, sejam oferecidos aos pais separados. Isto poderia ajudá-los a se manter próximos dos seus filhos e a conseguir dialogar com a ex-esposa, trazendo benefícios para todos os envolvidos na situação de separação conjugal.

Quanto ao relacionamento entre os pais e seus filhos, Jorge, Júlio e Douglas se consideram pais emocionalmente próximos, envolvidos, e afirmam obter muito prazer, carinho e satisfação desta relação. No entanto, parece ser constante, na vida destes pais, o medo de que o desenvolvimento de seus filhos possa estar sendo afetado pelo fato de não

residirem com eles. Apesar de os pais, em vários momentos, descreverem seus filhos de maneira extremamente positiva, como muito espertos, inteligentes e alegres, em outras ocasiões eles mostram-se preocupados, falando de uma criança que está sofrendo com a separação. Pode-se pensar que, para estes pais, seja bastante difícil assumir que seus filhos estão sofrendo, pois isto evidenciaria um grande sentimento de culpa. Ao mesmo tempo, é possível que as crianças realmente se mostrem muito alegres e felizes nos momentos em que se encontram com seus pais, justamente por sentirem sua falta.

O envolvimento destes pais com seus filhos também apresenta algumas características em comum. Os três revelaram interagir com seus filhos através de uma ampla gama de atividades, que incluía os cuidados básicos à criança, como troca de fraldas, banho e alimentação. Assim, estes pais se contrapõem à proposição de diversos autores (Furstenberg & Nord, 1985; Seltzer, 1991; Thompson & Laible, 1999) de que os pais não-residentes restringiriam sua interação a atividades recreativas. Os pais do presente estudo apóiam a idéia de que pelo menos alguns pais não-residentes têm com seus filhos uma interação não tão limitada e, por vezes, de melhor qualidade do que aquela que existia antes da separação. Contudo, estes resultados se referem a um período relativamente curto após a separação, não sendo possível inferir se este envolvimento permanecerá pelos próximos anos. Vários eventos poderiam alterar seu envolvimento futuro com os filhos, como o envolvimento dos pais em novos relacionamentos e a constituição de novas famílias.

Nos casos de Júlio e Douglas, a interação com seus filhos melhorou consideravelmente após a separação, pois eles passaram a realizar uma maior variedade de atividades. Isto se deve, principalmente, ao fato de que, nos dias de visitas, estes pais passaram a ficar totalmente responsáveis pelas crianças. Deste modo, eles precisaram fazer atividades que, anteriormente, eram realizadas apenas pelas suas esposas, principalmente relativas aos cuidados. Júlio e Douglas referem sentir muito prazer na realização destas atividades. Estes relatos confirmam os achados de Wallerstein e Kelly (1998), os quais apontaram que, em alguns casos, a separação do casal abre um novo espaço para o convívio entre pais e filhos, melhorando a qualidade da relação entre ambos, pois dá aos pais a possibilidade de assumir o cuidado dos filhos, mesmo que por períodos limitados.

O envolvimento destes pais também teve como uma característica marcante a responsabilidade. Jorge, Júlio e Douglas contribuem financeiramente com seus filhos com regularidade, seja através de pensão alimentícia determinada judicialmente, o que ocorre com Júlio e Douglas, ou através do pagamento das despesas com a educação e saúde da

filha, como é o caso de Jorge. Eles preocupam-se com o futuro dos seus filhos, com sua educação e saúde, e procuram participar das decisões a respeito da criação das crianças, como a escolha da escola, o momento certo de tirar as fraldas, dentre outras. Contudo, Douglas tem sua participação bastante restringida por sua ex-esposa, que não costuma conversar com ele sobre a filha.

Outro aspecto semelhante entre os casos diz respeito às suas crenças a respeito da paternidade. Os três pais consideram-se bastante diferentes dos seus próprios pais, referindo que não os têm como modelo de conduta, a não ser em relação a alguns aspectos bastante restritos. Ao falar sobre as principais funções de um pai, eles destacam características como proximidade e afeto, enfatizando a qualidade do relacionamento com os filhos. Anderson (1996) encontrou resultados bastante semelhantes, verificando que os pais não-residentes muito envolvidos focalizaram a necessidade de amar, compreender e fazer-se emocionalmente presente na vida dos filhos. Deste modo, percebe-se que Jorge, Júlio e Douglas rejeitam a perspectiva tradicional de paternidade, segundo a qual o pai era visto como indiferente e distante, sendo seu papel apresentar-se como um modelo de poder e autoridade (cf. Fein, 1978; Muzio, 1998). Estes pais, e especialmente Jorge, vem desempenhando uma paternidade comumente descrita como andrógina, ou seja, mesclando as funções empáticas e afetivas, próprias da mãe tradicional, com as competências e destrezas, próprias do pai tradicional (cf. Muzio, 1998; Rotundo, 1985).

Embora existam diversos pontos em comum entre os três pais, evidenciam-se também muitas particularidades, referentes ao seu envolvimento com os filhos antes e após a separação, e aos seus sentimentos em relação à paternidade. Enquanto Jorge mostrava-se um pai bastante envolvido com sua filha antes da separação, realizando com ela diversas atividades de cuidado e participando de todos os aspectos da sua vida, Júlio e Douglas baseavam seu envolvimento principalmente no compartilhamento de atividades sociais, deixando os cuidados das crianças ao encargo de suas mães. Estas modalidades de envolvimento mostraram-se muito ligadas à rotina de trabalho e estudo destes pais, às suas características pessoais e às de suas esposas. Este dado confirma as proposições de Lamb e cols. (1985), os quais destacaram a influência da motivação do pai, de sua autoconfiança, do suporte social e de fatores institucionais sobre o seu envolvimento. Nos pais do presente estudo, estes fatores parecem apresentar-se em interação mútua. No caso de Jorge, por exemplo, sua grande motivação para ser pai, aliada às exigências de trabalho e estudo dele e de sua esposa, fizeram com que ele tivesse um grande envolvimento com sua filha.

A notícia de que seria pai foi recebida por Jorge com muita felicidade, pois ele tinha o desejo de ter um filho e sentia-se preparado para assumir a tarefa de criá-lo. Durante a gestação, ele foi um pai bastante envolvido, emocional e materialmente. Após o nascimento de Mariana, Jorge ficava, muitas vezes, responsável por ela durante a noite, pois sua esposa tinha aulas. Era ele quem preparava Mariana para dormir, dando banho, mamadeira e colocando-a na cama. Portanto, a sua participação nos cuidados da filha era necessária e incentivada por sua esposa, pois permitia que ela seguisse os estudos. De forma semelhante, Bailey (1994) verificou que quanto menos tempo disponível para a criança a mãe tivesse, maior o envolvimento do pai em cuidados.

Após a separação, Jorge permaneceu muito envolvido com sua filha, embora tenha se tornado menos acessível. Contudo, sua acessibilidade ainda é alta em relação aos outros pais deste grupo, incluindo duas noites por semana e dois finais de semana por mês. Nestes dias, Mariana dorme na casa do pai. Jorge tem um quarto para a filha na sua casa, demonstrando que ela está realmente inserida em sua nova vida, e não é uma visitante. Do mesmo modo, ele não se sente um visitante na vida de Mariana. Isto vai ao encontro dos achados de Amato e Gilbreth (1999). Os autores verificaram que uma vez que os homens, enquanto casados, vem se tornando mais comprometidos com o papel de pai e com os cuidados dos filhos, eles estão mais predispostos a manter ligações com eles depois da separação, o que pode ser observado com clareza no caso de Jorge.

A história de envolvimento de Júlio, por sua vez, é bastante distinta. A notícia da gravidez foi recebida por ele como um choque pois, embora desejasse ser pai, acreditava que aquele não era o momento adequado. A vinda de seu filho foi associada a muitas perdas, sendo a principal a de sua liberdade. Em virtude desta percepção negativa da gestação, Júlio não foi um pai envolvido durante este período. Após o nascimento de Bruno, no entanto, ele se ligou afetivamente ao filho, passando a ser um pai relativamente envolvido, embora a maior parte dos cuidados básicos do filho tenha continuado sendo responsabilidade de sua esposa.

Após a separação, seu envolvimento foi bastante alterado pelas restrições impostas por Fernanda, sua ex-esposa, e também pela sua elevada carga horária de trabalho e estudo. Atualmente, Júlio é um pai muito pouco acessível para seu filho, ficando com ele apenas dois finais de semana por mês. Porém, em relação à interação, como referido anteriormente, houve uma ampliação na gama de atividades realizadas por pai e filho. Durante todo o final de semana que passa com Bruno, Júlio fica totalmente responsável pelos seus cuidados.

O envolvimento de Douglas teve um percurso um pouco contrário ao de Júlio. Douglas foi um pai muito envolvido durante a gestação de sua filha, conversando com ela através da barriga de sua esposa e participando de consultas médicas e curso de gestantes. Contudo, após o nascimento de Lívia, as demandas do seu trabalho dificultaram bastante sua participação. Sua esposa também se mostrava bastante possessiva, não dando ao pai muitas possibilidades de cuidar do bebê. Quando sua filha ainda era bem pequena, ele foi transferido para outra cidade, e visitava-a apenas uma vez por semana. Portanto, Douglas começou a ser um pai não-residente antes mesmo da separação conjugal, embora isto tenha ocorrido contra a sua vontade, por uma imposição do seu trabalho.

A separação de Douglas e Solange foi muito conturbada, e é bastante recente. O casal está separado há poucos meses. Portanto, esta família está vivendo um momento de transição, em que as mágoas e ressentimentos despertados pelo processo de divórcio estão muito presentes, e questões relativas à participação do pai ainda estão em discussão. Neste momento, as dificuldades de relacionamento entre os ex-cônjuges têm se mostrado uma grande influência sobre o envolvimento do pai. Em virtude de uma determinação judicial e das restrições colocadas por sua ex-esposa, Douglas também é um pai muito pouco acessível, podendo passar com sua filha apenas um dia por semana. Sua participação nas decisões sobre ela, conforme mencionado anteriormente, também é limitada. Mas, do mesmo modo que ocorreu com Júlio, houve uma melhora na qualidade da sua interação com Lívia, pelo menos nos dias em que fica responsável por ela.

Quanto aos sentimentos de Jorge, Júlio e Douglas em relação à paternidade, também se observam algumas especificidades. Jorge parece estar mais adaptado à separação. Questões que davam margem a conflitos com sua ex-esposa, como a guarda de Mariana e a sistemática de encontros entre pai e filha, já foram resolvidas, agradando tanto o pai quanto a mãe. Jorge, portanto, mostra-se satisfeito com sua participação na vida de Mariana, sentindo que permaneceu sendo próximo e presente para a filha. Este dado confirma os achados de diversos autores, os quais verificaram que alguns pais não-residentes são capazes de manter uma relação próxima com os filhos, exercendo razoavelmente bem suas funções enquanto pai (Amato & Gilbreth, 1999; Furstenberg & Nord, 1985; Kruk, 1991; Maccoby & cols., 1993; Wallerstein & Kelly, 1998). Apesar disto, ele percebe que seu envolvimento está sendo um pouco limitado, pois ele não convive com a filha todos os dias. Jorge sente falta de dormir perto de Mariana nas noites em que ela está na casa da mãe, e sente um pouco de ciúmes do seu padrasto, que convive com a menina mais do que ele.

Júlio e Douglas, por sua vez, mostram-se muito insatisfeitos com o modo como vêm desempenhando a paternidade, avaliando como muito restrita sua participação na vida dos filhos. Os pais referem uma grande insatisfação com o sistema de visitas, por considerá-lo muito rígido e limitante. Eles gostariam de conviver mais frequentemente com seus filhos, e isto não lhes é possibilitado. Além disto, sentem falta de participar do dia-a-dia das crianças, acompanhando seu desenvolvimento. Isto vai ao encontro dos achados de Thompson e Laible (1999) de que a relação baseada em visitas, geralmente imposta aos pais não-residentes, costuma ser percebida como constricta e artificial. De acordo com Ramires (1997), as limitações ao envolvimento paterno advindas desta imposição acabam gerando, em muitos pais, diversos sentimentos negativos frente à paternidade, como de exclusão, frustração, sofrimento e angústia. Nas falas de Júlio e Douglas, os sentimentos predominantes realmente são de frustração e impotência.

Contudo, Douglas também apresenta uma avaliação positiva da paternidade, pois conseguiu ter um bom relacionamento com sua filha, sendo um pai mais próximo dela, emocionalmente, do que antes da separação. O carinho de Livia para com ele lhe dá a sensação de ser um bom pai, e isto serve como uma recompensa frente às adversidades que vem vivenciando. Isto se remete ao estudo de Anderson (1996), que verificou que a relação próxima e afetiva com seu filho costuma trazer, para os pais, recompensas maiores do que os desafios e turbulências da parentalidade. Rezende e Alonso (1995) também constataram que a participação intensa nos cuidados de seus filhos pequenos gerava nos pais sensações de felicidade, bem-estar, alegria, satisfação, carinho e gratificação. No caso de Douglas, estes sentimentos positivos parecem estar desempenhando um papel fundamental na continuidade do seu envolvimento, dando-lhe forças para continuar investindo na relação com Livia, apesar dos empecilhos colocados pela sua mãe.

Parte 3: Pais Residentes

Caso 1: Leandro

História do caso

Leandro tem 37 anos, e é pai de Luciano, de dois anos de idade recém completos. Leandro é casado com Lúcia há 10 anos. Ele tem como escolaridade o ensino superior incompleto, e trabalha como servidor público, com uma carga horária semanal de 40 horas. Lúcia tem ensino superior completo e trabalha em sua área de formação, como funcionária de uma empresa.

Quanto à história do relacionamento do casal, Leandro e Lúcia se conheciam há muitos anos, por conviverem com o mesmo grupo de amigos, mas nunca haviam chegado a conversar. Em um verão, no mês de fevereiro, eles se encontraram na praia e logo começaram a namorar. Em outubro do mesmo ano eles casaram. Logo após o casamento, o casal foi residir em um apartamento de dois quartos, onde viveram durante sete anos. Quando se mudaram para um apartamento de três quartos, os pais de Leandro e Lúcia começaram a pressioná-los para que tivessem um filho, mas eles não achavam que aquele era o momento ideal, e planejavam viajar para o exterior para visitar parentes. O terceiro quarto foi decorado como um escritório. No entanto, quinze dias após a mudança Lúcia ficou grávida. Embora não tenha sido planejada, a gestação foi recebida pelo casal com grande alegria, e Leandro foi um pai bastante participativo durante este período.

Leandro afirma que o nascimento de Luciano melhorou o relacionamento do casal, tornando-os ainda mais próximos. O diálogo entre eles também melhorou bastante. O pai, que sempre teve grande participação nas rotinas domésticas, mostrou-se muito envolvido nos cuidados do bebê desde o seu nascimento. Como Leandro sai mais cedo do trabalho do que sua esposa, é ele quem busca o filho na escolinha, leva-o para casa, dá banho e o alimenta. Quando sua mãe chega em casa, Luciano está pronto para dormir. Lúcia trabalha mais e também ganha mais que o esposo, e isto parece influenciar o envolvimento de pai e mãe com seu filho.

Envolvimento paterno

Leandro foi um pai bastante envolvido durante toda a gestação de Lúcia. Ele acompanhou a esposa a todas as consultas médicas, participou da escolha do pediatra de Luciano e realizou, com Lúcia, um curso para gestantes: *“A gente fez curso de gestante junto, eu acho que eu fui o único pai assíduo no curso de gestante. Tinha um ou outro que ia de vez em*

quando. Eu sempre fui. Foi muito legal.” Ele e a esposa procuraram obter informações sobre gestação e bebês, fazendo buscas na internet. O pai também assistiu e filmou o nascimento de Luciano, e foi ele quem deu seu primeiro banho: *“E eu disse [para Lúcia] sou eu que vou dar o primeiro banho, não abro mão disso.”*

Atualmente, Leandro ainda se considera um pai muito envolvido com seu filho, acompanhando de perto o seu desenvolvimento. Ele refere que passa mais tempo com o filho do que sua esposa, devido às suas exigências de trabalho: *“Olha eu procuro tá sempre em tudo. Até assim, claro não por culpa da Lúcia, mais em função do ritmo de trabalho dela, eu que fico bem mais tempo com ele.”* Por isto, sua interação com o filho é muito variada, incluindo as atividades de cuidado, na realização das quais Leandro refere obter muita satisfação. O pai dá banho em seu filho, troca fraldas, faz mamadeira, coloca-o para dormir, atende-o durante a madrugada, quando necessário, e está ensinando-o a usar o peniquinho. Ele também acompanha mãe e filho às consultas médicas, e busca Luciano na escola todos os dias. Dentre as atividades de cuidado, a única que Leandro não realiza é escolher as roupas para o filho vestir, *“porque eu sou péssimo pra escolher roupa”*.

O pai participa da educação de Luciano, afirmando que ele e a esposa *“trabalham parinho”* na colocação de limites para a criança. Pai e filho também brincam bastante juntos, principalmente através de brincadeiras motoras, como jogar bola e andar de triciclo (o pai puxa o triciclo por uma cordinha, e Luciano vai “dirigindo”). Passear e ouvir música são outras atividades realizadas com frequência por ambos: *“A gente passa horas com ele escutando música.”*

Leandro é um pai bastante acessível para seu filho, passando com ele todas as noites e o final de semana: *“A gente fica desde esse horário que a gente chega da creche até ele dormir, né. (...) Que às vezes vai até onze, meia noite e às vezes vai até oito horas da noite.”* O pai também participa da preparação da criança para ir à escola, pela manhã, antes do seu trabalho. Além destes momentos, Leandro também costuma dedicar algum tempo para participar de festas e reuniões da sua escola. Mesmo assim, o pai considera seu tempo para o filho muito pequeno, pois gostaria de poder aproveitar bem mais a sua companhia: *“Eu acho muito pouco. Se desse pra ficar o dia inteiro junto...”*

Quanto às responsabilidades do casal para com Luciano, percebe-se que elas são divididas quase que igualmente entre pai e mãe. Todas as decisões a respeito da criança são tomadas em conjunto, pelo casal, através de diálogos frequentes: *“A gente discute muito, conversa muito.”* Leandro e Lúcia se preocupam bastante com a saúde do filho, procurando garantir a ele uma alimentação de qualidade: *“Logo quando ele era nenê, quando começou as*

primeiras papinhas e tal, a gente ia todo sábado lá na feira da Colméia. Desses tempos pra cá a gente tá mais relaxado nisso, mas procura controlar. Em casa assim a gente não tem o hábito de dar doces, chocolate.” O mesmo pode ser dito em relação ao bem-estar e educação de Luciano, pois a escolha de sua escolinha foi realizada com bastante cuidado, tendo sido escolhida uma escola cuja proprietária é da família de Leandro. Deste modo, a criança recebe uma atenção especial das cuidadoras: *“E lá eu conheço, elas tem a creche ali há dezoito anos (...) as tias da creche ali, as que cuidam ali, eu conheço há vinte anos.”*

Em relação à contribuição financeira, Lúcia é responsável pela maior parte das despesas do filho, pois seu salário é maior que o de Leandro: *“Boa parte das coisas quem paga é a Lúcia, que tem um salário bem melhor do que o meu. Creche e essas coisas assim, boa parte das contas da casa mesmo é ela quem paga.”* A questão financeira é, atualmente, a maior preocupação de Leandro em relação à paternidade, pois, embora ele tenha estabilidade no emprego, observa que seu poder de compra vem se tornando cada vez menor, e as necessidades de seu filho exigem mais despesas. Por isto, ele se mostra bastante arrependido de não ter concluído seu curso superior. Ele imagina que, tendo um curso universitário, teria mais opções de trabalho e poderia, talvez, dar melhores condições de vida ao seu filho: *“A questão financeira é a que mais preocupa, né. Até, por exemplo, ter abandonado meu curso, não ter me formado.”*

Relacionamento pai-criança

Leandro avalia seu relacionamento com Leandro de maneira bastante positiva. Ele afirma que sua relação com o filho é marcada por muito entrosamento e carinho: *“A gente se curte.”*; *“[Luciano] é uma criança bem carinhosa, porque a gente é bem carinhoso com ele.”* Ele imagina que esta relação vai se tornar cada vez melhor, pela maior facilidade de interação e de comunicação que ele terá com uma criança maior: *“Eu acho assim que a medida que ele está crescendo a gente consegue interagir bem melhor com ele assim (...) Cada vez mais ele começa a prestar mais atenção, ele tá ficando mais falante e hoje assim a gente canta e ele já tenta cantar alguma coisa, repete alguns pedaços. Isso é legal, a gente consegue interagir melhor.”*

Leandro descreve seu filho de maneira bastante detalhada, mencionando muitas características positivas e também algumas um pouco negativas. Ele refere que Luciano é muito carinhoso, sociável, pois tem facilidade para se dar bem com todos, e responsivo: *“Ele responde bem, assim, a atenção que a gente dá, os estímulos.”* O pai também considera seu filho bastante inteligente: *“Ele é bem, bem esperto pra sua idade, que a gente vê muito com as*

outras crianças que tem a idade dele na creche (...) eu acho que ele é bem vivo.” Contudo, Leandro refere que seu filho é uma criança muito agitada, um pouco ativa demais, e também bastante teimosa: “Ele é muito teimoso (...) E quando ele embesta com uma coisa é terrível. E eu sempre tive horror a esse tipo de criança, que é tudo que ele faz. A gente fala mas tem uma língua, né?! Às vezes ficam sapateando que querem alguma coisa ou se atiram no chão, eu tenho horror a esse tipo de coisa (Risos). A gente vai tentando domar esse tourinho, né.”

Avaliação da paternidade

Leandro mostra-se muito satisfeito com a paternidade, a qual vem sendo, para ele, a realização de um sonho: *“Ah, eu tô realizado, é o que eu sempre quis. Eu sempre tive muita adoração por criança, e eu sempre me dei muito bem com criança, nenê, e ia nos lugar que tinha criança logo tava em roda de mim. E nossa, foi uma grande realização eu acho.”* Ele se considera um bom pai, bastante carinhoso, amoroso e compreensivo. Ele também se considera um pai liberal, mais do que sua esposa, embora não se considere permissivo: *“Eu tendo a ser um pouco mais liberal que ela [Lúcia], assim.”* A principal dificuldade que vem sendo sentida pelo pai, no exercício da paternidade, refere-se às demandas de atenção da criança. Luciano é muito ativo e, diversas vezes, deixa seu pai fisicamente esgotado: *“Ele quer que levante, que dance com ele, que vá pro corredor jogar bola com ele, assim, puxando. Ai tá cansado, também não tá muito afim né, mas não tem jeito.”*

Quanto às crenças de Leandro a respeito do papel paterno, ele refere que as principais funções de um pai seriam dar aos filhos orientação e carinho, mantendo uma relação de proximidade: *“Eu acho que é orientação, é tá junto orientando. Mostrando carinho, tentando caminhar junto.”* Em relação aos seus modelos de pai, afirma que se sente muito diferente do seu próprio pai, pois ele tinha uma certa dificuldade com a imposição de limites. Leandro não deseja ser um pai muito rígido, repressor, mas considera importante a colocação de limites claros aos filhos: *“Eu evito ser repressor. Mas eu acho que eu sou a favor de dar limites (...) bem claros.”*

Relação pai-mãe

O relacionamento entre Leandro e Lúcia é, atualmente, bastante bom. O casal tem facilidade para conversar sobre o filho, sobre si mesmos e seu próprio relacionamento, e existem poucas divergências: *“Não há grandes divergências. (...) A gente leva bem legal.”* O pai avalia sua esposa de maneira positiva, como uma boa mãe, muito carinhosa e atenciosa com seu filho: *“Ela é muito atenciosa (...) bem participativa, ela estimula bastante o Luciano.”*

Leandro também a considera bastante exigente e organizada, cobrando mais disciplina de Luciano do que o pai, embora ambos se preocupem com a colocação de limites: *“Ela é muito mais organizada que eu, assim ela quer que as coisas andem sempre arrumadinhas, acertadinhas e tal (...) Ela se incomoda muito com isso.”*

Discussão dos aspectos singulares do caso

A partir da análise do relato de Leandro, destaca-se a sua satisfação com o papel paterno. Ele afirma que sempre desejou ser pai, e a chegada de Luciano foi a realização de um sonho. Deste modo, embora a gravidez de Lúcia não tenha sido planejada, ela foi recebida com alegria pelo pai, que se mostrou muito envolvido durante todo o período da gestação. Este dado assemelha-se ao encontrado por De Martini (1999), a qual verificou que a reação de alegria frente à notícia da gravidez foi bastante freqüente nos pais que participaram do seu estudo, independentemente de ter havido um planejamento. A autora referiu que esta alegria estaria vinculada, dentre outros fatores, à concretização do desejo de ter um filho, como parece ser o caso de Leandro.

Após o nascimento de Luciano, Leandro continuou sendo um pai envolvido de maneira bastante ampla com seu filho. Quanto à sua acessibilidade, ele está disponível para a criança todas as noites e no começo da manhã durante a semana, e os dias inteiros no final de semana. Embora Luciano passe bastante tempo do seu dia longe do pai, quando eles estão juntos interagem através de diversas atividades. Pai e filho brincam, passeiam e escutam música. Além disto, Leandro busca Luciano na escola e dá banho, veste, alimenta o filho e troca suas fraldas, além de acompanhá-lo às consultas médicas de rotina. Cabe destacar que o pai sente muito prazer em participar dos cuidados de seu filho, afirmando que não existe nenhuma tarefa que não goste de realizar com ele, com exceção da escolha da roupa para a criança vestir, pois considera que não tem muito jeito para isto.

As responsabilidades a respeito do filho são divididas entre os pais e as decisões sobre sua criação são tomadas em conjunto, através de diálogos freqüentes. Deste modo, parece que este casal vem conseguindo exercer plenamente o que se denomina coparentalidade. Percebe-se, portanto, que o pai tem uma grande participação em todos os aspectos da rotina diária de seu filho, não restringindo sua interação às atividades recreativas. Este dado contraria os achados de Bailey (1994) e Belsky e cols. (1984), os quais verificaram que os pais costumam se mostrar mais envolvidos em atividades sociais do que em cuidados. No entanto, Bailey (1994) apontou a existência de uma associação entre o emprego da mãe e o envolvimento do pai em cuidados, de modo que, quanto menos

tempo a mãe tem disponível para a criança, maior o envolvimento do pai nos cuidados dela. Assim, o amplo envolvimento de Leandro parece estar vinculado às suas características de trabalho e às de sua esposa, pois Lúcia tem uma carga horária maior que a de seu marido, chegando em casa, à noite, mais tarde que ele. Por isto, é o pai quem busca o filho na escola e precisa atendê-lo quando chegam em casa.

O envolvimento de Leandro com seu filho, portanto, parece estar sendo influenciado por questões sociais. A este respeito, Lewis e Dessen (1999) afirmaram que, a partir da década de 90, o envolvimento paterno passou a ser visto como relacionado tanto a fatores psicológicos quanto a processos sociais, como a divisão do trabalho doméstico entre os genitores que trabalham fora de casa. De fato, percebe-se que Leandro não é um pai envolvido apenas nos cuidados do seu filho, dividindo com a esposa todas as tarefas e responsabilidades da casa. Contudo, esta divisão de tarefas domésticas, de acordo com Aquino e Menezes (1998) e Jablonski (1998), ainda não se impõe como uma realidade para toda sociedade brasileira, estando restritas a algumas famílias de nível sócio-econômico médio ou alto, como a de Leandro.

Em relação às responsabilidades financeiras, também se percebe, nesta família, um funcionamento que é relativamente incomum na sociedade brasileira. Lúcia recebe um salário mais alto que o de seu marido e, por isto, ela é responsável pela maior parte das despesas de Luciano. Neste caso, portanto, evidencia-se o abandono, pela família, das caracterizações tradicionais de “marido ganha-pão” e “esposa dona-de-casa” (cf. Fein, 1978), o que leva à necessidade de produção de novas definições de maternidade e paternidade. A forma como Leandro vem desempenhando o papel de pai confirma a proposição de Lamb (1997) de que os pais estão expandindo a definição de paternidade, abrangendo um grande número de atividades tipicamente vistas como componentes da maternidade como, no caso de Leandro, os cuidados básicos do filho.

Quanto ao relacionamento entre pai e filho, também predominam, na fala de Leandro, sentimentos de satisfação, prazer e alegria. O pai tem a expectativa de que seu relacionamento com o filho se torne cada vez melhor, em função do aumento nas capacidades da criança de interagir e se comunicar. Nota-se que Leandro descreve Luciano de maneira bastante detalhada, mencionando diversas características positivas, e outras um pouco negativas. Ao dar este tipo de descrição, além de mostrar-se orgulhoso em relação às qualidades de seu filho, principalmente a inteligência, Leandro demonstra realmente estar em contato com a criança, lidando com ela em seus momentos mais agradáveis e mais difíceis, nas horas de descontração e de birra.

Tendo como base o seu amplo envolvimento e o relacionamento que tem com seu filho, Leandro se avalia como um bom pai e mostra-se satisfeito com a paternidade. Leandro refere não ter o seu próprio pai como um modelo, pois percebe que suas atitudes são bastante distintas das dele. Quanto às suas crenças em relação às funções de um pai, ele destaca a orientação e o carinho com os filhos como fundamentais. Isto corrobora os achados de Anderson (19996), o qual verificou que os pais altamente envolvidos nos cuidados de seus filhos tendiam a negar o modelo tradicional de pai que provê sustento, destacando a necessidade de fazer-se emocionalmente presente na vida do filho.

O relacionamento entre pai e mãe, casados há 10 anos, é avaliado por Leandro de maneira bastante positiva, destacando a facilidade de diálogo e o baixo nível de conflito entre o casal. Lúcia é considerada por Leandro uma boa mãe, carinhosa e atenciosa com seu filho. Este bom relacionamento também exerce uma importante influência sobre o envolvimento paterno, confirmando as proposições de Ahrons (1983). Também neste sentido, Lebovici (1987) afirmou que a mãe teria a função de permitir ao pai ser pai, e ao bebê estabelecer uma relação com seu pai, através do que ele ouve dizer do pai pela palavra materna. Lúcia parece vir desempenhando bastante bem este papel, favorecendo a proximidade entre pai e filho.

Caso 2: Rafael

História do caso

Rafael tem 37 anos e é pai de Ana Maria, de dois anos e três meses. Ele é casado com Letícia há seis anos. Ele tem ensino superior completo, e trabalha como autônomo, atuando em sua área de formação. Sua carga horária corresponde a aproximadamente 12 horas por dia, de segunda a sexta-feira. Letícia também tem ensino superior completo, e trabalha no turno da tarde, também em sua profissão de formação. Eventualmente, ela tem plantões no sábado ou no domingo.

Rafael e Letícia são naturais de cidades vizinhas, no interior do Rio Grande do Sul. Porém, durante o tempo em que residiam no interior eles nunca chegaram a se conhecer. Quando ambos já haviam se mudado para Porto Alegre, a fim de realizar seus cursos universitários, eles se conheceram em um baile na cidade de Rafael. Algum tempo depois, eles se encontraram em Porto Alegre e começaram a namorar. Rafael e Letícia namoraram durante oito anos, pois planejavam se formar antes de casar. Eles noivaram no dia da formatura de Rafael, e compraram um apartamento em seguida. Dois anos depois, eles casaram.

Rafael afirma que, nestes nove anos de namoro e noivado, o relacionamento do casal era muito bom. No entanto, algum tempo após o casamento eles passaram a enfrentar problemas, desentendimentos por questões ligadas às suas famílias de origem. O casal buscou ajuda em uma terapia de casal, e o relacionamento voltou a ser tranquilo. A chegada de Ana Maria, que ocorreu em seguida, consolidou ainda mais a união do casal.

A gravidez de Letícia foi bastante planejada pelo casal. Deste modo, a notícia de que seria pai foi recebida por Rafael com muita felicidade e muita emoção. Durante a gestação, Rafael se mostrou um pai muito participativo, conversando com sua filha, ainda na barriga da mãe, e acompanhando Letícia às consultas médicas. Atualmente, o relacionamento entre Rafael e Letícia permanece bastante bom, embora Ana Maria ocupe quase que totalmente o tempo que antes era destinado ao casal. Rafael continua tendo um amplo envolvimento com sua filha, embora seu tempo seja bastante restrito, em função das exigências do seu trabalho.

Envolvimento paterno

Rafael foi um pai bastante envolvido durante toda a gestação de sua esposa, emocional e concretamente. Como referido anteriormente, ele costumava conversar com sua filha, ainda na barriga da mãe: *“Eu curti também, muito legal, a gravidez foi legal, a gente conversava com a Ana Maria já desde que a gente ficou sabendo. (...) não perdi nada, nada da gravidez.”* Além disto, ele acompanhou sua esposa a quase todas as ecografias, tendo perdido apenas a primeira. Não ter acompanhado a primeira ecografia deixou Rafael muito triste, arrasado: *“Fiquei super sentido, perdendo a primeira ecografia, que eu não consegui, cheguei cinco minutos atrasado e no que eu cheguei a Lê já tinha entrado na sala e eu não consegui ver a primeira ecografia. (...) a Lê disse que nunca me viu com aquela cara, parecia que eu tinha sido derrotado naquele dia. Enquanto que nas outras eu saía meia hora antes do serviço e ia pra lá e esperava.”* O pai também acompanhou sua esposa durante o parto, filmando o nascimento da filha: *“Acompanhei todo parto. (...) Assisti, fui gravar o parto.”*

Quanto ao seu atual envolvimento com sua filha, Rafael refere estar satisfeito. Embora ele pense que, talvez, devesse ser um pai mais participativo, acredita que faz o melhor que pode, dentro das suas condições atuais: *“Eu tô satisfeito, acho que dentro do possível que eu pude acompanhar fazer, eu tô satisfeito.”* O pai menciona o seu trabalho como o principal empecilho para uma maior participação: *“Se eu não trabalhasse poderia participar mais, talvez, né?! Mas dentro do possível participo intensamente.”* Contudo, ele percebe que se exime de algumas tarefas para com a filha, como atendê-la durante a madrugada, o que fica

ao encargo de sua esposa: *“Nesse aspecto nós não dividimos muito a madrugada, a Lê levanta com ela às três da manhã. (...) Eu é raras vezes que eu acordo.”* Ele afirma que tem o sono muito pesado e, por isto, dificilmente acorda com o choro ou os chamados da criança.

Em relação ao modo como se dá o envolvimento do pai com Ana Maria, percebe-se que pai e filha interagem de diversas maneiras. Rafael tem uma grande participação nos cuidados da criança. Ele dá banho em Ana Maria, veste, arruma, dá comida e mamadeira e coloca a filha para dormir: *“Dou banho, visto, arrumo.”; “As preparações pra dormir, bota o pijaminha e tal, às vezes sou eu e às vezes é a minha esposa.”* O pai também é o responsável por buscar a filha na escola três dias por semana e, algumas vezes, quando sai mais cedo do trabalho, também a busca nos outros dias: *“Buscar, quando eu saio cedo do escritório, hoje é um dia que eu posso buscar ela. (...) Segunda, quarta e sexta de noite eu pego ela.”* O pai também costuma acompanhar Ana Maria e Letícia às consultas ao pediatra: *“Participei em todas (...) Sempre procurando marcar pro último horário da tarde pra poder acompanhar as consultas dela com a pediatra. Todas as agendas que a pediatra fez de três meses, seis meses, eu fui em todas, inclusive as fora de época se tivesse que talvez, por exemplo uma virose, sempre acompanhei todas elas.”*

Rafael e a filha também costumam brincar bastante, principalmente de faz-de-conta, brincadeira preferida de Ana Maria: *“De casinha, de supermercado (...) às vezes eu sou aluno dela, ela se faz muito de professora da creche. Ela é a tia da creche então eu sou o aluno.”* Eles também costumam passear, indo a parques e praças, almoçar fora e ficar juntos em casa: *“A gente procura curtir bastante tempo a nossa casa, o apartamento, mas é a nossa casa, a gente curte bastante.”* As atividades que o pai mais gosta de realizar com sua filha são brincar, passear e contar histórias. Já as que menos gosta são dar banho e escovar os dentes, por considerar estas tarefas mais trabalhosas: *“Não que eu não goste de fazer, mas assim, que eu tenho mais dificuldade é na hora de dar banho, às vezes aí ela não quer, ela rança um pouco né... E de escovar os dentes, isso é o mais difícil.”*

Quanto à acessibilidade de Rafael, ele mostra-se disponível para sua filha durante a noite, de segunda a sexta-feira, e todo o dia aos finais de semana: *“O meu tempo com ela é a noite. Noite e fim de semana (...) eu procuro deixar exatamente livre os fins de semana pra poder curtir ela.”* Embora se considere um pai bem disponível para sua filha, Rafael, gostaria de poder dedicar mais tempo a Ana Maria: *“Tem dias que eu gostaria de tá mais até com ela, normalmente, tem dias que eu gostaria de tá mais.”* Além destes momentos, o pai dedica parte de seu tempo para participar de eventos na escola da filha, procurando estar sempre presente: *“Dia dos pais, dia das mães, ontem tinha feira de ciência dela. (...) participo em todas.”*

A respeito das responsabilidades do pai para com a criação de sua filha, Rafael afirma que ele e a esposa costumam tomar juntos as decisões envolvidas nesta tarefa: *“Participo, a gente troca muitas informações sobre isso, eu e a minha esposa. A gente troca muito informação, decide junto, não deixa pra que o outro decida.”* De acordo com o pai, o casal costuma conversar todos os dias sobre Ana Maria, tanto para tomar decisões relativas aos cuidados e educação da filha, quanto para falar do seu dia-a-dia. Quando todos chegam em casa, eles sentam para ler a agenda da menina, preenchida pela sua professora, e comentar tudo que ela fez durante o dia, na escola: *“A agenda a gente lê os três juntos. A gente chega em casa, abre a agenda da Ana Maria pra saber como é que foi o dia dela na creche, então os três estão sentados, falando sobre a agenda dela. Ela [filha] participa e fica contente.”*

As responsabilidades financeiras também são divididas igualmente entre Rafael e Letícia: *“Dividido, meio a meio. (...) eu fiz uma planilha, mais ou menos montei o que a gente gastava com fralda, esse negócios todo. Ranchos pra ela e coisa, a gente planeja pra depois ratear. Então rateio ‘oh, gastei quinhentos e tu gastou setecentos’. Então o mês que vem boto duzentos a mais eu, coisa assim, mais ou menos rateado.”* De acordo com o pai, esta divisão é feita porque ambos trabalham fora e tem a sua renda e, deste modo, as despesas com a filha não ficam excessivamente pesadas para nenhum dos dois.

Relacionamento pai-criança

Rafael descreve seu relacionamento com Ana Maria como muito agradável, tendo como principais características o carinho e entrosamento entre pai e filha: *“Então ela é muito apegada (...) E a proximidade nossa é muito grande.”* O pai acredita que esta relação tende a se tornar cada vez melhor, em virtude da maior facilidade de comunicação entre eles, na medida em que a criança vai se desenvolvendo: *“Porque ela tá entendendo mais a gente, e começa a ficar até mais gostoso, começa a contar os segredos, começa a perguntar mais.”*

Ao descrever Ana Maria, Rafael destaca diversas características positivas, mostrando-se um pai bastante contente com sua filha, muito orgulhoso. Segundo o pai, Ana Maria é uma criança carinhosa, muito ativa e inteligente: *“Hiper inteligente, acho que um pouco também em função da creche (...) Grava tudo que a gente fala, então assim, qualquer coisinha que nós estamos falando ela grava e conta, ela tá naquela fase de contar, sabe?”*

Avaliação da paternidade

Rafael avalia o modo como vem desempenhando o papel de pai de maneira bastante positiva. Os sentimentos associados à paternidade, referidos pelo pai, foram de

felicidade e satisfação: *“Muito feliz, muito feliz mesmo. (...) Eu não posso me queixar, eu tô muito satisfeito.”* Rafael se considera um bom pai, bastante próximo de sua filha: *“E a proximidade nossa é muito grande.”* Ele afirma estar muito satisfeito com Ana Maria, sendo um pai bastante orgulhoso, ou *“muito coruja”*, conforme suas palavras. Outra característica destaca por ele é ser um pai liberal, menos exigente, em relação à disciplina, do que sua esposa.

Rafael acredita que a principal função de um pai seria educar os seus filhos, preparando-os para a vida. Ele destaca a importância da educação sexual, incluindo aí a preparação para que a filha busque relações afetivas sadias: *“A educação. Ajudar, a dar as linhas da vida, eu acho uma boa educação, principalmente sexual, eu acho que isso é pior eu acho. (...) Principalmente eu acho que a participação sexual é uma parte muito séria. Procurar um bom marido, procurar ensinar neste aspecto.”* No entanto, Rafael imagina que terá bastante dificuldade para orientar sua filha em relação à sexualidade, principalmente por ela ser uma menina: *“Até já teve vezes que ela perguntou. Faz as perguntas e aí eu fico meio encabulado né, mas eu acho que ao natural eu vou aprendendo também com ela isso. (...) A parte sexual que eu acho que é um troço que fica mais difícil pro homem com mulher.”*

Rafael afirma ter o seu próprio pai como um modelo de paternidade. As características destacadas por Rafael no comportamento de seu pai, as quais ele procura seguir com sua filha, são o bom relacionamento entre pai e filho e a preocupação com a educação: *“O relacionamento bom, eu tinha um bom relacionamento com o meu pai, nunca foi um pai durão, sempre conseguindo dosar as coisas (...) A educação do meu pai foi muito boa.”* Quanto às referências de pai evitadas por Rafael, ele afirma que não gostaria de ser um pai demasiadamente exigente com sua filha, que cobre muitos resultados dela a fim de satisfazer a si próprio: *“Um carrasco, um cobrador, cobrar as coisas dela, exigir que ela seja alguém, eu acho que vai tá na cabeça dela, eu vou procurar não ser esse tipo de pai, exigir coisas pra me satisfazer, eu vou procurar não ser esse tipo de pai.”*

Relacionamento pai-mãe

O relacionamento entre Rafael e Leticia é bastante *“tranquilo”*, sem maiores conflitos ou divergências. Como referido anteriormente, o casal tem muita facilidade de diálogo e conversam sobre a filha e o seu relacionamento com frequência. Suas discordâncias, portanto, costumam ser resolvidas desta forma.

O pai descreve sua esposa como uma mãe muito competente, *“fantástica”*. Rafael destaca que Leticia é mais paciente do que ele com sua filha, e também tem um maior

controle sobre a criança, assim como uma maior participação na sua educação: *“Como mãe ela é muito além. Principalmente a parte de educação da Ana Maria a Lê tem uma participação muito grande, talvez maior... Com certeza maior que a minha porque ela tem mais tempo com a Ana Maria. Então a Lê, não tenho do que me queixar quanto a isso. Além de ela ter um domínio maior sobre a Ana Maria, em matéria de acalmar ela quando ela tá muito nervosa.”* O pai também refere que sua esposa incentiva a relação entre pai e filha: *“A Lê me incentiva muito. (...) ela deixa a noite que eu fico com a Ana Maria, ela não interfere nisso. (...) Enquanto ela faz a janta eu tô brincando, a Lê deixa eu curtir essa brincadeira com a Ana Maria.”* No entanto, de forma um pouco contraditória, ele caracteriza sua esposa como um pouco possessiva em relação à filha: *“A Lê é muito de posse em cima da Ana Maria, ela é bem dominadora. A Lê quer tudo pra ela, a Ana Maria sempre dela.”*

Discussão dos aspectos singulares do caso

A chegada de Ana Maria foi bastante desejada por seus pais. A gravidez foi planejada, ocorrendo em um momento tranquilo da vida do casal, após um período de dificuldades no relacionamento. Através do relato de Rafael, percebe-se que este planejamento incluía não apenas o desejo de ter um filho, mas também o projeto de ser pais (cf. Szejer e Stewart, 1997). Deste modo, as mudanças que a criança traria em suas vidas e as condições de cada um para exercer a parentalidade foram avaliadas, e o casal se sentia preparado para se tornar pai e mãe. A notícia da gravidez, portanto, foi recebida com muita alegria por Rafael. Ele se mostrou muito envolvido, emocional e concretamente, durante toda a gestação. O pai conversava com sua filha através da barriga da mãe, acompanhava sua esposa às ecografias, e também assistiu ao parto.

Atualmente, Rafael demonstra estar muito satisfeito e feliz com a paternidade. Ele se considera um bom pai, próximo de sua filha e bastante presente em sua vida. Embora pense que, talvez, sua participação devesse ser ainda maior, ele acredita que faz o melhor que pode, tendo em vista as restrições impostas por seu trabalho. O envolvimento de Rafael com sua filha realmente se dá de modo bastante amplo. Quando estão juntos, pai e filha interagem através de uma variada gama de atividades. O pai participa de grande parte dos cuidados da filha: veste, arruma, busca na escola, dá comida, mamadeira e coloca a filha para dormir, além de acompanhá-la às consultas ao pediatra. Contudo, ele sente dificuldades na realização de algumas destas tarefas, e percebe sua esposa como mais habilidosa, com maior facilidade para lidar com a filha e controlar seu comportamento. Rafael atribui esta maior facilidade da esposa ao fato de que ela passa mais tempo com

Ana Maria, durante todas as manhãs, e, por isto, teria desenvolvido uma maior proximidade com a menina. Isto se reporta a Winnicott (1966), segundo o qual uma das principais dificuldades encontradas pelo pai para participar da criação de seus filhos é que ele raramente está em casa.

De fato, a acessibilidade de Rafael para sua filha é restringida por sua elevada carga horária de trabalho, de aproximadamente 12 horas por dia. Durante a semana, o pai só passa as noites com sua filha, sendo que, algumas vezes, chega bem tarde em casa. Já aos finais de semana, costuma ficar com ela o dia inteiro. Contudo, ele procura organizar seu tempo para estar presente em momentos importantes. Deste modo, ele participa de todas as festas ou atividades da escola de Ana Maria e, como referido anteriormente, sempre a acompanha às consultas médicas. Embora afirme que gostaria de ficar mais tempo com sua filha, Rafael se considera um pai disponível para ela, presente em seu dia-a-dia.

Em relação às responsabilidades quanto à criação de Ana Maria, percebe-se que elas são divididas entre pai e mãe. O casal conversa freqüentemente sobre a filha, avaliando e tomando decisões, em conjunto, sobre o que seria melhor para ela. As despesas com a criança também são divididas igualmente entre Rafael e Letícia. Isto vai ao encontro dos achados de Cabrera e cols. (2000), os quais verificaram que o padrão de participação paterna onde os pais eram, no máximo, auxiliares das esposas nos cuidados dos filhos, deu lugar ao novo ideal cultural de coparentalidade, onde as responsabilidades são divididas. De fato, no caso de Rafael e Letícia, percebe-se que ambos têm responsabilidades semelhantes em relação à filha, bem como o mesmo poder de decisão.

Rafael descreve seu relacionamento com Ana Maria de maneira muito positiva, destacando o carinho e entrosamento entre pai e filha. Ele imagina que esta relação se tornará cada vez melhor pois, com o desenvolvimento da criança, ela se tornará ainda mais apta a interagir e comunicar-se com o pai. Rafael mostra-se bastante satisfeito e orgulhoso de sua filha. Ele aponta diversas características positivas de Ana Maria, dando especial destaque à sua inteligência.

O relacionamento entre pai e mãe também é definido como muito bom, tranquilo, sem maiores dificuldades de entendimento. Logo após o casamento, o casal passou por algumas dificuldades, e procuraram ajuda em uma terapia de casal. Rafael afirma que seus conflitos foram trabalhados e, após esta ocasião, não tiveram problemas maiores. Atualmente, eles estão casados há seis anos. Em relação à Letícia, Rafael descreve-a como uma mãe excelente, que cuida muito bem de Ana Maria. Ele afirma que ela incentiva bastante o relacionamento entre pai e filha, promovendo alguns momentos que sejam

apenas dos dois, nos quais ela não interfere. No entanto, Rafael afirma que, por vezes, Letícia também é um pouco possessiva com a filha.

Quanto à visão de Rafael em relação ao papel paterno, ele refere que a principal função de um pai seria educar seus filhos, num sentido amplo, a fim de prepará-los para a vida. Ele afirma que tem o seu próprio pai como um modelo de paternidade, pois ele tinha um relacionamento muito bom com seus filhos e os educou bastante bem. Esta ênfase na educação, contudo, contrasta com sua percepção de que, em sua casa, é a mãe quem tem uma maior participação na educação de Ana Maria, por ficar mais tempo com a filha. Este dado se remete à proposição de Daly (1996), a qual afirmou que, para muitos pais, existiria uma lacuna entre o que eles pensam a respeito do seu papel e o que efetivamente fazem. Pode-se pensar, portanto, que existe uma certa distância entre a paternidade ideal, almejada por Rafael, em que ele teria uma grande participação na educação de sua filha, e a paternidade real, que é restringida por suas demandas de trabalho.

Caso 3: Luís

História do Caso

Luís tem 27 anos, é pai de Isadora, de dois anos e nove meses, e é casado com Luísa há três anos. Ele tem ensino superior completo mas, atualmente, não trabalha em sua área de formação. Luís trabalha como vendedor, com uma carga horária semanal de cerca de 60 horas. Luísa está finalizando um curso técnico e, neste momento, não trabalha fora de casa.

Luís e Luísa se conheceram na época em que ele trabalhava como professor, e Luísa foi sua aluna em uma das disciplinas de seu curso técnico. Perto do final da disciplina, ela o convidou para sair. Ele disse que, enquanto fosse seu professor, isto não poderia ocorrer. No último dia de aula, após a entrega das notas, eles saíram juntos e começaram a namorar. Luís e Luísa namoraram aproximadamente um ano e meio antes de casar. Eles pretendiam casar alguns meses depois, no final do ano, mas Luísa ficou grávida e eles resolveram antecipar o casamento.

A gravidez de Luísa não foi planejada, mas foi bem recebida pois, embora não tenha ocorrido no momento ideal, o casal já estava planejando o casamento e pretendiam ter filhos. Luís e Luísa casaram, foram morar juntos e ele foi um pai bastante participativo durante toda a gestação. Eles passaram por momentos difíceis nesta época, pois Luísa teve algumas complicações e precisou ficar três meses em repouso absoluto.

Atualmente, Luís mostra-se muito feliz com a paternidade. Ele afirma ter uma relação muito boa com sua filha, mas não consegue estar muito presente no seu dia-a-dia por falta de tempo, devido ao seu trabalho. Contudo, ele considera que sua participação é satisfatória, tendo em vista as suas possibilidades. A relação entre pai e mãe também é descrita como bastante boa.

Envolvimento paterno

Luís, como referido acima, foi um pai bastante envolvido durante toda a gravidez de Luísa, tanto no aspecto prático quanto emocional. Ele participou de todas as consultas do pré-natal de Luísa, acompanhou todas as ecografias e assistiu ao parto. Também se envolveu nos preparativos para a chegada da filha buscando garantir que sua esposa tivesse um bom atendimento dentro do sistema público de saúde pois, como eles recém tinham casado, Luísa não tinha sido ainda incluída no plano de saúde do marido: *“Eu tive que me mexer um pouco pra poder conseguir dentro do SUS alguma coisa que não fosse indecente ou indecorosa. Eu mexi alguns pauzinhos, algumas pessoas que eu conhecia.(...) Então eu aproveitei um pouco daquilo que eu conhecia pra tentar ter um pouco mais de conforto.”* Quanto ao aspecto emocional, Luís mostrou-se uma importante figura de apoio para Luísa, ajudando-a a passar pelos momentos mais difíceis de sua gestação, quando ela precisou ficar de repouso: *“Ela ficou três meses de cama que ela saía de cadeira de rodas e que ela não andava, ela ficava sentada 20 minutos por dia, no máximo uma hora. Então não foi uma coisa muito tranqüila, mas eu sempre procurei apoiar, até por isso mesmo eu apoiava muito.”*

O envolvimento atual de Luís com a filha é bastante limitado por questões de tempo, em função do seu trabalho. Ele refere que precisa trabalhar muito, pois sua esposa não está trabalhando fora de casa e, portanto, ele é responsável por todo o sustento da família. Deste modo, a acessibilidade do pai para Isadora é bastante restrita, ele trabalha muito, inclusive aos finais de semana e, por isto, está disponível para a filha geralmente à noite: *“Eu procuro estar dentro de casa pelo menos nove da noite todos os dias, salvo raras exceções. Eu vou normalmente das nove da noite até a hora que ela dorme praticamente todos os dias. Fim de semana eu fico um pouco mais, né, tem horário de almoço, aí eu consigo almoçar com a família (...) umas três ou quatro horas todos os dias e mais os fins de semana.”*

Embora deseje estar mais presente, Luís não avalia sua participação na criação de sua filha como pequena ou insatisfatória, afirmando que faz o melhor que pode, dentro das condições que lhe são oferecidas: *“Olha, eu não sou mais presente por falta efetivamente de tempo. Gostaria de estar mais presente, mas como hoje eu sou o pilar econômico da família a*

gente tem que fazer sacrifícios e opções. (...) Quer dizer, tu quer pagar as contas no fim do mês ou tu quer ficar ao lado dos filhos? Uma das duas coisas eu tinha que fazer, eu optei por pagar as contas. Então assim, eu acho que dentro das minhas possibilidades, dentro dos meus horários eu procuro estar junto com ela.” Luís sempre procurou participar dos cuidados da filha. Desde o nascimento de Isadora, ele lhe dava banho, trocava fraldas, fazia mamadeira e a colocava para dormir. No entanto, atualmente, é bastante raro que ele realize estas atividades, por falta de tempo: *“No verão eu dava muito banho nela, e no fim de semana, quando é um horário compatível eu procuro dar uma assistência, dar um banho.”*; *“Agora, com esse novo emprego, [faço mamadeira] muito pouco.”* Quando é possível, o pai procura buscar a filha na escola: *“Algumas vezes eu consigo buscar quando eu tenho algum compromisso aqui próximo de casa no período da noite, ou em alguns momentos que me dão folga. Onde eu tenho uma brecha entre um compromisso e outro, se eu estiver dentro do meu horário eu venho, eu pego, vou até a escolinha.”* O acompanhamento das consultas da filha com o pediatra e a participação em eventos da sua escola foram atividades mantidas pelo pai, que procura agendar seus compromissos de modo a sempre poder estar presente. O pai também afirma ter uma grande participação na educação de Isadora, especialmente na imposição de limites. Ele refere ser bem mais rígido que sua esposa e, por isto, é quase sempre ele quem diz não para a menina.

O pai refere brincar com a filha, principalmente com o computador e em brincadeiras de faz-de-conta, como de médico e de fazer comidinha. No entanto, Luís reclama que não tem disponibilidade para brincar com Isadora tanto quanto gostaria: *“Não [brinco] tanto quanto eu gostaria. Que volta e meia eu venho bem cansado ou (...) muitas vezes eu chego em casa cedo, mas eu ainda tenho compromissos pra deixar pronto pro outro dia (...) Então no final a gente acaba sempre brincando um pouquinho que seja, nem que seja um, dois minutinhos. Mas é bem mais difícil do que eu gostaria.”* Outras atividades realizadas por pai e filha são passear e ajudar Isadora a realizar trabalhos da escola: *“Nós tivemos que fazer agora, nesse fim de semana, tinha um trabalho pra fazer os pais e os filhos. Então nós nos sentamos todos pra fazer o trabalho, ela desenhou, nós fizemos colagem e juntamos tudo.”* Luís afirma que as atividades que mais gosta de realizar com a filha são passear, caminhar com ela, e dormir, *“porque eu dormia muito com ela, até quase um ano, volta e meia era eu que levava ela pra embalar de madrugada.”*

Quanto às decisões a respeito da criação de Isadora, Luís refere que elas são sempre tomadas através de consenso entre pai e mãe: *“As decisões dentro da casa sempre foram consensuais. Desde o que vai se comprar até como criar a filha, tudo é feito sob consenso.”* Luís e Luísa conversam freqüentemente a respeito da filha, especialmente sobre como criá-la e

educá-la, e sobre sua rotina em casa e na escola. De acordo com o pai, estas conversas são muito eficientes, são *“curtas e extremamente produtivas”*.

Ainda em relação às responsabilidades do pai na criação de sua filha, Luís demonstra preocupar-se com a saúde de Isadora, buscando escolher um bom pediatra, evitar o consumo excessivo de medicações e oferecer à criança uma alimentação adequada. O pai também se preocupa com o bem-estar geral da menina, o que se evidencia, principalmente, no cuidado na escolha da escola de educação infantil, bem como do momento mais apropriado para que a filha começasse a freqüentá-la: *“A gente queria dar o máximo possível de embasamento dentro de casa, que ela pudesse se criar um pouco e ir pra escolinha quando ela tivesse condições de falar o que ela tava sentindo e de se portar o dia inteiro na escolinha (...) a escolinha que nós escolhemos, que a gente achou a proposta pedagógica boa (...) as crianças até tirar a fralda tinham que ficar no andar superior da casa. E daí eu não gosto de criança pequena em segundo andar, quer dizer, escada e criança pequena não combinam. Então eu esperei assim, até que ela pudesse tirar a fralda.”*

Quanto à questão financeira, as despesas da filha, bem como da casa, são de inteira responsabilidade do pai. Esta questão foi combinada pelo casal desde o seu casamento, pois Luísa pretendia terminar seus estudos, e Luís comprometeu-se a ajudá-la, mantendo a família: *“Desde que nós estamos casados a minha participação é de 100%. Quando eu assumi a família, quando eu me casei, quando nós começamos a esperar a Isadora, isso foi uma coisa que me ficou bem claro. A minha esposa vai terminar os estudos, terminados os estudos ela vai ter condição de fazer aquilo que ela quer e sendo, obviamente, bem remunerada ou pelo menos regularmente remunerada pra isso. Até porque não adianta sair de casa, passar o dia na rua, deixar a filha o dia inteiro na creche pra ganhar o valor da creche.”*

Relacionamento pai-criança

Luís afirma que o relacionamento entre ele e Isadora é bastante bom, e a convivência entre eles é muito agradável: *“gosto muito de ficar com ela.”* No entanto, ele afirma ser um pai um pouco exigente em termos de disciplina, e, por isto, tem uma certa dificuldade para lidar com as desobediências da filha: *“Uma das coisas que me deixam, muitas vezes, nervoso é quando ela começa a se fazer de surda pra certas coisas. Tu diz assim: ‘Filha, faz isso.’ ‘Hã?’ ‘Filha, vamos fazer?’ ‘Não.’ (...) Só que eu de vez em quando dou uns gritos com ela que eu não deveria. Volta e meia eu perco um pouquinho de controle.”*

Ao descrever Isadora, embora afirme que ela é um pouco teimosa, Luís enfatiza características positivas, inclusive o bom comportamento da filha. O pai afirma que ela é bem mais disciplinada do que ele foi, quando criança: *“É uma gurria que é uma filha exemplar*

pra mim (...) ela não faz pra mim um terço do que eu fazia pra minha mãe.” Ele caracteriza Isadora como uma menina carinhosa, sensível, ativa e inteligente: *“Ela é esperta (...) É uma guria que tem um raciocínio muito bom pra idade dela.”* Além disto, o pai refere que Isadora é uma menina muito sociável: *“É uma criança que se dá muito facilmente com as pessoas, tu mesmo viste, né, que foi entrar aqui, não deu cinco minutos ela já tava conversando contigo.”*

Avaliação da paternidade

Luís mostra-se bastante satisfeito em relação à paternidade, pois sempre quis ser pai e tem um relacionamento muito bom com Isadora: *“A melhor coisa que me aconteceu foi a Isadora.”* Ele se considera um pai presente para sua filha, embora suas possibilidades de participar de sua rotina fossem maiores antes de ele ser admitido no seu emprego atual: *“Eu sempre fui um pai bem presente. Pelo menos até o segundo ano dela direto, fui eu que dei o primeiro banho, fui eu que troquei a primeira fralda, troquei fralda por um bom tempo, dei banho por um bom tempo, dava comida, ia até de madrugada com ela, embalava ela pra dormir quando ela queria dormir mais tarde.”* Atualmente, ele se considera, por vezes, um pouco negligente em termos de dar atenção à sua filha: *“Eu tenho negligências que volta e meia eu escuto: ‘Pai, vamos brincar?’ E eu chego cansado. ‘Pai, vem brincar comigo.’ E eu tenho que estudar ou eu tenho que ir pra um cliente.”*

Embora se considere um pouco negligente e rigoroso demais, em relação à disciplina de Isadora, Luís se avalia como um bom pai: *“Acredito que dentro daquilo que são as responsabilidades de um pai, eu me considero um bom pai. (...) eu nasci pra ser pai.”* Ele também se considera bastante carinhoso e alegre, assim como sua esposa: *“Não tem como dizer que a Isadora é uma criança que não tem os pais alegres.”*

Quanto às crenças de Luís em relação ao papel paterno, ele afirma que a principal função de um pai seria estar presente para seus filhos: *“Eu acho que pai tem que estar presente. Papel do pai é, dentro das suas possibilidades, assim como a mãe, estar presente e tentar fazer o melhor pelo filho.”* Luís refere ter o seu próprio pai como um modelo de paternidade, destacando suas características de bom profissional, responsável pelo sustento da família: *“O meu pai como pai era um ótimo exemplo (...) Nunca nos faltou nada, eu nunca vi uma pessoa bater na porta pra cobrar um centavo que fosse, sempre foi uma pessoa com uma ética muito grande, sempre foi uma pessoa com uma moral profissional e respeito profissional muito grande (...) E eu procuro, em termos de criação dos filhos, eu procuro tentar repetir os acertos do pai.”* Ele também enfatiza a importância de dar aos filhos o direito de falar, de ter e expressar suas opiniões, afirmando que seu pai sempre deu aos filhos este direito: *“Direito de opinião, eu acho que isso é muito importante. Acho que liberdade é uma coisa que a gente conquista,*

direito de opinião é uma coisa que a gente tem que ter... Isso é uma coisa que a gente sempre teve em casa, a gente sempre teve o direito de dizer que não queria certas coisas.”

Relacionamento pai-mãe

Luís caracteriza seu relacionamento com Luísa como bastante bom, sem maiores conflitos ou desentendimentos sérios: *“Eu diria que é maravilhoso. Temos as nossas discussões, mas nós sempre resolvemos entre nós, nunca chegamos a nenhum ponto em que nós precisássemos tomar qualquer atitude mais drástica.”* O casal tem bastante facilidade de diálogo, e costuma resolver suas pequenas discordâncias desta forma.

O pai descreve Luísa como uma *“ótima mãe”*, afirmando que ela cuida muito bem de Isadora. De acordo com Luís, a esposa o incentiva constantemente a cuidar de sua filha, brincar e conversar com ela: *“Isso é uma coisa que ela me chama muito a atenção, até pra que eu não esqueça simplesmente que eu tenho filho.”*

Discussão dos aspectos singulares do caso

No relato de Luís, destacam-se as restrições ao seu envolvimento impostas por sua elevada carga horária de trabalho. Ele trabalha cerca de 60 horas por semana, saindo de casa bastante cedo e voltando tarde quase todos os dias, inclusive aos finais de semana. Deste modo, Luís é, atualmente, um pai muito pouco acessível para sua filha, estando disponível para ela apenas por algumas horas durante a noite. Este achado confirma a proposição, presente na literatura, de que alguns homens enfrentam dificuldades para envolver-se mais diretamente com as crianças devido às demandas de seus empregos (Grossman & cols., 1988; Hall, 1994; Lamb & cols., 1985). Luís ainda costuma levar trabalho para ser realizado em casa, durante a noite, o que o deixa ainda menos disponível para Isadora.

Quanto à interação entre Luís e sua filha, pode-se perceber que ela se dá de diversas formas, incluindo atividades de cuidado, brincadeiras e passeios. Embora afirme que estas atividades são, para ele, muito prazerosas, ele não tem muito tempo para realizá-las, como referido anteriormente. Deste modo, embora sua interação com Isadora seja bastante satisfatória no sentido qualitativo, incluindo uma grande variedade de atividades, ela deixa a desejar no aspecto quantitativo. Luís refere que isto passou a ocorrer após sua contratação para o emprego atual pois, anteriormente, ele fazia questão de participar dos cuidados da filha.

Em relação às responsabilidades de Luís para com a criação de Isadora, percebe-se que ele se preocupa constantemente em oferecer à sua filha as melhores condições possíveis em termos de educação, saúde e bem-estar. As decisões a respeito da filha são tomadas sempre pelo casal, através de consenso. Para tanto, Luís e Luísa conversam freqüentemente sobre a filha. Neste aspecto, portanto, as responsabilidades são divididas entre pai e mãe, e o bom relacionamento entre eles atua como um facilitador para esta divisão. O casal tem muita facilidade de diálogo e respeito mútuo, sendo que Luís avalia Luísa como uma excelente mãe. O pai também afirma que Luísa o estimula a conviver com Isadora.

Contudo, as responsabilidades financeiras são apenas do pai, pois Lúcia não trabalha fora de casa. Isto parece exercer uma certa influência sobre o modo como Luís exerce o papel de pai, o qual parece estar, ainda, dentro de uma perspectiva tradicional de paternidade, em que a participação do pai na criação dos filhos prioriza o sustento econômico da família (Fein, 1978). Neste sentido, ele afirma ter o seu próprio pai como um modelo de paternidade, destacando seu papel como responsável pelo sustento da família.

No entanto, Luís não avalia este tipo de participação como ideal, considerando uma das principais funções de um pai estar presente para seus filhos. Durante a gestação e os primeiros anos de Isadora, quando não era tão exigido por seu trabalho, ele se mostrou um pai muito presente e envolvido. Portanto, parece que o modo como vem desempenhando a paternidade não é determinado por suas crenças, mas sim por fatores externos, de ordem econômica. Além disto, a grande participação de Luís nas decisões a respeito da filha evidencia o exercício de uma coparentalidade pelos pais de Isadora, o que estaria de acordo com uma perspectiva mais atual de paternidade (cf. Cabrera & cols., 2000).

Apesar de todas estas limitações, Luís refere estar muito feliz e satisfeito com a paternidade. Embora a gravidez de Luísa não tenha sido planejada, Isadora foi muito bem recebida por Luís, que já planejava seu casamento com Luísa e desejava ser pai. Durante a gestação, ele apresentou um grande envolvimento, em termos práticos e emocionais, sendo uma importante fonte de apoio para Luísa. Atualmente, ele considera satisfatória a sua participação na vida de sua filha, acreditando que é um pai relativamente presente.

Luís afirma que seu relacionamento com a criança é bastante bom. Ele se mostra contente com sua filha, descrevendo Isadora através de diversas características positivas. Contudo, Luís refere ter uma certa dificuldade para lidar com a indisciplina da filha, em parte por ser um pai rigoroso demais. Ele se considera bem mais rígido do que sua esposa em relação à educação de Isadora e, por isto, é quase sempre ele quem lhe diz não. Isto se

remete à proposição de Winnicott (1966), o qual afirmou que a educação para o respeito às normas seria uma das principais funções do pai. De acordo com o autor, é o pai quem sustenta a lei e a ordem implantadas pela mãe na vida da criança e, deste modo, possibilita que a mãe desempenhe da melhor maneira as suas funções. Luís, no entanto, também se considera um pouco negligente com sua filha, pois não lhe dá toda a atenção que ela precisa. Apesar disto, Luís se considera um bom pai, carinhoso e alegre.

Em relação ao modo como Luís avalia a paternidade, destaca-se um embate entre suas crenças sobre o que seria uma participação ou envolvimento ideal, e a forma como ele vem podendo ser pai. Neste sentido, Daly (1996) afirmou que muitos pais vivenciam uma tensão entre a percepção de que deveriam se envolver mais com seus filhos e a de que são incapazes de fazer isto, em virtude de restrições sociais ou pessoais. No caso de Luís, contudo, esta tensão não parece estar gerando sentimentos de frustração ou incapacidade. Ao contrário, ele afirma que, se tivesse tempo, seria um pai melhor, mas está satisfeito em perceber que faz o melhor que pode dentro das suas possibilidades.

Examinando as semelhanças e particularidades entre os pais que vivem com seus filhos

Ao analisar-se, em conjunto, os relatos de Leandro, Rafael e Luís, destaca-se a satisfação destes pais com a paternidade. Eles referem estar muito felizes no desempenho deste papel, e se consideram bons pais, presentes e próximos de seus filhos. Os pais também referem ter um bom relacionamento com os filhos, marcado por alegria, prazer e muito carinho. Embora Leandro e Luís mencionem alguns problemas de comportamento das crianças, especialmente birra e teimosia, em geral, estes pais mostram-se orgulhosos e satisfeitos com os filhos. Leandro e Rafael acreditam que, com o desenvolvimento das crianças, seu relacionamento com elas ficará cada vez melhor, pelas suas maiores capacidades de comunicação e interação. Isto se remete aos achados de Lamb e cols. (1985), os quais verificaram que tanto a interação quanto a acessibilidade do pai, quando avaliadas em proporção à mãe, costumam ser mais elevadas se a criança é mais velha. Uma criança com mais de três anos está mais aberta para outras relações, sendo menos dependente de sua mãe e, por isto, o pai passa a ter mais espaço para aproximar-se dela.

A satisfação dos três pais com a paternidade e sua proximidade em relação aos filhos teve início já durante a gestação. Apesar de a gravidez ter sido planejada apenas no caso de Rafael, Leandro e Luís referiram que desejavam ser pais, e a gravidez foi recebida com muita alegria. Os três pais se mostraram bastante envolvidos, emocional e

concretamente, durante este período. Isto vai ao encontro dos resultados de De Martini (1999), segundo a qual, independentemente de a gravidez ter sido planejada ou não, a reação de alegria é a mais freqüente nos futuros pais casados, frente à notícia de que serão pais. Esta alegria estaria vinculada, dentre outros fatores, à concretização do desejo de ter um filho, o que se evidencia nos três casos de pais residentes.

Outra característica comum entre estes pais é a qualidade das suas relações com as esposas. Estes relacionamentos são caracterizados como bastante bons, marcados por pouco conflito e grande facilidade de diálogo. Leandro, Rafael e Luís também caracterizam suas esposas como boas mães, afirmando que elas incentivam o relacionamento entre pai e filho. Neste sentido, Lamb e cols. (1985) destacaram o papel da mãe e da relação conjugal, aliados a outros fatores psicossociais e biogenéticos, na determinação do envolvimento do pai com seus filhos. Pode-se pensar, portanto, que o bom relacionamento com suas esposas esteja facilitando o envolvimento destes pais com seus filhos.

Quanto a este envolvimento, também são observadas algumas semelhanças entre os três casos analisados. A interação destes pais com seus filhos é variada, não estando restrita a um único tipo de atividade. Eles participam dos cuidados básicos dos filhos, embora a freqüência em que isto ocorre varie bastante entre os pais. As responsabilidades pela criação dos filhos são, nos três casos, divididas entre pai e mãe, e as decisões sobre a criança são tomadas em conjuntos, através de conversas freqüentes. Este dado corrobora os achados de Cabrera e cols. (2000), os quais verificaram que o padrão de participação paterna onde os pais eram, no máximo, auxiliares das esposas, deu lugar a um novo ideal cultural de coparentalidade, onde as responsabilidades são divididas entre pai e mãe. Evidencia-se, desta forma, que esta coparentalidade vem sendo exercida pelos casais estudados, cujos pais vivem juntos.

Apesar da existência de tantas características comuns entre os três pais residentes, diversas particularidades também foram observadas. Em relação ao envolvimento paterno, existem diferenças marcantes entre os casos, referentes, principalmente, à acessibilidade e às responsabilidades financeiras. Neste sentido, Leandro tem uma ampla participação na vida de seu filho, bem maior que a de Rafael e Luís. Ele mostra-se um pai bastante acessível a Luciano, passando com ele o começo das manhãs, antes de se encaminharem ao trabalho e à escola, as noites e os finais de semana. Sua acessibilidade para o filho é, inclusive, maior que a de sua esposa, a qual trabalha até mais tarde e, portanto, chega em casa depois de Leandro.

Luís, por sua vez, tem uma carga horária de trabalho muito extensa, que inclui os finais de semana, o que impõe severas restrições ao modo como ele vem desempenhando a paternidade. Este dado confirma os achados de diversos autores, os quais constataram que alguns homens enfrentam dificuldades para envolverem-se mais diretamente com as crianças devido às suas demandas de trabalho (Grossman & cols., 1988; Hall, 1994; Lamb & cols., 1985). Luís, deste modo, é um pai pouco acessível à sua filha, estando disponível para ela apenas em algumas horas durante as noites. Ele refere que, quando trabalhava em outro emprego, com uma carga horária menor, costumava participar bem mais da vida de sua filha. Rafael também tem sua participação na vida da filha restringida pelas demandas do trabalho, mas não de maneira tão extrema quanto Luís. Embora as cargas horárias de seus trabalhos sejam semelhantes, de cerca de 60 horas semanais, Rafael não trabalha durante os finais de semana, dedicando-os exclusivamente para sua família.

A acessibilidade destes pais para os filhos, determinada, em grande parte, pelas suas demandas de trabalho, parece exercer uma influência crucial sobre sua interação com as crianças. Assim, uma vez que Leandro fica mais tempo com seu filho, durante a noite, do que sua esposa, ele se tornou responsável pela maior parte das tarefas de cuidado da criança. Desta forma, sua interação constitui-se basicamente de cuidados, contrariando as proposições de Bailey (1994) e Belsky e cols. (1984), os quais verificaram que os pais tendem a se mostrar mais envolvidos em interação social. As tarefas domésticas também são divididas entre Leandro e sua esposa. Além disto, o salário de Lúcia é bem maior que o de seu marido, o que leva a que ela seja a responsável pela maioria das responsabilidades financeiras do casal. Percebe-se, portanto, que Leandro e Lúcia estão bastante distantes das perspectivas tradicionais de paternidade e maternidade, construídas de acordo com o padrão de famílias nucleares compostas pelo “marido ganha-pão” e pela “esposa dona-de-casa” (cf. Fein, 1978). O modo como Leandro vem desempenhando o papel de pai abrange um grande número de atividades tipicamente vistas como componentes da maternidade, o que confirma a proposição, presente na literatura, de que os pais estão expandindo a definição de paternidade, de acordo com uma perspectiva andrógina (Fein, 1978; Lamb, 1997; Muzio, 1998; Rotundo, 1985).

No entanto, a divisão dos cuidados dos filhos ainda não se impõe como uma realidade para todos os pais (Aquino & Menezes, 1998; Jablonski, 1998). De fato, no caso de Luís, embora ele realize diversas atividades de cuidado de sua filha, esta tarefa é de responsabilidade de sua esposa. A família de Luís se mostra, ainda, bastante de acordo com a perspectiva tradicional de paternidade, descrita acima, uma vez que o pai é totalmente

responsável pelo sustento da família. Contudo, o modo como o pai interage com Isadora ainda é bastante amplo, sendo qualitativamente satisfatório. As maiores restrições se dão no aspecto quantitativo, principalmente em função de sua pequena acessibilidade para a filha.

No caso de Rafael, a pressão exercida pelas responsabilidades financeiras não recai sobre ele de maneira tão pesada, uma vez que elas são divididas entre ele e a esposa, que também trabalha fora. Contudo, a responsabilidade pelos cuidados de Ana Maria ainda permanece, em sua maior parte, ao encargo da esposa de Rafael. Ele considera Letícia mais eficiente no trato com a menina, principalmente por ter uma maior convivência com ela no dia-a-dia.

Em relação ao modo como estes pais avaliam seu desempenho no papel paterno, embora predominem sentimentos de satisfação, Rafael e Luís se percebem distantes de uma paternidade ideal. Estes pais acreditam que sua participação nas vidas de seus filhos deveria ser maior, o que é impedido por seus trabalhos. Assim, parece existir um embate entre o sentimento de que deveriam se envolver mais com seus filhos e o de que isto não é possível, ou seja, um conflito entre a paternidade ideal e a real. Isto também se evidencia através da análise das crenças destes pais a respeito das principais funções de um pai. Rafael destacou a importância do pai na educação de seus filhos, sendo que, em sua casa, sua esposa é a maior responsável por esta tarefa. Luís, por sua vez, apontou para a necessidade de o pai fazer-se presente para seus filhos, sendo que, atualmente, ele se mostra pouco presente na vida de Isadora. Conforme Daly (1996), este conflito poderia gerar, nos pais, a sensação de não estar atendendo às expectativas e culpa por ficar pouco tempo com seus filhos. No entanto, o sentimento de culpa não parece ser predominante nestes pais. Talvez isto decorra do fato de que Rafael e Luís percebem as restrições ao seu maior envolvimento como externas, impostas por condições sócio-econômicas, e acreditam desempenhar o papel paterno da melhor forma que está ao seu alcance.

Quanto aos modelos de paternidade referidos por estes pais, Rafael e Luís referem ter o seu próprio pai como modelo, enquanto Leandro se considera muito diferente do seu pai. Nota-se, portanto, que os pais que vivem a paternidade de uma maneira mais tradicional e que, embora participem dos cuidados dos filhos, não dividem a responsabilidade por esta tarefa com suas esposas, ainda percebem seus próprios pais como um modelo de paternidade a ser seguido. Já Leandro, que vive uma nova perspectiva de paternidade, assumindo diversas funções anteriormente tidas como maternas, não enxerga no seu pai um modelo a ser seguido. Contudo, seu pai continua sendo uma figura de

referência, embora Leandro não busque ser igual a ele. Este achado vai ao encontro da proposição de Szejer e Stewart (1997), os quais afirmaram que o modo como cada homem se projeta como pai está diretamente relacionado com seus próprios modelos parentais, os quais seriam sempre um modelo de referência, seja para fazer como eles fizeram ou o seu oposto.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO GERAL

O objetivo do presente estudo foi examinar, através de uma abordagem qualitativa, as semelhanças e particularidades referentes ao envolvimento paterno e aos sentimentos relacionados à paternidade nos três grupos de pais investigados: os que nunca residiram com seus filhos, os que residiram com eles por algum tempo (até dois anos e meio) e, posteriormente, se separaram, e os que sempre residiram com seus filhos. A seguir, serão discutidas, à luz da literatura, as semelhanças e particularidades entre os três grupos. A apresentação da discussão seguirá os quatro eixos interpretativos que nortearam a análise de cada um dos casos analisados acima: envolvimento paterno, relacionamento pai-criança, avaliação da paternidade e relacionamento pai-mãe.

De acordo com a literatura revisada, a expectativa inicial era de que fossem encontradas diferenças entre os três grupos de pais. Quanto ao primeiro eixo interpretativo – envolvimento paterno – esperava-se que os pais residentes apresentassem, em relação aos pais não-residentes, um envolvimento mais amplo com seus filhos, incluindo uma gama mais variada de atividades, como as de cuidado. Afora isto, esperava-se que todos os pais mostrassem um maior envolvimento e uma preferência por atividades de interação social do que de cuidado. Esperava-se também que os pais residentes se mostrassem mais acessíveis, disponíveis para seus filhos, e também mais responsáveis em relação à sua criação e sustento econômico do que os não-residentes. Isto porque grande parte da literatura atesta que um padrão comum para os pais não-residentes é manter um papel muito limitado na vida dos filhos, desenvolvendo com eles uma relação baseada em atividades de recreação e entretenimento, que excluiria responsabilidades de cuidado rotineiras (Furstenberg & Nord, 1985; Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991; Thompson & Laible, 1999). Estes pais também tenderiam a dar pouco ou nenhum apoio financeiro e a visitar seus filhos com pouca frequência (Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991). De acordo com Amato e Gilbreth (1999) isto ocorreria, em grande parte, devido às restrições impostas aos pais quanto ao tempo em que podem passar com seus filhos, o que os tornaria menos acessíveis e menos disponíveis para seus filhos no dia-a-dia.

Os resultados do presente estudo corroboraram parcialmente as expectativas expostas acima. Em relação ao envolvimento paterno durante a gestação, as diferenças entre os grupos são marcantes, especialmente entre o grupo de pais residentes e o de pais

que nunca residiram com seus filhos. Todos os pais residentes se mostraram bastante envolvidos durante a gravidez de suas esposas, o que confirma os achados de Piccinini, Silva, Ribeiro e Lopes (2003), os quais verificaram a presença de um expressivo envolvimento dos pais residentes na gestação, tanto em termos emocionais como comportamentais. O grupo de pais que nunca residiram com seus filhos, por sua vez, não teve qualquer envolvimento com a gestação. Situação semelhante foi vivida por um dos casos do grupo de pais que viveram algum tempo com seus filhos (Júlio), que também se manteve distante de sua companheira durante a gestação, embora os outros dois pais deste grupo tenham se mostrado bastante envolvidos durante este período.

No entanto, quanto ao envolvimento atual dos pais que participaram deste estudo com seus filhos, a comparação entre os três grupos de casos não evidenciou nenhum padrão específico de um ou outro grupo. Ao contrário, foram encontradas mais variações internas, entre os pais de um mesmo grupo, do que entre grupos. Deste modo, os dois grupos de pais não-residentes, bem como o de pais residentes, não podem ser vistos como homogêneos quanto às características do seu envolvimento com seus filhos. Além disto, embora os pais não-residentes percebessem limitações ao seu envolvimento e à possibilidade de participar da rotina de seus filhos, impostas pelo esquema de visitas e pelas resistências das mães das crianças, os pais residentes também tinham seu envolvimento restringido, muitas vezes, pelas demandas de seus trabalhos.

Em relação à interação, uma das categorias de avaliação do envolvimento paterno, destacam-se as semelhanças entre o grupo de pais residentes e o de pais que residiram por algum tempo com seus filhos e se separaram. Estes pais referiram interagir com seus filhos através de uma ampla gama de atividades, incluindo os cuidados da criança. Deste modo, sua interação não se restringia ao entretenimento. Os pais referiram sentir muito prazer na realização dos cuidados de seus filhos, o que vai ao encontro dos achados de Rezende e Alonso (1995), os quais verificaram que a participação intensa nos cuidados das crianças gerava em seus pais sensações de felicidade, bem-estar, alegria, satisfação, carinho e gratificação. Quanto ao grupo de pais que residiram por algum tempo com seus filhos, cabe destacar que, enquanto um deles (Jorge) já participava intensamente dos cuidados de sua filha antes da separação, os outros dois (Júlio e Douglas), sempre deixaram esta tarefa ao encargo das esposas. Para estes pais, a separação melhorou, em parte, a qualidade da interação entre pai e filho pois, uma vez que eles ficavam totalmente responsáveis pelas crianças nos dias de visita, passaram a realizar atividades que não faziam antes, especialmente as de cuidado. Isto está de acordo com as idéias de Wallerstein e Kelly

(1998), os quais apontaram que, em alguns casos, a separação do casal gera uma melhora na qualidade da relação entre pai e filho, pois dá ao pai a possibilidade de assumir o cuidado da criança, mesmo que por períodos limitados.

Contudo, no grupo de pais que nunca residiram com seus filhos, foi predominante uma modalidade de interação bastante distinta dos outros dois grupos, baseada, principalmente, em atividades recreativas. Estes pais não costumavam realizar atividades de cuidado, em parte por considerarem estas tarefas desagradáveis, e também por não se sentirem estimulados pelas mães de seus filhos. Deste modo, os pais que nunca residiram com seus filhos corroboram a proposição, predominante na literatura, de que os pais não-residentes desenvolvem com seus filhos uma relação baseada quase que exclusivamente em atividades de recreação e entretenimento (Furstenberg & Nord, 1985; Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991; Thompson & Laible, 1999). É importante salientar que este achado não recebe apoio dos dados do grupo de pais que residiram por algum tempo com seus filhos e se separaram, já destacados acima, pois estes referiram uma interação semelhante aos pais que residem com seus filhos, pelo menos nos dias em que ficavam responsáveis pelas crianças.

Ainda em relação à interação, independentemente de estar ou não morando junto com a criança, quase todos os pais se mostraram mais envolvidos em atividades de interação social do que em cuidados. Ou seja, embora a maioria destes pais participasse dos cuidados de seus filhos, a responsabilidade por estas tarefas era, predominantemente, das mães. Este resultado corrobora uma das expectativas deste estudo (cf. Bailey, 1994; Belsky & cols., 1984), de que os pais, de maneira geral, teriam um maior envolvimento e uma preferência por atividades de interação social do que de cuidado. No grupo de pais residentes, contudo, ocorreu uma exceção quanto a este aspecto. A interação de um dos pais (Leandro) com seu filho era constituída, principalmente, de atividades de cuidado, pois ele ficava responsável pela criança durante a noite, enquanto sua esposa ainda estava trabalhando. Este pai também dividia as tarefas domésticas com a esposa, o que não é um padrão predominante entre os pais brasileiros (Aquino & Menezes, 1998; Jablonski, 1998).

Quanto à acessibilidade, outra categoria de avaliação do envolvimento paterno, apareceram mais diferenças dentro de cada grupo de pais do que entre os grupos. No grupo de pais que nunca residiram com seus filhos, dois deles (Lucas e Édson) eram bastante acessíveis às crianças, sendo que Lucas visitava a filha mais de uma vez por dia, e Édson estava disponível para sua filha cerca de três noites durante a semana, além de todo o final de semana. O outro pai (César), por sua vez, vivia em uma cidade distante da filha e, por

isto, a visita apenas uma vez por mês, tendo um papel extremamente restrito na sua vida. No entanto, também foram verificados alguns aspectos em comum entre estes pais, relativos ao esquema de visitas. Os encontros entre seus filhos e eles não eram determinados judicialmente, sendo bastante flexíveis. Assim, os pais podiam visitar seus filhos sempre que desejassem. Outro aspecto comum é o fato de que seus filhos não costumavam visitá-los em suas casas e, deste modo, seus encontros ocorriam, geralmente, na casas das mães das crianças, ou em passeios. Isto vai ao encontro do dado exposto por Furstenberg e Nord (1985), de que grande parte das crianças nunca visita seu pai não-residente, e o contato pai-filho, nestes casos, costuma ocorrer fora de casa.

Já as visitas do grupo de pais que residiram por algum tempo com seus filhos foram, após a separação, determinadas judicialmente. Seus horários de visita eram rígidos, à exceção de um dos pais (Jorge), e suas ex-esposas impunham restrições aos encontros entre pai e filho. Apesar das semelhanças entre estes casos, diferenças em termos de acessibilidade também foram marcantes. Enquanto um dos pais deste grupo (Jorge) mostrava-se satisfeito com o esquema de visitas, que o permitia ficar com sua filha duas noites por semana e dois finais de semana por mês, os outros dois (Júlio e Douglas) consideravam a determinação judicial extremamente limitante e insatisfatória.

Dentre o grupo de pais residentes, um deles (Leandro) mostra-se bastante acessível, sendo, inclusive, mais disponível para seu filho que sua esposa, que tinha uma carga horária de trabalho maior. Os outros pais deste grupo (Rafael e Luís), por sua vez, tinham sua acessibilidade limitada pelas demandas de seus trabalhos, costumando sair de casa muito cedo e chegar bastante tarde. Percebe-se, portanto, que o grupo de pais residentes não apresenta, com a exceção de um dos pais, uma acessibilidade aos seus filhos expressivamente maior que os pais dos outros dois grupos. Este dado corrobora os achados de Mott (1990), o qual verificou que alguns pais não-residentes visitavam seus filhos muito freqüentemente, havendo um substancial contato entre o pai e a criança, e que a distinção entre o envolvimento destes pais e o dos pais que moravam com os filhos pode ser sutil. Cabe destacar, no entanto, a importância da presença do pai no discurso da mãe, desde que caracterizado de maneira positiva, conforme destacado por Lebovici (1987). Neste sentido, os pais que tem um bom relacionamento com as mães de seus filhos – sejam residentes ou não-residentes – embora possam não estar tão acessíveis fisicamente, podem estar psicologicamente presentes para seus filhos, pelo menos através do discurso materno. As mães, portanto, têm um importante papel na relação entre pai e filho pois, através do seu discurso a respeito deste pai, pode torná-lo psicologicamente muito presente na vida da

família, mesmo que fisicamente ausente. No caso de um pai não-residente, especialmente em situações em que a mãe não marque positivamente sua existência, este pai precisa se fazer bastante disponível para seus filhos, física e emocionalmente, para que permaneça desempenhando um papel relevante em suas vidas.

Em relação à responsabilidade na criação dos filhos, terceira categoria de avaliação do envolvimento paterno, também não foram verificadas diferenças expressivas entre os três grupos. Independentemente do grupo a que pertenciam, quase todos os pais contribuíam financeiramente com seus filhos com regularidade, seja através de pensão alimentícia determinada judicialmente, o que ocorria com dois casos do grupo de pais que residiram por algum tempo com seus filhos e se separaram (Júlio e Douglas), ou através do pagamento de parte das despesas da criança. A única exceção foi um caso do grupo de pais que nunca viveram com seus filhos (Lucas). Ele referiu que sempre ajudou a mãe da criança mas, neste momento, estava enfrentando dificuldades financeiras. Já no grupo de pais residentes, um dos pais (Luis) era totalmente responsável pelas despesas da casa, pois sua esposa não trabalhava fora. No grupo de pais que nunca viveram com seus filhos, um deles (César) também era o principal responsável pelas despesas da criança, pois a mãe era bastante humilde. Pode-se dizer que o envolvimento destes dois pais teve como principal atributo a contribuição financeira. Deste modo, eles pareciam estar vivendo de acordo com o modelo tradicional de paternidade, no qual a responsabilidade financeira mostrava-se bem mais relevante do que a participação em cuidados (Fein, 1978).

Contudo, no grupo de pais residentes, um pai (Leandro) vivia uma situação inversa à dos demais. Sua esposa tinha um salário maior que o seu, sendo responsável por grande parte das despesas da casa. Portanto, ele estava bastante distante da perspectiva tradicional de paternidade (Fein, 1978). Ao contrário, o modo como ele vinha desempenhando o papel de pai estava de acordo com a perspectiva andrógina, pois abrangia um grande número de atividades tipicamente vistas como próprias da maternidade (Fein, 1978; Lamb, 1997; Muzio, 1998; Rotundo, 1985).

Ainda em relação às responsabilidades, todos os pais, de forma geral, também se mostraram preocupados com o futuro dos seus filhos, com sua educação e saúde, e procuraram participar das decisões a respeito da criação das crianças. Dentre o grupo de pais que nunca residiram com seus filhos, dois deles (Lucas e Édson) participavam das decisões a respeito da criação das crianças, sendo que o mesmo pode ser dito em relação a dois dos pais que residiram por algum tempo com seus filhos e se separaram (Jorge e Júlio), embora os diálogos com suas ex-esposas não fossem tão habituais. Nos três casos de

pais do grupo de residentes, também se verificou que as decisões sobre a criança eram tomadas em conjunto por pai e mãe, através de conversas frequentes. Evidencia-se, desta forma, que os pais residentes exerciam, juntamente com as mães de seus filhos, uma coparentalidade. Este dado corrobora os achados de Cabrera e cols. (2000), os quais verificaram que existe um novo ideal cultural de coparentalidade, no qual as responsabilidades são divididas entre pai e mãe. Contudo, este padrão não foi comum a todos os casos dos três grupos. Um dos casos do grupo de pais que viveram com seus filhos por algum tempo e se separaram (Douglas), tinha um relacionamento muito conflituoso com sua ex-esposa e, por isto, sua participação nas decisões era bastante restringida pela mãe de sua filha, que não costumava conversar com ele sobre a criança. Além disto, um dos pais do grupo que nunca residiu com a criança (César) também não costumava participar das decisões sobre a filha em virtude de dificuldades de relacionamento com sua mãe. Estes casos sugerem que o relacionamento dos pais com a mãe da criança se constitui num fator fundamental para as manifestações das diversas facetas da paternidade.

Os resultados deste estudo, portanto, corroboram as proposições da literatura a respeito da influência exercida pelo relacionamento entre pai e mãe sobre o envolvimento paterno (Ahrons, 1983; Braver & cols., 1991; Madden-Derdich & Leonard, 2000; Nielsen, 1999). Esta influência será discutida mais detalhadamente a seguir, quando for abordada a qualidade do relacionamento entre pai e mãe. Outros fatores que se mostram fundamentais para a qualidade do envolvimento, e que também são salientados na literatura (Braver & cols., 1993; McKenry & cols., 1992; Stone & McKenry, 1998; Tepp, 1983; Thompson & Laible, 1999), são o próprio relacionamento do pai com a criança, a proximidade física entre eles e o plano de visitas, sendo indicado um sistema de visitas que permita interações mais regulares e rotineiras.

Quanto ao segundo eixo interpretativo – relacionamento entre pai e criança – esperava-se que os pais não-residentes vivenciassem um maior descontentamento com esta relação, em virtude das limitações impostas pela sua condição, especialmente pelo sistema de visitas (Amato & Gilbreth, 1999). A este respeito, Thompson e Laible (1999) afirmaram que criar uma relação satisfatória com seus filhos, baseada em visitas, constituir-se-ia em um dos maiores desafios e fontes de estresse dos pais não-residentes. Esta expectativa, no entanto, não foi confirmada pelos resultados do presente estudo, pois não foram encontradas diferenças importantes entre os três grupos de pais quanto ao seu relacionamento com a sua criança. Independentemente do grupo a que pertenciam, todos os

pais referiram ter um bom relacionamento com as crianças, composto de bastante carinho e afeição. Eles afirmaram que a convivência com as crianças era muito prazerosa, mostrando-se pais satisfeitos e orgulhosos em relação aos seus filhos.

No caso de alguns pais, a qualidade do seu relacionamento com os filhos chegava a surpreendê-los, tendo em vista que não planejavam ser pais no momento em que tiveram a notícia da gravidez. Este é o caso dos três pais do grupo dos que nunca residiram com seus filhos, bem como de um dos pais do grupo dos que moraram com seus filhos por algum tempo (Júlio). Eles tiveram dificuldades em aproximar-se dos filhos, bem como de suas mães, durante a gestação, mas criaram um bom vínculo afetivo após o nascimento dos bebês. De acordo com Maldonado, Dickstein e Nahoum (1997), algumas vezes os pais não conseguem criar um bom vínculo com o feto, ainda durante a gestação. Para estes autores, uma vez que o pai não sente a presença e a vida do filho em seu corpo, a formação do vínculo entre o pai e o bebê costuma ser mais lenta que a do vínculo mãe-bebê, podendo consolidar-se, gradualmente, após o nascimento e no decorrer do desenvolvimento da criança. No caso destes pais, apesar das dificuldades iniciais, o vínculo com seus filhos desenvolveu-se ainda nos primeiros meses de vida da criança.

Quanto ao terceiro eixo interpretativo – avaliação da paternidade – a expectativa inicial deste estudo, baseada na literatura, era de que os pais não-residentes, especialmente aqueles que viveram com os filhos durante seus primeiros meses de vida, vivenciassem menos satisfação com a paternidade, bem como sentimentos de confusão e frustração. Grande parte da literatura atesta que os sentimentos de perda, privação e tristeza são freqüentes em pais não-residentes (McKenry & cols., 1992; Tepp, 1983). Também neste sentido, Ramires (1997), através de um estudo realizado em Porto Alegre, verificou que os pais que viviam com seus filhos e a esposa apresentavam mais gratificação com o papel paterno, enquanto nos pais que não viviam com seus filhos predominavam vivências de frustração, exclusão e angústia.

Em relação a este ponto, os achados do presente estudo corroboram a expectativa inicial. Enquanto, os pais dos dois grupos de não-residentes mostraram-se muito insatisfeitos com a paternidade, no grupo de pais residentes predominaram as manifestações de alegria e satisfação pela paternidade. No grupo de pais que nunca viveram com seus filhos, foram preponderantes os sentimentos de exclusão e frustração, relativos à paternidade. Esta exclusão parece advir da impossibilidade de conviver com seus filhos no dia-a-dia, acompanhando a rotina da criança. Estes pais também se sentiam excluídos de momentos importantes da vida dos filhos, não estando presentes, por

exemplo, quando eles deram os primeiros passos ou falaram a primeira palavra. Também não estavam presentes, muitas vezes, quando a criança precisava deles, quando estavam doentes ou se machucavam. O sentimento de frustração destes pais, por sua vez, parece decorrer, em grande parte, da percepção de estarem distantes de uma paternidade ideal. Estes resultados corroboram algumas proposições da literatura. Conforme Thompson e Laible (1999), a impossibilidade de atender a algumas das funções e responsabilidades da paternidade costuma gerar, nos pais não-residentes, um sentimento de que sua parentalidade é muito restrita, e de que a relação que vive com seus filhos, baseada em visitas, é constricta e artificial. Tepp (1983) também referiu que muitos pais sofrem por sentirem-se fora da função de paternagem e visitantes na vida dos filhos. Contudo, um dos pais do grupo dos que nunca residiram com seus filhos (Lucas) refere que, por não viver com sua filha, a paternidade tornou-se mais leve para ele, pois ele pode se afastar em momentos difíceis. Verifica-se, portanto, que alguns ganhos são percebidos como advindos do fato de não residir com seus filhos.

No grupo de pais que residiram por algum tempo com seus filhos, verifica-se uma menor homogeneidade quanto aos sentimentos relativos à paternidade. Enquanto dois pais (Júlio e Douglas) destacaram sua insatisfação com o modo como vêm desempenhando o papel paterno, o outro pai (Jorge) mostrou-se contente com sua participação na vida da filha. Os dois primeiros pais se assemelham ao grupo de pais que nunca viveram com seus filhos, avaliando sua participação na vida das crianças como muito restrita, e manifestando sentir falta de participar mais da sua rotina. Eles mostraram-se insatisfeitos com a sistemática de visitas, vista como rígida e limitante. Os sentimentos predominantes nestes pais foram de frustração e impotência, confirmando as proposições da literatura a respeito dos pais não-residentes (McKenry & cols., 1992; Ramires, 1997; Tepp, 1983; Thompson & Laible, 1999). No entanto, Douglas também destacou um sentimento positivo em relação à paternidade, decorrente do fato de não estar residindo com sua filha. Ele afirmou que, após a separação, se tornou um pai melhor, pois passou a ter uma relação mais próxima com a menina, realizando com ela atividades que antes eram realizadas apenas por sua esposa.

O outro pai do grupo dos que residiram por algum tempo com seus filhos, por sua vez, parece estar mais adaptado à separação. Ele estava satisfeito com o sistema de visitas, e acreditava que participava ativamente da vida de sua filha, desempenhando bastante bem o papel paterno. Este dado também corrobora os achados da literatura, pois diversos autores afirmaram que alguns pais não-residentes são capazes de manter uma relação próxima com os filhos, exercendo razoavelmente bem suas funções enquanto pai (Amato

& Gilbreth, 1999; Furstenberg & Nord, 1985; Griffin, 1998; Hamer, 1997; Kruk, 1991; Maccoby & cols., 1993; Mott, 1990; Ramires, 1997; Seltzer, 1991; Tepp, 1983; Wallerstein & Kelly, 1998). Contudo, este pai também referiu sentir falta de sua filha nas noites em que ela não dormia na sua casa, bem como ciúmes do seu padrasto, que tinha uma maior convivência com ela. Portanto, um sentimento de insatisfação também estava presente no discurso deste pai, embora um pouco encoberto pelo que parece ser uma necessidade de acreditar que, neste momento, tudo estava bem com ele e com a filha.

Os pais do grupo de residentes mostram-se, no geral, satisfeitos com o papel paterno. Eles se consideram bons pais, presentes e próximos de seus filhos. Contudo, dois destes pais (Rafael e Luís) acreditavam que sua participação na vida de seus filhos deveria ser maior, o que era impedido pelas suas demandas de trabalho. Este achado vai ao encontro dos resultados de Ramires (1997), que alertou para o fato de que os pais que viviam com seus filhos encontravam, muitas vezes, empecilhos para o exercício da paternidade, sendo o principal a falta de tempo, devido às obrigações de trabalho. Mas, embora se considerassem distantes de uma paternidade ideal, em que seriam ainda mais envolvidos e próximos das crianças, predominava nestes pais a percepção de que faziam o máximo que suas condições permitiam, ou seja, eram os melhores pais que era possível ser neste momento de suas vidas.

Quanto às crenças dos pais em relação ao seu papel, todos os casos do grupo de pais que nunca residiram com seus filhos mencionaram que a principal função do pai seria educar, orientar seus filhos, sendo que o mesmo foi referido por um dos pais do grupo de residentes (Rafael). No grupo de pais que residiram com seus filhos durante algum tempo, por sua vez, foi destacada a importância de estabelecer com a criança um relacionamento de proximidade e afeto. De forma semelhante, um dos pais do grupo de residentes (Luís) enfatizou a necessidade de fazer-se presente para seu filho, enquanto o outro pai residente (Leandro) destacou tanto a orientação quanto o carinho. Percebe-se, portanto, que estes pais não salientaram a idéia tradicional de que a principal função de um pai seria prover sustento econômico (Fein, 1978).

No entanto, nas falas de alguns pais, dos três grupos, evidenciou-se uma contradição entre suas crenças e o que efetivamente faziam com seus filhos, sendo destacada a importância de funções que são pouco realizadas por eles. Neste sentido, Daly (1996) afirmou que existiria uma lacuna entre o que os pais pensam a respeito do seu papel e o que efetivamente fazem. Talvez esta lacuna marque um momento de transição, em nossa cultura, na definição de paternidade, o qual estaria sendo vivenciado por estes pais.

Diversos autores apontam que as transformações sociais que vêm ocorrendo nas relações homem-mulher estão sendo, lentamente, incorporadas às representações sociais da paternidade, apontando para a produção de novos modelos de papéis parentais (Jablonski, 1998; Trindade, 1993; Trindade, Andrade & Souza, 1997). Esta transição também pôde ser percebida quando os pais falaram de seus próprios pais. Os pais, em geral, se consideravam bastante diferentes dos seus pais, embora eles ainda fossem, muitas vezes, vistos como um modelo. Deste modo, ainda que o modo como foram criados por seus pais fosse fundamental para a construção dos seus ideais de paternidade (Szejer & Stewart, 1997), este exemplo não era suficiente para mostrar-lhes como ser pais na sociedade atual.

Quanto ao quarto eixo interpretativo – relacionamento entre pai e mãe – a expectativa inicial deste estudo era de que existiriam maiores dificuldades de diálogo e um maior grau de conflito entre pai e mãe nos grupos de pais não-residentes, o que diminuiria suas possibilidades de exercer uma parentalidade cooperativa. Maccoby e cols. (1993) verificaram que a comunicação entre pai não-residente e mãe tende a diminuir com o tempo, levando-os a um padrão de interação desengajado, ou seja, a uma parentalidade paralela. Do mesmo modo, Furstenberg e Nord (1985) afirmaram que a coparentalidade cooperativa é rara entre os pais não-residentes.

Os resultados deste estudo corroboram a literatura sobre o tema, especialmente no que se refere ao grupo de pais que residiram com seus filhos por algum tempo e se separaram. Nos três casos deste grupo, evidenciou-se um alto grau de conflito entre pai e mãe, com discussões, desentendimentos e disputas judiciais frequentes, especialmente nos primeiros meses após a separação. Existia uma grande dificuldade de diálogo entre estes casais e, portanto, eles não costumavam tomar decisões em conjunto a respeito da criação dos filhos. Isto os levava a uma parentalidade paralela, o que confirma as proposições da literatura (Furstenberg & Nord, 1985; Maccoby & cols., 1993).

As dificuldades de relacionamento mostraram-se particularmente presentes no caso de um dos pais deste grupo (Douglas), que estava separado havia poucos meses. A partir deste dado, pode-se pensar que o tempo decorrido desde a separação contribua para a diminuição do conflito entre os ex-cônjuges, o que estaria de acordo com os achados de Maccoby e cols. (1993), que verificaram uma diminuição do conflito entre pai e mãe passado algum tempo da separação.

Quanto ao grupo de pais que nunca viveram com os filhos, não se constatou um alto grau de conflito entre pai e mãe. No entanto, dois destes pais (César e Édson) enfrentavam algumas dificuldades no relacionamento com as mães de seus filhos, o que parecia estar

influenciando seu envolvimento com a criança. Estes pais sofriam restrições não apenas em relação à sua participação nas decisões, mas também quanto ao seu contato com as crianças, que vinha sendo muito limitado por suas mães. Este resultado assemelha-se ao encontrado por Ahrons (1983), o qual afirmou que o relacionamento entre pai e mãe, o quanto eles dividem as decisões sobre a criação dos filhos e seus sentimentos de raiva, culpa e respeito têm um efeito expressivo sobre o envolvimento paterno. Isto também se evidenciou no outro caso deste grupo (Lucas), pois ele tinha um relacionamento bastante bom com a mãe de sua filha e, por isto, eles costumavam conversar e tomar em conjunto as decisões sobre a criança, e o pai não enfrentava qualquer restrição, por parte da mãe, em relação às visitas.

Já os pais do grupo dos que residem com seus filhos apresentaram um bom relacionamento com suas esposas, definidas por eles como boas mães, que incentivavam a relação entre pai e criança. O grau de conflito era bastante baixo, e existia uma grande abertura para o diálogo. Deste modo, as decisões sobre a criança eram tomadas em conjunto e as responsabilidades pela criação dos filhos eram divididas pelos casais. Estes pais e mães, portanto, vinham exercendo uma coparentalidade.

Tendo em vista o que foi discutido em cada um dos eixos interpretativos expostos acima, constata-se que existem algumas particularidades entre os três grupos estudados, assim como diversas semelhanças. As particularidades se referem, principalmente, aos sentimentos dos pais em relação à paternidade e à qualidade do relacionamento entre pai e mãe, o que confirma as expectativas iniciais, baseadas na literatura. Quanto ao envolvimento paterno, contudo, predominam as semelhanças entre os três grupos, o que vai de encontro às expectativas. Algo semelhante foi constatado quanto ao relacionamento entre pai e filho, pois, independentemente do grupo a que o pai pertencia, todos eles avaliaram esta relação de forma muito positiva. Estes resultados sugerem que o fato de não residir com seus filhos não faz, necessariamente, com que o pai abdique ou seja privado das funções de paternagem. Embora alguns dos pais não-residentes apresentem limitações no modo como exercem a paternidade, de forma geral, eles conseguem manter um bom vínculo com a criança, mantendo-se responsáveis por algumas funções na sua criação. Contudo, merecem destaque as manifestações de intenso sofrimento relatadas por estes pais, especialmente por aqueles que viveram com seus filhos por algum tempo, por avaliarem que sua participação na vida dos filhos estava sendo muito limitada.

Pode-se perceber, também, que os pais estão vivendo um momento de transição nas concepções sociais de paternidade. Deste modo, convivem, hoje, pais que agem de acordo

com um modelo bastante tradicional, e pais que exercem a paternidade de uma maneira muito parecida com a maternidade. Apesar destas variações, cabe destacar que todos os pais do presente estudo exerciam tarefas de cuidado e destacaram a importância do estabelecimento de uma relação afetiva com seus filhos. Portanto, os resultados deste estudo corroboram a constatação, presente na literatura, de que as transformações sociais que vêm ocorrendo nas relações entre homem e mulher têm sido incorporadas às representações sociais da paternidade, apontando para a produção de novos modelos de papéis parentais, nos quais o pai estaria menos restrito ao papel de provedor financeiro e mais presente na criação dos filhos (Jablonski, 1998; Trindade, 1993; Trindade, Andrade & Souza, 1997).

Considerações Finais

A partir dos resultados apresentados e discutidos acima, é possível tecer algumas considerações a respeito dos participantes deste estudo. Primeiramente, cabe destacar a grande dificuldade encontrada na constituição dos grupos. Diversas estratégias foram utilizadas, geralmente resultando em um baixo índice de aceite por parte dos pais. Neste sentido, Daly (1996) referiu que os homens são tipicamente difíceis de serem recrutados em pesquisas relacionadas às ciências sociais. Parece que o mesmo se aplica à psicologia. Deste modo, os pais que aceitaram participar deste estudo são, provavelmente, bastante diferentes daqueles que recusaram. Mais especificamente quanto aos pais não-residentes, é plausível se pensar que aqueles que se enquadrassem no padrão, referido pela literatura de desapego aos filhos e abandono das responsabilidades e relacionamentos familiares (cf. Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991), dificilmente aceitariam participar de um estudo cujo tema fosse o seu relacionamento com estes filhos. Esta pode ser uma das razões das semelhanças encontradas em relação ao envolvimento de pais residentes e não-residentes, pois todos os pais do presente estudo mostraram-se bastante envolvidos com seus filhos, apesar das restrições impostas por não residir com eles.

Outra peculiaridade, presente em dois dos pais não-residentes, foi já terem passado por uma psicoterapia. Estes pais provavelmente tiveram a oportunidade de trabalhar, no processo terapêutico, diversos aspectos referentes à separação e à sua nova organização de vida e, o modo como vivem a paternidade hoje pode ter sido bastante alterado por esta experiência. A partir da busca destes pais por ajuda e da satisfação que relataram com este atendimento, pode-se pensar na importância de se oferecer intervenções, de caráter preventivo, que focalizem a qualidade do relacionamento entre pais não-residentes e seus

filhos, bem como os seus sentimentos em relação à paternidade. Referindo-se aos casais separados, Wallerstein e Kelly (1998) afirmaram que as necessidades especiais destes pais ainda são insuficientemente reconhecidas e mal atendidas.

Outra característica dos pais que participaram do presente estudo é seu elevado nível de escolaridade, que pode também ter influenciado nos resultados encontrados. Dentre os nove pais, seis completaram o ensino superior, dois têm ensino superior incompleto e um deles completou o ensino médio, o que representa um nível de escolaridade bastante alto, tendo em vista os níveis de educação da população brasileira. Walker e McGraw (2000) destacaram o papel da educação do pai como um preditor do seu envolvimento, de modo que pais com alto nível de escolaridade geralmente teriam um maior envolvimento com seus filhos. Neste sentido, os pais deste estudo não apresentam as características dominantes nos pais brasileiros, os quais possuem baixa escolaridade e baixo nível sócio-econômico. De qualquer modo, a intenção não é de se generalizar os resultados deste estudo para outros pais, construindo descrições típicas de pais residentes e não-residentes. Ao contrário, o objetivo foi explorar e descrever a experiência de alguns pais, contribuindo para uma construção teórica que pode servir de base para novas investigações.

Ao final deste estudo, portanto, cabe destacar algumas de suas limitações, as quais podem contribuir para a elaboração de outros estudos que envolvam pais residentes e não residentes. Um ponto que poderia ser ampliado em estudos futuros é a avaliação da qualidade da relação entre pai e filho. Para tanto, poderia ser utilizada a observação direta da interação pai-criança, preferencialmente em ambiente natural. Estes dados poderiam também ser comparados com as expectativas e sentimentos dos pais sobre a paternidade, o que propiciaria uma triangulação de informações e uma melhor compreensão das particularidades envolvidas nos diferentes grupos de pais.

Ainda buscando-se ampliar nossa compreensão sobre a paternidade, as mães poderiam ser também entrevistadas, pois existem discrepâncias entre as percepções de envolvimento paterno de pais e mães (Ahrns, 1991). A participação das mães também propiciaria um melhor entendimento da dinâmica familiar e do modo como o papel do pai é visto no contexto familiar, bem como das implicações disto sobre o envolvimento paterno e seus sentimentos sobre a paternidade.

Outro aspecto que poderia ser melhor investigado se refere à continuidade ou não, ao longo dos anos pré-escolares, do envolvimento entre os pais não-residentes e seus filhos. Um estudo longitudinal, que acompanhasse os pais durante este período poderia

verificar se, com o tempo, o envolvimento inicial se mantém, ou se os pais tendem a se aproximar ou a se afastar das crianças. Caso ocorressem mudanças, seria possível compreender como elas se processam, bem como quais fatores foram preditores destas mudanças. Além disto, um contato mais extensivo, através de vários encontros entre o pesquisador e os pais, propiciaria o estabelecimento de um vínculo mais estreito, contribuindo para que o pai pudesse falar de sua situação de maneira mais espontânea. Este contato mais íntimo e extensivo também permitiria ao pesquisador ter acesso a representações e sentimentos mais profundos dos pais, bem como realizar inferências mais sistemáticas, viabilizando uma melhor compreensão dos casos.

De qualquer forma, a avaliação do envolvimento paterno e dos sentimentos dos pais em relação à paternidade através de uma abordagem qualitativa merece destaque como um ponto forte deste estudo. A necessidade de se realizar pesquisas deste tipo já havia sido apontada por diversos autores (Amato & Gilbreth, 1999; McKenry & cols., 1996; Seltzer, 1991). Através desta abordagem, pôde-se chegar a uma boa compreensão do modo como os pais exercem a paternidade, e lançar algumas hipóteses a respeito dos aspectos envolvidos na determinação do seu envolvimento com os filhos. Neste sentido, a entrevista sobre a paternidade e envolvimento paterno utilizada no presente estudo mostrou-se um bom instrumento, propiciando a obtenção de muitas informações essenciais a esta compreensão. A ordem das questões da entrevista, começando por perguntas sobre a criança, que envolviam menos o pai, passando por questões mais concretas da rotina de pai e filho, para só depois chegar aos sentimentos do pai, também pareceu bastante adequada. Isto deu aos pais a possibilidade de ir, aos poucos, se permitindo pensar sobre si e sobre suas emoções.

Outro mérito deste estudo foi investigar, em separado, pais que nunca residiram com seus filhos e pais que residiram com as crianças e se separaram posteriormente. Grande parte dos estudos anteriores não realizou esta distinção, tratando os pais não-residentes como uma entidade única. No entanto, McKenry e cols. (1996) afirmaram que existem diferenças notáveis nos níveis de envolvimento relativos às diferentes configurações familiares. No presente estudo, também foram percebidas diversas diferenças entre estes dois grupos.

Cabe, ainda, destacar a importância de se examinar a visão do próprio pai a respeito do modo como ele exerce a paternidade, tendo em vista que grande parte das pesquisas sobre envolvimento de pais não-residentes é respondida apenas pelas mães (Mott, 1990; Nord & Zill, 1997; Seltzer, 1991; Teachman, 1991). Somente através da compreensão do

modo com estes pais entendem e sentem seu papel, será possível promover intervenções terapêuticas visando um exercício mais completo da paternidade e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida para pais e filhos.

Por fim, é importante que o sistema judiciário fique mais sensível às conseqüências das suas determinações sobre o contato dos pais não-residentes com seus filhos. No presente estudo, alguns pais não-residentes tiveram seu direito de se encontrar com seu(ua) filho(a) bastante restringido, apesar do seu desejo e disponibilidade para interagir mais com a criança. Flexibilizar as decisões judiciais e reavaliá-las periodicamente – especialmente após o período inicial da separação, quando as dificuldades do casal tendem a impedir uma maior participação do pai – contribuirá para que o pai se mantenha envolvido com a criança. O sofrimento dos filhos de pais não-residentes, apontado por vários participantes deste estudo, é um indicador de que devem ser tomadas decisões apropriadas para que se evite exacerbar a distância entre pai e filho. O desenvolvimento pleno e saudável da criança será facilitado pela efetiva participação tanto da mãe como do pai em sua vida, e restringir isto, seja em função das discórdias do casal ou de determinações judiciais, não contribui em nada para o bem-estar da criança, uma vez que ambos os genitores apresentem condições psicológicas de educar e cuidar de seus filhos, como pareceu ser o caso dos pais do presente estudo.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Salas, E. (1984). *A Paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ahrons, C. R. (1983). Predictors of Paternal Involvement Postdivorce: mothers' and fathers' perceptions. *Journal of Divorce*, 6 (3), 55-69.
- Ahrons, C. R. (1991). The Continuing Coparental Relationship Between Divorced Spouses. *American Journal of Orthopsychiatry*, 51(3), 415-428.
- Amato, P. R. (2000). The Consequences of Divorce for Adults and Children. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1269-1287.
- Amato, P. R. & Gilbreth, J. G. (1999). Nonresident Fathers and Children's Well-Being: a meta-analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 557-573.
- Anderson, A. M. (1996). The Father-Infant Relationship: Becoming Connected. *Journal of Society of Pediatric Nurses*, 1(2), 83-92.
- Aquino, E. M. & Menezes, G. M. (1998). Para Pensar no Exercício da Paternidade: contribuições a partir de um estudo sobre trabalho e saúde de mulheres. Em P. Silveira (Org.). *O Exercício da Paternidade* (pp. 131-141). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Araújo, M. S. (1998). A Família na Virada do Milênio: maternidade e paternidade. *Revista de Psicanálise*, 5 (2), 195-200.
- Bailey, W. T. (1994). A Longitudinal Study of Fathers' Involvement With Young Children: infancy to age 5 years. *The Journal of Genetic Psychology* 155(3), 331-339.
- Baildam, E. M.; Hillier, V. F.; Bannister, R. P.; Bamford, F. N.; Moore, W. M. & Ward, B. S. (2000). Attention to infants in the first year. *Child: Care, Health and Development*, 26(3), 199-216.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barker, C., Pistrang, N. & Elliott, R. (1994). *Research Methods in Clinical and Counselling Psychology*. England: Wiley.
- Belsky, J., Gilstrap, B. & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania Infant and Family Development Project, I: stability and change in mother-infant and father-infant interaction in a family setting at one, three, and nine months. *Child Development*, 55, 692-705.
- Bowlby, J. (1989). *Uma Base Segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braver, S. H., Wolchik, S. A., Sandler, I. N., Fogas, B. S. & Zvetina, D. (1991). Frequency of Visitation by Divorced Fathers: differences in reports by fathers and mothers. *American Journal of Orthopsychiatry*, 61(3), 448-454.

- Braver, S. H., Wolchik, S. A., Sandler, I. N., Sheets, V. L., Fogas, B. & Bay, R. C. (1993). A Longitudinal Study of Noncustodial Parents: parents without children. *Journal of Family Psychology*, 7 (1), 9-23.
- Brazelton, T. B. (1988). *O Desenvolvimento do Apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Conselho Federal de Psicologia (2000). Resolução CFP nº 016/2000.
- Costa, G. & Katz, G. (1992). *Dinâmica das Relações Conjugais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Daly, K. J. (1996). Spending Time With the Kids: Meanings of Family Time for Fathers. *Family Relations*, 45, 466-476.
- De Martini, T.A.D. (1999). *A transição para a paternidade: expectativas, sentimentos e síndrome de covade dos futuros pais ao longo da gestação*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Doherty, W., Kouneski, E. & Erickson, M. (2000). We Are All Responsible for Responsible Fathering: A Response to Walker and McGraw. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 570-574.
- Dudley, J. R. (1991). The Consequences of Divorce Proceedings for Divorced Fathers. *Journal of Divorce & Remarriage*, 16, 171-193.
- Dupuis, J. (1989). *Em Nome do Pai: uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Easterbrooks, M. A. & Goldberg, W. A. (1984). Toddler Development in the Family: Impact of Father Involvement and Parenting Characteristics. *Child Development*, 55, 740-752.
- Erera, P., Minton, C., Pasley, K. & Mandel, S. (1999). Fathering After Divorce in Israel and the U.S. *Journal of Divorce & Remarriage*, 31 (1/2), 55-82.
- Fein, R. A. (1978). Research on Fathering: social policy and an emergent perspective. *Journal of Social Issues*, 34(1), 122-135.
- Feldman, R. (2000). Parents' Convergence on Sharing and Marital Satisfaction, Father Involvement, and Parent-child Relationship at the Transition to Parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 21(3), 176-191.
- Fonseca, C. (2001). *A Vingança de Capitu: DNA, escolha e destino na família brasileira contemporânea*. Manuscrito não publicado.

- Freud, S. (1988). Esboço de Psicanálise. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 153-221). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. (1996). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996). O Ego e o Id. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Furstenberg, F. F., Jr. & Nord, C. W. (1985). Parenting Apart: Patterns os childrearing after marital disruption. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 893-904.
- Garbarino, J. (1993). Reinventing Fatherhood. *Families in Society*, 74 (1), 51-54.
- Giffin, K. (1998). Exercício da Paternidade: uma pequena revolução. Em P. Silveira (Org.). *O Exercício da Paternidade* (pp. 75-80). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Grossman, F. K., Pollack, W. S. & Golding, E. (1988). Fathers and Children: Predicting the Quality and Quantity of Fathering. *Developmental Psychology*, 24 (1), 82-91.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia (1998^a). *Ficha de Contato Inicial*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. Instrumento não publicado.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia (1998^b). *Consentimento Informado*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. Instrumento não publicado.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia (1998^c). *Entrevista de Dados Demográficos do Casal*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. Instrumento não publicado.
- Hall, W. A. (1994). New Fatherhood: myths and realities. *Public Health Nursing*, 11 (4), 219-228.
- Hamer, J. F. (1997). The Fathers of “Fatherless” Black Children. *Families in Society*, 78 (6), 564-578.
- Hewlett, B. S. (2000). Culture, History, and Sex: anthropological contributions to conceptualizing father involvement. *Marriage & Family Review*, 29 (2/3), 59-73.
- Jablonski, B. (1998). Paternidade Hoje: uma metanálise. Em P. Silveira (Org.). *O Exercício da Paternidade* (pp. 121-128). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klitzing, K. V., Simoni, H., Amsler, F. & Bürgin, D. (1999). The Role of the Father in Early Family Interactions. *Infant Mental Health Journal*, 20 (3), 222-237.

- Kruk, E. (1991). Discontinuity Between Pre- and Post-Divorce Father-Child Relationships: new evidence regarding paternal disengagement. *Journal of Divorce & Remarriage*, 16, 195-227.
- Lamb, M. E. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. *Human Development*, 18, 245-266.
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and Child Development: an introductory overview and guide. Em: M. Lamb (Org.). *The Role of the Father in Child Development*. New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E. (1999). Parental Behavior, Family Processes, and Child Development in Nontraditional and Traditionally Understudied Families. Em: M. Lamb (Org.). *Parenting and Child Development in "Nontraditional" Families*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L. & Levine, J. A. (1985). Paternal Behavior in Humans. *American Zoologist*, 25, 883-894.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A Construção do Saber*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lebovici, S. (1987) *O Bebê, o Psicanalista e a Mãe*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Levy-Shiff, R. & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of Fathering: some further exploration. *Developmental Psychology*, 24(3), 434-440.
- Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O Pai no Contexto Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(1), 09-16.
- Maccoby, E. E., Buchanan, C. M., Mnookin, R. H. & Dornbusch, S. M. (1993). Postdivorce Roles of Mothers and Fathers in the Lives of Their Children. *Journal of Family Psychology*, 7 (1), 24-38.
- Madden-Derdich, D. A. & Leonard, S. A. (2000). Parental Role Identity and Fathers' Involvement in Coparental Interaction After Divorce: fathers' perspective. *Family Relations*, 49, 311-318.
- Maldonado, M. T., Dickstein, J. & Nahoum, J. C. (1997). *Nós Estamos Grávidos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 10^a ed.
- McKenry, P. C., McKelvey, M. W., Leigh, D. & Wark, L. (1996). Nonresidential Father Involvement: a comparison of divorced, separated, never married, and remarried fathers. *Journal of Divorce & Remarriage*, 25(3/4), 01-13.
- McKenry, P. C., Price, S. J., Fine, M. A. & Serovich, J. (1992). Predictors of Single, Noncustodial Fathers' Physical Involvement with their Children. *The Journal of Genetic Psychology*, 153 (3), 305-319.

- McLanahan, S. (1999), Father Absence and the Welfare of Children. Em M. Hetherington (Org.). *Coping with Divorce, Single Parenting, and Remarriage: a risk and resiliency perspective* (pp. 117-145). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- McLanahan, S. & Teitler, J. (1999). The Consequences of Father Absence. Em M. Lamb (Org.). *Parenting and Child Development in "Nontraditional" Families* (pp. 83-102). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Montgomery, M. (1993). *O Novo Pai: a dimensão da paternidade*. São Paulo: Saraiva, 2ª ed.
- Mott, F. L. (1990). When Is a Father Really Gone? Paternal-child contact in father-absent homes. *Demography*, 27(4), 499-517.
- Muza, G. M. (1998). Da Proteção Generosa à Vítima do Vazio. Em P. Silveira (Org.). *O Exercício da Paternidade* (pp. 143-150). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Muzio, P. A. (1998). Paternidade (Ser Pai)... Para que Serve? Em P. Silveira (Org.). *O Exercício da Paternidade* (pp. 165-174). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Neubauer, P. B. (1989). Efeitos recíprocos da "paternagem" sobre genitor e crianças. Em G. I. Fogel, F. M. Lane & R. S. Liebert. *Psicologia Masculina: novas perspectivas psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nielsen, L. (1999). Demeaning, Demoralizing, and Disenfranchising Divorced Dads: a review of the literature. *Journal of Divorce & Remarriage*, 31 (3/4), 139-177.
- Ninio, A. & Rinott, N. (1988). Fathers' Involvement in the Care of Their Infants and Their Attributions of Cognitive Competence to Infants. *Child Development*, 59, 652-663.
- Nord, C. W. & Zill, N. (1997). Noncustodial Parents' Participation in their Children's Lives. *Child Support Report*, 19, 01-02.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Ribeiro, T. & Lopes, R. S. (2003). *O Envolvimento Paterno Durante a Gestação*. Artigo submetido para publicação.
- Pinheiro, A., Siqueira, I. L. & Bucher, J. (1983). Ausência do Pai: uma introdução ao tema. *Revista de Psicologia*, 1 (1), 107-122.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal Involvement: levels, sources, and consequences. Em M. Lamb. *The Role of the Father in Child Development*. New York: John Wiley & Sons.
- Pruett, K. D. (1993). The Paternal Presence. *Families in Society*, 74 (1), 46-50.
- Ramires, V. R. (1997). *O Exercício da Paternidade*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos.
- Rezende, A. L. & Alonso, I. L. (1995). O Perfil do Pai Cuidador. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 5 (1/2), 66-81.

- Rohde, L. A., Wolf, A. L., Couto A. F., Shansis, D. M., Shansis, F. M., Cunha, G. B. & Lorenzon, S. F. (1991). A Função Paterna no Desenvolvimento do Bebê. *Revista de Psiquiatria do RS*, 13(3), 127-135.
- Rotundo, E. A. (1985). American Fatherhood: a historical perspective. *American Behavioral Scientist*, 29 (1), 7-25.
- Schwingel, B., Mantese, I. A. & Vianna, T. R. (1993). Olhando o Pai. *Publicação CEAPIA*, 6, 44-58.
- Seltzer, J. A. (1991). Relationships Between Fathers and Children Who Live Apart: the father's role after separation. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 79-101.
- Seltzer, J. A. & Brandreth, Y. (1995) What Fathers Say About Involvement With Children After Separation. Em W. Marsiglio (Org.). *Fatherhood: contemporary theory, research, and social policy* (pp. 166-192). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Silva, E. Z. (1999). O Pai Frente à Separação Conjugal. Em ^a Mello (coord. Ed.). *Anais, III Congresso Ibero-americano de Psicologia Jurídica*. São Paulo, SP: Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Silva, M. R. & Piccinini, C. A. (2001). *Entrevista sobre a Paternidade e o Envolvimento Paterno*. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, UFRGS. Instrumento não publicado.
- Silveira, P. (Org.). (1998). *O Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Souza, R. M. (2000). Depois que Papai e Mamãe se Separaram: um Relato dos Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 203-211.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. Em N. Denzin & Y. Lincoln (Orgs.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 236-247). Londres: Sage.
- Steele, H., Steele, M. & Fonagy, P. (1996). Associations among Attachment Classifications of Mothers, Fathers, and Their Infants. *Child Development*, 67, 541-555.
- Stone, G. & McKenry, P. (1998). Nonresidential Father Involvement: a test of a mid-range theory. *The Journal of Genetic Psychology*, 159 (3), 313-336.
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove Meses na Vida da Mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Teachman, J. D. (1991). Contributions to Children by Divorced Fathers. *Social Problems*, 38 (3), 358-371.
- Tepp, A. V. (1983). Divorced Fathers: predictors of continued paternal involvement. *American Journal of Psychiatry*, 140 (11), 1465-1469.

- Thompson, R. A. & Laible, D. J. (1999). Noncustodial Parents. Em M. Lamb (Org.). *Parenting and Child Development in "Nontraditional" Families* (pp. 103-123). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Trindade, Z. A. (1993). As Representações Sociais e o Cotidiano: a questão da maternidade e da paternidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9 (3), 535-546.
- Trindade, Z. A., Andrade, C. A. & Souza, J. Q. (1997). Papéis Parentais e Representações da Paternidade: a perspectiva do pai. *Psico*, 28 (1), 201-222.
- Tudge, J., Hayes, S., Doucet, F., Otero, D., Kulakova, N., Tammeveski, P., Meltas, M. & Lee, S. (2000). Parents' Participation in Cultural Practices With Their Preschoolers. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 001-011.
- Walker, A. & McGraw, L. (2000). Who is Responsible for Responsible Fathering? *Journal of Marriage and the Family*, 62, 563-569.
- Wallerstein, J. S. & Kelly, J. B. (1998). *Sobrevivendo à Separação* (M. A. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1996).
- Winnicott, D. W. (1966). *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

ANEXOS

Anexo A

Anexo B**Ficha de contato inicial¹¹**

Nome do pai:

Escolaridade:

Estado civil:

Idade:

Trabalha? () sim () não. O que faz?

Tu tens quantos filhos?

Que idade ele(a) tem?

Tu vives com ele(a)? () sim () não Há quanto tempo?

Se não: Tu já viveste com ele(a)? () sim () não Por quanto tempo?

Ele(a) vive com quem?

Endereço:

Telefone:

Data marcada para entrevista:

¹¹ Baseado na Ficha de contato inicial desenvolvida pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP (1998a).

Anexo C

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento – Mestrado e Doutorado

Consentimento informado¹²

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, o qual pretende investigar as experiências de pais que residem e pais que não residem com seu filho, bem como o relacionamento entre pais e filhos.

Tenho conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com essa pesquisa. Também terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento prestado por essa instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar desse estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização dos dados coletados gravados em fita cassete. Os dados coletados serão arquivados no Instituto de Psicologia da UFRGS, e serão destruídos após decorrido o prazo de cinco (05) anos.

O pesquisador responsável por esse projeto é o Dr. César Augusto Piccinini, que poderá ser contatado pelo telefone (51) 3316- 5058.

Mestranda: Milena da Rosa Silva

Data: / /

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

¹² Baseado no Consentimento informado desenvolvido pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIDEP (1998b).

Anexo D

Entrevista de dados demográficos¹³

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você:

- Nome:
- Data de nascimento: – Idade:
- Escolaridade (ano concluído):
- Religião: Praticante: () sim () às vezes () não
- Estado civil: () casado () separado () solteiro () viúvo () com companheiro
- Mora com o filho e a mãe dele: () sim () não.
 - Se sim: Desde quando?
 - Se não: Já viveu com o filho e a mãe dele? () sim () não
 - Se sim: Por quanto tempo?
 - Há quanto tempo não vivem mais juntos?
- Tu trabalhas? () sim () não () desempregado. Desde quando?
- O que tu fazes (ias)? Horas/semana:
- Grupo étnico:
- Data de nascimento do filho: – Idade do filho:
- Sexo do filho: – Nome do filho:

Endereço para contato:

.....
 Cidade: CEP: Telefone:

Telefone do emprego/contato:

Telefone de parente/amigo para contato:

¹³ Baseado na Entrevista de dados demográficos do casal desenvolvida pelo Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP (1998c).

Anexo E

Entrevista sobre a paternidade e o envolvimento paterno (Pais não-residentes – nunca residiram com seus filhos) (SILVA & PICCININI, 2002)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre o(a) (nome da criança).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ele(a) está, hoje?
- Como é o jeito dele(a)?
- E em relação à saúde, como está a saúde dele(a) agora?
- E desde que ele(a) nasceu, teve algum problema de saúde?
- Tu costumavas levá-lo(a) às consultas médicas? *(Caso não costume:)* E antes, tu costumavas levá-lo(a)?
- Como é a alimentação dele(a)?
- Ele(a) ainda toma mamadeira? *(Se sim:)* Tu costumavas fazer a mamadeira dele(a)?
- Tu tens alguma preocupação com a alimentação dele(a)?
- Tu estás satisfeito com a tua participação nos cuidados com a saúde do (nome)?

2. Eu gostaria que tu me contasses como está o desenvolvimento/crescimento do(a) (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Ele usa fraldas ou já controla o xixi e o cocô?
(Se usa fralda:) Tu costumavas trocar as fraldas dele(a)?
(Se não usa mais:) Quem ensinou ele(a) a usar o piniquinho? Como foi isso?
- E o banho dele(a), quem dá?
- Ele(a) tem hora para dormir e para acordar?
- E ele(ela) costuma dormir na tua casa?
(Se sim:) Quando ele(a) dorme na tua casa, onde ele(a) costuma dormir?
A tua casa tem um quarto ou lugarzinho para ele?
Como tu te sentes quanto ele(a) dorme na tua casa? E como ele(a) se sente?

3. Eu gostaria que tu me falasses sobre quem cuida do(a) (nome) no dia-a-dia.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- *(Caso seja a mãe, ou outra pessoa:)* Você está satisfeito com o jeito dela cuidar do (nome)?
- *(Se está na escolinha:)* Me conta como foi a decisão de colocá-lo(a) (ou não) na escolinha.
Qual foi a tua participação nesta decisão?
Como foi a escolha pela escolinha? Tu participaste da escolha?
Quem costuma levá-lo(a) e buscá-lo(a)? Tu já fizeste isto alguma vez?
Tu participas de alguma atividade da escolinha?
Alguma coisa te preocupa em relação a ele(a) ir (ou não) para a escolinha?
- De modo geral, como tu avalias a tua participação no dia-a-dia do(a) (nome do filho)?
- Tu sentes que tu realmente participas das decisões sobre a criação do(a) teu(tua) filho(a)?

4. Eu gostaria que tu me falasses dos teus encontros com o (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Com que frequência tu encontras o(a) (nome)?
- Como são esses encontros?
- Esses encontros têm data e horário específico? Existe alguma determinação da justiça em relação às visitas?
E como tu te sentes com esta determinação?
- O(a) (nome) costuma ir na tua casa?
(Se sim:) Como tu te sentes quando ele(a) vai na tua casa?
(Se não:) Tu gostarias que ele(a) fosse na tua casa?
- Por quanto tempo vocês costumam ficar juntos? O que tu achas deste tempo?
- Teu filho costuma passar fins de semana e feriados contigo? O que tu achas disto?
- Como são as datas importantes, como aniversários, Natal, ...? Já houve alguma festinha de aniversário dele?
Como foi?
- Tu tens algum outro tipo de contato com ele, como por exemplo por telefone?
- Como tu achas que o teu filho vê esse esquema de visitas?

5. Além das coisas que tu já falaste, o que tu e o(a) (nome) costumam fazer quando estão juntos?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Tu costumavas brincar com ele(a)?
- De que vocês mais brincam quando estão juntos? Por quê?
- Ele(a) tem brinquedos na tua casa?
- Tu costumavas dar banho, vestir, arrumar, o(a) (*nome*)?
- Que outras atividades vocês fazem juntos?
- E qual a atividade que tu mais gostas de fazer com ele(ela)?
- Qual a atividade que tu menos gosta de fazer com ele(ela)?

6. Eu gostaria que tu me falasses se tu ajudas financeiramente o(a) (*nome*).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Tu pagas pensão? Como tu te sentes com isto?
- Tu dás mais alguma ajuda financeira para o(a) (*nome*)?
- Esta ajuda é determinação da justiça ou é por livre vontade tua?
- Tu costumavas dar presentes para o(a) (*nome*)?
- E a mãe do(a) (*nome*) tem feito alguma reclamação sobre a tua contribuição financeira?

7. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu relacionamento com o(a) teu(tua) filho(a).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu achas do relacionamento de vocês dois? Tem alguma coisa que tu gostarias que fosse diferente?
- Tu te consideras um pai próximo do teu(tua) filho(a)? Por quê?
- Como tu te sentes não morando com o(a) (*nome*)?
- O que tu consideras mais negativo nesta situação?
- Tu mencionarias algo positivo?
- Como tu achas que o(a) teu(tua) filho(a) se sente não morando contigo? Ele(ela) já comentou algo sobre isto, alguma vez?
- Daqui para frente, o que tu esperas, do relacionamento com o(a) teu(tua) filho(a)? (*explorar se acredita que vai melhorar, piorar, se aproximar ou afastar mais, ...*)

8. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás te sentindo como pai neste momento?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te descreves como pai?
- Tu te consideras um bom pai?
- Qual a maior dificuldade que tu estás sentindo em relação a ser pai?
- Tu segues algum modelo de pai que tu já conheceste? Como é este modelo? É alguém que tu conheceste?
- Tem algum modelo de pai que tu não gostarias de seguir? Como é este pai? É alguém que tu conheceste?
- Qual tu achas que é o principal papel/função de um pai?

9. Eu gostaria que tu me falasses o que tu achas do jeito como a mãe do(a) (*nome*) lida com ele.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu pensas sobre o modo como ela cuida o(a) (*nome*)?
- Ela te incentiva a cuidar e a brincar com o(a) (*nome*)?
- Tu costumavas conversar com ela sobre o(a) (*nome*)? Sobre o quê conversam? Como tu te sentes com estas conversas?
- Tem alguma coisa que vocês discordam com relação a criação e educação do(a) (*nome*)?
- Como tu descreveria a atual relação tua com a mãe do(a) (*nome*)?

10. Eu gostaria que tu me contasse um pouco da história do teu relacionamento com a mãe do(a) (*nome*), desde que vocês se conheceram.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como vocês se conheceram?
- Vocês namoraram? (Se sim:) Como tu descreverias o relacionamento de vocês neste período?
- Vocês chegaram a morar juntos? (Se sim:) Como tu descreverias o relacionamento de vocês neste período?
- Como a tua família e a dela viam o relacionamento de vocês dois?

11. E como foi a gravidez e o nascimento do (*nome*)?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- A gravidez foi planejada?
- Como tu recebeste a notícia da gravidez? Tu já pensavas em ter filhos?
- Como a mãe dele(a) recebeu a notícia da gravidez?
- Como foi a gestação? Como foi a tua participação durante a gestação? Como tu te sentias neste período?

- Como foi o parto? Tu assististe o parto? Como tu te sentiu quando ele(a) nasceu?
- Tu achas que o nascimento do (nome) alterou o relacionamento de vocês? Como?

12. E hoje, como tu achas que o(a) (nome) se sente com os pais dele(a) não morando juntos?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Ele tem dito alguma coisa sobre o fato de vocês morarem cada um em uma casa?

13. Atualmente, tu estás casado ou vivendo com outra pessoa?

(Se sim:) Eu gostaria que tu me falasses da relação do(a) (nome) com a tua companheira.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é a relação do(a) teu(tua) filho(a) com a tua esposa/companheira?
- Tu achas que a tua relação com ele(a) mudou depois do teu envolvimento com ela?
- O que teu(tua) filho(a) pensa da tua companheira? Como tu te sentes com tudo isto?
- A tua companheira costuma cuidar do(a) (nome). O que ela costuma fazer?
- A tua companheira tem filhos? Como tu descreverias a tua relação com teu filho e com teu enteado?

14. E a mãe do(a) (nome) está casada ou vivendo com outra pessoa?

(Se sim:) Eu gostaria que tu me falasses se isto afetou a tua relação com o(a) (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é a relação do(a) teu(tua) filho(a) com o esposo/companheiro da mãe dele(a)?
- Ele costuma cuidar do(a) (nome). O que ele costuma fazer?
- Como tu te sentes com isto?
- Tu tens alguma preocupação com o fato dele estar se envolvendo nos cuidados do(a) (nome)?

15. Tu gostarias de fazer mais algum comentário a respeito dos assuntos que a gente conversou antes?

Anexo F

Entrevista sobre a paternidade e o envolvimento paterno (Pais não-residentes – residiram com seus filhos por algum tempo e se separaram) (SILVA & PICCININI, 2002)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre o(a) (nome da criança).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ele(a) está, hoje?
- Como é o jeito dele(a)?
- E em relação à saúde, como está a saúde dele(a) agora?
- E desde que ele(a) nasceu, teve algum problema de saúde?
- Tu costumava levá-lo(a) às consultas médicas? *(Caso não costume:)* E antes, tu costumavas levá-lo(a)?
- Como é a alimentação dele(a)?
- Ele(a) ainda toma mamadeira? *(Se sim:)* Tu costumava fazer a mamadeira dele(a)?
- Tu tens alguma preocupação com a alimentação dele(a)?
- Tu estás satisfeito com a tua participação nos cuidados com a saúde do (nome)?

2. Eu gostaria que tu me contasses como está o desenvolvimento/crescimento do(a) (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Ele usa fraldas ou já controla o xixi e o cocô?
(Se usa fralda:) Tu costumava trocar as fraldas dele(a)?
(Se não usa mais:) Quem ensinou ele(a) a usar o piniquinho? Como foi isso?
- E o sono dele(a), como está?
- Ele(a) tem hora para dormir e para acordar?
- E ele(ela) costuma dormir na tua casa?
(Se sim:) Quando ele(a) dorme na tua casa, onde ele(a) costuma dormir?
A tua casa tem um quarto ou lugarzinho para ele?
Como tu te sentes quanto ele(a) dorme na tua casa? E como ele(a) se sente?

3. Eu gostaria que tu me falasses sobre quem cuida do(a) (nome) no dia-a-dia.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- *(Caso seja a mãe, ou outra pessoa:)* Você está satisfeito com o jeito dela cuidar do (nome)?
- *(Se está na escolinha:)* Me conta como foi a decisão de colocá-lo(a) (ou não) na escolinha.
Qual foi a tua participação nesta decisão?
Como foi a escolha pela escolinha? Tu participaste da escolha?
Quem costuma levá-lo(a) e buscá-lo(a)? Tu já fizeste isto alguma vez?
Tu participas de alguma atividade da escolinha?
Alguma coisa te preocupa em relação a ele(a) ir (ou não) para a escolinha?
- De modo geral, como tu avalias a tua participação no dia-a-dia do(a) (nome do filho)?
- Tu sentes que tu realmente participas das decisões sobre a criação do(a) teu(tua) filho(a)?

4. Eu gostaria que tu me falasses dos teus encontros com o (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Com que frequência tu encontras o(a) (nome)?
- Como são esses encontros?
- Esses encontros têm data e horário específico? Existe alguma determinação da justiça em relação às visitas?
E como tu te sentes com esta determinação?
- O(a) (nome) costuma ir na tua casa?
(Se sim:) Como tu te sentes quando ele(a) vai na tua casa?
(Se não:) Tu gostarias que ele(a) fosse na tua casa?
- Por quanto tempo vocês costumam ficar juntos? O que tu achas deste tempo?
- Teu filho costuma passar fins de semana e feriados contigo? O que tu achas disto?
- Como são as datas importantes, como aniversários, Natal, ...? Já houve alguma festinha de aniversário dele?
Como foi?
- Tu tens algum outro tipo de contato com ele, como por exemplo por telefone?
- Como tu achas que o teu filho vê esse esquema de visitas?

5. Além das coisas que tu já falaste, o que tu e o(a) (nome) costumam fazer quando estão juntos?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Tu costumavas brincar com ele(a)?
- De que vocês mais brincam quando estão juntos? Por quê?
- Ele(a) tem brinquedos na tua casa?
- Tu costumavas dar banho, vestir, arrumar, o(a) *(nome)*?
- Que outras atividades vocês fazem juntos?
- E qual a atividade que tu mais gostas de fazer com ele(ela)?
- Qual a atividade que tu menos gosta de fazer com ele(ela)?

6. Eu gostaria que tu me falasses se tu ajudas financeiramente o(a) *(nome)*.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Tu pagas pensão? Como tu te sentes com isto?
- Tu dás mais alguma ajuda financeira para o(a) *(nome)*?
- Esta ajuda é determinação da justiça ou é por livre vontade tua?
- Tu costumavas dar presentes para o(a) *(nome)*?
- E a mãe do(a) *(nome)* tem feito alguma reclamação sobre a tua contribuição financeira?

7. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu relacionamento com o(a) teu(tua) filho(a).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu achas do relacionamento de vocês dois? Tem alguma coisa que tu gostarias que fosse diferente?
- Tu te consideras um pai próximo do teu(tua) filho(a)? Por quê?
- Como tu te sentes não morando com o(a) *(nome)*?
- O que tu consideras mais negativo nesta situação?
- Tu mencionarias algo positivo?
- Como tu achas que o(a) teu(tua) filho(a) se sente não morando contigo? Ele(ela) já comentou algo sobre isto, alguma vez?
- Daqui para frente, o que tu esperas, do relacionamento com o(a) teu(tua) filho(a)? *(explorar se acredita que vai melhorar, piorar, se aproximar ou afastar mais, ...)*

8. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás te sentindo como pai neste momento?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te descreves como pai?
- Tu te consideras um bom pai?
- Qual a maior dificuldade que tu estás sentindo em relação a ser pai?
- Tu segues algum modelo de pai que tu já conheceste? Como é este modelo? É alguém que tu conheceste?
- Tem algum modelo de pai que tu não gostarias de seguir? Como é este pai? É alguém que tu conheceste?
- Qual tu achas que é o principal papel/função de um pai?

9. Eu gostaria que tu me falasses o que tu achas do jeito como a mãe do(a) *(nome)* lida com ele.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu pensas sobre o modo como ela cuida o(a) *(nome)*?
- Ela te incentiva a cuidar e a brincar com o(a) *(nome)*?
- Tu costumavas conversar com ela sobre o(a) *(nome)*? Sobre o quê conversam? Como tu te sentes com estas conversas?
- Tem alguma coisa que vocês discordam com relação a criação e educação do(a) *(nome)*?
- Como tu descreveria a atual relação tua com a mãe do(a) *(nome)*?

10. Eu gostaria que tu me contasse um pouco da história do teu relacionamento com a mãe do(a) *(nome)*, desde que vocês se conheceram.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como vocês se conheceram?
- Como foi o namoro de vocês? Vocês casaram?
- Vocês moraram juntos por quanto tempo? Como tu descreverias o relacionamento de vocês neste período?
- Como a tua família e a dela viam o relacionamento de vocês dois?

11. E como foi a gravidez e o nascimento do *(nome)*?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- A gravidez foi planejada?
- Como tu recebeste a notícia da gravidez? Tu já pensavas em ter filhos?
- Como a mãe dele(a) recebeu a notícia da gravidez?
- Como foi a gestação? Como foi a tua participação durante a gestação? Como tu te sentias neste período?

- Como foi o parto? Tu assististe o parto? Como tu te sentiu quando ele(a) nasceu?
- Tu achas que o nascimento do (nome) alterou o relacionamento de vocês? Como?

12. Eu gostaria que tu me contasse como se deu a separação de vocês.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Houve intervenção da justiça?
- Como tu te sentiste com a separação? E como tu estás te sentindo hoje em dia?
- Como tu achas que a tua ex-esposa encarou a separação?
- Como foi a reação do(a) (nome) quando vocês se separaram? E como tu achas que ele(a) se sente com isso hoje?
- Ele tem dito alguma coisa sobre o fato de vocês morarem cada um em uma casa?

13. Atualmente, tu estás casado ou vivendo com outra pessoa?

(Se sim): Eu gostaria que tu me falasses da relação do(a) (nome) com a tua companheira.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é a relação do(a) teu(tua) filho(a) com a tua esposa/companheira?
- Tu achas que a tua relação com ele(a) mudou depois do teu envolvimento com ela?
- O que teu(tua) filho(a) pensa da tua companheira? Como tu te sentes com tudo isto?
- A tua companheira costuma cuidar do(a) (nome). O que ela costuma fazer?
- A tua companheira tem filhos? Como tu descreverias a tua relação com teu filho e com teu enteado?

14. E a mãe do(a) (nome) está casada ou vivendo com outra pessoa?

(Se sim): Eu gostaria que tu me falasses se isto afetou a tua relação com o(a) (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é a relação do(a) teu(tua) filho(a) com o esposo/companheiro da mãe dele(a)?
- Ele costuma cuidar do(a) (nome). O que ele costuma fazer?
- Como tu te sentes com isto?
- Tu tens alguma preocupação com o fato dele estar se envolvendo nos cuidados do(a) (nome)?

15. Tu gostarias de fazer mais algum comentário a respeito dos assuntos que a gente conversou antes?

Anexo G

Entrevista sobre a paternidade e o envolvimento paterno (Pais residentes) (SILVA & PICCININI, 2002)

1. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre o(a) (nome da criança).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como ele(a) está, hoje?
- Como é o jeito dele(a)?
- E em relação à saúde, como está a saúde dele(a) agora?
- E desde que ele(a) nasceu, teve algum problema de saúde?
- Tu costumavas levá-lo(a) a consultas médicas? *(Caso não costume:)* E antes, tu costumavas levá-lo(a)?
- Como é a alimentação dele(a)?
- Ele(a) ainda toma mamadeira? *(Se sim:)* Tu costumavas fazer a mamadeira dele(a)?
- Tu tens alguma preocupação com a alimentação dele(a)?
- Tu estás satisfeito com a tua participação nos cuidados com a saúde do (nome)?

2. Eu gostaria que tu me contasses como está o desenvolvimento/crescimento do(a) (nome).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Ele usa fraldas ou já controla o xixi e o cocô?
(Se usa fralda:) Tu costumavas trocar as fraldas dele(a)?
(Se não usa mais:) Quem ensinou ele(a) a usar o piniquinho? Como foi isso?
- E o sono dele(a), como está?
- Ele(a) tem hora para dormir e para acordar? Tu costumavas colocá-lo pra dormir?

3. Eu gostaria que tu me falasses sobre quem cuida do(a) (nome) no dia-a-dia.

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- *(Caso seja a mãe, ou outra pessoa:)* Você está satisfeito com o jeito dela cuidar do (nome)?
- *(Se está na escolinha:)* Me conta como foi a decisão de colocá-lo(a) (ou não) na escolinha.
Qual foi a tua participação nesta decisão?
Como foi a escolha pela escolinha? Tu participaste da escolha?
Quem costuma levá-lo(a) e buscá-lo(a)? Tu já fizeste isto alguma vez?
Tu participas de alguma atividade da escolinha?
- Alguma coisa te preocupa em relação a ele(a) ir (ou não) para a escolinha?
- De modo geral, como tu avalias a tua participação no dia-a-dia do(a) (nome do filho)?
- Tu sentes que tu realmente participas das decisões sobre a criação do(a) teu(tua) filho(a)?
- Qual a tua participação financeira na criação do(a) teu(tua) filho(a)? Como é isso para ti?
- Tu costumavas dar presentes para o(a) (nome)?

4. Além das coisas que tu já falaste, o que tu e o(a) (nome) costumam fazer quando estão juntos?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Tu costumavas brincar com ele(a)?
- De que vocês mais brincam quando estão juntos? Por quê?
- Tu costumavas dar banho, vestir, arrumar, o(a) (nome)?
- Que outras atividades vocês fazem juntos?
- E qual a atividade que tu mais gostas de fazer com ele(ela)?
- Qual a atividade que tu menos gosta de fazer com ele(ela)?
- Por quanto tempo vocês costumam ficar juntos por dia? O que tu achas deste tempo?

5. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu relacionamento com o(a) teu(tua) filho(a).

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu achas do relacionamento de vocês dois? Tem alguma coisa que tu gostarias que fosse diferente?
- Tu te consideras um pai próximo do teu(tua) filho(a)? Por quê?
- Daqui para frente, o que tu esperas, do relacionamento com o(a) teu(tua) filho(a)? *(explorar se acredita que vai melhorar, piorar, se aproximar ou afastar mais, ...)*

6. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás te sentindo como pai neste momento?

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu te descreves como pai?

- Tu te consideras um bom pai?
- Qual a maior dificuldade que tu estás sentindo em relação a ser pai?
- Tu segues algum modelo de pai que tu já conheceste? Como é este modelo? É alguém que tu conheceste?
- Tem algum modelo de pai que tu não gostarias de seguir? Como é este pai? É alguém que tu conheceste?
- Qual tu achas que é o principal papel/função de um pai?

7. *Eu gostaria que tu me falasses o que tu achas do jeito como a mãe do(a) (nome) lida com ele.*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- O que tu pensas sobre o modo como ela cuida o(a) (nome)?
- Ela te incentiva a cuidar e a brincar com o(a) (nome)?
- Tu costumavas conversar com ela sobre o(a) (nome)? Sobre o quê conversam? Como tu te sentes com estas conversas?
- Tem alguma coisa que vocês discordam com relação a criação e educação do(a) (nome)?
- Como tu descreveria a atual relação tua com a mãe do(a) (nome)?

8. *Eu gostaria que tu me contasse um pouco da história do teu relacionamento com a mãe do(a) (nome), desde que vocês se conheceram.*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como vocês se conheceram?
- Como foi o namoro de vocês? Vocês casaram?
- Quando vocês decidiram morar juntos? Como tu descreverias o relacionamento de vocês neste período?
- Vocês moram juntos há quanto tempo?
- Como a tua família e a dela vêem o relacionamento de vocês dois?

11. *E como foi a gravidez e o nascimento do (nome)?*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- A gravidez foi planejada?
- Como tu recebeste a notícia da gravidez? Tu já pensavas em ter filhos?
- Como a tua esposa/companheira recebeu a notícia da gravidez?
- Como foi a gestação? Como foi a tua participação durante a gestação? Como tu te sentias neste período?
- Como foi o parto? Tu assististe o parto? Como tu te sentiu quando ele(a) nasceu?
- Tu achas que o nascimento do (nome) alterou o relacionamento de vocês? Como?

12. *Tu gostarias de fazer mais algum comentário a respeito dos assuntos que a gente conversou antes?*

Anexo H

Estrutura de categorias

Envolvimento paterno:

1. Interação atual
 - 1.1. cuidar
 - 1.1.1. participar da higiene
 - 1.1.2. alimentar
 - 1.1.3. colocar para dormir
 - 1.1.4. atender bebê durante a noite
 - 1.1.5. levar/buscar na escolinha ou outras atividades
 - 1.1.6. levar às consultas médicas
 - 1.2. ensinar / disciplinar
 - 1.3. brincar
 - 1.4. passear
 - 1.5. escutar música
 - 1.6. viajar
 - 1.7. comer fora
 - 1.8. contar histórias
 - 1.9. ficar em casa
 - 1.10. conversar
 - 1.11. ajudar em trabalhos da escola
 - 1.12. ver TV

2. Envolvimento em cuidados anterior à separação
 - 2.1 participar da higiene
 - 2.2 alimentar
 - 2.3 colocar para dormir
 - 2.4 atender bebê durante a noite
 - 2.5 levar/buscar na escolinha ou outras atividades
 - 2.6 levar às consultas médicas

3. Acessibilidade
 - 3.1. quantidade de tempo com a criança
 - 3.2. avaliação do tempo com a criança
 - 3.2.1.1. pouco tempo
 - 3.2.1.2. tempo suficiente
 - 3.2.1.3. agradável
 - 3.2.1.4. exclusivo para a criança/bem aproveitado
 - 3.3 criança dorme na casa do pai
 - 3.4 participação em eventos/festas
 - 3.4.1 atividades da escola
 - 3.4.2 festa de aniversário da criança
 - 3.4.3 Natal/Ano Novo
 - 3.5 arranjo dos encontros
 - 3.5.1 determinado pela justiça
 - 3.5.2 flexível
 - 3.5.3 rígido
 - 3.6 contato por telefone

- 4 Responsabilidade
 - 4.1 conversas entre pai e mãe
 - 4.1.1. assunto
 - 4.1.1.1 criação/cuidados da criança
 - 4.1.1.2 atitudes da criança
 - 4.1.1.3 dia/rotina da criança
 - 4.1.1.4 sobre si mesmos
 - 4.1.2 frequência
 - 4.1.2.1 freqüentes

- 4.1.2.2 eventuais
 - 4.1.2.3 raras
 - 4.1.3 qualidade
 - 4.1.3.1 boas
 - 4.1.3.2 melhorando com o tempo
 - 4.1.3.3 ruins/difíceis
 - 4.2 participação nas decisões sobre a criança
 - 4.3 preocupações com saúde da criança
 - 4.4 preocupação com bem-estar da criança
 - 4.5 preocupação com educação da criança
 - 4.6 gostaria de ter a guarda da criança (sozinha ou compartilhada)
 - 4.7 contribuição financeira
 - 4.7.1 parcela:
 - 4.7.1.1 pai totalmente responsável pelas contas
 - 4.7.1.2 pai contribui mais que mãe
 - 4.7.1.3 pai e mãe dividem igualmente
 - 4.7.1.4 mãe contribui mais que pai
 - 4.7.1.5 mãe totalmente responsável
 - 4.7.2 forma:
 - 4.7.2.1 pensão determinada judicialmente
 - 4.7.2.2 pensão determinada pelos pais (acordo)
 - 4.7.2.3 contribuição informal
 - 4.7.3 preocupação com questão financeira
 - 5 Avaliação da sua participação/envolvimento atual
 - 5.1 bastante participativo
 - 5.2 pouco participativo
 - 5.3 gostaria de/deveria ser mais participativo
 - 6 Participação durante a gestação/parto
 - 6.1 avaliação
 - 6.1.1 bastante participativo
 - 6.1.2 pouco participativo
 - 6.2 Modo de participação
 - 6.2.1 acompanhamento às consultas pré-natais
 - 6.2.2 acompanhamento às ecografias
 - 6.2.3 curso de gestantes
 - 6.2.4 busca de informações sobre gestação e bebês
 - 6.2.5 presença no parto
 - 6.2.6 preparativos para a chegada do bebê
- Relacionamento pai-criança:
- 7 Avaliação do relacionamento com a criança
 - 7.1 características
 - 7.1.1 bom, prazeroso
 - 7.1.2 entrosamento/apego
 - 7.1.3 carinho
 - 7.2 expectativas para futuro
 - 7.2.1 melhorar
 - 7.2.2 piorar
 - 8 Avaliação da criança
 - 8.1 positiva
 - 8.2 negativa
 - 9 Influência de viver longe do pai sobre a criança
 - 9.1 pouca alteração
 - 9.2 desenvolvimento alterado negativamente
 - 9.3 desenvolvimento alterado positivamente
 - 9.4 criança se acostumando à situação

- 9.5 criança deseja ter os pais unidos
- 9.6 criança com dificuldades de adaptação
 - 9.6.1 sente falta do pai
 - 9.6.2 não entende o que está acontecendo
 - 9.6.3 sente-se dividida
 - 9.6.4 problemas de saúde
- 10 Novos relacionamentos dos pais
 - 10.1 influência da namorada/companheira do pai sobre relacionamento pai-criança
 - 10.2 influência do namorado/companheiro da mãe sobre relacionamento pai-criança

Avaliação da paternidade/sentimentos:

- 11 Sentimentos relativos à paternidade
 - 11.1 realizado/satisfeito
 - 11.2 feliz
 - 11.3 frustrado
 - 11.4 preocupado
 - 11.5 sentimentos relacionados a viver longe da criança
 - 11.5.1 acostumado
 - 11.5.2 próximo da criança
 - 11.5.3 distante da criança
 - 11.5.4 falta de conviver com a criança
 - 11.5.5 triste
 - 11.5.6 pode evitar as situações mais difíceis
- 12 Características como pai
 - 12.1 positivas
 - 12.1.1 cuidadoso
 - 12.1.2 amoroso/carinhoso
 - 12.1.3 compreensivo
 - 12.1.4 bom pai
 - 12.1.5 próximo
 - 12.1.6 maternal
 - 12.1.7 calmo/tranquilo
 - 12.1.8 alegre
 - 12.1.9 bobo/orgulhoso
 - 12.2 Negativas
 - 12.2.1 liberal/permissivo
 - 12.2.2 desligado/negligente
 - 12.2.3 rígido
 - 12.2.4 inexperiente
- 13 Modelos de pai
 - 13.1 refere ter o próprio pai como modelo
 - 13.2 refere não seguir/evitar o próprio pai como modelo
 - 13.3 características do modelo a serem seguidas
 - 13.3.1 educação/dar limites
 - 13.3.2 bom relacionamento
 - 13.3.3 dar liberdade
 - 13.4 características do modelo a serem evitadas
 - 13.4.1 repressão
 - 13.4.2 ausência/distância
 - 13.4.3 pouco envolvimento em cuidados
 - 13.4.4 exigência
 - 13.4.5 agressão
 - 13.4.6 superproteção
- 14 Principal função/atribuição do pai
 - 14.1 orientação/educação

- 14.2 participar/estar presente
 - 14.3 dar amor, carinho
 - 14.4 modelo masculino
 - 14.5 contribuição financeira
- 15 Dificuldades sentidas pelo pai
- 15.1 criança exige muito (fisicamente)
 - 15.2 necessidade de educar
 - 15.3 aumento das responsabilidades/ perda da liberdade
 - 15.4 falta de tempo para si
 - 15.5 falta de tempo para a criança
 - 15.6 lidar com indisciplina
 - 15.7 financeira
 - 15.8 distância da criança
 - 15.9 nenhuma
- Relacionamento mãe-criança:
- 16 Avaliação da mãe
- 16.1 positiva
 - 16.1.1 boa mãe
 - 16.1.2 atenciosa/boa cuidadora
 - 16.1.3 carinhosa
 - 16.1.4 incentiva relação pai-bebê
 - 16.1.5 paciente
 - 16.2 negativa
 - 16.2.1 possessiva
 - 16.2.2 sobrecarregada
 - 16.2.3 pouco paciente/ irritada
 - 16.2.4 incapaz/despreparada para ser mãe
 - 16.2.5 dificulta relação pai-bebê
 - 16.2.6 impositiva, mandona
 - 16.2.7 muito liberal
 - 16.2.8 inexperiente
 - 16.2.9 superprotetora
- 17 Conflito entre pai e mãe
- 17.1 baixo
 - 17.2 médio
 - 17.3 alto
 - 17.4 alto logo depois da separação/diminuindo com o tempo
 - 17.5 brigas judiciais